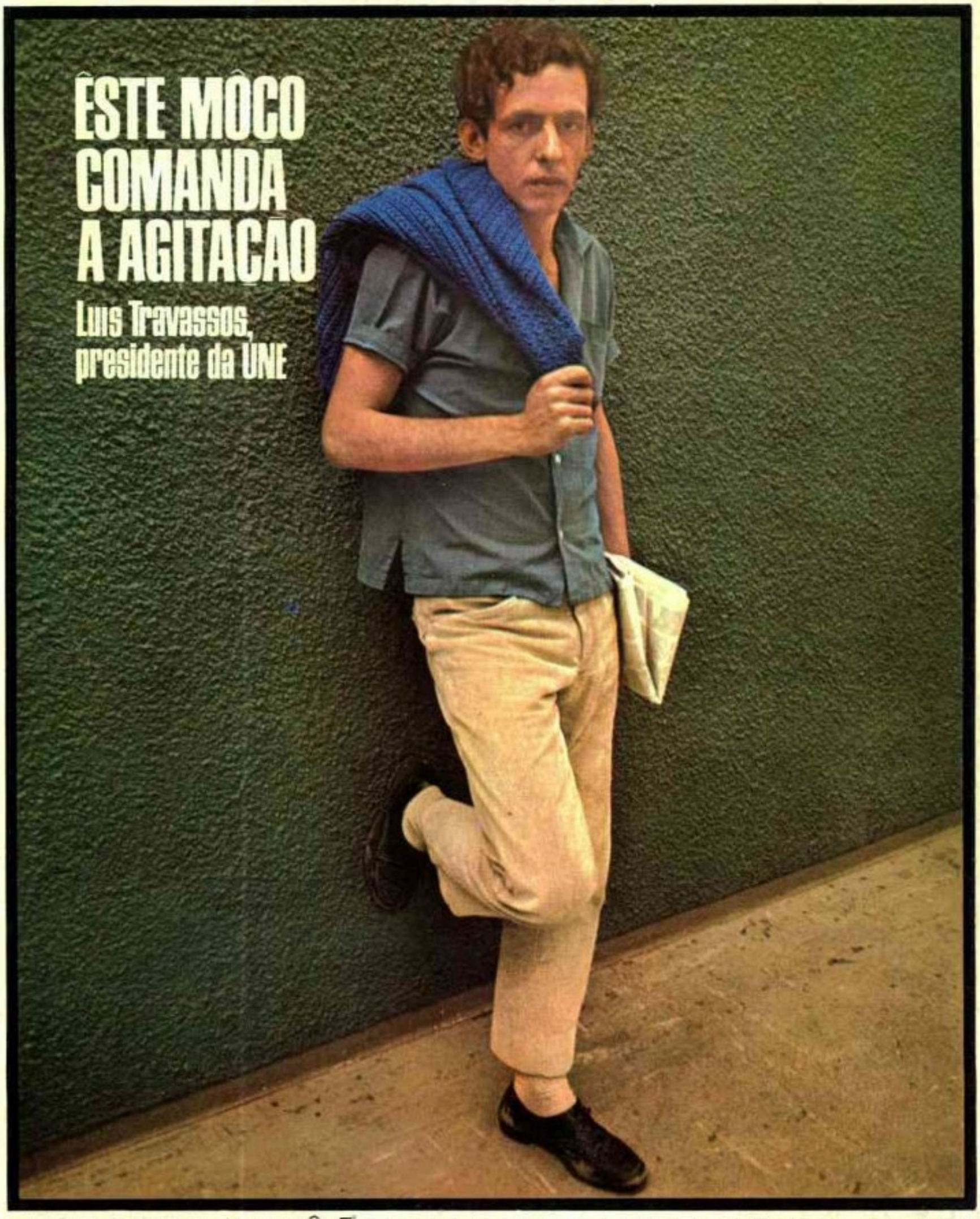
REALIDADE

JULHO 1968 — UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — NCr$ 1,50

JOSÉ NÃO SABE: ZERBINI IA TIRAR O SEU CORAÇÃO

DRAMÁTICO: O INFERNO DA PROSTITUIÇÃO



RESPONDA: VOCÊ É A FAVOR DA EDUCAÇÃO SEXUAL?

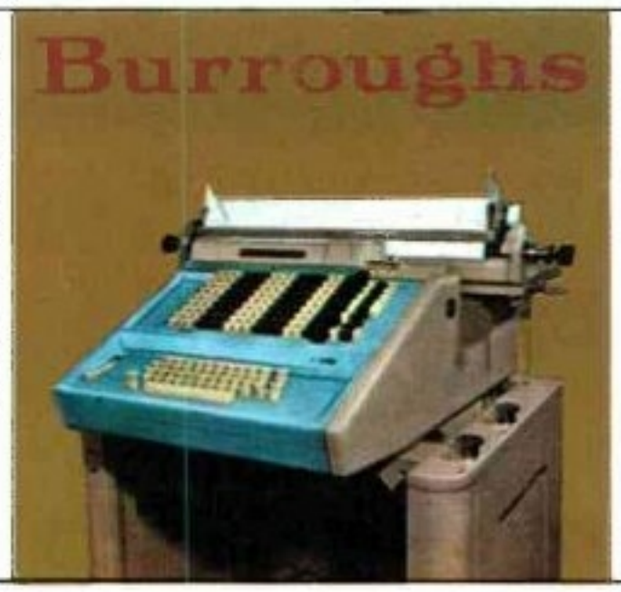
Portugal e Ultramar: Esc. 15$00

A HIDRA DE 7 CABEÇAS ASSOLAVA LERNA ATÉ QUE HÉRCULES A DESTRUIU.

Com Sistemáquinas, Contabilidade não é um bicho-de-sete-cabeças.

Contabilidade a custo compensador, desembaraçada e rápida, com o menor gasto de espaço, tempo arquivo, papéis, mão-de-obra: Sistemáquinas Burroughs, a exata integração do sistema que melhor soluciona seus problemas contábeis, com a máquina que responde melhor às suas necessidades. Produto da experiência global da Burroughs em processamento de dados, Sistemáquinas destruíram o mito das dificuldades contábeis. Propiciam o máximo resultado por cruzeiro investido. Escolha entre Contabilidade Sintética (Sistemáquina n.º 5, por exemplo), de Crediários, Contabilidade Analítica, Hotéis, Hospitais, Companhias de Seguros, Estoques, Bancos, Fôlhas de Pagamento. Faça uma experiência, se é dos poucos que ainda não se beneficiam com Sistemáquinas Burroughs.

BURROUGHS SIMPLIFICA



B

36.679

EDITÔRA ABRIL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Vice-Diretor Editor: Roberto Civita
Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor, Divisão Revistas:
Domingo Alzugaray
Diretor de Redação, Rio:
Odylo Costa, filho
Diretor de Publicidade:
Salviano Nogueira

Redação

Diretor: Luís Carta
Redator-Chefe: Paulo Patarra
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Editor de Reportagem:
Luiz Fernando Mercadante
Secretário: Woile Guimarães
Redatores: Mylton Severiano da Silva,
Otoniel Santos Pereira
Repórteres: Carlos Azevedo,
Eurico Andrade, Hamilton Ribeiro,
Hedyl Valle Júnior, João Antônio,
José Carlos Marão, Roberto Freire
Roteiro, editor: Luiz Weis
Indicações: Carlos de Queiroz Telles
Pesquisa: Josette Balsa,
Octavia Yamashita
Produção: J.A. De Granville Ponce
Diagramadores:
Jaime Figuerola, Edson Calvo Lôbo
Fotógrafos: Jorge Butsuem,
Luigi Mamprin
Sucursal, Rio:
Marcos de Castro,
Milton Coelho,
Mílton Temer, Nélson Di Rago
Sucursal, Brasília: Luis Edgard Tostes,
Afonso de Souza

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Diretor de Publicidade, Rio:
Sebastião Martins
Gerente Comercial, São Paulo:
Darcy Reis
Representantes, São Paulo:
Carlos Alberto Maia,
José Luiz Decourt Ricci,
Sílvio Fernandes
Representantes, Rio: Nilson Alves,
Álvaro Ceciliano Filho
Pôrto Alegre:
Rubens Molino (gerente) e
Elcenho Engel
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Recife: Antônio Lyra Filho

Gerente de Serviços Editoriais:
Roger Karman
Gerente de Produção:
Arno Langer
Diretor do Escritório
do Rio: André Raccah

Diretor Responsável:
Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação: Av. Otaviano Alves de Lima, 800, fone: 62-1170, Telex n.º 021.553 / Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º andar, fone: 239-1422 / Administração: R. Emílio Goeldi, 575, São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Brasília: Edifício Central, salas 1201 e 1208 — Setor Comercial Sul, fones: 23-877 e 23-808 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 8.º, fone: 4-4778 / Sucursal, B. Horizonte: R. Campos Elísios, 550, s/12, fone: 2-3328 / Sucursal, Curitiba: Ed. Galeria Tijuca, R. Cândido Lopes, 11, 15.º and., cj. 1516 — C.P. 3121, fones: 4-5937 e 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso NCr$ 1,50. Assinatura semestral NCr$ 9,00. Assinatura anual NCr$ 18,00. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Brigadeiro Tobias, 773. Pelo correio: Caixa Postal 7501 / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. — Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões dos artigos assinados não são necessàriamente as da revista, podendo até ser contrárias a estas.

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL - ANO III - NÚMERO 28 - JULHO 1968

Capa		Êle é Luís Travassos, presidente da UNE. É êle quem dirige a agitação estudantil, pregando a derrubada do govêrno. A foto é de Jorge Butsuem.
Subversão	26	**Êles querem derrubar o govêrno** — São da UNE, organização estudantil fora da lei. Êles estão sempre protestando, tomando escolas, agitando o País.
Violência	40	**Um dia normal no tiro-ao-alvo** — Hamilton Ribeiro, ferido no Vietnam e convalescendo nos EUA, conta o que sentiu no dia em que Bob foi assassinado.
Pesquisa	48	**Você é contra ou a favor da educação sexual?** — No Congresso há um projeto de lei sôbre o assunto. Aqui outra grande pesquisa nacional de REALIDADE.
Ensaio	54	**Esta mulher é linda** — A lente do fotógrafo, a arte do cabeleireiro e a mão do maquilador provam que a mulher bonita pode até ser feia; e a feia, linda.
Gente	63	**É hoje, Dendico!** — O campeão esforça-se para disfarçar o nervosismo. Êste é o dia mais importante de sua carreira: o Grande Prêmio está em jôgo.
Guerra	74	**Um dia vão me matar** — Cao Ky, homem forte do Vietnam, tem certeza disso: êle não gosta de ninguém e é o vietnamita mais odiado do mundo.
Polícia	88	**Quem é o dedo duro?** — Infiltrado entre os ladrões, fingindo-se amigo, com fama de covarde, há um homem que não confia em ninguém, pronto para trair.
Futebol	100	**Coitado do São Cristóvão** — O drama de um time pequeno que não tem dinheiro nem para comprar esparadrapo e que está ameaçado de ir à falência.
Humor	116	**Sou gordo mas sou feliz** — Quem afirma isso é o humorista Jô Soares, segundo êle o único gordo do mundo que deu certo. Fotos de Zèpinto.
Documento	124	**Vida difícil** — Elas têm um trabalho diferente, que a sociedade condena. Êste é um mundo triste que às vêzes tem até amor. É o mundo da prostituição.
Juventude	144	**Dois inimigos pelo amor de Deus** — Os dois pensadores católicos brasileiros mais conhecidos falam sôbre juventude e Igreja — não concordam em nada.
Criança	150	**Não deixe a criança em paz** — Mexa com ela, faça com que ouça muito barulho, veja côres berrantes e fique com pouca roupa: ela será um sucesso.
Transplante	164	**Zerbini quase tira o coração de José** — Esta reportagem revela um segrêdo do primeiro transplante: João receberia o coração de José. Mas José escapou.

Tiragem desta edição: 450.000 exemplares

eis o nosso
maior
investimento:
serviço

Plaza Hotel

porto alegre

utilize o serviço de
rent-a-car do hotel.

cartas

Milagre! Milagre?

Sr. Diretor: A reportagem "Milagre!" é a mais oportuna possível. É preciso acabar com êsses farsantes e exploradores da indústria de esperanças dos incautos. Entretanto, quero deixar bem claro, como atibaiense por adoção que sou, que êsse padre, irmão, pai-de-santo, sei lá que diabo êle é, não tem boa aceitação naquela cidade. O "milagreiro" Antônio Rosa está ganhando tanto dinheiro que se dá ao luxo de vir do seu sítio Boa Vista até a Atibaia num confortável Galaxie último tipo, sua mais recente aquisição proporcionada pelo extraordinário faturamento de seus milagres.

FRANCISCO DAS CHAGAS OLIVEIRA
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Parabéns. Precisamos abrir os olhos das pessoas que acreditam piamente em milagres: êles gastam até o que não têm para ir ao encontro de pessoas que prometem realizar o impossível. Antônio Rosa não passa de mais um charlatão que se aproveita da fé que o povo tem em Deus.

RUBENS JOSÉ MAIO
São Paulo — SP

Homossexualismo

Sr. Diretor: Triste papel desempenha em nossa sociedade o homossexual. É como uma doença contagiosa que dia a dia se propaga de maneira assustadora.

CLETO BERNARDES DE SOUZA
Sorocaba — SP

Sr. Diretor: O trecho da reportagem em que se analisa "O que leva o homem a ser homossexual" chocou-me por não ser de caráter científico, mas sim uma gozação. O homossexual não nega sua condição de homem. O que leva o homem a ser homossexual? Respondo: a nossa imprensa e os nossos péssimos jornalistas.

H. ALMEIDA
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Como homossexual que sou, há muito tempo vinha pensando sugeri-lo para tema de reportagem. Sem apoiar, nem condenar, REALIDADE presta grande esclarecimento sôbre nós, homossexuais. Em meu nome, em nome de cada homem que sofre a incompreensão da sociedade por seu comportamento sexual, nosso agradecimento.

CRISTIAN VON DICK
Santa Maria — RS

Sr. Diretor: Eu gostaria que houvesse escolas de correção para êsses indivíduos duvidosos: talvez a falta de vergonha melhorasse 100%.

JURACY MACEDO
Salvador — BA

Sr. Diretor: Seria maravilhoso que os leitores se detivessem mais tempo no artigo "Homossexualismo" e vissem êsse problema com humanismo e caridade. Os homossexuais são dignos de nossa ajuda, mas não dignos de pena, pois êsse sentimento, nesse caso, não constrói nada. Devemos pensar e *ousar* uma ajuda cristã. Tenho um casal de filhos e não admito que falem em tom jocoso e irônico sôbre um homossexual. Se não podemos construir, não destruamos.

YARA RAMOS CARDERELLI
Campinas — SP

Sr. Diretor: O que realmente nos falta é uma autêntica formação moral e religiosa. No tempo de papai havia nas escolas públicas compêndios de Educação Moral e Cívica. Hoje êles desapareceram. Isto é o resultado do ensino leigo, isto é, isento de educação religiosa. Mas eu ainda confio na juventude atual. É menos hipócrita e mais autêntica do que a geração passada. Nem tudo está perdido. Eu acredito em milagres.

MICOL M. A. MARANHÃO
Jaboatão — PE

Sr. Diretor: A reportagem sôbre homossexualismo define superficialmente a vida de um homossexual em geral. Define apenas, isso sim, os homossexuais freqüentadores de bares noturnos.

PÉRICLES COTÉLI DE OLIVEIRA
Guanabara — GB

Sr. Diretor: Sexo existe em tôda parte e em todo o tempo: o homossexualismo é uma forma de sexo, apresentando uma excentricidade do caráter sexual do indivíduo, mas isso não quer

SEGUE

Rádio

PHILIPS

passeport

com o exclusivo indicador de carga de pilhas e de sintonia

O único passaporte que não precisa de visto. Com êle V. "viaja" a Hong-Kong e a Belgrado. A Sidnei e a Chicago. A Santiago e a Leningrado. A qualquer momento. Com perfeita sonoridade. Através das 4 faixas de ondas que valem por 8. Passeport - um nôvo rádio com a tradicional qualidade Philips.

Promo

saúde de ferro

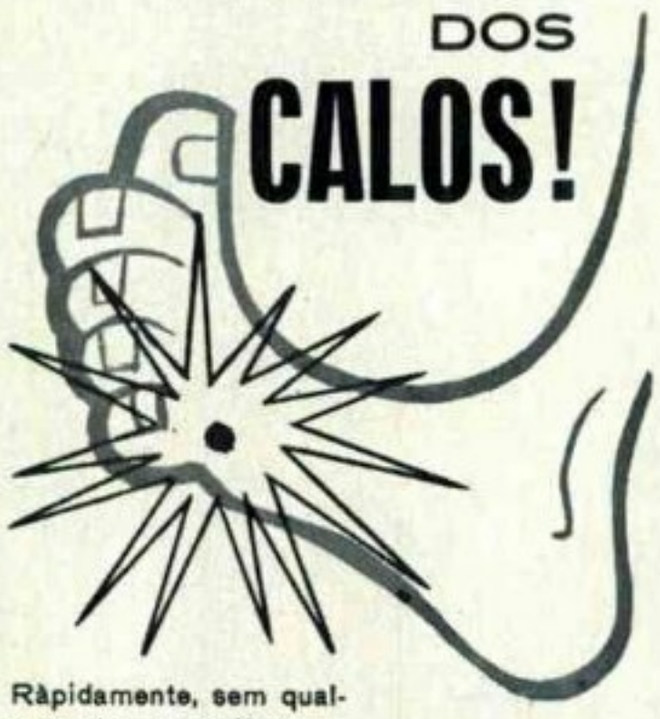
com

FERRO QUINA BISLERI

Distribuidores Exclusivos:
ARTHUR MATARAZZO & CIA. LTDA.
Rua João Antonio de Oliveira, 1329-A — São Paulo

SEMRIVAL

LIVRE-SE DOS CALOS!



Ràpidamente, sem qualquer dor ou esfôrço, e sem instrumentos, V. pode remover de vez os calos que tanto o atormentam. Bastam três gôtas de Gets-It. Calicida altamente concentrado, Gets-It age em profundidade, extraindo os calos pela raiz, ao fim de poucas aplicações.

USE

GETS IT

cartas

dizer que seja uma aberração humana. O mundo dessas pessoas não é desumano e triste como disseram. Os homossexuais são criaturas cheias de sentimento, puros e que sabem dar amor.

MARCOS HENRIQUE PINHEIRO
Natal — RN

Sr. Diretor: O homossexualismo é uma condição irreversível e biológica. A reportagem fala dos homossexuais extrovertidos e que buscam a intimidade dos grupos para viverem uma contingência social mais humana e agradável. O que a reportagem ignora é o grande número daqueles que carregam sua cruz com a coragem dos espartanos e a resignação conformada dos estigmatizados sociais.

MÁRIO ROCHA
Rio — GB

Sr. Diretor: Até hoje eu me sentia o mais infeliz dos pais, pois tenho um filho homossexual. Após ler a reportagem "Homossexualismo", comecei a ver as coisas de outra maneira. Gostaria que vocês continuassem, pois ajudariam muitos pais a compreenderem melhor seus filhos.

OSVALDO DA SILVA MANDETA
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Triste, imoral, nojenta, indesejável, indecente e indecorosa a história dos homossexuais. Creio que nem tôda realidade deve ser contada ao público, mormente por uma revista que circula nos lares de boa formação moral.

JOFRE DA SILVA
Ribeirão Prêto — SP

Imperialismo

Sr. Diretor: Estive um ano e três meses estudando na Bolívia e pude constatar que, ali, somos realmente os "imperialistas brasileños". Parabéns pela excelente reportagem "O que nossos vizinhos pensam de nós".

J. CUNHA
Juiz de Fora — MG

Sr. Diretor: A reportagem "O que nossos vizinhos pensam de nós" foi opotuníssima pela objetividade e análise emprestada a um assunto que diz respeito a todos os brasileiros. Parabéns ao repórter Eurico Andrade pela apresentação escorreita da matéria.

PROF. CARLOS JOSÉ GEVAERD
Florianópolis — SC

Para que serve vereador?

Sr. Diretor: Sôbre o episódio entre o prefeito de Salvador e o vereador Antonino Casaes, do MDB, por sinal o mais votado da Câmara. A informação foi dada na base do esconder-alguma-coisa, pois não foi dito que o vereador foi agredido em pleno Tribunal de Justiça pelo prefeito e mais oito pessoas. Prove que a reportagem não foi feita na base do conchavo, publicando minha carta.

ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Nós, baianos, e porque não dizer nós brasileiros, há muito precisávamos que uma revista de circulação nacional dissesse o que fazem os representantes do povo e as cenas de bang-bang por êles praticadas. Lamentamos, profundamente, que tudo isso aconteça.

RENATO RAMOS
Salvador — BA

Sr. Diretor: A Câmara de Salvador precisava mesmo de um artigo como êsse. Após a reportagem, já houve lá vários tumultos. O prefeito já expulsou de seu gabinete vários vereadores, um investigador a serviço da Câmara já ameaçou de morte alguns vereadores, e mais, continua a bagunça onde só deveria haver paz.

ROQUE OLIVEIRA
Jequié — BA

Zé Crispim, matador

Sr. Diretor: Venho lançar meu protesto contra a opinião, inteiramente sem base, emitida pelo leitor L. A. Nascente, residente em Santos, e pubublicada em REALIDADE de abril. O Sr. Nascente apresenta "o baixo nível cultural, social e econômico do Nordeste" como responsável pelos crimes cometidos por Zé Crispim, pistoleiro profissional. Cumpre-me lembrar ao referido leitor, e aos demais que assim acreditam, que não é sò-

SEGUE

No Brasil
há cada vez mais telhados Eternit.

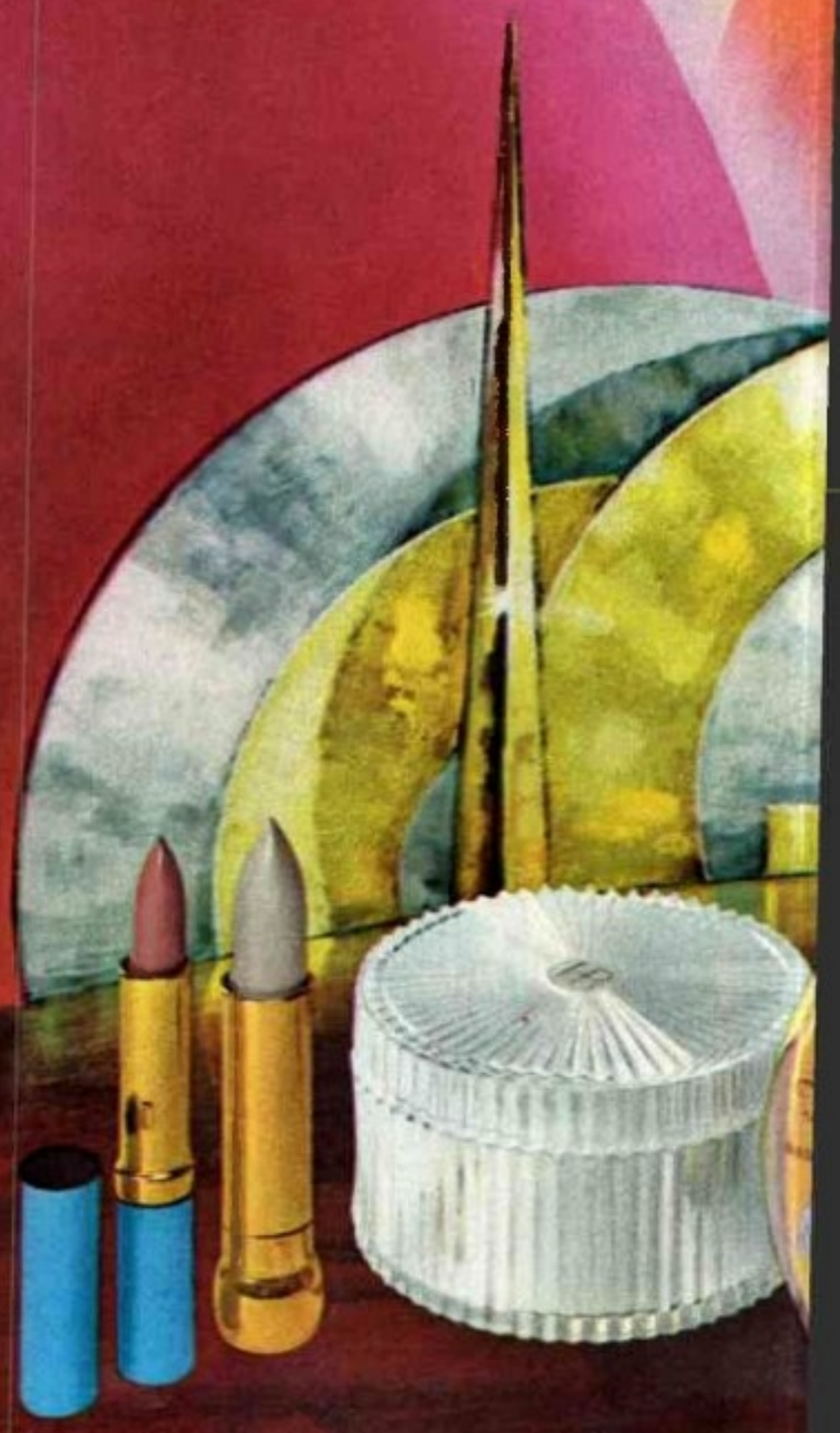
O telhado Eternit é bonito demais.
É prático demais.
É resistente demais.
O telhado Eternit é de
cimento-amianto e combina com tudo
que é moderno, de bom gôsto.

telhado
Eternit®
experiência mundial em cimento-amianto.

Novos mundos d

COSM

- o completo maqu
todo o seu rosto



COSMIC RAGE SuperMetálico... o maquillage q
"Miss Brasil" 1968, no maior festival de bele

beleza estão agora ao seu alcance!

SMIC RAGE

lage SuperMetálico que embeleza
om o colorido moderno da Era Espacial

Seus lábios se tornam irresistíveis sob a coloração cintilante dos mais puros metais, com os Batons Silver Rage, Gold Rage ou Bronze Rage, em harmoniosa combinação com as côres Pink, Orange e Flame. **Seu rosto** ganha uma luminosidade vibrante com o fulgor metálico da Base Líquida Silk Fashion, do Rouge, do Pó Facial e do "Blush". **E seus olhos** — centro máximo de atração da beleza feminina — resplandecem sob o ouro ou a prata do Delineador líquido, da Sombra-Stick, em nôvo estôjo metálico, e de Long Lash — a nova máscara que torna seus cílios realmente mais longos. Entre na órbita de COSMIC RAGE — a radiação incandescente que você esperava para a beleza de seu rosto, no mais avançado estágio do maquillage SuperMetálico.

onsagrou
nacional!

Helena Rubinstein

para resfriado,
MISTOL®
é o indicado

Uma ou duas gotas de Mistol em cada narina dão a Você alívio imediato. Mistol desentope o nariz e normaliza a respiração em poucos instantes, porque descongestiona prontamente as vias respiratórias.
Tenha sempre em casa Mistol.

cartas

mente no Nordeste "inculto, desprovido de sociabilidade e de parcos recursos econômicos" — como êle leviamente classificou — que existem pistoleiros profissionais; e, se êles são produtos do meio, o que dizer dos pistoleiros profissionais e até mesmo das quadrilhas organizadas, verdadeiros sindicatos do crime, existentes nos países considerados altamente desenvolvidos no campo cultural, social e econômico?

NILZA FERNANDES
Mamanguape — PB

Sr. Diretor: Sôbre a carta do Sr. Nascente, quero esclarecer que nós, alagoanos, nordestinos, não levamos a "vida selvagem" que êle cita; muito pelo contrário: estamos tão adiantados na civilização moderna quanto qualquer parte do Sul do País. A economia do Nordeste, Sr. Nascente, não é das melhores, porém, não está muito a desejar. No setor cultural, solicito ao distinto amigo de São Paulo verificar quantos nordestinos estão na Academia Brasileira de Letras. Os crimes que ocorrem em Alagoas e outros Estados do Nordeste não passam de problemas de família surgidos há muitos anos, e que ainda hoje perduram por serem considerados "questões de Honra", coisa que o nordestino tem e que quando escreve é com *H* maiúsculo. Quando não são por êsses motivos, são por questões políticas. Crimes políticos, crimes de vingança não são resultados de ignorância, pois, se assim fôsse, como explicar a situação reinante nos EUA?

GERALDO GONÇALVES JR.
Maceió — AL

Atensão, eis a ortografia ofisial

Sr. Diretor: Até agora não consegui entender o porquê dêsse artigo, ou o significado do mesmo. A única explicação é que êsse artigo seria o primeiro da nova seção de "humorismo" da revista. Nosso professor de Português também o achou totalmente sem nexo.

NEUZA MARIA MARQUES SIMI
Guarulhos — SP

Sr. Diretor: A meu ver, a insinuada "ortografia ofisial" deveria entrar em vigor imediatamente e não a partir do ano 2000. Não tem nexo ensinar uma criança a escrever *zero*, com *z*, e, a seguir, *exato*, com *x*. Acho que todos os brasileiros deveriam começar a escrever no estilo dessa revolucionária ortografia.

JÁSON SOARES
Campinas — SP

Siñoh Djiretoh: Mandji seus hedatorij djipresa pra ixcola primaria otra veij.

D.J.C.
Rio — GB

Sr. Diretor: REALIDADE sempre lutando contra tudo o que existe de arcaico e, muitas vêzes, prejudicial: é o caso de "Atensão, eis a ortografia ofisial". Nós precisamos de uma grande reforma em nossa ortografia.

YARA ETÊ
Três Lagoas — MT

Sr. Diretor: É um prazer eskrever rasionalmente na nosa lingua.

LUÍS OLIVEIRA
Rio — GB

Sr. Diretor: A muinto soñava kom o ke li na hevista, pois, sem ser koñesedor profundo de nosa lingua, já fui revizor e, oje, por impozisão de miña profisão — editor —, vivo martirizado pela konfuzão de nosa ortografia. Deskulpem os ehos, bem komo a imposivel eliminasão dos pingos nos ii e jj.

MAURY LOUZADA ABREU
Pôrto Alegre — RS

Sr. Diretor: Lendo sua ultima publicasão, lamentei ver em tão konseituada revista um eho de ortografia, na pajina dezoito, no testo "Atensão, eis a ortografia ofisial": "...os festejos inisiados no dia primeiro de dezembro passado..." O eho podese notar klaramente na ultima palavra da fraze, onde o autor usou duas letras "s" para escrever pasado.

REINALDO T. LONGI
São Bernardo do Kampo — SP

Realmente, tratase de um eho de ortografia, sr. Lonji.

Sr. Diretor: Os puristas que gostam de complicar devem estar estourando

por aí. Bem mais simples escrever como sugere o artigo "Ortografia ofisial". Os puristas que vão complicar tudo lá na China!

ARI S. OLIVEIRA
Santos — SP

Vietnam

Sr. Diretor: O artigo de Hamilton Ribeiro ("Guerra é assim"), que viu a guerra tão de perto, a ponto de ser ferido, é perfeito sob todos os pontos de vista.

SÉRGIO DANTE FONTA
Curitiba — PR

Sr. Diretor: Tarefa das mais difíceis a que se submeteu o jornalista Hamilton Ribeiro, pois não se intimidou com os perigos que por certo iria correr, colocando em jôgo a própria vida a fim de desempenhar sua função. Estão de parabéns o jornalista e REALIDADE, por contar em sua equipe com elementos de tamanho gabarito e dedicação profissional.

CLETO BERNARDES DE SOUZA
Sorocaba — SP

Sr. Diretor: A extraordinária reportagem de José Hamilton Ribeiro é uma vitória do jornalismo brasileiro, uma vitória que só REALIDADE, com suas reportagens seguras, dinâmicas, atuais e, sobretudo, corajosas, nos poderia trazer.

ANTÔNIO MARONE
São Paulo — SP

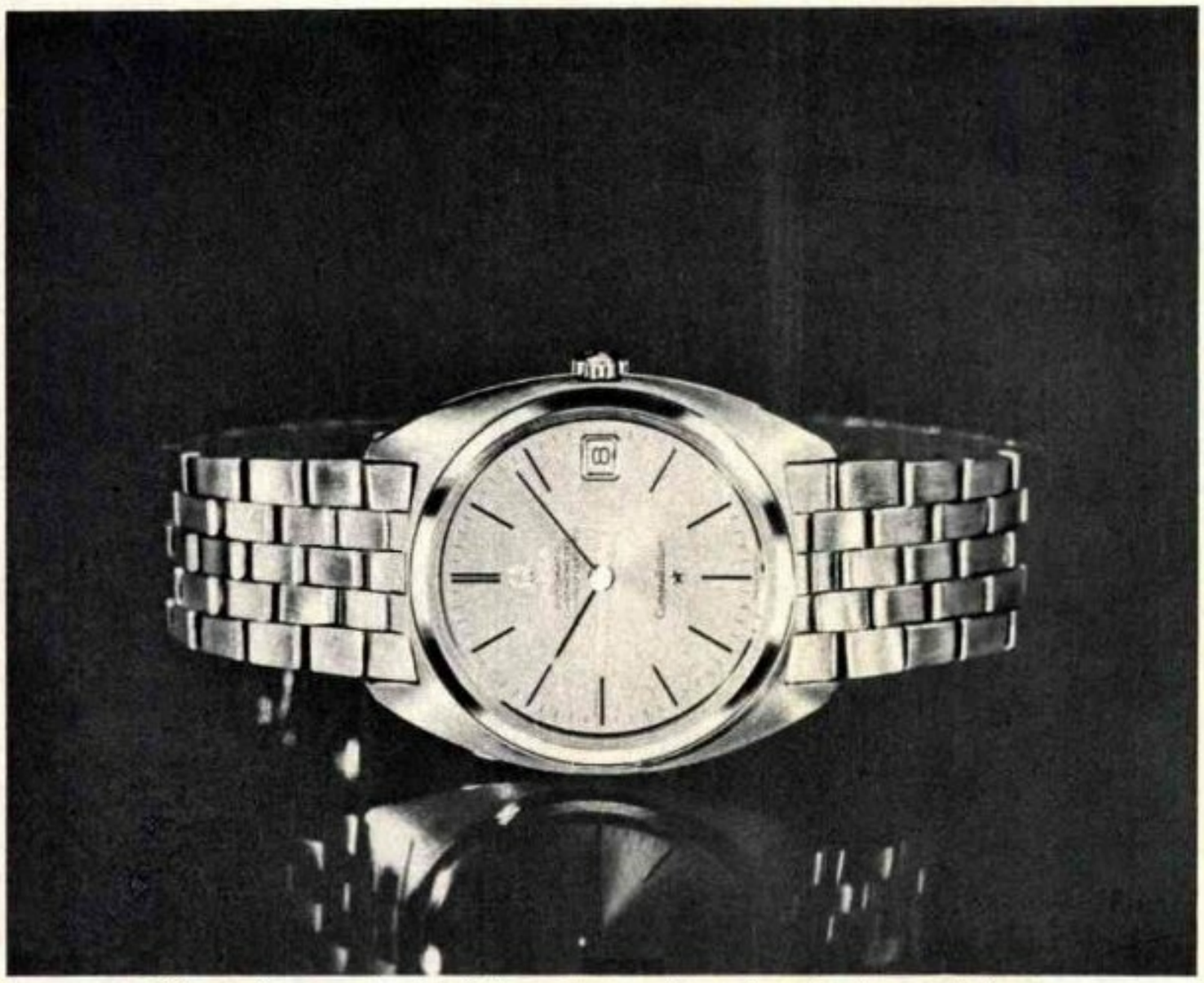
Sr. Diretor: Li, eletrizado e emocionado, a narrativa do corajoso repórter Hamilton Ribeiro. Após ler aquêle relato dramático, fiquei pensando como é que ainda podem fabricar guerras; como é que se animam a queimar um ente humano com *napalm*; como é que podem enterrar minas para dilacerar seus irmãos.

PEDRO P. COUTO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Parabéns pelo magnífico texto, vivido, transbordante de humanidade (e humanismo) de Hamilton Ribeiro, ferido no Vietnam. É, sem dúvida, uma das mais belas reportagens que REALIDADE já publicou.

PATRÍCIO GUANABARA
Pôrto Alegre — RS

FIM



Nôvo cronômetro Omega Constellation "C": automático, antimagnético, à prova de choques. Caixa e pulseira em ouro de 18 k, folheadas ou em aço inoxidável.

O mais alto grau da precisão suíça: cronômetro Omega Constellation

Você terá uma constante fonte de prazer na beleza perfeita do Omega Constellation "C". Sua delgada caixa arredondada, seu luxo discreto, seu soberbo acabamento e, naturalmente, sua incomparável precisão... tudo faz do Constellation "C" um prazer definitivo. A todo Omega Constellation fabricado é conferido o diploma de "cronômetro", com a citação suprema de "resultados particularmente bons". Mais da metade da atual produção suíça de cronômetros é de Omega Constellation.

Um prazer simultâneo. Omega tem tanto orgulho de seu Constellation quanto você mesmo. Como prova disso, entrega a você um passaporte aceito em 163 países: a Garantia Internacional Omega (válida por um ano), com a assistência do Serviço Mundial de Manutenção Omega, ao seu dispor por tôda vida.

Omega - cronometrista oficial das Olimpíadas no México em 1968.

Ω OMEGA

3.068

Outros excepcionais modelos Omega:

CONSTELLATION
Com Certificado Oficial de Cronômetro. Impermeável, automático. Também com pulseira de metal.

OMEGA QUADRADO
Automático ou corda manual. Modernas linhas, retas e sóbrias. Para você sempre se orgulhar dêle.

SEAMASTER
O relógio-esporte mais procurado do mundo. Impermeável mesmo. De corda automática ou manual.

Assistência Técnica Omega: São Paulo: Av. Paulista, 352 - 13.º • Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 99 - 7.º • P. Alegre: R. Andradas, 1629 - 1.º, ou por todos os Concessionários Autorizados Omega.

ROTEIRO

Cinema

A nova política dos astros

Agora, Melina pensa em comícios

De repente, Melina começou a chorar. Os jornalistas que a entrevistavam no aeroporto de Londres esqueceram a reportagem e trataram de confortá-la. Minutos antes, ela havia dito:

— Por favor, ajudem-nos. Não queremos um nôvo derramamento de sangue. Mas se a única saída fôr essa, lutaremos. Não descansaremos enquanto a democracia não voltar a florescer na Grécia.

Londres era mais uma etapa na campanha que há um ano a atriz Melina Mercouri desenvolve contra a junta militar que se apossou do govêrno de seu país, tirou-lhe a cidadania e confiscou os bens que tinha na Grécia. Com 42 anos, casada com um cineasta de renome, Jules Dassin, e famosa ela própria por causa de uma fita, **Nunca aos Domingos**, Melina abandonou a carreira para dedicar-se exclusivamente à política. Fêz comícios em Nova York, Viena, Genebra, Paris, Londres e Oslo.

— Estou assim empenhada porque não tenho alternativa. Como grega, sob permanente atenção do público, como poderia calar minha revolta? Acreditem: há muito tempo não consigo dormir.

Outros colegas de Melina, americanos e europeus, talvez não cheguem a tanto, mas, assim como ela, descobriram recentemente uma nova atividade, além de comprar mansões na Califórnia ou chalés na Suíça, casar-se e divorciar-se. Descobriram o protesto. A causa de sua ira pode ser a discriminação racial, a guerra no Sudeste asiático ou mesmo as leis que proíbem fumar maconha.

Marlon Brando e Burt Lancaster, entre outros nos Estados Unidos, contribuíram com dinheiro, presença e nome ao movimento pelos direitos civis, quando Martin Luther King organizou em 1963 a Marcha sôbre Washington — e desde então continuaram engajados. Há um mês, Marlon imitou Melina, ao anunciar que deixaria o cinema a fim de trabalhar pela causa dos negros em regime de tempo integral.

Na Inglaterra, a atriz Vanessa Redgrave, de **Blow-Up**, participa de agitadas passeatas pró-paz no Vietnã e os Beatles assinam no **Times** manifestos reclamando o direito de se consumir livremente drogas como o LSD. Em Cannes, no último festival, o diretor Jean-Luc Godard lutou a socos para interromper o certame, em solidariedade aos estudantes que brigavam em Paris.

Num domingo à tarde, 5 mil pessoas concentraram-se em Trafalgar Square, no centro de Londres, para ouvir Melina. Quantas pessoas teriam comparecido, movidas apenas pela simpatia aos exilados gregos, se a atriz não estivesse presente?

Os artistas de cinema que tentam conquistar a opinião pública para alguma causa política ou social começam com uma tremenda vantagem sôbre os **agitadores** de outras profissões. Êles têm a seu favor uma característica típica do mundo moderno: as pessoas apóiam ou rejeitam os protestos menos por uma convicção racional quanto a seu mérito e mais devido aos nomes que a êles se associam. Se forem célebres e possuírem uma imagem anterior positiva (o que permite uma identificação afetiva do público), já é meio caminho andado. Se forem **astros** ou **estrêlas**, o sucesso da causa junto à audiência está quase garantido.

Melina Mercouri faz política enquanto cidadã grega inconformada com o que acontece em sua terra. Marlon Brando defende os negros como norte-americano que deseja acabar com uma injustiça social. Entretanto, aos olhos dos que acompanham suas movimentações, é o **artista** que aparece. Na imaginação popular, que eleva atôres e atrizes de cinema a uma espécie de Olimpo onde se misturam realidade e ficção, quem discursa no palanque em Londres é a personagem extrovertida de **Nunca aos Domingos**, quem faz passeatas em Nova York é o herói solitário do **Sindicato de Ladrões**.

O personagem é simpático, logo sua causa é justa. Sendo a causa justa, o personagem fica ainda mais simpático, porque aderiu. É o círculo vicioso do prestígio. Êsse mecanismo nada tem a ver com as intenções do artista: a defesa de uma idéia ou a autopromoção publicitária. Até que isso se descubra, êle permanece em evidência, "sob permanente atenção do público", como afirma a própria Melina. E o prestígio pode levar o artista até o poder. Foi o que aconteceu com Ronald Reagan, canastrão de Hollywood que se elegeu governador da Califórnia principalmente com o voto feminino, e agora deseja ser indicado pelo Partido Republicano candidato à presidência dos Estados Unidos.

Para quem o luxo não é nada mais do que um hábito: Itamaraty

Se, para você, viver bem é um hábito, não um objetivo. Se você está acostumado com o luxo. Se você não tem a preocupação de se afirmar através de um automóvel, então com certeza você tem um Itamaraty.

O Itamaraty é sóbrio. Jamais ofusca a personalidade de seu proprietário.

É luxuoso. Mas de um luxo sem aparato e extravagâncias.

E quanto a qualidade e outros requisitos essenciais a um automóvel o Itamaraty também não precisa provar nada.

Há alguns anos você o conhece muito bem.

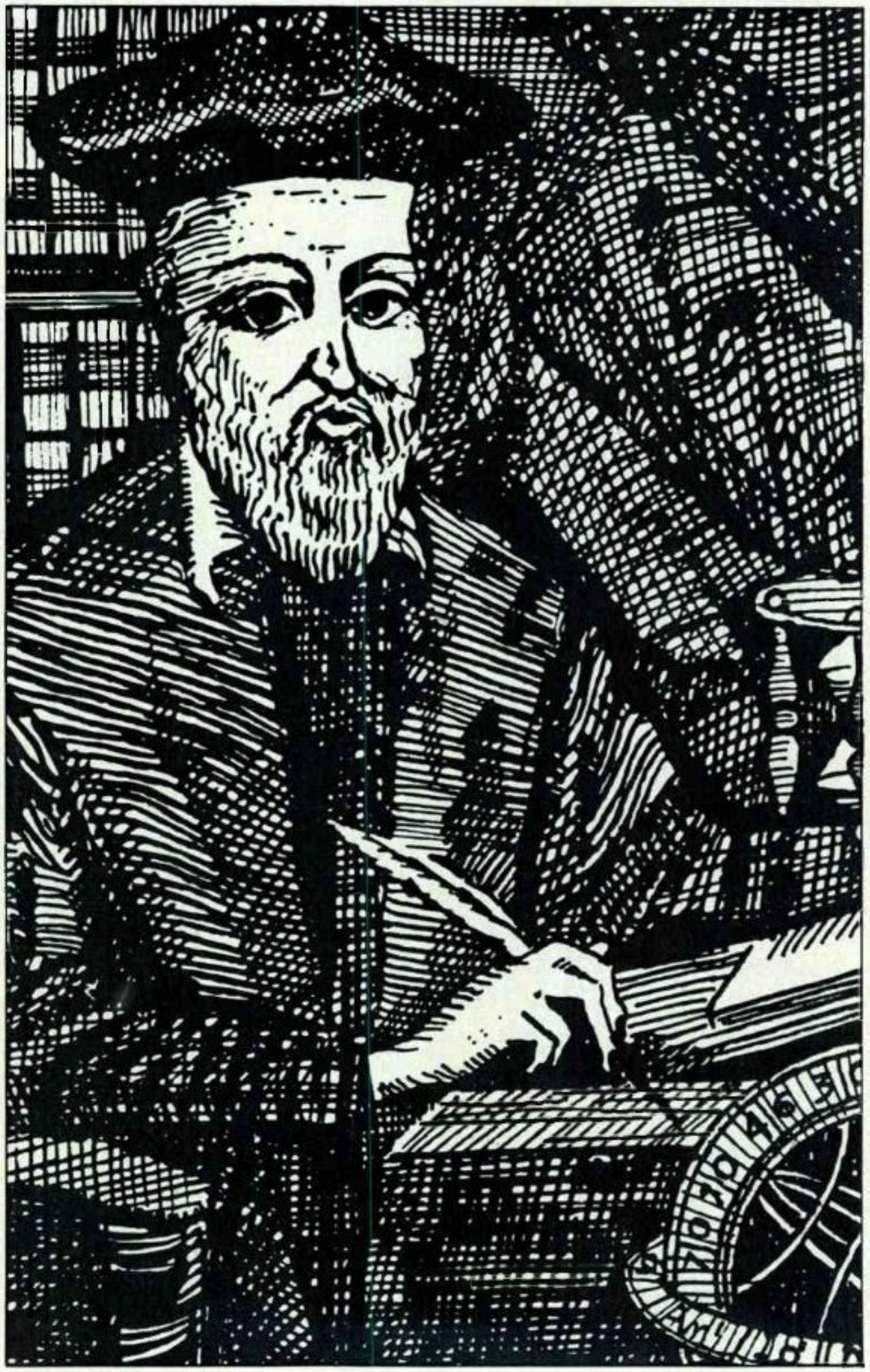
ITAMARATY WILLYS

Adquira também o Itamaraty através do Consórcio Nacional.

ROTEIRO

Ciência

O futuro ao alcance de todos



O primeiro contrato: Nostradamus

Em 1545, a Rainha Catarina de Médicis contratou os serviços de um jovem de 26 anos, médico de formação e profeta de profissão: Michel de Nostre-Dame. Em 1948, o Govêrno dos Estados Unidos criou a Rand Corporation, hoje uma emprêsa privada, com a tarefa de fazer previsões de todo gênero. Michel de Nostre-Dame adivinhou a data da morte do Rei Henrique II e fixou prazo para o Juízo Final: julho de 1999. Seu livro principal, *As Centúrias*, ficou famoso e êle entrou para a História como Nostradamus, o vidente. Um dos fundadores da Rand Corporation, Hermann Khan, projetou a Máquina do Juízo Final — uma superbomba H, acionada por um computador eletrônico, pronta para explodir em caso de ataque inimigo. Só para saber se o projeto seria viável, o Govêrno americano gastou 73 milhões de dólares. Hermann Khan tornou-se uma celebridade e sua idéia serviu de roteiro a um filme satírico, *Dr. Strangelove, ou Como Aprendi a Amar a Bomba.*

Muito antes de Nostradamus e até depois de Hermann Khan (se chegarmos lá), descobrir o futuro é a mais constante preocupação humana. Os primeiros especialistas em amanhã foram os feiticeiros tribais, depois apareceram os astrólogos e por fim chegou a vez dos cientistas. No comêço, dependia-se da intuição. Hoje, conta-se com a estatística. O desenvolvimento atual da matemática e a criação de cérebros eletrônicos deram origem a uma ciência que se propõe cumprir o objetivo não declarado de qualquer estudo: prever o que acontecerá. A nova ciência ganhou um nome — *futurologia* —, recursos fabulosos em países como os EUA e a URSS e adeptos no mundo inteiro, principalmente entre os escritores de ficção científica e os intelectuais da revista francesa *Planète*.

A base da futurologia é um conhecimento muito preciso do presente mais cálculo de probabilidades: se sabemos que uma moeda tem duas faces, podemos prever antes de atirá-la que há 50% de probabilidades de dar, por exemplo, coroa. Se sabemos como vem evoluindo a duração média da vida humana — e se fazemos de conta que a curva continuará a subir com a mesma rapidez dos últimos tempos —, podemos prever quando uma criança viverá para sempre.

Tôdas as fontes de informação cos-

tumam ser usadas nesse jôgo de adivinhar. Um instituto inglês que se dedica à prevenção de catástrofes — queda de aviões, descarrilamento de trens, desabamentos, etc. — emprega pessoas que sonham com acidentes — e acerta. Seus pesadelos são examinados por cérebros eletrônicos que calculam a probabilidade de que realmente aconteçam.

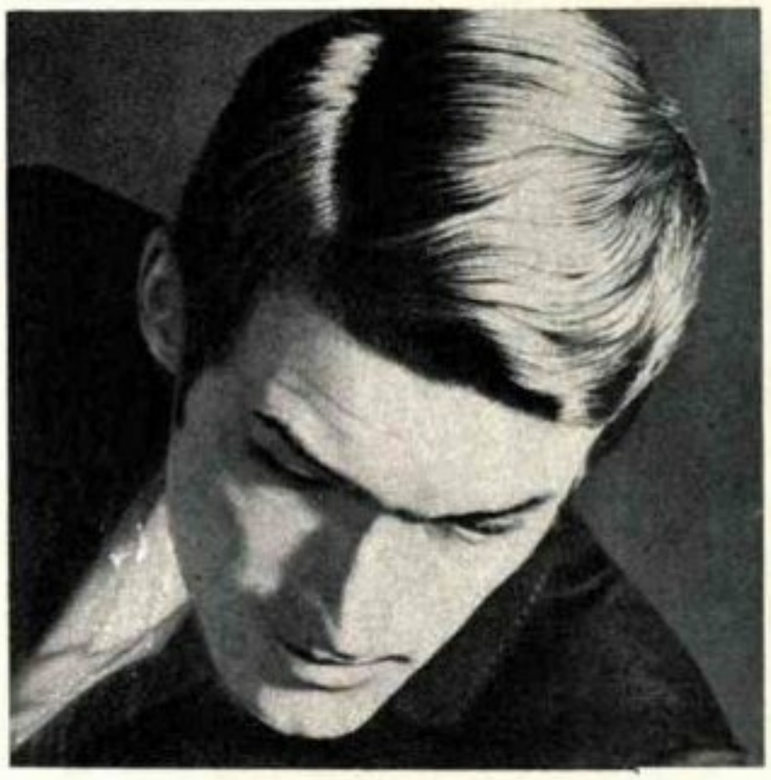
Existem hoje algumas dezenas de emprêsas como a Rand — e seu número tende a aumentar. Os principais clientes da indústria da profecia são os governos e as grandes organizações comerciais (a Ford e a General Electric já mantêm institutos próprios de previsão), que pagam um mínimo de 4 mil dólares por ano só para receber relatórios periódicos sôbre o futuro da humanidade. Por 5 mil dólares, o interessado tem o direito de pedir estudos sôbre assuntos específicos, que podem custar 100 vêzes mais que a *taxa de inscrição.*

As grandes firmas querem saber quais serão os bons negócios nos próximos anos. Os futurologistas têm informado que os produtos mais rentáveis a médio prazo serão o raio laser e os conversores de energia — aparelhos capazes de transformar qualquer forma de energia em eletricidade. Dizem também que haverá muita procura de equipamentos eletrônicos para hospitais, como os que já existem na Clínica Mayo, EUA, cujos 4 mil leitos são controlados simultâneamente por um computador, que se *comunica* com pequenos aparelhos ligados ao corpo dos pacientes e *informa* aos médicos como êstes vão passando.

Geralmente, os profetas modernos são cautelosos: não fornecem uma única resposta quando se lhes pergunta o que acontecerá na economia, na política, na ciência e nos costumes, ou em todos êsse campos interligados. Preferem apresentar várias alternativas — os mundos *futuríveis,* como êles os chamam. Cada um dêsses mundos possíveis de se concretizar é imaginado supondo diferentes evoluções do mundo atual.

Para muitos futurologistas, o problema deixou de ser "acontecerá ou não?" e tornou-se apenas "quando". Arthur C. Clarke, um dos mais conceituados *videntes,* é categórico até em matéria de datas. Êle prevê: colonização dos planêtas e exploração intensiva do mar em 1980; chegada ao centro da Terra e contrôle do tempo em 2010; contrôle da hereditariedade e viagens às estrêlas em 2020; comunicação inteligente com os animais em 2040; hibernação prolongada e antigravitação em 2050; vida artificial em 2070; contrôle absoluto do clima em 2080; duplicação da matéria em 2090. Finalmente, no ano 2100, a imortalidade.

Melhor ter problemas com cabelos que não ter cabelo



Pantene ajuda você a resolver os três problemas fundamentais dos cabelos. Enquanto isso ainda é possível.

Queda dos Cabelos. Fazer nascer cabelo é coisa para mágico. Mas revigorar os cabelos e evitar sua queda é cientìficamente possível com Pantene. Isto, baseado na eficácia, clinicamente provada, da substância vitamínica "Pantyl" (fabricação exclusiva de Roche), que entra em seu preparo.

Caspa. Pantene impede a formação da caspa no couro cabeludo e elimina as bactérias. Combatendo a causa pode, de fato, eliminar a caspa.

Cabelos bonitos. A água torna os cabelos opacos e frágeis. Uma boa fricção com Pantene, pela manhã, torna seus cabelos macios, sedosos, mais fortes, sempre a seu gôsto.

Há 5 tipos de Pantene à sua escolha.

Impede a queda dos cabelos
Elimina a caspa
Mantém os cabelos bonitos

Loção Vitaminada

PANTENE

a proteção integral de seus cabelos

6014

v. já reparou
como quem tem cadeiras
de alumínio Rochedo
é sentimental?

é só falar de cadeiras
Rochedo e êles se
lembram logo de férias.
ah, aquelas férias!

as cadeiras de
alumínio Rochedo
são leves, coloridas,
não enferrujam,
são fáceis de
guardar e têm
a marca Rochedo
gravada
no braço. esta é
a sua segurança.

Rochedo
alumínio para tôda a vida
UM PRODUTO DE QUALIDADE DA
ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S.A.

ROTEIRO

Juventude

O ídolo dos jovens rebeldes

Agora que nossa luta começou, precisamos mais que nunca saber exatamente por que lutamos. Precisamos conhecer a fundo as lições de Marx, as lições de Mao, as lições de Marcuse. (Do discurso de um estudante francês.)

Herbert Marcuse é um ex-agente da CIA. Seus patrões norte-americanos o lançaram porque êle nega o papel revolucionário da classe operária e substitui a luta de classes pela luta de gerações. (De um editorial do **Pravda**, de Moscou.)

A rebelião dos estudantes pôs em evidência o nome de Herbert Marcuse, um pacífico professor de setenta anos, que leciona filosofia em San Diego, Califórnia, ajuda a administrar um zoológico e mora à beira-mar num bairro onde há um bilionário em cada duzentos habitantes. Marcuse tomou o lugar de Jean-Paul Sartre como guia intelectual e ideológico da juventude universitária européia e, assim como Sartre há vinte anos, êle é hoje alvo da ira dos comunistas ortodoxos.

Chamá-lo, porém, de agitador político parece tão absurdo quanto associá-lo à CIA, serviço secreto americano. A despeito das ruidosas controvérsias que atualmente o envolvem, Marcuse é o que sempre foi: um filósofo moldado na mais rigorosa tradição universitária alemã, fiel a uma carreira que não prevê habitualmente o sucesso público ou a condição de **autor da moda**.

Sua carreira começou em Berlim, onde êle nasceu e onde teria continuado a viver, não fôsse o aparecimento do nazismo. Judeu intelectual e esquerdista, não tinha ilusões quanto ao seu destino na Alemanha de Hitler. Mudou-se então para a Suíça, daí para a França e, por fim, para os Estados Unidos, onde chegou em 1937. A II Guerra Mundial obrigou-o a suspender temporàriamente as atividades acadêmicas: como tantos outros professôres europeus exilados, das mais variadas tendências ideológicas, foi convidado pelo govêrno americano a trabalhar no OSS, o Departamento de Serviços Estratégicos do Exército, como especialista em assuntos soviéticos. Por essa época, havia publicado sua primeira obra teórica de importância, **Razão e Revolução**. De 1945 até hoje, lecionou sucessivamente nas Universidades de Harvard, Columbia, Brandeis e San Diego.

Foi na década dos 50 que Marcuse trocou os estudos sôbre a filosofia alemã do século XIX pelo tema que o tornaria famoso: a sociedade moderna. Em dois livros, publicados com um intervalo de nove anos, **Eros e Civilização** e **Ideologia da Sociedade Industrial** (editados recentemente no Brasil), êle formulou uma crítica impiedosa ao sistema de vida nos países avançados, capitalistas ou comunistas. **Ideologia da Sociedade Industrial** chegou a ser considerado por um crítico "o livro mais subversivo que apareceu nos Estados Unidos êste século".

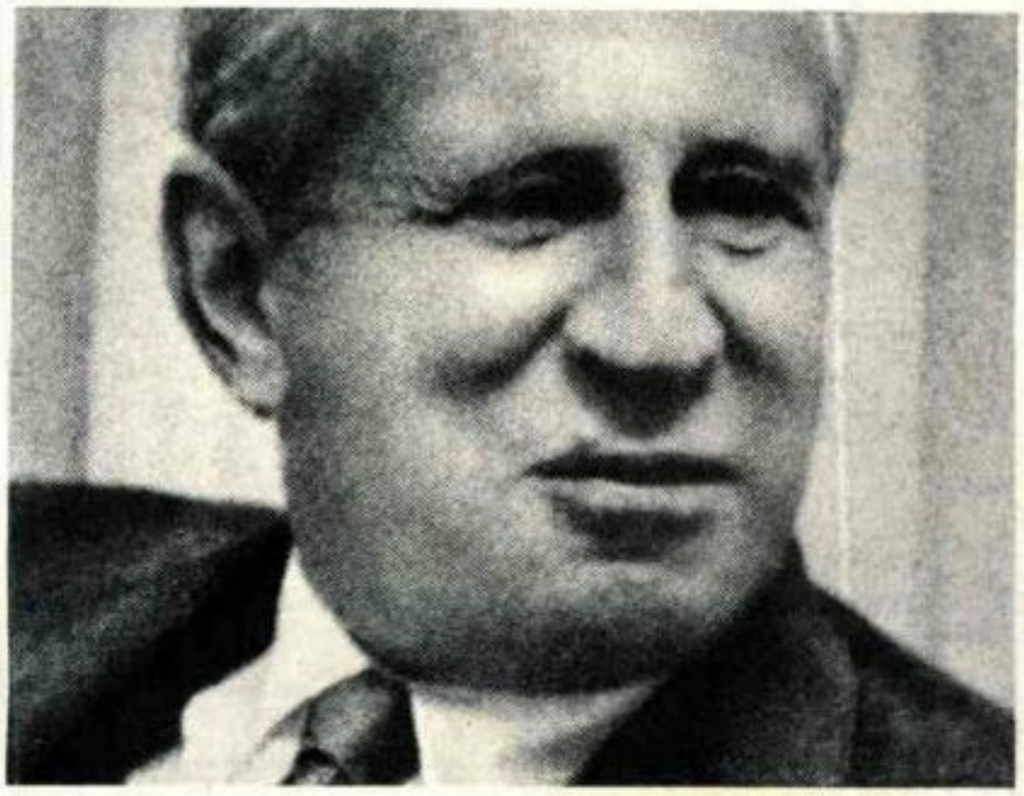
Marcuse afirma que o homem é oprimido tanto nos regimes democráticos quanto nos Estados totalitários. Lá e cá, o progresso tecnológico, que poderia libertar o homem do trabalho embrutecedor, é utilizado pelos grupos dominantes para subjugar as consciências e assim impedir tôda transformação qualitativa da vida. A técnica funciona como uma ditadura: ela

determina nossas aptidões e ocupações, nossas aspirações e necessidades. Manipulado e condicionado pelos meios de comunicação de massa, o homem sente-se feliz, mas sua felicidade é estúpida, mecânica — portanto falsa.

Juntando Freud e Marx, êle julga ainda que a inibição dos instintos sexuais na criança pela família é o primeiro passo de uma repressão permanente, exercida sôbre o adulto por estruturas sociais e econômicas desumanas. Por isso — escreve — nossos problemas psicológicos são essencialmente políticos. A psicanálise não os pode resolver: a cura do indivíduo depende da cura da sociedade. Enquanto esta continuar doente, a terapia não deixará de ser um curso de resignação, ensinando as pessoas a funcionar como partes de uma engrenagem destruidora. Logo, se as perturbações de cada um refletem o desajuste do todo, a saúde individual deve ser buscada na transformação da ordem coletiva.

Certo ou errado, o diagnóstico não é nôvo. A novidade trazida por Marcuse — e que explica seu endeusamento pelos estudantes — é sua resposta à questão **quem pode mudar a sociedade?** Em primeiro lugar, os jovens, porque sua rebeldia "é uma necessidade biológica" e porque, devido à idade, ainda não estão inteiramente comprometidos com o sistema opressor, ou seja, estão mais fora que dentro das fábricas e escritórios, livres da tirania da produção e do consumo. Diz: "A presente revolta juvenil é ao mesmo tempo moral, política e sexual. Trata-se de uma rebelião total que procede do mais fundo dos indivíduos". Por si sós, entretanto, os jovens não alcançarão seu objetivo: "dizer que os **hippies** constituem a nova classe revolucionária é uma bobagem." A transformação — pensa Marcuse — depende também de outros grupos, em especial as minorias não integradas pela civilização do bem-estar: gente como os negros americanos e as massas desocupadas nos países subdesenvolvidos.

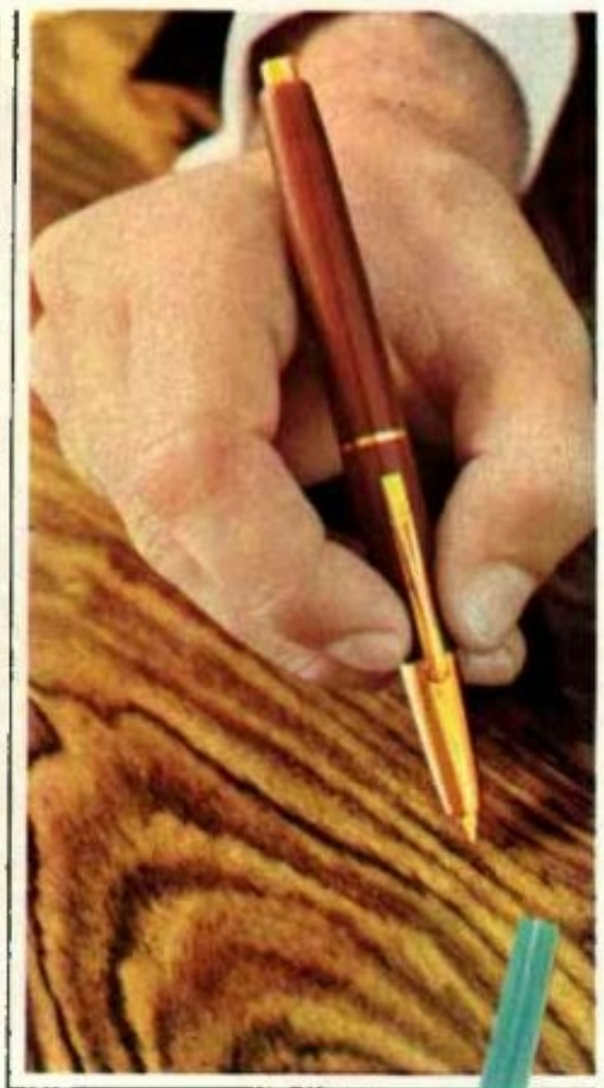
Quando os estudantes ocuparam a Sorbonne, em começos de maio, Marcuse chegou a Paris. Foi participar de um congresso da UNESCO, não para liderar agitações. Pois não se considera um revolucionário, nem por temperamento, nem por atividade. Seu rosto queimado do sol da Califórnia sorri ante a idéia de ter-se transformado numa bandeira política. "Sou um teórico, jamais um estrategista." Por isso, o trinômio Marx-Mao-Marcuse soa-lhe injusto e arbitrário. De resto, nunca pertenceu a partidos, sente-se melhor numa biblioteca do que num comício, e se há uma coisa que detesta de verdade é barulho.



Herbert Marcuse

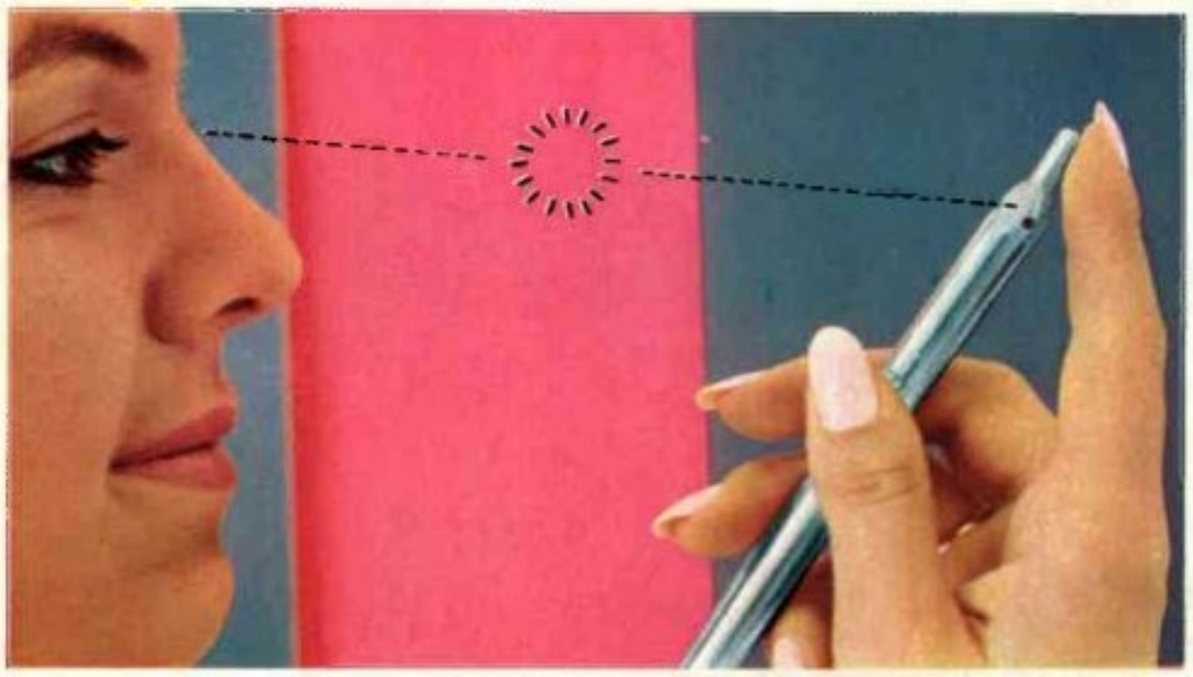
ESTA CANETA TORNA TUDO MAIS FACIL. ELA É DE PENA MAS SEM TAMPA.

(FUNCIONA MELHOR QUE UMA ESFEROGRÁFICA)



É A NOVA CAPLESS PILOT

EM DOIS LINDOS MODÊLOS À SUA ESCOLHA.



ESFEROGRÁFICA PSICODÉLICA

NOVO LANÇAMENTO PILOT!

COM PONTA DE RUBI UM SIMPLES OLHAR VOCÊ PODE MUDAR A CÔR DA ESCRITA PARA VERMELHO, AZUL, VERDE OU PRETO.

À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO EM TODO BRASIL

PILOT PEN DO BRASIL S.A.

RUA GALVÃO BUENO, 212 - 1.º ANDAR - CX. POSTAL 3986 - SÃO PAULO

ROTEIRO

Comunicações

A terceira revolução cultural

A tese é conhecida: os modernos meios de comunicação — rádio tevê, cinema — estão transformando o mundo inteiro numa aldeia (como diz o sociólogo canadense McLuhan), onde cada habitante conhece cada vez mais o que se passa no quintal do vizinho. E uma linguagem universal de imagens e sons começa a se sobrepor às diferenças culturais entre os povos.

A era Eletrônica, porém, não aboliu a comunicação escrita e seu problema capital: a existência de pelo menos trezentos alfabetos distintos. Só na Índia, por exemplo, existem mais de quarenta. A escrita chinesa, por sua vez, chega a usar 45 mil sinais gráficos diferentes para registrar palavras. Mesmo nações cuja herança lingüística é comum anotam sons idênticos de maneiras diversas.

Terminar com essa tôrre de Babel, mediante a criação de um alfabeto único, é uma idéia que tem sido levada a sério pelos estudiosos de lingüística. Não se trata de inventar um nôvo esperanto nem extinguir a multiplicidade de línguas: o alvo é definir símbolos iguais para sons iguais, assim como na matemática — em qualquer parte do mundo — os mesmos sinais designam as mesmas operações.

Justamente êste ano — quinto centenário da morte de Gutenberg, o inventor dos tipos móveis de imprensa — uma pequena cidade libanesa, Djebeil, candidata-se a sede de uma possível conferência internacional de especialistas sôbre unificação da escrita. Há cêrca de 3 mil anos, nesse mesmo lugar, os fenícios criaram o alfabeto que iria permitir o desenvolvimento das civilizações mediterrâneas e, por extensão, do Ocidente.

O aparecimento daquele alfabeto talvez tenha sido a primeira revolução cultural da humanidade. A invenção de Gutenberg foi a segunda. Agora, estamos maduros para a terceira: fazer um só alfabeto para todos.

Literatura

A poesia é necessária?

Poeta profissional de sucesso, no Brasil só existe um: J. G. de Araújo Jorge, trinta livros publicados, mais de 1 milhão de exemplares vendidos. Os críticos não gostam de seus sonetos — um colunista carioca, ao enumerar os títulos mais vendidos na semana, acrescentou um pedido de desculpas aos

SEGUE

FINALMENTE!

A máscara perfeita que prolonga e dá colorido aos seus cílios!

Long-Lash

Nova descoberta de Helena Rubinstein!

Com a nova Long-Lash Máscara, seus cílios não parecerão
apenas mais longos... serão verdadeiramente mais longos!
Tão longos... tão exuberantes... tão bem arqueados e bonitos
que seus olhos ficarão mais expressivos do que nunca!
A nova e exclusiva Long-Lash alonga os cílios, ao mesmo tempo
que os separa, arqueia e lhes dá côr, mantendo-os suaves e
sedosos... de aspecto absolutamente natural! À prova d'água, não escorre,
não mancha, não esfarela e é completamente inodora.
Use Long-Lash e veja que maravilhosa diferença!

Côres:
Black
Dark Brown
Brown
Navy Blue
Emerald Green
Sapphire Blue
Silver Rage
Gold Rage

Helena Rubinstein

9.012

ROTE RO

respectivos autores por estarem em companhia de J. G. — mas êle pode sustentar a família apenas com o que recebe em direitos autorais.

E os outros? Os outros são funcionários públicos — poetas municipais, estaduais e federais, como no versinho de Carlos Drummond de Andrade (diplomado em Farmácia e funcionário aposentado do Ministério da Educação). É um padrão que se mantém desde os tempos do Império e corresponde a uma realidade econômica e social. Ao poeta faltam leitores, faltam editôres, falta dinheiro: uma edição normal de 1 500 exemplares, 100 páginas, sai pela casa dos 1 500 cruzeiros novos. Quanto mais desconhecido fôr o poeta, mais dinheiro sairá de seu bôlso, pois a editôra cuidará da distribuição.

Os governos, então, fazem o papel de mecenas, garantindo o sustento e a continuidade da produção literária nacional. Depois, na rima irônica de um jovem poeta, "do funcionalismo à Academia, é questão de tempo e burocracia".

Segundo as notas biográficas do *Pequeno Dicionário da Literatura Brasileira*, dois terços dos 155 poetas mencionados exerceram ou exercem cargos públicos: 20 na carreira diplomática, 19 no magistério oficial e 58 em cargos administrativos diversos. Somando a êstes os 19 que tiveram mandatos políticos, têm-se 116 versejadores ligados direta ou indiretamente à máquina governamental.

O Ministério das Relações Exteriores é a repartição dos poetas maiores: Raul Bopp, Ribeiro Couto, Vinicius de Moraes e João Cabral de Mello Neto. Nem sempre, porém, cargo e poeta se equivalem em importância: João da Cruz e Souza foi arquivista da Central do Brasil. E houve também casos de poeta-taquígrafo, poeta-telegrafista e poeta-escriturário. Poeta-militar, aquêle dicionário só registra o nome de Laurindo Rabelo, embora outros também tentassem juntar as carreiras das armas e das odes.

Mas não só do funcionalismo vivem os nossos poetas. Na carreira profissional do cidadão Geir Nuffer Campos, poeta de renome, constam as atividades de pilôto da marinha mercante e jornalista. A imprensa, de fato, acolhe bom número de redatores de versos — dezesseis pelo menos, conforme o dicionário. Vários outros, por sua vez, passaram pelo vizinho mundo da publicidade, como o próprio Araújo Jorge, autor do *slogan* "Isso faz um bem..." e ex-promotor de vendas das Listas Telefônicas. Há ainda, em menor porcentagem, poetas-advo-

MARIETA ESTÁ SOFRENDO

"Êles" não desistiram ainda. Marieta está sofrendo terríveis pressões para deixar de amar **Bergamo**. Ela resiste a tudo. O que pode o amor! E Marieta continua afirmando que **Bergamo** é o melhor.

Faz questão de dizer que **Bergamo** é fabricado com madeira aglomerada e, por isto, dá-se ao luxo de oferecer 5 anos de garantia. Marieta é o símbolo do bom gôsto de mulher. E ama **Bergamo**.

Eis o motivo de haver resistido bravamente. Está convencida que **Bergamo** quer dizer móveis.

gados, poetas-padres, poetas-médicos, e poetas-químico-farmacêuticos. A exceção: Manuel Botelho de Oliveira, poeta-agiota.

Na imaginação do público, não importa o que o poeta faça para ganhar seu pão: êle é um ser de outra espécie, alheio às necessidades dos mortais comuns, todo voltado para um mundo interior de sofrimentos e paixões.

A persistência dessa imagem ficou provada num ciclo de debates — *Diálogo com os Poetas* — que a Universidade de São Paulo promoveu há pouco. Quase duzentas pessoas, pagando 30 cruzeiros novos de matrícula, compareceram às conferências em que nove poetas leram suas criações e responderam a perguntas da platéia. A maioria das questões, de ordem pessoal, deixou claro que o público esperava encontrar pela frente uma raça de figuras mitológicas, completamente alheias à realidade. Até que uma poetisa precisou proclamar:

— Os poetas não são uns desgraçados. Êles não fazem poesia porque sofrem mais que os outros. Fazem poesia porque sentem necessidade.

Foi então que a menina de curso clássico, sentada na primeira fila, criou coragem e perguntou:

— A poesia é necessária?

Indicações

LIVROS

O Desafio da América Latina (Editôra Laudes), **Luta por um Mundo Melhor** (Editôra Expressão e Cultura), de Robert Kennedy, e **Não Podemos Esperar**, de Martin Luther King, Editôra Senzala. Três lançamentos que ajudam a entender por que a violência calou seus autores, homens semelhantes na coragem de suas vidas e na tragédia de suas mortes. Kennedy sugere o que pretendia fazer se chegasse à presidência. Sua visão sôbre o desarmamento, os conflitos raciais, o Vietnam e a América Latina indicam muitos dos caminhos interrompidos em Los Angeles. Respondem, por outro lado, às idéias e reivindicações inquietantes que Luther King exprimiu em **Não Podemos Esperar**.

SEGUE

TERRÍVEIS PRESSÕES

A madeira aglomerada torna obseleto o uso do compensado. Muito mais resistente. Não mofa. Não empena. E resiste, indeterminadamente, a ação do tempo. E só Bergamo é fabricado com madeira aglomerada.

TVT

GB

BERGAMO QUER DIZER MÓVEIS.

Êstes 2 livros comoveram o mundo.

1

2

O CAPITÃO, DE JAN DE HARTOG
Eis um romance extraordinário, baseado em rica experiência humana. Romance de amor, de aventuras, de mar, de guerra, narrado com grande mestria, emoção, ímpeto, penetração psicológica. Drama de um comboio lançado no Ártico durante a II Guerra Mundial, êste livro é um brado veemente contra a loucura e o desperdício das guerras, além de mostrar a vida do mar por quem verdadeiramente o conheceu. 328 págs. NCr$ 8,00

O PÔRTO DISTANTE, DE JAN DE HARTOG
Como **O Capitão**, êste também é um **best-seller** mundial. Romance rico e dramático acêrca de jovens viris e suas aventuras na guerra e na paz - se é que existe paz entre um homem e o mar. Uma estória de miséria e amor, que marca os limites da batalha entre o homem e as profundezas. 276 págs. NCr$ 7,00

Êste ainda não, porque primeiro vai comover o Brasil.

... E A PORTEIRA BATEU!, DE FRANCISCO MARINS
Seu personagem central é a terra, ampla e indomada, mas também os que vivem e morrem pensando conquistá-la. Homens e mulheres, plantadores de café, sertanistas, índios, trapaceiros, vilões, lutadores. O sertão bruto é aqui descrito com pungente realismo. Em síntese: um livro capaz de emocionar o Brasil e o mundo.
284 págs. NCr$ 7,00

3

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

4 5

Procure também do mesmo autor: 4 - Clarão na Serra (NCr$ 6,00) e 5 - Grotão de Café Amarelo (NCr$ 5,00 brochura, NCr$ 6,50 encadernado), livros imprescindíveis a quem se interessa sèriamente pela literatura nacional.

Às EDIÇÕES MELHORAMENTOS
Caixa Postal 8120 - São Paulo

Peço enviar-me, pelo Reembôlso Postal, os seguintes livros:
1 - O Capitão, 2 - O Pôrto Distante, 3 - ...e a Porteira Bateu, 4 - Clarão na Serra, 5 - Grotão de Café Amarelo

(marque os números, apenas) ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Brochura ☐ Encadernado

Nome: .....

Rua: .....

Cidade: ..... Estado: .....

ROTE RO

Poesias Completas, João Cabral de Mello Neto, Editôra Sabiá. Em 25 anos de literatura, João Cabral nunca se permitiu a tranqüilidade de um verso fácil. Seu caminho é sempre reto, ainda que sêco e duro. Para quem ainda lê poesia, uma edição obrigatória.

A Cidade e as Estrêlas, Arthur Clarke, Editôra GRD. A utopia do mundo ideal e da vida eterna em conflito com a permanente insatisfação humana, num dos bons romances de um mestre da ficção científica. A felicidade automática, êle diz, não vencerá o instinto da aventura.

DISCOS

Paulo Vanzolini, Onze Sambas e Uma Capoeira — Cientista e sambista, Paulo Vanzolini desmente com suas composições a frase infeliz de Vinicius: "São Paulo é o túmulo do samba". Esta gravação, uma das melhores dos últimos tempos, reúne canções consagradas e recentes: a velha **Ronda** ("... cena de sangue num bar da Avenida São João"), a clássica **Volta por Cima** e a beleza nova do **Cravo Branco** e da ótima **Capoeira do Arnaldo**. Uma excelente antologia do sambão paulista.

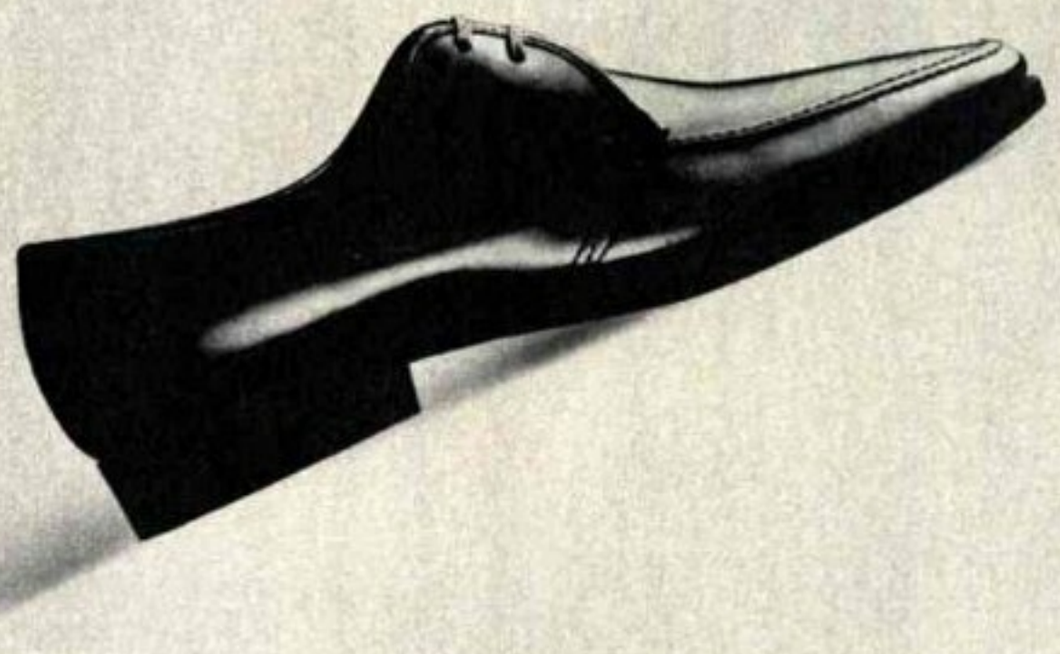
Os Beatles, Magicai Mystery Tour — Eis as músicas, notáveis, do filme, péssimo, que os Beatles fizeram no ano passado para a televisão inglêsa. Contam uma fantástica viagem de ônibus e mostram novamente o alto nível da criatividade lírica e musical dos quatro cabeludos. Vale a pena embarcar na gravação: dois compactos duplos dentro de um álbum com as respectivas letras e a história ilustrada da viagem.

Zimbo Trio e Cordas, volume 2 — Nem sempre dá certo misturar música popular e instrumentos eruditos. Desta vez, deu. Violinos, celos e violas ajudam o trio a compor arranjos de qualidade para **Domingo no Parque**, **Roda Viva**, **Travessia** e outras.

CINEMA

Capitu, direção de Paulo César Saraceni — Querendo ser fiéis ao livro de Machado de Assis e não antevendo que seria impossível passá-lo para o cinema, tal como foi escrito, os roteiristas e o

SEGUE



Qualquer semelhança não é mera coincidência

O Passo Doble anda, anda, anda...
Nenhum outro sapato fabricado no Brasil tem tanta capacidade de andar. E de durar. Cada passo que você dá produz muito menos desgaste. É que a sola é feita de borracha microcelular, super-resistente. E como o Passo Doble é macio, confortável.

Você pode encontrar uma ladeira de 39%. O Passo Doble sobe, sobe, sobe... E o cansaço fica para trás.
Quando você chega em casa, vê como é bom ter o Passo Doble nos pés. E mantê-lo nos pés.
Êle é muito econômico também. Faz muitos e muitos quilômetros...
Além de tudo, é um sapato muito elegante.
(Falando em beleza, repare nas linhas do nôvo Passo Doble — é um sapato moderno para tôda a vida).

Passo DOBLE®

O Passo Doble é um sapato feito com muito bom senso.
Exatamente como um certo automóvel...

(Mostramos êste anúncio aos nossos amigos da Volkswagen e êles o acharam "barra limpa")

mais um bom calçado
ALPARGATAS

ROTEIRO

diretor prejudicaram o próprio filme. A produção é cuidada, os cenários ótimos, a interpretação correta e a fotografia, excelente. Só a história não convence.

Camelot, direção de Joshua Logan — Um filme quadrado sôbre uma mesa redonda: não aproveita o que há de melhor na lenda do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola. Sobrou o drama amoroso do fiel **Sir Lancelot** com a infiel Rainha Guenevere. Artur, passado para trás, finge que não vê e tudo acaba bem, após três horas coloridas de muita cantoria.

As Sete Faces de um Cafajeste, direção de Jece Valadão — Sete atrizes contam sete casos da vida de um atarefado mau-caráter. Herói é quem agüentar até a terceira história.

Réquiem para Matar, direção de Carlo Lisani — O mais estranho bangue-bangue produzido pelo cinema italiano. O mocinho é um pastor protestante, bom no gatilho e na Bíblia: mata os bandidos e encomenda suas almas. Entre os atôres, num papel secundário, o diretor Pier Paolo Pasolini.

TEATRO

O Preço, de Arthur Miller, direção de Luís de Lima, no Teatro Princesa Isabel, Rio — É o que atualmente há de melhor nos palcos brasileiros. Jardel Filho, Leornardo Vilar, Maria Fernanda e Paulo Gracindo compõem um elenco à altura do magnífico texto de Miller: o preço da reconciliação de dois irmãos brigados há vinte anos são os bens do falecido pai. Um espetáculo obrigatório.

A Cozinha, de Arnold Wesker, direção de Antunes Filho, no Teatro Aliança Francesa, São Paulo — Antes de se tornar teatrólogo, Wesker trabalhou dez anos como cozinheiro, o que lhe permitiu preparar uma receita com trinta personagens e muita confusão. Entre um prato de arenque e uma sopa de cebolas, os garçons trazem a mensagem do autor: **A Cozinha** é o mundo em que vivemos, onde "o que interessa é servir rápido e quente — a qualidade que se dane". A direção sabe aproveitar o sentido trágico das situações cômicas. FIM

LEVE AS AULAS PARA CASA. LEVE A DISCOTECA AONDE FOR.

(Com gravadores Toshiba, é claro!)

E não será difícil descobrir que o gravador Toshiba é leve e prático. Nem que é fiel nas reproduções de aulas ou dos seus momentos de prazer e entretenimento. Nem que Toshiba é econômico e de fácil operação. E mais: que os modêlos GT 611 P e GT 420 P possuem microfones de alta sensibilidade, e funcionam com 6 pilhas ou eletricidade. E assim V. descobre que as aulas ficam mais fáceis e as músicas têm a vibração de uma orquestra, ao vivo. Com Toshiba, é natural. Visite um revendedor Toshiba e nunca mais deixe o professor na classe ou a discoteca trancada em casa. Pensando bem, é difícil viver sem a Toshiba.

Toshiba

- QUALIDADE DESDE 1875

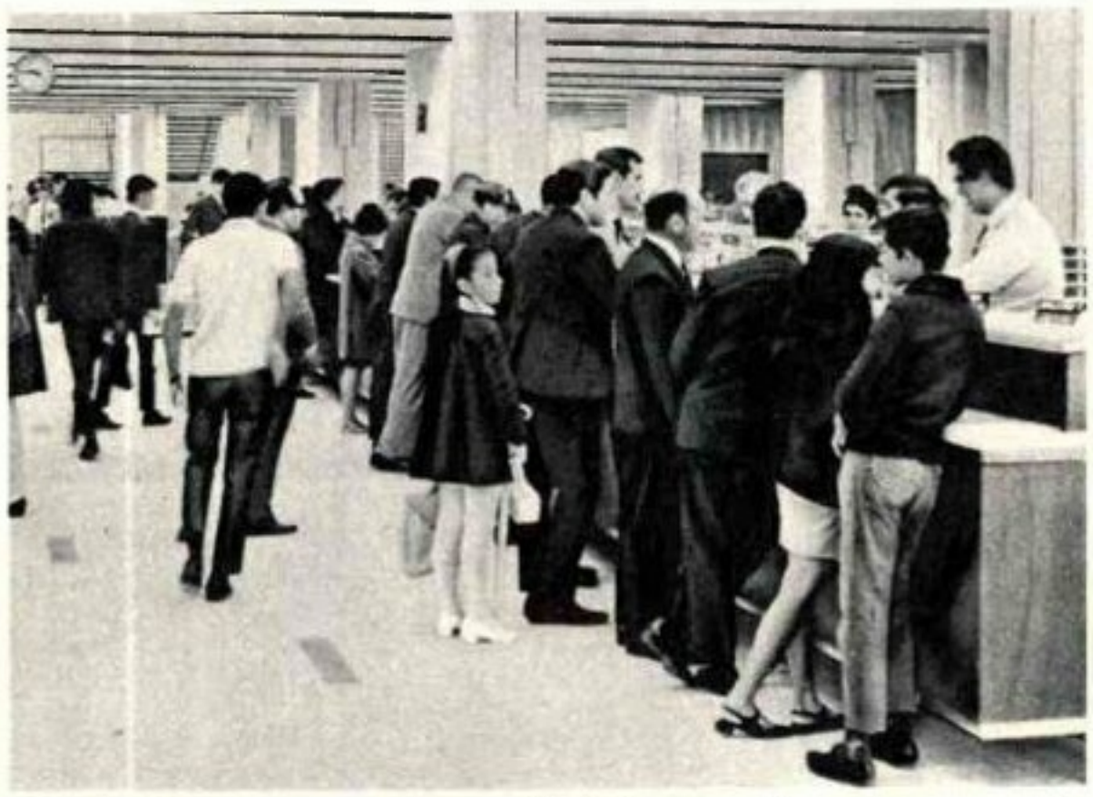
- do pequeno transistor a reatores atômicos.

TOKIO SHIBAURA ELECTRIC CO. LTDA.

Representante em São Paulo: Rua Braulio Gomes, 36 - 2.º andar - Fones: 36-4701 - End. Telegr.: TOSHIBA - São Paulo

Grupo Otto

O Banco da Lavoura de Minas Gerais é o único que tem uma escola de administração bancária. Não faz mais do que sua obrigação.



Quem tem 472 agências é obrigado a preparar pessoal especializado.

Certamente v. já ouviu dizer que quando um funcionário do Banco da Lavoura demonstra excelentes condições para ser gerente, nós o afastamos imediatamente. Com isso, já perdemos ótimos caixas, procuradores e arquivistas.

É que êles passam 50 dias no Curso de Formação de Gerentes, da Escola de Administração Bancária "Clemente de Faria". Com isto ganhamos ótimos gerentes.

Ou melhor, conselheiros de negócios.

É para isso que existe a nossa Escola de Administração Bancária. Para formar gerentes que possam dar a v. mais coisas do que um irritante não, ou um agradável sim.

E também para que a rêde de 354 agências do Banco da Lavoura de Minas Gerais e mais as 118 de um banco associado, o Banco Bandeirantes do Comércio S. A., totalizando 472 agências, possa ter mesma conduta. Afinal de contas, nossos funcionários que cursam a Escola aprendem as mesmas coisas, com os mesmos professôres. Por isso, o Gerente de Ouro Prêto e o Gerente de São Paulo resolvem com a mesma facilidade os seus problemas. E o gerente de uma agência menor está em condições de administrar com a mesma eficiência uma grande agência. E vice-versa.

Êles saem para a rua exigindo coisas. Gritam "abaixo a ditadura e abaixo o imperialismo". Ocupam faculdades. Fazem greves. Aulas, não freqüentam. Quase sempre, falam em nome da UNE — União Nacional dos Estudantes —, que por lei não existe. Mas o repórter José Carlos Marão assistiu na Bahia a uma secretíssima reunião de sessenta líderes estudantis de todo o País — o Conselho Nacional da UNE. E viu que nesta entidade fora da lei os estudantes estão divididos por muitas lutas internas. Mas pelo menos numa coisa todos estão de acôrdo:

ÊLES QUEREM DERRUBAR O GOVÊRNO

"Nossos generais podem ficar tranqüilos. O que aconteceu na França não vai repetir-se no Brasil. Vai ser muito pior."
Luís Raul Machado, vice-presidente da UNE, num discurso, na Cidade Universitária, São Paulo, quando os estudantes ocuparam o prédio da Reitoria, em 12/6/68.

Por obra de uma ou outra misteriosa troca de senhas, alguns nomes de guerra, um cabelo comprido raspado de repente ou um bigode que desaparece de um dia para o outro, êles sempre acabam conseguindo fazer o seu *serviço*. Tudo isso é necessário, pois o serviço é clandestino, ilegal, de vez em quando subversivo. E os autores, às vêzes, procurados pela polícia no País inteiro.

Êles são, no seu próprio dizer, as lideranças estudantis brasileiras. Estão na UNE, União Nacional dos Estudantes, e nas UEEs, Uniões Estaduais dos Estudantes. E conseguem estar sempre — com as siglas, as presenças ou até liderando mesmo — em qualquer lugar do País onde haja passeatas, protestos, greves, ocupação de faculdades e coisas do gênero.

Pelo jeito, gostam muito de fazer o que fazem e devem gostar também do clima de tensão nervosa em que vivem o tempo todo, graças à polícia e a algumas ordens de prisão preventiva.

A tensão está sempre junto com êsses estudantes, como estêve na manhã do dia 16 de maio, dentro de um Volkswagen, que, muito comum e anônimo como uns outros milhares de carros, corria alguns pontos estratégicos de Salvador, Bahia, levando dentro uma môça e três rapazes. Parou numa esquina, um dêles pôs o pescoço para fora:

— Nada?

Um rapaz parado na esquina, encostado no muro, com um paletó pendurado no braço e, fazendo questão de mostrar bem a capa da revista que estava lendo, respondeu:

— Nada.

O carro saiu, normalmente, como se não estivesse "checando" cada um dos *pontos* onde deveriam aparecer os dele-

SEGUE

FOTO DE ÉDISON JANSEN

Fazem reuniões secretas e planejam agitações

gados estaduais para uma importantíssima reunião do Conselho Nacional dos Estudantes (onde comparecem dois ou três líderes de cada Estado), convocado pelo presidente da UNE, para tratar da preparação do 30.º Congresso, e principalmente discutir uma questão criadeira de muita briga entre êles: o diálogo ou não com as autoridades.

ESTUDANTES
CONTINUAÇÃO

Uma divisão

Nem bem o Volkswagen saiu da esquina, apareceu por perto outro rapaz, carregando a tiracolo uma bôlsa dessas de companhia de aviação, barbudo, sujo, parecendo mais um operário desempregado, nunca um estudante. De longe viu a capa da revista que o outro lia, viu o paletó no braço, olhou o relógio, chegou perto:

— Você conhece o Flávio?
— Sou eu.
— Pois eu quero matricular-me naquela escola ali.
— Já foi preenchida a última vaga.
— Eu vim para o Conselho da UNE.

O recém-chegado recebe uma indicação para onde ir, os horários de ônibus, preço e novas senhas. Levar pouca bagagem, ter sempre uma história coerente para a polícia, vestir roupa que não pareça roupa de estudante, terno e gravata de preferência, são algumas regrinhas recomendadas para quem viaja. Outra é a pontualidade. O *ponto amarrado* só espera dez minutos de manhã, dez à tarde, para *não dar na vista*. Se o viajante perde os encontros, tem um *ponto alternativa* para o dia seguinte e nada mais.

Mas são regras nem sempre seguidas. Por exemplo, Luís Travassos, um dos homens mais procurados do País, por ser o presidente da UNE, por ter organizado o 29.º Congresso em São Paulo iludindo tôda a polícia, por ter organizado em Belo Horizonte a Semana de Solidariedade ao Povo do Vietnam, e por outras agitaçõezinhas menores, é um dos que mais recomendam as regras de segurança.

Mas êle próprio, Luís Travassos, mais ou menos na mesma hora em que o Volks rodava por Salvador, estava ainda na estação rodoviária no Rio de Janeiro, completamente *exposto*, como dizem êles, discutindo com a môça de um guichê. Dormiu demais, perdeu o ônibus. Não tinha nada de bagagem e absolutamente nenhum tostão no bôlso. E queria fazer valer a passagem para o ônibus seguinte.

Luís Travassos, 22 anos, é um môço magrelo, meio alto, de voz e sorriso muito calmos, mas que numa assembléia ou concentração de estudantes se transforma. "Falando, é um leão", dizem dêle. Nasceu para as políticas de estudantes na Faculdade de Direito da Universidade Católica de São Paulo. De lá, foi eleito presidente da UEE-SP. E, depois dêsse dia, trocou uma casa confortável no bairro de Santo Amaro, na capital paulista, por uma vida corrida, de reuniões, prisões, discursos, discussões e fuga da polícia.

Seu pai, pequeno industrial, não o viu mais. Luís mora em qualquer casa, veste qualquer roupa. Está sempre meio sujo, meio barbudo, só troca de camisa quando a noiva consegue achar alguém que vai encontrá-lo e manda uma. Dinheiro, está sempre sem nenhum. Não procura a família, para não "complicar o pessoal", mas não consegue esconder um pouquinho de emoção, um certo olhar para cima, quando fala dêles:

— Eu tenho esperança de que logo haja liberdade para vê-los, sem deixar de fazer o que faço atualmente.

Pois naquela manhã na rodoviária, a sorte de Luís foi que apareceu outro líder estudantil com o mesmo destino, Salvador, levado até a rodoviária num carro "especial". Travassos aproveitou o carro e conseguiu alcançar seu ônibus alguns quilômetros adiante. Mas esqueceu de pedir dinheiro emprestado, e fêz suas trinta horas de viagem sem comer um único sanduíche.

E o Sr. Travassos precisava chegar de qualquer jeito, pois, sendo o líder de um dos lados da UNE, tinha que estar lá, para tentar fazer valer seus pontos de vista, dentro da UNE dividida.

Essa divisão começou logo depois do 29.º Congresso, no ano passado, em São Paulo, quando Travassos foi eleito, junto com outros nove diretores. A diretoria deveria escolher um representante brasileiro para a OCLAE, Organização Continental Latino-Americana de Estudantes, com sede em Cuba. Travassos e mais três diretores apoiavam o nome do estudante José Jarbas Cerqueira. Os outros seis não discordavam, mas queriam que houvesse mais representantes, em rodízio. Travassos, em minoria dentro da diretoria, resolveu convocar o

SEGUE

O QUE É, O QUE FÊZ

A UNE, União Nacional dos Estudantes, apesar de extinta pelo Govêrno, é um órgão de representação política dos estudantes. Assim como as UEEs são igualmente de representação política. Sua função é cuidar das reivindicações dos universitários em têrmos amplos e atraí-los para a participação nos grandes problemas nacionais e internacionais.

Para as reivindicações específicas de cada curso existem as executivas profissionais. Por exemplo, Executiva de Engenharia, Executiva de Medicina, que atendem a necessidades do tipo "mais laboratórios", "mais material".

Internacionalmente, a UNE é ligada à OCLAE, Organização Continental Latino-Americana de Estudantes, com sede em Havana, Cuba. Era ligada também à União Internacional dos Estudantes, de linha soviética, mas, na prática, desligou-se, desde que, num dos congressos dessa entidade, a delegação brasileira retirou-se durante o plenário, por discordar da perspectiva política da UIE.

Os órgãos são o Conselho Nacional dos Estudantes, que pode reunir-se quantas vêzes fôr necessário, por convocação do presidente. Reúne as UEEs, DCEs e executivas, mas só as UEEs podem votar. Outro órgão é o Congresso Nacional dos Estudantes, que reúne dois representantes de cada faculdade brasileira, para escolher os caminhos políticos dos estudantes e eleger a diretoria da UNE.

Os **trabalhos** da UNE foram, principalmente, êsses:

1937 — É fundada, como entidade antifascista, para combater a ditadura Vargas. Os estudantes tomam o prédio do Clube Germânia, no Rio, que até 1964 seria sede da UNE. Pressionam Vargas para o Brasil entrar na II Guerra.

Década de 1950 — Fazem a campanha "O Petróleo É Nosso".

1960 a 1964 — Lutam pelas "Reformas de Base".

Abril de 1964 — Desaparece do cenário.

Fins de 1964 — É reconstruída, para combater a Lei Suplicy.

1965 — Realiza, em São Paulo, o 27.º Congresso. Decidem boicotar a Lei Suplicy e não participar das entidades oficiais de estudantes criadas pelo Govêrno.

1966 — A passeata dos calouros, em Belo Horizonte, inicia a série de mobilizações da UNE desafiando a polícia. Em setembro, fazem o movimento que ficou conhecido como a **setembrada:** mobilização contra as anuidades e a repressão e tomada de faculdades. Ocasião que a UNE chama de "massacre da praia vermelha", com o espancamento de mais de mil estudantes.

1967, fevereiro — Seminário da UNE contra o MEC-USAID. Começou a moda de queimar bandeiras americanas em público.

1967, março — Passeatas para dizer que o Govêrno mudou porém "a ditadura continua".

1967, agôsto — Realiza-se em Vinhedo, São Paulo, o 29.º Congresso, com quatrocentos delegados de todo o País, iludindo o sistema de repressão e as afirmações de que o Congresso não se realizaria.

1967, setembro — José Jarbas é enviado para a OCLAE e começa a divisão do movimento estudantil entre "conciliadores" e "radicais".

1967, outubro — A UNE promove, em Belo Horizonte, a Semana de Solidariedade ao Povo do Vietnam, com um júri popular, presidido pelo Deputado Mata Machado, que julgou os EUA "culpados de agressão".

1968 — Edson Luís morre no Rio e a UNE lança a "Semana de Luta pela Derrubada da Ditadura". Como se fôsse mágica, há agitações estudantis em todo o Brasil ao mesmo tempo.

1968, maio/junho — Cisão na preparação do 30.º Congresso.

Luís Travassos, presidente da UNE. Está com 22 anos. Anda cansado e doente. Precisa fazer uma operação e tratar dos dentes. "Mas não dá tempo", diz.

Alguns preparam discursos contra as autoridades

ESTUDANTES CONTINUAÇÃO

Conselho para discutir a questão, onde conseguiu maioria. José Jarbas é hoje o representante dos estudantes brasileiros na OCLAE. Os outros seis diretores não gostaram do *golpe*. A UNE e todo o movimento universitário começaram então a dividir-se, chegando a tal ponto que logo, logo, pode ser que haja duas UNEs.

Mais divisões

— Mulher que chega num põe mais nem a cara na janela.
— Que isso? Por quê?
— Ordem da Comissão de Segurança. Você já viu retiro de padres que tem mulher no meio?

A ordem tinha sentido. A Comissão de Segurança do Conselho preparou, com base e coerência, uma história de retiro espiritual, para o caso de alguém mais curioso procurar saber o que fazia tanta gente junta. Catarina Meloni, 24 anos, líder estudantil de São Paulo, era a primeira môça a chegar e a primeira a entrar no *esquema*.

Sua chegada provocou algum zunzum, fazendo prever, entre os entendidos, muita briga no Conselho. É que Catarina, quando Travassos deixou a presidência da UEE-SP para assumir a presidência da UNE, ficou no lugar dêle. As coisas correram normalmente até outubro do ano passado, quando ela convocou novas eleições. Nessa altura o movimento estudantil já estava nìtidamente dividido em "radicais" e "conciliadores".

A eleição foi uma bagunça. Houve fraude para os dois lados. Além disso, a chapa de oposição fêz queimarem-se os votos da Faculdade de Filosofia da USP, alegando os regulamentos e a invasão da escola por estudantes do Mackenzie, que queriam impedir a votação.

Catarina resolveu não dar posse a nenhuma das chapas, por causa da bagunça tôda. Mas não adiantou nada. A outra chapa, cujo presidente é um dos líderes da Faculdade de Direito da PUC, José Dirceu, tomou posse por sua própria conta.

— Isso é cupulismo! — saiu gritando por aí a Catarina, depois que uma nota da maioria da diretoria da UNE (aquêles seis) reconhecia Dirceu da UEE-SP.

Dentro da UNE a briga também foi grande. Travassos e mais três defendiam nova eleição, enquanto os outros seis, os mesmos que discordaram no caso do representante na OCLAE, queriam reconhecer José Dirceu. A turma de Travassos ponderava que isso seria *intervenção, cupulismo* e desrespeito à massa estudantil. Pelos mesmos seis e quatro de sempre, perderam. Mas convidaram Catarina para o Conselho. Convidaram Dirceu também. E as discussões prometiam boa coisa.

— Eu não aceito a intervenção da UNE. O Conselho tem que vetar essa decisão — dizia Catarina, entre calma e agitada, enquanto era gentilmente empurrada para dentro de um Aero-Willys.

— Êsse carro vai para lá agora, e você tem que ir nêle: precisa ir escondida, não pode ser vista de jeito nenhum.

Prisões

Num canto, Luís Raul Machado, um dos vice-presidentes da UNE, que ajudou a dirigir a luta da lei orgânica (transformava colégios em fundações) na Bahia e estêve nas manifestações de protesto pela morte de Edson Luís em São Paulo, explicava para o pessoal encarregado de receber os conselheiros da UNE.

— Dois *pontos caíram*.
— Quem?

Luís explicou que José Carlos Moreira, diretor da UNE, e Raimundo Mendes (filho do deputado arenista de Minas, Dnar Mendes), presidente da UEE de Minas, tinham sido presos, logo depois de uma manifestação, em Belo Horizonte, junto com o presidente do DCE da Universidade Católica de lá, Luís Gonzaga. *Cair* é ser prêso. E *ponto*, o lugar onde aquêles dois eram esperados. SEGUE

FOTO DE JORGE BUTSUEM

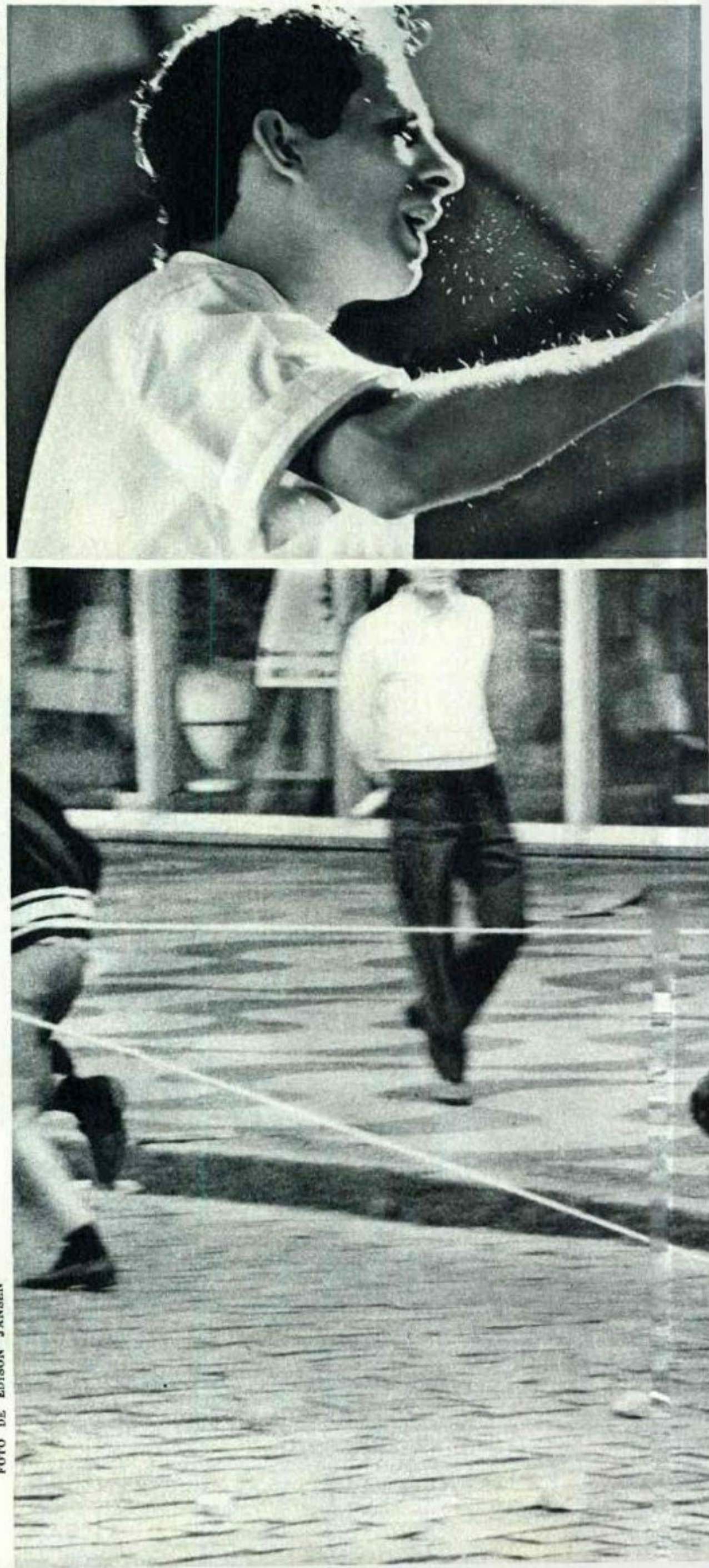


FOTO DE ÉDISON JANSEN

FOTO DE ÉDISON JANSEN

Um discurso de Travassos agita os estudantes que Suplicy, ex-ministro, chamou de bandidos, quando arrastaram seu busto pelas ruas de Curitiba, no Paraná.

Outros estudam como enfrentar a polícia na rua

Mas nem só estudantes são presos. Em Belo Horizonte, numa assembléia da Faculdade de Direito, um certo João Batista, que não explicou bem o que estava fazendo ali, foi *detido* pelos estudantes, no dia 25 de abril, das 8 da noite à 1 da manhã. E confessou ser um polícia infiltrado.

Minas Gerais é um dos Estados onde as manifestações estudantis, depois da morte do estudante Edson Luís, foram as mais violentas. A repressão policial também agiu mais em Minas, porque está funcionando em Belo Horizonte um IPM sôbre agitações de estudantes.

— E só prendem gente que pensa como nós!

Êsse protesto é o de um estudante da *primeira posição*, isto é, aquêles que pensam de acôrdo com Luís Travassos. Êle diz que não foi prêso nenhum dos estudantes da *segunda posição* (primeira e segunda são palavras surgidas em Minas), que seria representada por José Dirceu, em São Paulo, e Vladimir Palmeira, no Rio. São os que defendem o diálogo com o Govêrno e mais algumas outras coisas, combatidas por Travassos e sua turma.

Êsse era exatamente um dos pontos que iam dar mais discussão no Conselho de Salvador — diálogo com as autoridades. A turma de Travassos acha que os estudantes têm que ir para as ruas, para conseguir coisas. As decisões têm que ser discutidas e tomadas pela própria massa, e não só pelas lideranças. A outra turma acha que o movimento estudantil precisa organizar-se primeiro, que o diálogo é bom "porque vai desmascarar o Govêrno e mostrar que êles não querem diálogo coisa alguma". Travassos é a favor da mobilização de estudantes a qualquer hora, pois a organização só pode surgir num clima de luta.

— Do Paraná, será que vem alguém?

Ninguém podia responder. Naqueles dias, em Curitiba, os estudantes tinham ocupado militarmente a Universidade, depois de derrubar um busto do Reitor Suplicy de Lacerda. As notícias estavam chegando esparsas e não se sabia direito ainda o que acontecia.

— Acho que não vem ninguém. As lideranças vão ter que ficar lá.

Cada representante de Estado chegava ansioso para contar as coisas que tinham acontecido nas suas escolas, depois da morte de Edson Luís, nos meses de abril e maio. O Estado do Ceará contava:

— Nossa passeata foi debaixo de tempestade. Denunciamos a ditadura usando a bandeira vietcong. Depredamos o prédio do USIS em três ondas de massa. Fizemos o Exército ocupar a cidade. As lideranças tiveram que se esconder no CEU, Centro dos Estudantes Universitários, protegidas durante três dias pela massa que se concentrava e se revezava ali.

Em Natal, tinha havido a primeira luta de excedentes, vitoriosa. Em João Pessoa, houve passeatas, ocupação do restaurante universitário, perseguição a alguns americanos que moram na cidade, e três pessoas foram baleadas pela polícia. No Recife, greves, passeatas e prisões. Em Brasília, quatro horas e meia de passeata, onde a turma gritava o nome da UNE e queimou uma viatura da polícia.

Ninguém quer ficar atrás:

— Lá em Minas, o povo jogava papel picado de cima dos prédios quando a passeata passava. E os líderes não se esconderam nenhuma vez. Tanto assim que foram presos um diretor da UNE, os presidentes da UEE e do DCE.

Em São Paulo e Rio as agitações andaram também por êsse nível. Mas ninguém tinha para contar um caso tão "grave" como o de Curitiba. E nenhum Estado tem o privilégio do Paraná, onde o reitor é o Sr. Flávio Suplicy de Lacerda, autor de uma lei que já andou pela garganta dos estudantes por muito tempo.

A solução era ir seguindo para o local onde ia haver o Conselho. Esperando para ver se chegava alguém do Paraná, para ver se as *duas posições* chegavam a um acôrdo quanto aos preparativos para o 30.º Congresso da UNE. Os moços seguiam quase sempre sòzinhos, no máximo em dois, para não dar na vista.

Um diretor da UNE, dos últimos a sair para tomar o ônibus, indo para o último Conselho, encontrou casualmente outro estudante que lhe passou um bilhete. Leu, ficou uns trinta segundos olhando para cima.

O bilhete era do pai, que não o via há muitos meses: "Zé, eu e sua mãe estamos muito inquietos. Mas confiamos em você. Seu pai."

Zé leu, pensou, voltou a falar de política estudantil. Afinal, um agitador e líder estudantil também se emociona. Mas tem pouco tempo para isso.

Uma instalação

— Mas como está bom êsse Conselho, hein? Até cozinheiro.

No velho casarão, sem fôrro, de quatro quartos e uma sala, o pessoal estava comentando o *confôrto* das instalações. Teriam até algumas esteiras para dormir. E conseguiram levantar nas faculdades algum dinheiro (coisa de 10 a 15 cruzeiros novos por escola) que deu para comprar comida e contratar um cozinheiro de confiança.

E lembravam de outros conselhos, em que dormiam até dentro e em cima de guarda-roupas, por absoluta falta de lugar. E do famoso 29.º Congresso, no interior de São Paulo, quando a ração diária de cada um era um ôvo cozido e dois sanduíches de queijo.

Desta vez, havia cinco colchões, quatro camas de lona e várias esteiras largas, além de cinco camas de mola sem colchão. Como esperavam de setenta a oitenta pessoas, ia provàvelmente dar muito bem.

A Comissão de Segurança espalhou-se em volta da casa. Ninguém entra sem a senha, ninguém sai, nem com senha. Foram determinados plantões para tôda a noite. Quatro pessoas de cada vez, cada um com lanterna de pilha, trocando sinais de quinze em quinze minutos.

No meio da noite, uma correria na casa. Todo mundo acorda, mas não era alarma nem polícia. Tinham acabado de entrar dois moços, barbudos, ar cansado.

Um dêles — infringindo totalmente as regras de segurança — carregando uma mala enorme. Eram os dois do Paraná.

— Nós temos que voltar depois de amanhã. O reitor deu um prazo muito curto para a nossa resposta à contraproposta que fêz.

— E êsse negócio de ocupação militar? Eu sou contra.

— Mas foi muito bom. Nós organizamos grupos de judô, de karatê, de informação, de estilingue, de bolinha de vidro. Tudo com tempo marcado, em segrêdo. Funcionou que foi uma beleza.

— Vocês ganharam tudo o que queriam?

— Não, porque depois da ocupação um líder se precipitou e saiu gritando "ganhamos". Aí, a massa, uma parte dela, começou a comemorar antes do tempo.

No sábado de manhã, estavam no casarão uns sessenta líderes estudantis, fora as comisssões locais de segurança, abastecimento, etc. Luís Travassos, o líder da *primeira posição*, estava lá e poderia abrir as sessões. Vladimir Palmeira, presidente da União Metropolitana dos Estudantes (que é a UEE da Guanabara), líder da *segunda posição*, também estava presente, para o que desse e viesse.

Vladimir Palmeira, um carioca de altura média, meio gordinho, ia ser um dos *terrores* do Conselho. Com uma condição de liderança inegável, é filho do Senador Rui Palmeira. Muito jovem, tem a habilidade de quem está na política há tempos.

Enfim, líderes estudantis de todo o Brasil iam reunir-se para discutir um plano de ação conjunta em todo o País. Apesar de acontecerem coisas assim, o Sr. Suplicy de Lacerda, no dia 7 de junho, declarou, no Rio de Janeiro, segundo publicações do dia 8: "No Brasil, os centros universitários são muito distantes uns dos outros. Sendo fácil, portanto, organizar a repressão policial, impedindo ao mesmo tempo a organização maciça dos estudantes."

O que querem

Apesar das duas posições, em algumas coisas os estudantes estão completamente de acôrdo. Para êles, o "Govêrno é uma

SEGUE

Entrevista de líderes estudantis com a imprensa, há alguns meses, no Rio. Êles protestavam contra a prisão de colegas e a morte de Edson Luís.

BANCO NACIONAL DO NORTE, DENTRO DO SEÚ ESPÍRITO DE SERVIÇO, INFORMA:

abaeté

veja 6 vantagens que cheques de viagem banorte lhe oferecem.

1 Com cheques de viagem Banorte V. pode viajar com tôda tranqüilidade, mesmo conduzindo grandes somas, pois êles colocam seu dinheiro a salvo de qualquer risco.

2 Os cheques de viagem Banorte são aceitos de norte a sul do país, em qualquer agência do BNN, apresentados simplesmente no balcão.

3 Embora sendo nominais, para sua segurança, os cheques de viagem Banorte podem ser transferidos por endôsso no verso.

4 Os cheques de viagem Banorte são entregues sem cobrança de taxa alguma. Basta V. comparecer pessoalmente ao Banco e adquirir os cheques nos valores desejados.

5 Muita gente pensa que cheques de viagem são emitidos em grandes quantias. É engano: os cheques de viagem Banorte são emitidos nos valores de vinte, cinqüenta, cem, duzentos ou quinhentos cruzeiros novos. Você compra quantos cheques quiser e nos valores que desejar.

6 Os cheques de viagem Banorte só têm valor quando V. nêles coloca a sua segunda assinatura. Isto é motivo de segurança e permite o cancelamento do cheque em caso de perda ou extravio, através de comunicação por escrito a uma das agências do Banco. Nesse caso V. será reembolsado mediante recibo.

A utilização de cheques de viagem Banorte lhe permite despreocupação, contrôle de despesas e é sinal de prestígio para quem os assina durante uma transação. Constate isso em sua próxima viagem a passeio ou a negócios. E sirva-se ainda das inúmeras facilidades que lhe oferecem as agências do BNN, espalhadas de Manaus a Pôrto Alegre, onde V. encontra sempre "um amigo na praça".

BNN BANCO NACIONAL DO NORTE S. A.
um amigo na praça

MATRIZ: Recife - DEPARTAMENTOS: Aracaju, Arcoverde, Belém, Belo Horizonte, Campina Grande, Caruaru, Curitiba, Fortaleza, Garanhuns, João Pessoa, Limoeiro, Maceió, Manaus, Natal, Pôrto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís, São Paulo, Teresina, Timbaúba, Vitória e mais 13 agências urbanas.

Têm as mesmas intenções mas brigam entre si

ESTUDANTES
CONTINUAÇÃO

ditadura", e querem derrubá-la. O acôrdo MEC-USAID é a "infiltração imperialista no planejamento do ensino brasileiro". Todos são contra as anuidades e a transformação das faculdades em fundações.

Nos métodos é que as duas posições não concordam.

Por exemplo, Travassos e sua turma acham que as decisões devem sempre ser discutidas pelo que chamam de *massa*, isto é, todos os estudantes. O movimento estudantil, para êles, só tem sentido quando "tôda a massa está lutando, participando, concordando e tendo consciência de cada ato que faz".

Não pedem legalidade para a UNE. Acham que, se o Govêrno parar de persegui-los, apenas continuarão seu trabalho com mais intensidade. São absolutamente contra qualquer forma de diálogo com autoridades.

— Qualquer diálogo será uma forma de conciliação. Não reconhecemos a ditadura para dialogar.

Acham ainda que em momento nenhum se deve reprimir a massa estudantil, quando todos decidem sair para a rua, como "os dialoguistas" reprimem. Para êles, o grupo de Vladimir Palmeira é de "conciliação" com o Govêrno:

— Vocês são cupulistas, reformistas e conciliadores!

— Vocês são oportunistas!

Palavras

À parte das palavrinhas *oportunistas* e *cupulistas*, muito em voga no movimento estudantil e usadas pelos dois lados, Vladimir Palmeira e sua turma justificam e defendem sua posição assim:

— Devemos dialogar com a ditadura, para denunciá-la ainda mais, porque sabemos que é falsa a tentativa de diálogo. O povo ficará sabendo que nós fomos dialogar, e êles não dialogaram.

Além disso, querem pedir a legalidade da UNE e das UEEs, a liberdade dos presos. Para a outra turma, a de Travassos, "a liberdade dos presos não deve ser pedida. Deve ser exigida, com a massa na rua".

Para o grupo de Vladimir, "não se deve deixar que os estudantes saiam para a rua quando querem. É preciso, antes, organizá-los".

Em resumo, para a *primeira posição*, o verdadeiro nível de deliberação está nas massas; não reconhecem o Govêrno para com êle dialogar; as reivindicações devem ser levadas dentro de um processo de luta. Para a *segunda posição*, a da turma de Vladimir, no Rio, e de José Dirceu, em São Paulo, o diálogo interessa porque obriga o Govêrno a reconhecer os órgãos estudantis, ou então desmascara o que chamam de "ditadura". E a xingação continua:

— Oportunistas!

— Cupulistas!

O Conselho

Vai começar a sessão. A turma sentou no chão da sala, as poucas cadeiras ficaram para os mais espertos. A primeira parte da agenda do Conselho era a análise crítica e autocrítica dos movimentos de abril e maio. O representante de cada Estado contou o que houve em sua terra, dizendo se foi mal conduzido ou bem conduzido e porque.

Quando as discussões acabaram, oitenta pessoas foram procurar onde dormir. Em cada cama, duas pessoas. Num quarto, o pessoal da *segunda posição*, amontoados uns sôbre os outros. Em cada esteira, cabiam de três a quatro pessoas. Môças e rapazes dormiam lado a lado, por pura falta de espaço. Um dêles até pegou uma cama sem colchão, daquelas que têm uma rêde de arame como estrado, e dormiu num corredor, com um bom vento encanado.

Tudo isso, depois de um jantar muito bom. Arroz, tomate, carne cozida picadinha. E comido com a mão, porque a comissão organizadora se esqueceu dos garfos e colheres.

O segundo dia prometia mais. Deveriam ser discutidos o encaminhamento do movimento estudantil — dialogar ou não com o Govêrno — e a preparação do 30.º Congresso da UNE, onde fazê-lo e com quem. E também o caso das duas UEEs existentes em São Paulo.

— Se o Dirceu não chegar, não tem graça.

Dirceu chegou no domingo de manhã, trazendo jornais, informativos, impressos, provas de fraude eleitoral. Tudo muito bem impresso, em bom papel e com bom gôsto gráfico. Alguém lá no meio soltou:

— Jornal deve existir, sim. E se fôr bonitinho como êsse, melhor. Mas não pode ser como êsse, feito por uma cúpula. O jornal tem que ser feito pela massa estudantil.

Votações

O dia foi gasto com o caso das UEEs de São Paulo e com a questão do "diálogo". Brigas por todo lado, até ofensas. Catarina Meloni, a môça alta, vistosa, do interior de São Paulo, voz fina mas firme, pediu que os conselheiros vetassem a intervenção dos seis diretores da UNE da *segunda posição*. Confusões gerais. Na votação final, Catarina venceria por um voto.

Mas na votação do diálogo, que deu as maiores discussões de todo o Conselho (além de boa parte do domingo, tomaria a manhã de segunda-feira), os "conciliadores" ganharam na votação por treze a onze.

Não sobrava tempo para as discussões sôbre a preparação do 30.º Congresso. A Comissão de Segurança lembrou que seria arriscado continuar além de meio-dia de segunda-feira. Além disso, comida e dinheiro já tinham acabado. Travassos determinou que o Conselho continuaria, com qualquer risco.

Mas chegou apenas a abrir as discussões. A Comissão de Segurança, em seguida, chegou com tôdas as passagens de volta. Foi pôsto em votação se seriam perdidas as passagens ou não. A maioria resolveu que não as perderia e delegou podêres à diretoria da UNE para decidir sôbre local e condições de realização do Congresso.

O "racha"

Luís Travassos coça a cabeça para responder à pergunta:

— Mas o movimento estudantil não é um movimento unido?

— É um movimento unido. As massas estão unidas. Mas êsse *racha* era inevitável, porque os *conciliadores* e *dialoguistas* querem frear as manifestações das bases. Êles, na prática, não fazem avançar a luta política do movimento estudantil. Apenas perpetuam o movimento de cúpula.

— Agora que o Conselho terminou, com minoria nas votações para você, o que vai acontecer?

— Êles vão, provàvelmente, fazer o diálogo. Mas será só das cúpulas. As bases, de fato, não querem dialogar. Ou, pelo menos, não querem discutir o assunto.

— E o Congresso?

— Vamos convocar um nôvo Conselho, para discutir. Se o pessoal da outra posição quiser aparecer, não tem importância. Virá gente de todos os Estados, seguramente, e as conclusões serão válidas de qualquer maneira.

— O Congresso é uma exigência do movimento estudantil e será realizado de qualquer maneira.

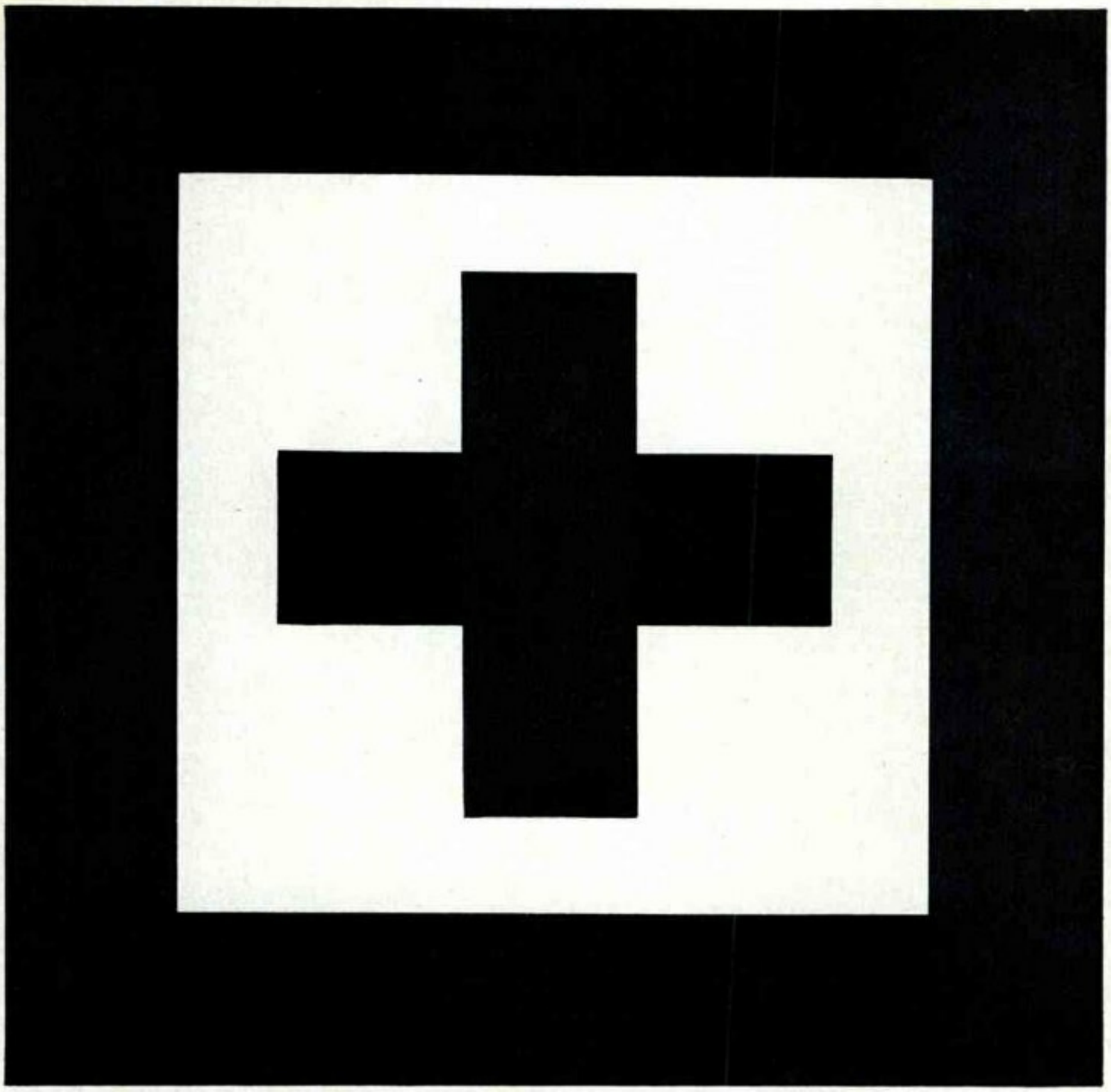
Se realmente acontecer isso, um Conselho em que não apareça o pessoal da *segunda posição*, a maioria dos estudantes ligados às lideranças e às entidades ilegais prevê um *racha*, em têrmos nacionais, do movimento estudantil, como ocorreu em São Paulo. Travassos mesmo responde:

— Faremos tudo para não dividir. Não temos mêdo de perder uma eleição, no Congresso. Mas não é impossível que logo haja duas UNEs, se êles não quiserem participar do Congresso que o Conselho preparar.

— Com relação ao movimento estudantil, em si, o que você e sua turma vão fazer agora?

— Cada líder vai voltar para seu Estado. Em cada Estado vamos divulgar, nas bases, as nossas posições. Só interessa para nós ser UNE se formos, de fato, uma união nacional de estudantes. E não uma UNE que decide coisas nas cúpulas, sem consultar ninguém.

SEGUE



ē preciso que alguēm lhe diga a verdade: seguro obrigatōrio sō protege atē certo ponto !

Se o seu carro bater num muro, você paga o carro e o muro. Se o seu carro pegar fogo ou fôr roubado, paciência, quem paga é você. Idem se as chuvas inundarem o seu carro. E, se você der uma dessas batidinhas corriqueiras, cuja despesa não passe de NCr$ 100,00, você paga os 2 prejuizos: o seu e o do terceiro envolvido.
Como você vê, o seguro obrigatório protege, em parte, apenas o patrimônio e a vida de estranhos. O seu, não!

Aí é que está a vantagem de você fazer seguro com a Planalto: obrigatório ou não, você jamais compra gato por lebre. A Planalto explica a você, com tôda a franqueza, o seguro mais adequado para proteger o seu patrimônio, sua vida e a dos seus entes queridos.
Se você quer conservar seu patrimônio, seja êle qual fôr, entregue-o aos cuidados da Planalto. Ela garantirá para sempre o que é seu.

PLANALTO
CIA. DE SEGUROS GERAIS

Rio: Av. Presidente Vargas, 446 - grupo 2006/7 - tel.: 43-8781
S. Paulo: Rua 24 de Maio, 53 - 1.º andar - tel.: 32-1109 — Rua Líbero Badaró, 182 - 6.º andar - tels.: 32-1843 - 34-4360

INCÊNDIO - AUTOMÓVEIS - LUCROS CESSANTES - ROUBO - QUEBRA DE VIDROS - TRANSPORTES MARÍTIMOS E TERRESTRES - CASCOS - CRÉDITO INTERNO - RESPONSABILIDADE CIVIL - RESPONSABILIDADE CIVIL OBRIGATÓRIO - ACIDENTES PESSOAIS - FIDELIDADE - RISCOS DIVERSOS - TUMULTOS E MOTINS

Só fazem política, e não pensam em mais nada

ESTUDANTES
CONTINUAÇÃO

O Conselho terminou mais ou menos melancòlicamente. Cada um voltou para sua escola. Luís Travassos, barbudo, a camisa suja, seguiu para o Rio, foi levar suas idéias aos outros estudantes. Honestino, líder de Brasília, foi fazer o mesmo. Catarina Meloni, meio vitoriosa, meio derrotada, dois dias depois estava em São Paulo. Vladimir Palmeira, um pouco mais vitorioso, pelo menos na questão do diálogo, voltou satisfeito.

A nota

Nem bem passados três dias, uma nota, assinada por três diretores da UNE — Luís Travassos, José Carlos Mata Machado (filho do deputado mineiro Mata Machado, MDB) e Luís Raul Machado —, ia circular por quase tôdas as escolas do Brasil. Ela denunciava "a tendência entre algumas lideranças estudantis, inclusive de diretores da UNE, de frear o movimento estudantil, diminuindo o avanço da luta contra a ditadura e o imperialismo". Dizia ainda que o próximo Congresso tem que ser quase público, isto é, todos os estudantes precisam saber quem está lá, devem escolher seus próprios delegados que, por sua vez, defenderão posições discutidas em cada faculdade.

Entre os diretores, a proposta da *segunda posição* era bem diferente: comissões e assessorias tratariam da data, local, credenciais, sem que o movimento estudantil tivesse conhecimento disso, por "motivo de segurança".

Condenando isso, dizia por fim a nota dos três da *primeira posição* (o quarto dêles fôra prêso, em Minas, há pouco):

— Tenta-se substituir o movimento estudantil por comissões.

As lutas estudantis iam continuar, de qualquer modo.

No Rio, logo depois, os estudantes saíram à rua para *dialogar*, e deram com a polícia. Em Campinas, São Paulo, tomaram a Reitoria. Outra Reitoria, desta vez na capital paulista, na Cidade Universitária, também era ocupada pelos estudantes por algumas horas, liderados por Luís Raul Machado, da UNE, junto com José Dirceu, de uma das UEEs. Na Bahia, tôdas as faculdades entraram em greve. No Rio, os estudantes estavam escrevendo nos muros da Universidade do Brasil, o reitor saiu na janela e pediu que parassem, pois a verba que usaria para limpar as paredes poderia ser usada para melhorar o ensino. E a resposta:

— Essa é a única forma possível de comunicação entre os estudantes e o povo. A imprensa, dominada por interêsses contrários aos dos estudantes, não transmite com fidelidade nossas principais reivindicações.

E, em São Paulo, numa passeata de estudantes secundaristas, em que Catarina Meloni tinha falado, outro universitário pediu a palavra:

— Colegas secundaristas. Falou aqui, em nome da UNE, uma oportunista. Ela não é...

E não conseguiu mais falar. Houve uma vaia só. Tentou falar de nôvo, mais vaias. Êle e alguns outros da *segunda posição*, estratègicamente distribuídos entre os secundaristas, retiraram-se. Foi um dos melhores dias de Catarina:

— Ficou contente com a vitória, Catarina?

— Claro. Você viu? A massa está com a gente.

— Catarina, você só faz política estudantil, mais nada?

— Mais nada.

— É disso que você gosta?

— É.

— Não sobra tempo nem pra namorar?

— Sobra, claro. Afinal, êsse trabalho não é tão árduo assim.

— E você tem namorado?

— Não, *num* dá tempo.

FIM

VOCÊS SÃO COMUNISTAS?

— A UNE de vocês realmente existe, como representação?

Luís Travassos e Luís Raul Machado olham-se, um dêles responde:

— A UNE é cada vez mais a união nacional dos estudantes. É a única entidade que representa politicamente os estudantes brasileiros. Houve prova disso no repúdio à Lei Suplicy, na participação cada vez maior nos congressos e nas constantes manifestações de massa.

— A UNE é comunista?

— A UNE não é comunista. As posições da UNE são aprovadas nos congressos e conselhos. Hoje, ela se define com todo o rigor como a entidade que coordena a luta do movimento estudantil contra a ditadura. Se ser comunista é trabalhar para um movimento estudantil cada vez mais integrado na luta da grande maioria do povo brasileiro por sua libertação, se ser comunista é identificar como causa principal da miséria do povo a dominação imperialista, se ser comunista é lutar contra a opressão sôbre os operários, camponeses, profissionais, intelectuais, então nós somos comunistas. Nós dois aqui, pelo menos.

— E de onde vem o dinheiro que vocês gastam? É verdade que recebem verbas de Moscou, Havana e Pequim?

— Infelizmente, essas vultosas verbas de Moscou, Havana e Pequim nunca chegaram. O movimento estudantil tem cada vez mais sustentado sua entidade nacional, com coletas nas escolas, vendas de texto, etc. Alguns setores profissionais também contribuem para a manutenção da UNE.

— E vocês acham que representam, de fato, a massa estudantil?

— A resposta será dada no 30.º Congresso da UNE — que será preparado nas bases, com delegados eleitos em assembléias gerais, com discussões que já começam a ser feitas e, principalmente, com a mobilização do movimento estudantil brasileiro para a sua realização.

— Vocês não acham que deveriam preocupar-se mais com seus estudos que com política?

— Em primeiro lugar, os estudantes devem participar de política como parcela do povo. E é ridícula a alegação de que devemos entrar para os partidos políticos oficiais, o do sim e o do sim-senhor, pois êles não representam nada. São um disfarce da ditadura. Em segundo lugar, o estudo, hoje, é dificultado por razões políticas. Não há verbas e a reforma universitária que querem fazer é em função dos interêsses das grandes emprêsas capitalistas. Para podermos estudar verdadeiramente não nos podemos conformar em ser moldados para ajudar a manter, em nossa vida profissional, a estrutura podre da sociedade.

— Há algumas ligações entre as agitações que vocês promovem aqui e as que estão ocorrendo na França, Alemanha, Polônia, Tchecoslováquia, etc.?

— Não. Bem que gostaríamos. Mas, no plano internacional, a posição da UNE deve ser a de se integrar principalmente na luta antiimperialista dos movimentos estudantis da Ásia, África. Achamos justa, no entanto, a luta dos estudantes europeus.

— A UNE coloca os estudantes na rua, na hora que quiser?

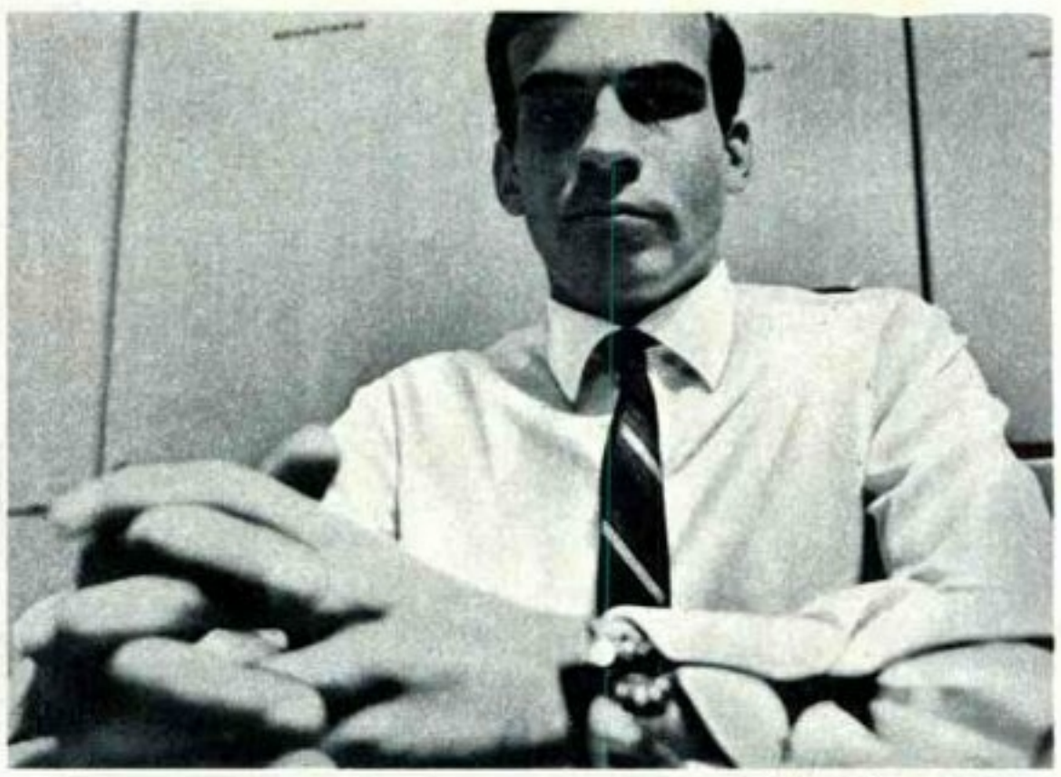
— A turma vai às ruas quando precisa, para lutar por suas exigências no plano educacional e suas posições políticas. Nós, da liderança, podemos, diante disso, tomar três atitudes: ir à frente da luta (é o papel que devemos adotar sempre), ir a reboque da luta ou frear a luta.

— A luta de vocês é também uma luta de gerações?

— É preciso desmistificar essa história de conflito de gerações, poder jovem e outras bobices. O que há — quer a gente queira ou não — é uma luta de classes. Não é de moços contra velhos, mas de oprimidos contra opressores. E os estudantes querem lutar junto com o povo por sua libertação.

Para êles UNE não representa estudante

Min. Tarso Dutra



Lincoln Carvalho

O Ministro Tarso Dutra, da Educação, acha que a UNE não existe:

— Eu, como jurista, não posso reconhecer a existência de uma entidade extinta. Ela pode existir, mas apenas como uma realidade.

— O senhor acha que os diretores da UNE estão comprometidos com algum partido que não se enquadre no regime brasileiro?

— Não é isso. O estudante está vivendo uma fase de mudança profunda na sociedade. Estamos ingressando na fase científica e tecnológica. Por isso todos êsses acontecimentos no mundo inteiro.

O ministro acha que os estudantes não recebem dinheiro de fora. Para êle, o dinheiro vem das **taxas de calouro** cobradas pelos centros acadêmicos nos vestibulares.

Sôbre a participação dos estudantes em política diz:

— O estudante tem o direito e o dever de participar de problemas políticos. Mas há a lei orgânica dos partidos, que declara essa conduta privativa dos que se inscrevem num partido. O caminho seria inscrever-se numa das organizações partidárias existentes e nela emitir suas idéias. Se não concordam com os programas, podem tentar fazer mudar a orientação programática da organização a que se filiarem. Acho, finalmente, que só se pode fazer o que a lei permite.

Estudante deve estudar?

Opiniões do Professor Flávio Suplicy de Lacerda, reitor da Universidade Federal do Paraná e ex-ministro da Educação.

— Qual a sua definição de estudante brasileiro?

— É preciso definir estudante? Estudante é estudante. É um cidadão que está em formação, para ser dirigente, amanhã.

— O estudante deve só estudar? Ou deve participar ativamente da vida política do País?

— Em primeiro lugar, deve estudar. É para isso que êle entra na Universidade. E deve participar da vida política, entrando nos partidos existentes. A lei, aliás, é clara: os diretórios, como tais, não podem fazer política, mas não significa que o estudante não possa participar da vida política da nação.

— São lícitas e válidas as reivindicações estudantis de renovação da Universidade brasileira?

— A Universidade brasileira tem sido um conjunto de escolas isoladas, sob um comando único. Isto é a tradição que existe no Brasil. Atualmente, está sendo feita uma reforma, porque já se sentiu que o que existe não corresponde às necessidades atuais. Iniciou-se a reforma com o Estatuto do Magistério, cujo anteprojeto é meu.

— Como definiria a UNE, seus partidários e reivindicações?

— A UNE é uma agremiação fora da lei, extinta.

— É a UNE a legítima representante dos estudantes brasileiros?

— Esta pergunta sòmente o estudante é que poderá responder.

— Qual a crítica que se poderia fazer à ação da UNE?

— Seria interessante perguntar à Comissão de Inquérito que investigou a UNE. A ação de tal entidade ficou muito bem apurada e foi em virtude de tal inquérito que a UNE foi extinta.

— Acredita que os diretórios acadêmicos representam, de fato, os estudantes brasileiros?

— É claro que representam. Êles existem justamente para isso, de acôrdo com a lei.

— Por que sugeriu o fechamento da UNE?

— Não sugeri o fechamento da UNE. Esta foi extinta em virtude de um inquérito e de um dispositivo expresso na lei. O processo de extinção realizou-se dentro dos prazos legais. O decreto de extinção definitivo foi de autoria do Presidente Castelo Branco. Eu o apoiei.

— Hoje ainda agiria assim? Isto é, hoje também proporia ao Govêrno o fechamento da UNE?

— Hoje também apoiaria o Govêrno, com mais vigor, porque estou sabendo de coisas que antes não sabia.

— Como e o que o estudante deveria reivindicar?

— Para mim a maior reivindicação do estudante deveria ser a do ensino gratuito para o pobre, e pago para o rico. Isto, aliás, é um preceito constitucional e, como tal, deve ser respeitado. Isso seria patriótico, seria demonstração de amor à pátria e seria a contribuição do estudante para a garantia do futuro do Brasil.

— Quais as suas reivindicações mais justas?

— A Universidade está sendo reformada. Os estudantes têm representantes nos órgãos colegiados e nêles se manifestam livremente. Quanto ao mais, pelo menos no Paraná, têm pleiteado restaurantes e ensino gratuito. Até agora, a mim não pediram mais nada. Provàvelmente vai sair um diálogo. Esperemos o que dêle vai resultar e, então, saberemos o que quer o estudante. No Paraná o diálogo significa entendimento amistoso. A qualquer momento os estudantes podem dizer-me o que querem ou pleiteiam, e sempre obterão o que é justo e razoável. O diálogo que eu pleito é o que integra o estudante na Universidade, o que se verifica entre o professor que ensina e o aluno que estuda. Para tanto será necessário pagar bem ao professor e dar-lhe tempo integral. A não ser assim, pouco se obterá na Universidade, como instituição de integração de propósitos, entre moços que se preparam e mestres conscientes das suas responsabilidades.

Quem estuda, paga

O estudante Lincoln da Silva Carvalho, presidente do Centro Acadêmico Horácio Lane, da Faculdade de Engenharia da Universidade Mackenzie, São Paulo, não pensa exatamente como o pessoal da UNE. Para começar, é a favor de que as faculdades cobrem anuidades:

— O estudante que paga um curso atinge um grau de responsabilidade muito maior do que se tivesse feito um curso gratuito.

Não é exatamente a favor do acôrdo MEC-USAID, mas tem sôbre êle déias próprias:

— O conhecimento dos técnicos americanos para auxiliar o planejamento, a reestruturação e eventuais reformas no sistema universitário brasileiro é válido e bom, desde que dosado e adaptado por técnicos brasileiros. Não quero dizer que sou a favor. Apenas acho que será bom se executado dentro dêsse espírito.

Lincoln também é contra as passeatas, pois acabam sempre "sendo distorcidas para uma manifestação política". É também contra as palavras de ordem lançadas pela UNE em passeatas, como por exemplo a frase "abaixo a ditadura":

— Não sei por que usam a palavra ditadura. Um país onde os estudantes podem sair gritando isso, não é uma ditadura.

Sôbre as representações estaduais e nacionais de estudantes é contra. Não foi convidado para votar nas eleições da UEE e, se fôsse, talvez não votasse.

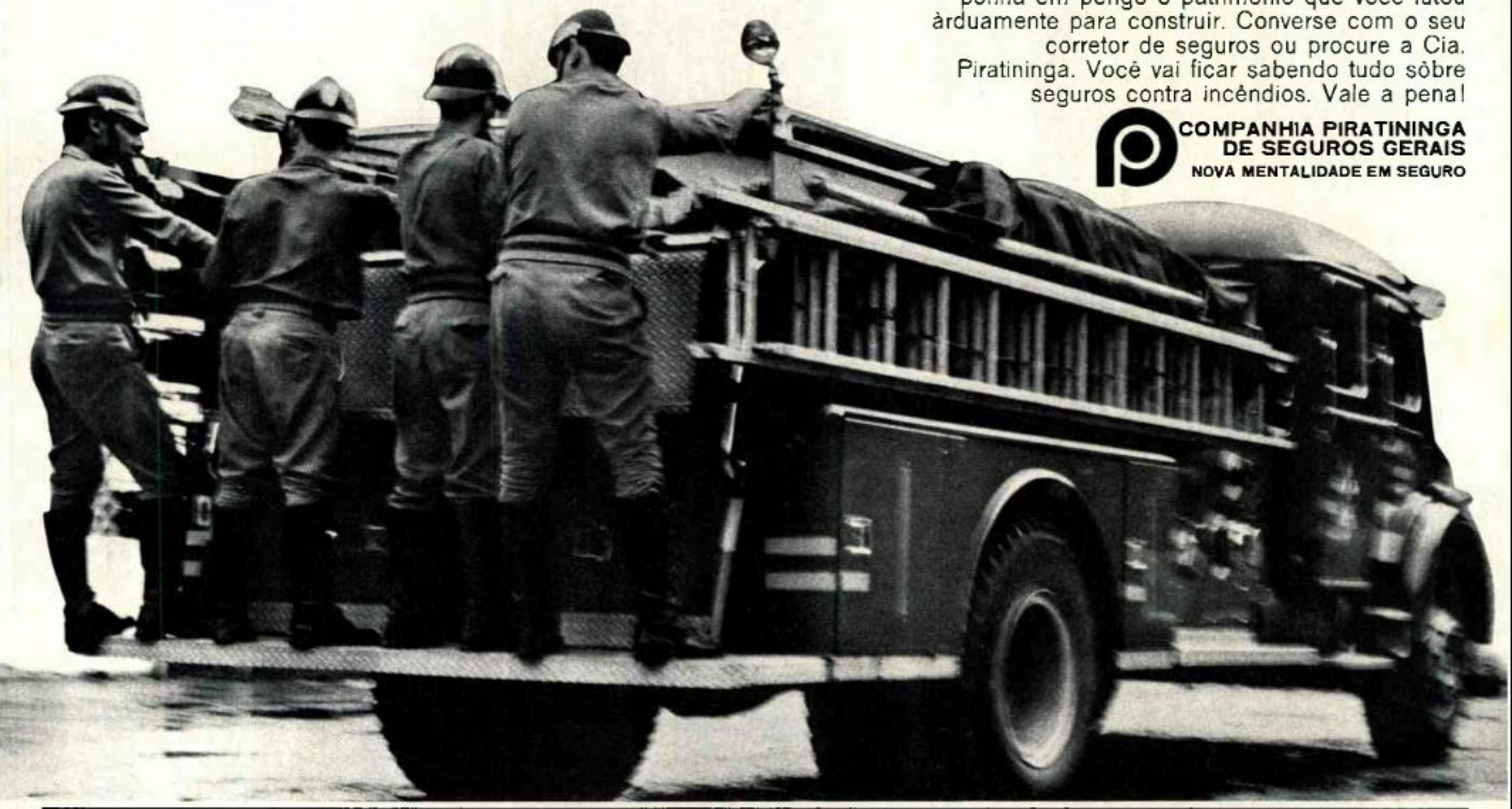
— Com qual dos dois lados da UEE de São Paulo, a da Catarina ou a do Dirceu, você concordaria?

— Com nenhum dos dois. Os dois estão errados, mas José Dirceu, hoje, está mais correto. Êle pode até ser considerado de direita, dentro dêsses esquerdismos, porque criticou o encaminhamento das últimas agitações estudantis. Mas, na verdade, tanto Catarina como Dirceu são de esquerda. E a têrmos de representação, sou a favor apenas das executivas profissionais, pois são as únicas que podem resolver as reivindicações específicas de cada faculdade.

Tomara que êsses homens não estejam indo para sua fábrica, nem para sua loja, nem para sua casa.

O seguro contra incêndio é dos mais necessários e dos mais baratos que existem.
Talvez êle não custe por ano o que você gasta por mês em clips na sua indústria. Em luz na sua casa. Ou em sabão na sua loja. O seguro contra incêndio oferece o que você não pode comprar em nenhum lugar do mundo: tranqüilidade. Olhe o céu. É sempre tempo de balões. Olhe os fios. Êles produzem curtos-circuitos. Olhe um cigarro. Uma ponta acesa pode ser o começo de tudo. Não deixe que nada disso ponha em perigo o patrimônio que você lutou àrduamente para construir. Converse com o seu corretor de seguros ou procure a Cia. Piratininga. Você vai ficar sabendo tudo sôbre seguros contra incêndios. Vale a pena!

COMPANHIA PIRATININGA DE SEGUROS GERAIS
NOVA MENTALIDADE EM SEGURO



SEDE:
São Paulo - Rua Quirino de Andrade, 215
(Edif. próprio) - Tel. 37-5521 - Caixa Postal 3648
Sucursais e Agências
RIO DE JANEIRO
Rua Francisco Serrador, 2 - 2.º - Tel. 42-4130
BELO HORIZONTE
Rua da Bahia, 1148 - 5.º andar
BLUMENAU
Rua 15 de Novembro, 550 - 9.º - s. 901/906
Tel. 1634
BRASÍLIA
Edifício Seguradoras - Setor Bancário, Lote 29
sala 1.207 - Tel. 33-595
CAMPINAS
Rua General Osório, 883 - 2.º - Tel. 9-4309
CURITIBA
Rua Marechal Deodoro, 126 - 8.º - Tel. 4-8873
FORTALEZA
Rua Pedro Pereira - (Edifício Santa Lúcia),
sala 906
JOÃO PESSOA
Rua Tenente Retumba, 30 - sala 222
(Edifício Vitória) - Tel. 4794
LONDRINA
Rua Maranhão, 177 - 6.º
MACEIÓ
Rua Dr. Cincinato Pinto, 121 - 1.º - Tel. 3313
NATAL
Rua Dr. Barata, 227 - 1.º - Tel. 2979
PÔRTO ALEGRE
Rua Doutor Flôres, 307 - 12.º - Tel. 4-1972
Cx. Postal 956
RECIFE
Rua Eng. Ubaldo G. Mattos, 53 - Tels. 4-4063 e
4-5131 - Cx. Postal 416
SALVADOR
Av. Estados Unidos, 340 - sala 506
(Edif. Cidade do Salvador) - Tel. 2-3722
SANTOS
Praça da República, 87 - 11.º - Tel. 2-3570

Acidentes Pessoais - Acidentes do Trabalho - Aeronáutico - Automóveis - Casco - Crédito Interno - Fidelidade - Incêndio - Lucros Cessantes - Perdas e Danos - Responsabilidade Civil - Responsabilidade Civil Obrigatório - Riscos Diversos - Roubo e Furto - Transportes - Tumultos e Motins - Vida em Grupo - Vida Individual - Vidros.

Nosso repórter
Hamilton Ribeiro
estava em Chicago quando
o Senador Robert Kennedy foi
assassinado. O que êle sentiu e
observou nesse dia, na segunda
cidade mais importante
dos Estados Unidos,
é surpreendente.

UM DIA NORMAL NO TIRO AO ALVO

SHAME

Bob morrera, mas as 50 pessoas estavam lá treinando pontaria

Gilberto Hofling é um médico brasileiro que faz estágio num hospital bem pertinho do Instituto de Reabilitação, onde estou em tratamento. Às vêzes almoçamos juntos.

No dia em que Bob Kennedy foi baleado, esperei ansioso sua chegada para comentarmos o fato. Êle chegou à uma hora da tarde e me deixou pasmado — simplesmente ainda não sabia da notícia. Nem no ônibus, que o levou da sua casa, a vinte minutos do centro de Chicago, ao hospital, nem durante uma reunião que teve com o pessoal do Departamento de Ortopedia, nem mesmo numa operação, quando se conversa sôbre todos os assuntos enquanto o paciente está sendo preparado, êle tinha ouvido qualquer referência sôbre o atentado. E nem notou, na rua ou mesmo no rosto das pessoas, qualquer coisa estranha que o levasse a suspeitar de algo.

— Parece que o povo americano já está acostumado com êsse tipo de coisa.

A frase espontânea de Gilberto, ao saber da notícia, me preocupava, mas também me despertava a curiosidade. Saí de casa para ver as reações do povo na rua. Mas não vi nada. No metrô, as cenas eram as mesmas do dia anterior — maioria de mulheres, velhas, nos vagões, um homem lendo jornal, um outro *hippie* de olhar distante, com a namorada de *short* e descalça, por causa do calor. Era realmente surpreendente, pois a tevê transmitia diretamente de Los Angeles; jogara no ar, minutos depois dos tiros, as imagens do senador sendo transportado para ô hospital. E não cessara as transmissões um instante sequer.

No caminho entre a casa onde estou, ao norte de Chicago, e o centro da cidade, há um clube de tiro, ao ar livre, em plena avenida que margeia o lago Michigan. Eu costumava observar, todos os dias, quando passava em frente, o número de freqüentadores — uns cinqüenta treinando pontaria. As armas iam desde pequenos revólveres até rifles de longo alcance, com luneta. As balas ricocheteavam no paredão do alvo, com aquêle barulho típico de tiroteio em filme de *cowboy*.

Pelo menos hoje o clube de tiro estará fechado, pensei. Mas não, estavam lá cinqüenta pessoas, gastando suas balas e, quem sabe, pensando se algum dia chegarão a trocar o alvo fixo daquele paredão por alguma cabeça.

Duas coisas me vieram à lembrança: alguns soldados do Vietnam que, às vêzes, de brincadeira ou não, me diziam que se estavam sentindo frustrados porque fazia mais de 48 horas não tinham matado ninguém; e a incrível pontaria que os pistoleiros americanos demonstram nas suas "proezas".

O assassino de John Kennedy mostrou-se exímio atirador ao acertar-lhe a cabeça de tão longe, e com o carro presidencial em movimento. O louco que subiu numa tôrre em Austin (Texas), e lá de cima passou a fazer tiro-ao-alvo com as pessoas, acertou também em quem quis. O assassino de Luther King, igualmente, foi um mestre, ao matá-lo com duas balas certeiras no rosto. E o camarada que atirou em Bob Kennedy também não falhou. Apesar de sua arma — um revólver de calibre 22 — ser reconhecidamente ruim para pontaria.

— Bem, na verdade êsse não é americano...

— Certo, mas está aqui há onze anos e teve tempo bastante para aprender...

Não pude evitar a associação de idéias entre a pontaria dos pistoleiros e aquêle clube de tiro ao ar livre, quase no centro de Chicago, a segunda cidade mais importante dos Estados Unidos. E não pude também deixar de pensar numa coisa que tenho observado, desde que convivi mais de perto com os americanos, ainda no Vietnam, onde acabei

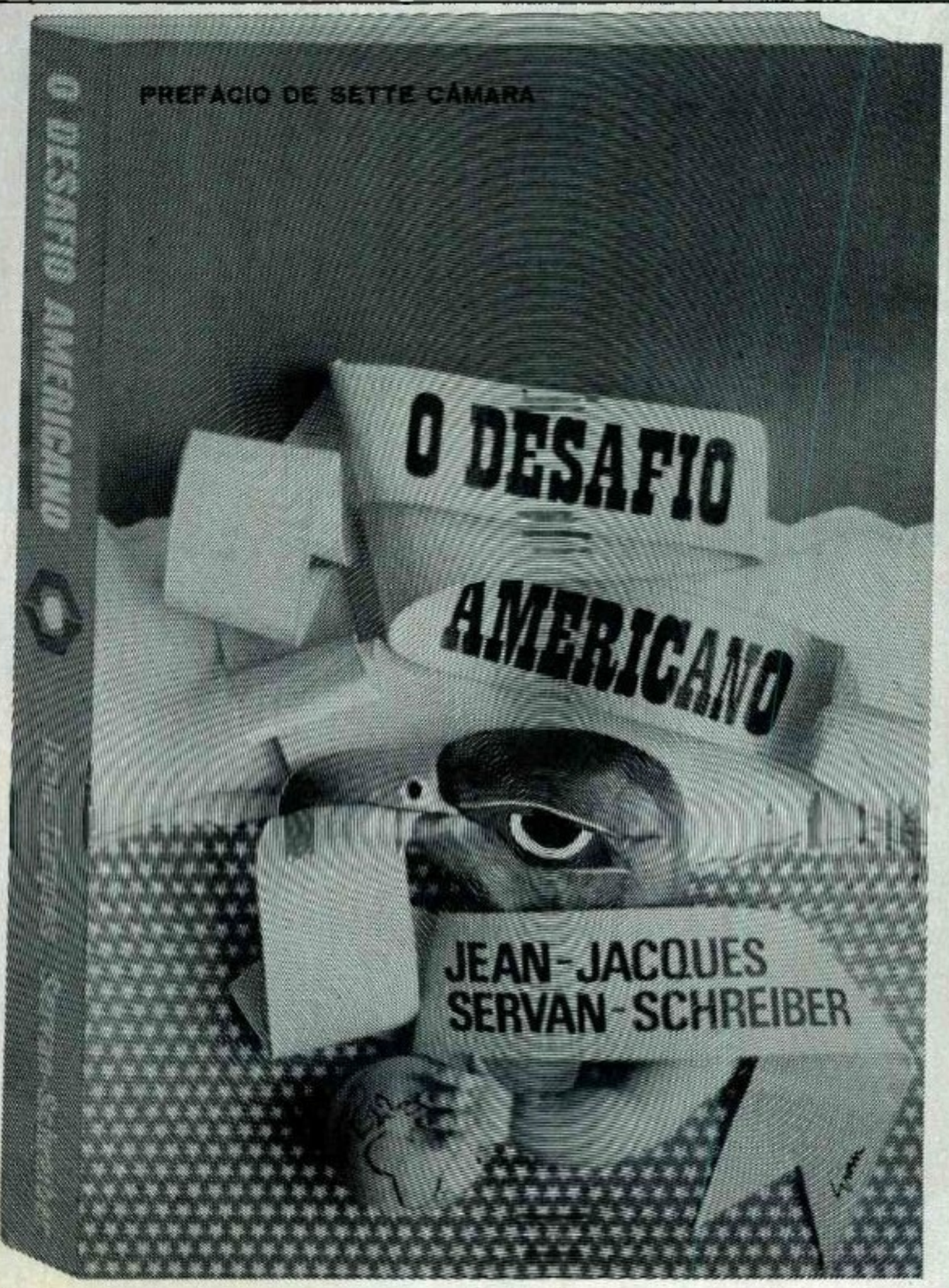
Mesmo no dia 6 de junho o clube de Tiro em Lincoln Park, Chicago, não deixou de funcionar. O mesmo número de freqüentadores, a mesma tranqüilidade em cada disparo. Em Nova York, uma estação de TV manteve no ar, por mais de duas horas, uma única palavra: SHAME **(vergonha).**

SEGUE

BEST-SELLER EM TODO O MUNDO

É TAMBÉM O LIVRO MAIS VENDIDO NO BRASIL

70.000 EXEMPLARES VENDIDOS EM 6 SEMANAS!



Um lançamento da EDITÔRA EXPRESSÃO E CULTURA
Rua Pres. Carlos de Campos, 190, ZC 01, GB.
À venda em tôdas as livrarias e pelo reembôlso postal

Manifestação não houve, o povo vivia normalmente

VIOLENCIA
CONTINUAÇÃO

sendo ferido: a morte de uma pessoa é sempre vista como uma solução possível, quando se tem com essa pessoa uma diferença fundamental. O fato de existir, nos Estados Unidos, a pena de morte, é a afirmação de que o próprio Govêrno acha que o aniquilamento físico é uma solução.

"Johnson acabará baleado"

Quando o Presidente Johnson anunciou sua intenção de iniciar as conversações de paz com o Vietnam, um soldado, em Saigon, chegou a me dizer que, se a guerra terminasse com a "rendição" americana, Johnson acabaria sendo baleado. Era a melhor forma de êle exemplificar uma reação de desacôrdo quanto à atuação política do seu presidente.

O prefeito de Chicago, J. Daley, logo após as manifestações violentas dos negros contra o assassínio de Luther King, declarou à imprensa que tinha dado ordens à polícia para, na próxima vez, atirar para matar.

"Os Estados Unidos são hoje", diz o escritor Arthur Schlesinger, ex-conselheiro dos presidentes Kennedy e Johnson, "o país mais ameaçador do mundo."

425 queriam matar o Presidente

A venda de armas nos Estados Unidos assume proporções assustadoras. Só na Califórnia, nos primeiros meses dêste ano, foram vendidas 74 241 pistolas, o registro de armas não é obrigatório e mesmo uma criança pode comprar um rifle pelo correio, e é um rifle de grande precisão e potência.

A Associação Americana do Rifle, entidade que tem considerável fôrça política, congrega nada menos de 900 mil associados. Em janeiro último, levantamento secreto feito na polícia revelou que o número de pessoas prêsas no país por ameaçarem com armas a vida do presidente dos Estados Unidos vem aumentando: em 1963 foram detidas 80 pessoas; no ano passado o número subiu para 425.

"Tevê, a maior culpada"

Uma semana antes de Bob ser alvejado, o Senado americano rejeitou, por 53 a 29 votos, um projeto de lei do Senador Ted Kennedy, que além de proibir a venda pelo correio, tornava obrigatório o registo de cada arma.

Um psicólogo sueco, entrevistado sôbre a violência no país americano, atribuiu aos meios de comunicação de massa — principalmente à tevê — uma parcela muito grande de responsabilidade no condicionamento das pessoas para as soluções de fôrça. Mais de 50% dos horários de programação da tevê são usados para exibição de filmes em que a morte, provocada violentamente, é a solução final. *Cowboys,* espionagem, *gangsters,* em todos os filmes o revólver é a grande esperança de salvação e o herói é aquêle que melhor sabe utilizá-lo. Pesquisa de uma universidade americana revelou que uma criança nesse país, no período entre os cinco e os nove anos, é testemunha, pela televisão, da morte violenta de 13 mil pessoas.

Roberto Lôbo é um jovem físico brasileiro que trabalha há quatro anos nos Estados Unidos. Êle diz:

— Verdadeiramente, eu não sei se a violência mostrada na tevê é um fator de condicionamento do espírito americano, ou se apenas reflete êsse espírito. Há momentos em que eu penso que o americano ainda não conseguiu libertar-se da figura do pioneiro do Oeste, que tem que resolver seus problemas sòzinho — e com violência.

Também as revistas e jornais — diz aquêle psicólogo sueco —, relatando cruamente os fatos bárbaros da guerra do Vietnam, concorrem para que a violência e a morte sejam um componente normal do famoso "American way of life" (modo de vida dos americanos).

Minha grande preocupação, porém, era ver se entre a coletividade negra de Chicago haveria alguma reação maior. Chicago é uma cidade dividida — no centro ficam o grande comércio e os escritórios; a leste, o lago; a oeste, os subúrbios pobres, de brancos; no sul, os negros. Aqui é o seu domínio e o seu *gueto,* mas eu não pude ir ao sul nesse dia. Contentei-me em observar os negros

SEGUE

"Existe qualquer coisa de errado em nós."

que circulavam no centro da cidade. Pois, também entre êles, a ausência de manifestações públicas foi total. Interpelei um casal num ponto de ônibus. O homem, um negro alto e forte, respondeu firme:

— Primeiro foi Luther King, agora Kennedy — não há dúvida de que existe uma conspiração contra os que lutam por nós...

"Tenho mêdo de que êle escape"

Insinuei que a prisão do pistoleiro e seu posterior interrogatório haveriam de esclarecer tudo, e aí foi a vez de a mulher apartear com raiva:

— Os relatórios do Govêrno não merecem mais fé. Você acredita nas conclusões oficiais sôbre a morte de John Kennedy? Nos casos de King e de Bob, a farsa vai continuar a mesma...

A possibilidade de que Bob viesse a sobreviver manteve-se acesa por todo o tempo. Durante as horas de esperança, perguntei a um engenheiro, branco, da Universidade de Northwestern, qual era sua opinião. Êle foi duro:

—O que é que eu penso? Tenho mêdo é de que êsse camarada escape e ainda capitalize polìticamente o atentado para ganhar as eleições...

Um médico do meu hospital tinha respondido de maneira bem diversa:

— Não estou preocupado em comentar o que aconteceu. Estou pensando é no que eu posso fazer para ajudar a mudar o meu país. Existe qualquer coisa de errado em nós...

Depois que Bob morreu, a televisão, que já vinha de uma cobertura fantástica, dominou inteiramente a vida americana, naqueles dias. Uma estação de Nova York tirou do ar durante duas horas e meia a sua programação matinal e na tela só aparecia, de instantes a instantes, uma palavra: *shame* (vergonha). Tôda a programação das rêdes nacionais de tevê foi alterada, filmes e anúncios considerados violentos ou sensuais foram substituídos. Um *western* feroz — *The Gunfight at Ok Curral* —, com Burt Lancaster e Kirk Douglas, deu lugar ao inofensivo *Ladrão de Casaca*, com Grace Kelly. *César Bórgia*, uma história erótica e cheia de assassínios e traições, foi trocada por uma comédia ligeira, *Cheio de Vida*. O anúncio de um automóvel, com cenas imitando o filme *Bonnie and Clyde*, deu lugar a uma mensagem institucional.

A cobertura dos fatos e repercussões da tragédia foi total. A televisão estava em todo lugar. Transmitia a chegada de Jacqueline Kennedy a Los Angeles e, logo em seguida, passava para Washington, mais de 5000 quilômetros distante, onde o Presidente Johnson, da Casa Branca, olhava o telespectador com olhar firme — como se estivesse olhando cada americano — e bradava: "Pelo amor de Deus, vamos resolver os nossos problemas de acôrdo com a lei, vamos pôr fim à violência." E anunciava a criação de uma comissão de alto nível para estudar as causas da violência americana e os meios de extingui-la.

"Agora entendo por que êles morrem"

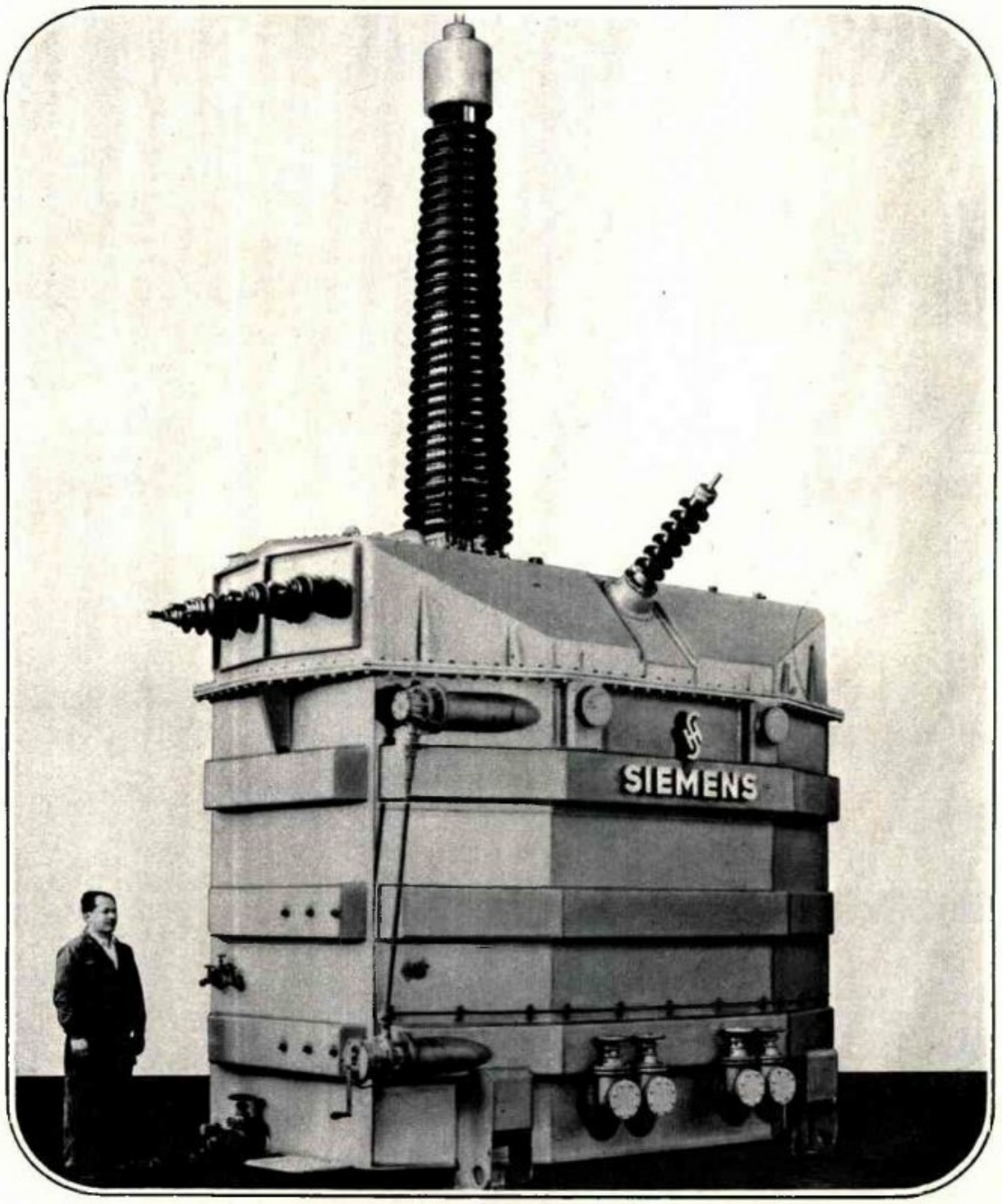
Então a imagem voava para o Senado, que, em cima da hora, tentava remendar a lei de contrôle de armas, que êle próprio tinha vetado uma semana atrás. Em seguida, ia para Jerusalém, entrevisitava o pai do assassino, saltando dali para o Estado da Virgínia, onde, no pátio de uma bela casa, o astronauta John Glenn jogava beisebol com os filhos pequenos de Bob Kennedy, para distrair-lhes a atenção. As câmaras saíam também para a rua, procurando ouvir a opinião do homem comum. Um jovem negro, fardado de escoteiro, disse isto:

— Quando John Kennedy morreu, eu era muito pequeno para ver o que quer que fôsse. Mas agora, depois de King e de Bob, eu entendo porque êles morrem.

No dia do entêrro, a tevê estava no ar o dia todo, acompanhando cada passo das cerimônias e dos presentes ao funeral. Mostrou, por exemplo, na missa de corpo presente na Catedral de Nova York, o Presidente Johnson e sua mulher, sentados. À volta do casal, homens desconhecidos, mas perfeitamente identificados: agentes do serviço de segurança.

FIM

SIEMENS



Em julho de 1967 inauguramos novos pavilhões em nossa fábrica para produzir transformadores como êste.

Transformadores de 50.000 kVA de capacidade e geradores de 19 m de diâmetro, para a Usina Hidrelétrica de Três Marias, exigem muito espaço. Jaguara e outras usinas em construção estão solicitando transformadores e geradores cada vez maiores.

Por isso, ampliamos nossa fábrica em São Paulo. Agora dispomos do espaço necessário para produzir essas grandes unidades. A experiência e a competência técnica - que já temos há mais de cem anos - estão contidas na própria marca Siemens.

SIEMENS DO BRASIL S.A.

São Paulo - Brasília - Rio de Janeiro - Pôrto Alegre - Recife - Curitiba - Belo Horizonte - Salvador.

problemas de beleza?

Eliminar manchas da pele?
Mudar a maquilagem?
Acabar com os cravos?
Modificar o penteado?

Êstes são apenas alguns dos muitos "detalhes" que preocupam a mulher moderna. Se você tem algum problema de beleza, consulte os especialistas de Manequim enviando êste cupom:

consulta de beleza

NOME: _____

RUA _____ N.º _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

CONSULTA: _____

_____

REVISTA MANEQUIM

AV. OTAVIANO ALVES DE LIMA, 800 — SP

VOCÊ É CONTRA OU A FAVOR DA EDUCAÇÃO SEXUAL?

Em dezenas de países, hoje, um grande debate está movimentando autoridades governamentais, educadores, psicólogos, jovens, sacerdotes, pais e mães: devemos ou não receber educação sexual?
Como? Quando?
Em que profundidade?
No Brasil começa a ser discutido um projeto apresentado no Congresso Nacional que torna obrigatória a educação sexual nas escolas. Mas até agora ninguém sabe ainda qual a opinião dos brasileiros a respeito de educação sexual, seja nas escolas, seja dentro da própria família. Por isso, na tentativa de levantar o problema com seus leitores, REALIDADE preparou mais uma grande pesquisa nacional.
E faz um apêlo: é tal a importância do assunto que ninguém, independentemente de sua idade, sexo ou estado civil, pode deixar as perguntas sem resposta.

Destaque a página ao lado. A encadernação possibilita isto sem estragar o exemplar. Responda às perguntas a tinta, pondo uma cruz no quadrinho referente à sua opinião. Por fim, dobre a fôlha e cole, seguindo as instruções que aparecem no verso da página ao lado, deixando o endereço como se fôsse a parte da frente de um envelope. Não precisa selar. Basta colocar no Correio.

Primeiro, dados pessoais sôbre quem responde

1. Idade: .... anos
2. Sexo: masculino feminino
3. Estado civil: solteiro casado
4. Cidade ..... Bairro .....
5. Estado .....
6. Último curso escolar completo
   - ☐ primário
   - ☐ ginasial
   - ☐ colegial
   - ☐ universitário
7. Profissão .....
8. Religião .....
9. Renda mensal
   - ☐ não tem renda própria
   - ☐ ganha até NCr$ 200
   - ☐ ganha entre NCr$ 200 e 500
   - ☐ ganha entre NCr$ 500 e 1.000
   - ☐ ganha mais de NCr$ 1.000
10. Tem filhos?
    - ☐ não
    - ☐ tenho .... filhos
    - ☐ idade dos filhos .....

(Ao lado da idade de cada filho, anote seu sexo, usando a letra H para os homens e M para as mulheres)

Agora, vamos falar de sua opinião

Assinale uma só resposta para cada pergunta

1. A educação sexual é, atualmente, uma questão importante?
   - ☐ sim
   - ☐ não
2. Você acha que a educação sexual contribui para a felicidade das pessoas?
   - ☐ sim
   - ☐ não
3. No caso do Brasil, o problema da educação sexual:
   - ☐ já está surgindo
   - ☐ vai demorar a surgir
   - ☐ nunca vai surgir
4. Em sua opinião o assunto sexo é:
   - ☐ importante mas desagradável
   - ☐ importante e agradável
   - ☐ sem importância
   - ☐ proibido e pecaminoso
5. Em que época você acha que as pessoas deveriam começar a receber educação sexual?
   - ☐ na infância
   - ☐ na adolescência
   - ☐ na juventude
   - ☐ pouco antes do casamento
   - ☐ depois do casamento
   - ☐ não é necessário em nenhuma idade
6. Caso as crianças devam receber educação sexual, quais as pessoas e meios que deveriam participar? (aqui, assinale todos os que devem participar)
   - ☐ os pais
   - ☐ os professôres
   - ☐ os especialistas (médicos, psicólogos, etc.)
   - ☐ os livros
   - ☐ a televisão
   - ☐ o rádio
   - ☐ as revistas
   - ☐ o cinema
   - ☐ a religião
7. A educação deveria ser ensinada nas escolas?
   - ☐ sim
   - ☐ não
8. Caso tenha respondido sim, acrescente quando a educação sexual deve ser ensinada nas escolas.
   - ☐ no primário
   - ☐ no secundário
   - ☐ só na universidade
9. Você se julga capacitado (a) a dar educação sexual a uma criança?
   - ☐ sim
   - ☐ não
   - ☐ em parte
10. Você acha que a educação sexual deve ser integral para pessoas tanto do sexo feminino como do masculino?
    - ☐ sim
    - ☐ não
11. Você acha que o conhecimento dos anticoncepcionais deve ser incluído na educação sexual?
    - ☐ não
    - ☐ sòmente para pessoas do sexo masculino
    - ☐ sòmente para pessoas do sexo feminino
    - ☐ sim, para ambos os sexos
12. Você considera que a sua própria educação sexual foi:
    - ☐ satisfatória
    - ☐ regular, razoável
    - ☐ nula
    - ☐ deformante
13. Você tem lido livros, revistas ou conversado com alguém ùltimamente, sôbre educação sexual de crianças?
    - ☐ sim
    - ☐ não
14. Você acha que a educação sexual deve ser dada visando exclusivamente ao casamento?
    - ☐ sim, para ambos os sexos
    - ☐ sim, para pessoas do sexo feminino
    - ☐ sim, para pessoas do sexo masculino
    - ☐ não
15. Você acha que a educação sexual:
    - ☐ perverte o amor
    - ☐ dá mais significado ao amor
    - ☐ tira o romantismo
16. Na sua opinião, a educação sexual das pessoas do sexo masculino:
    - ☐ não é necessária
    - ☐ é necessária para saber conquistar
    - ☐ é necessária para maior liberdade
    - ☐ é necessária para ser bom pai
17. Na sua opinião, a educação sexual das pessoas do sexo feminino:
    - ☐ não é necessária
    - ☐ é necessária para saber se defender
    - ☐ é necessária para maior liberdade
    - ☐ é necessária para ser boa mãe

Ponha seu nome, se você quiser:

.....

Para enviar sua resposta, dobre esta página nas linhas pontilhadas de acôrdo com as indicações, deixando o enderêço como frente do envelope.

1.ª dobra

1.ª dobra

cole aqui

2.ª dobra

2.ª dobra

ENVELOPE
Portaria n.o 391 - 22/9/54
Autorização n.o 241
SÃO PAULO

4.ª dobra

ENVELOPE RESPOSTA COMERCIAL

NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE ENVELOPE

O SÊLO SERÁ PAGO PELA

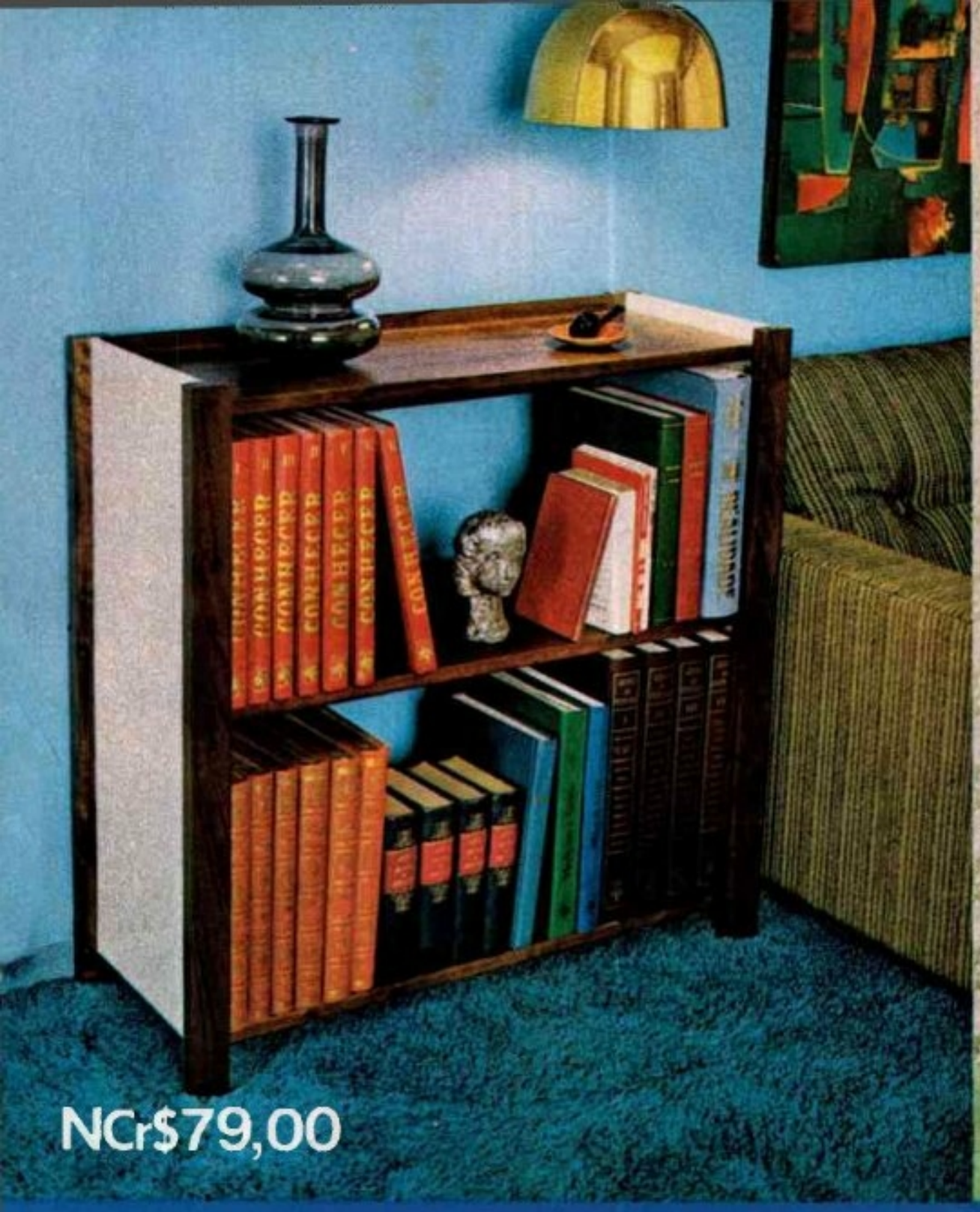
EDITÔRA ABRIL LTDA.

Caixa Postal 5095

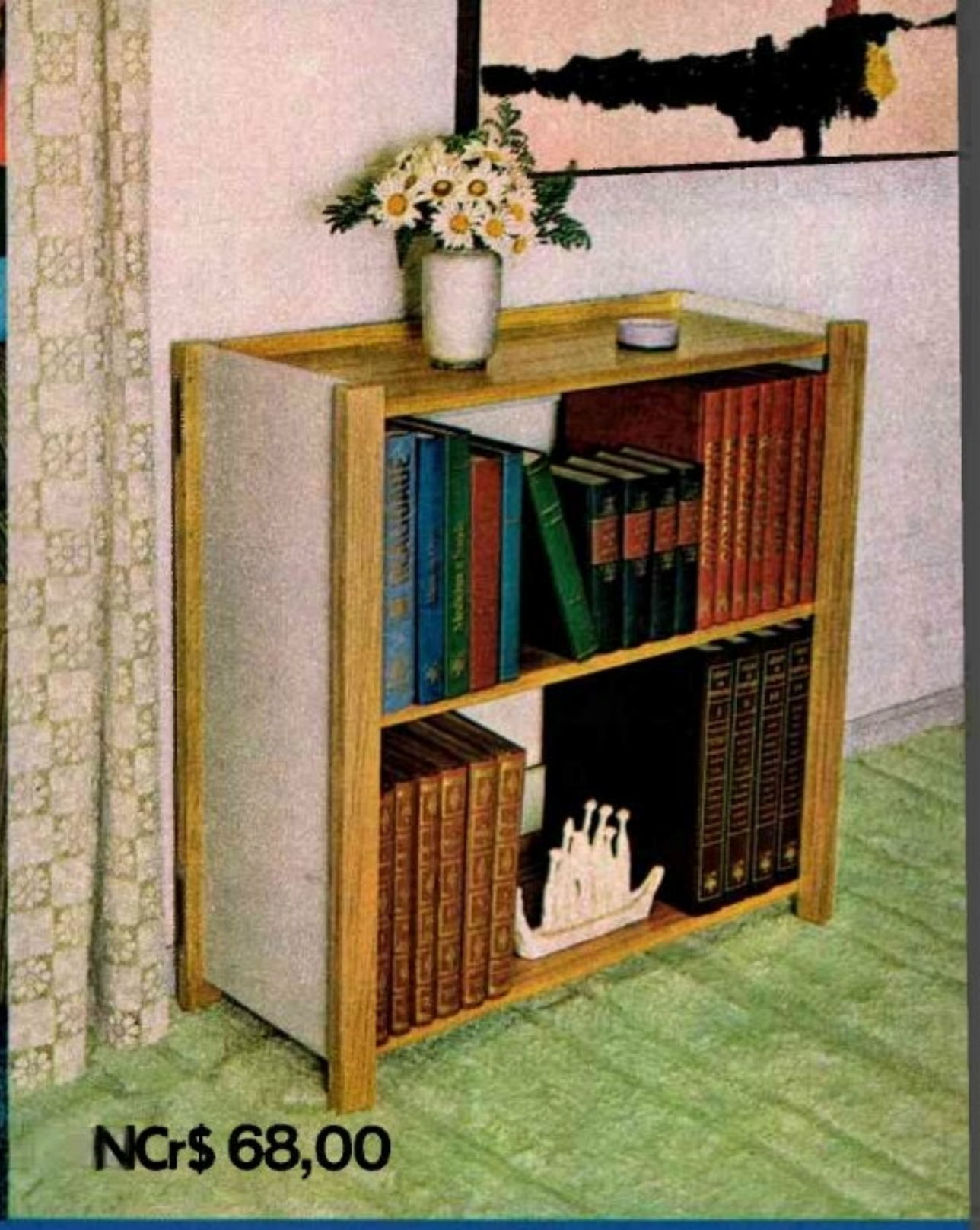
Revista REALIDADE

SÃO PAULO, S.P.

3.ª dobra



NCr$79,00



NCr$ 68,00

MC lançou dois novos modelos de estantes especiais para suas coleções da Abril Cultural. Agora você pode escolher.

Veja:

Uma é toda de pinho tipo escandinavo, com laterais laqueadas de branco e combina com moveis claros. Custa NCr$ 68,00.

A outra é de imbuia, também com laterais laqueadas de branco. Combina com ambientes escuros. Custa NCr$ 79,00.

Quando suas coleções da Abril Cultural forem aumentando, você poderá adquirir mais estantes. Se a ampliação fôr para cima, compre a caixa número 1. Se fôr para os lados, você pode adquirir a caixa numero 2 e economizar uma lateral - NCr$ 6,00.

Outra vantagem é que voce nem precisa sair de casa para comprar sua Estante MC: se você mora numa destas 65 cidades, basta enviar o cupon-resposta comercial para a Abril Cultural. A estante será entregue em sua casa.

São Paulo - Belo Horizonte - Santos - Brasília Vitória - Natal - João Pessoa - Juiz de Fora - Aracaju Caxias do Sul - Campo Grande - Uberlândia Uberaba - Campina Grande - Volta Redonda Araçatuba - Presidente Prudente - Cornélio Procópio - Paranavaí - Jacarei - Catanduva - Jaú Guanabara - Recife - Curitiba - Belem - Ribeirão Prêto - Pelotas - Maceió - Florianópolis - Petrópolis Maringá - São Jose do Rio Prêto - Bauru - Rio Grande - Blumenau - Campos - Mogi das Cruzes Joinville - Marilia - Governador Valadares Assis - Rio Claro - Botucatu - Pôrto Alegre Salvador - Fortaleza - Campinas - Londrina Sorocaba - São Luis - Piracicaba - Santa Maria Jundiai - São Carlos - Taubaté - Teresina Ponta Grossa - São José dos Campos - São Leopoldo - Americana - Nova Friburgo Araraquara - Lins - Barretos.

Só depois de ter a estante em suas mãos e que você efetuará o pagamento.

A Estante MC - luxo de imbuia, com laterais de jacarandá, continua à venda nas lojas da Mobilia Contemporânea.

MOBILIA CONTEMPORANEA
ABRIL CULTURAL

abril Cultural

Standard Propaganda

QUEREIS A FELICIDADE?

POIS ELA ESTÁ EM VOSSAS MÃOS

NOVAS CÔRES

nossas flôres, nossos frutos, nossas pedras, nossas águas, nosso céu, estão presentes nas côres de CUTEX

PORQUE ME UFANO DE MINHAS MÃOS

Aprenda em sua casa, nas horas livres, a nobre arte de ser mulher. Em pouco tempo, com CUTEX, você estará por dentro da moda, pre-

CUT

Eu roía unhas, não ligava para mim, nem para meu aspecto. Veja o que CUTEX fêz por mim! Minhas unhas têm mais côres, minha vida mais amôres.

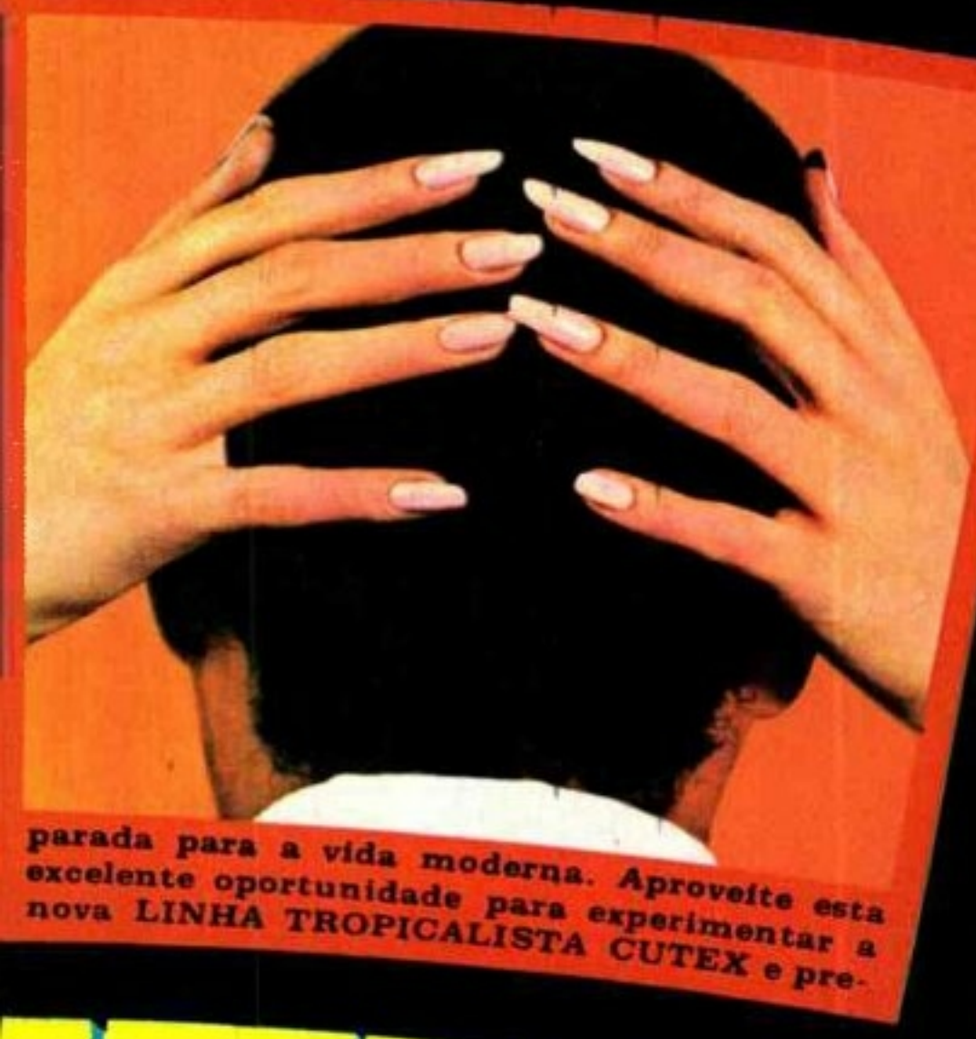
Eu era a mais tímida das môças da minha rua. Usei CUTEX e — que tranqüilidade! Pretendentes a escolher. Tenho agora um amor para todo o sempre!

COM A NOVA LINHA TROPICALISTA

CUTEX

NOVAS COMBINAÇÕES.

CUTEX lhe permite variar e escolher as côres e tons que você quiser, na sua nova linha tropica. lista



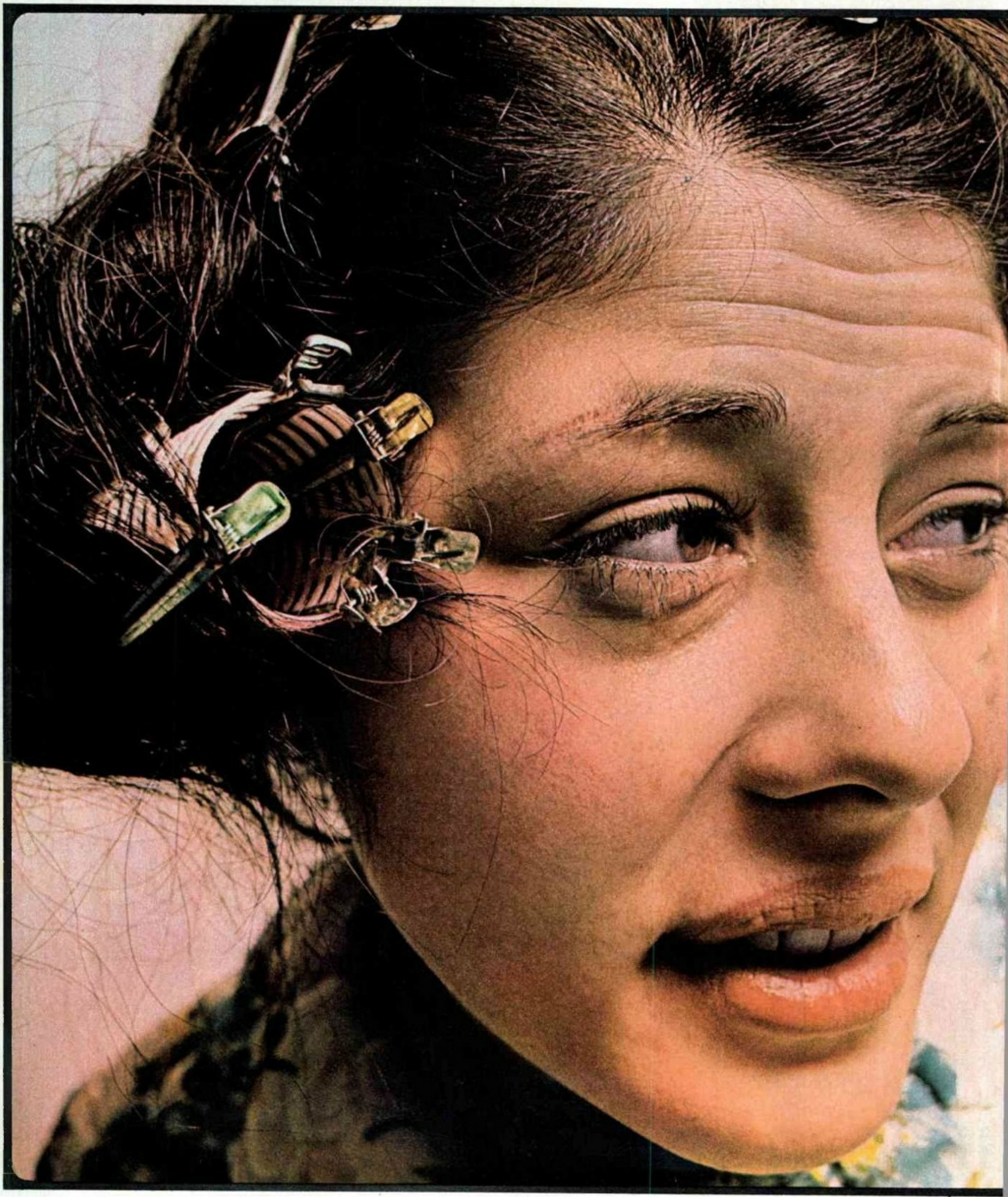
parada para a vida moderna. Aproveite esta excelente oportunidade para experimentar a nova LINHA TROPICALISTA CUTEX e pre-

parar-se para um futuro brilhante. E não se esqueça: a vida já é dura para quem é bonita, imagine só para quem não quer ser!

TEX

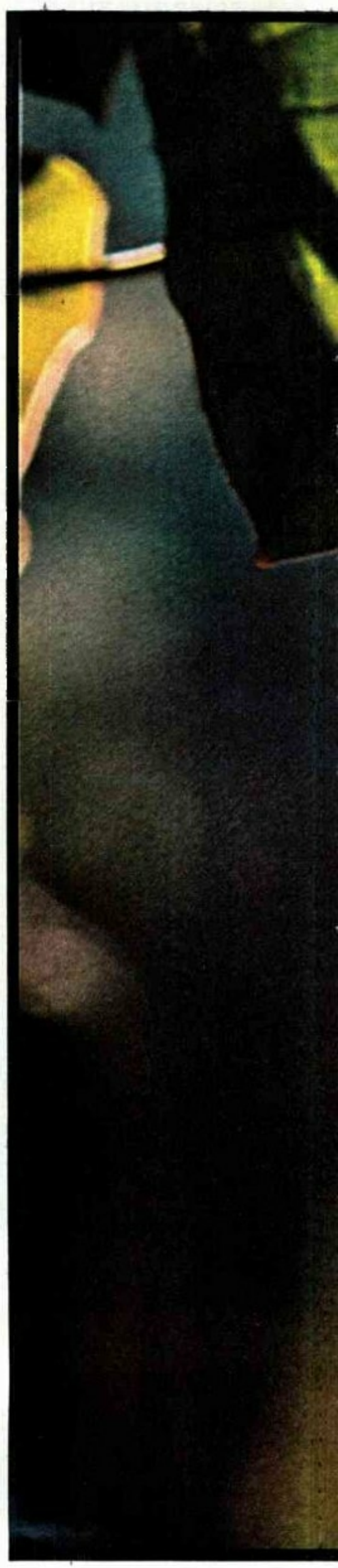
Graças a CUTEX eu me ufano das mãos de minha espôsa. Que mãos! Que côres! Que tropicalismo!

E ATENÇÃO
não ligue para os quadrados e gosto mais de você mesma.

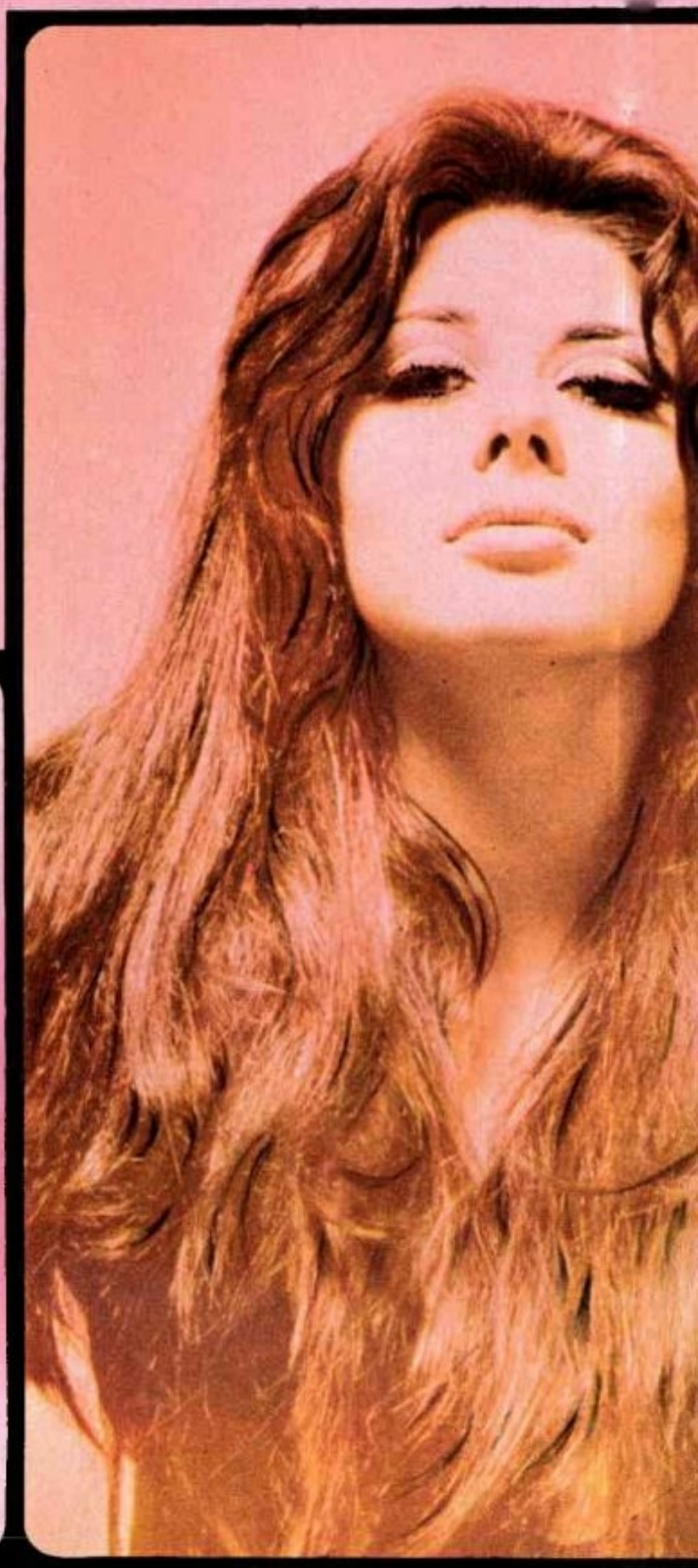


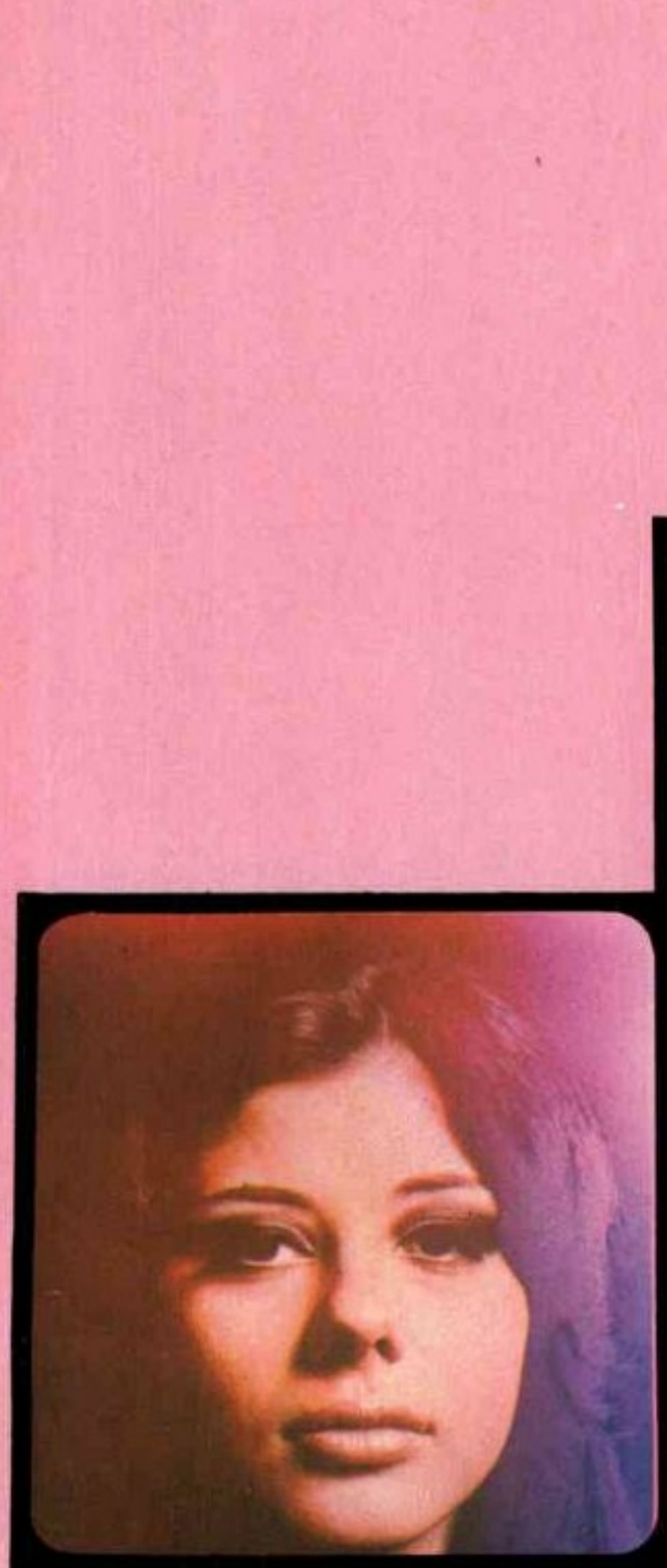
ESTA MULHER É LINDA

Talvez não seja, quem sabe



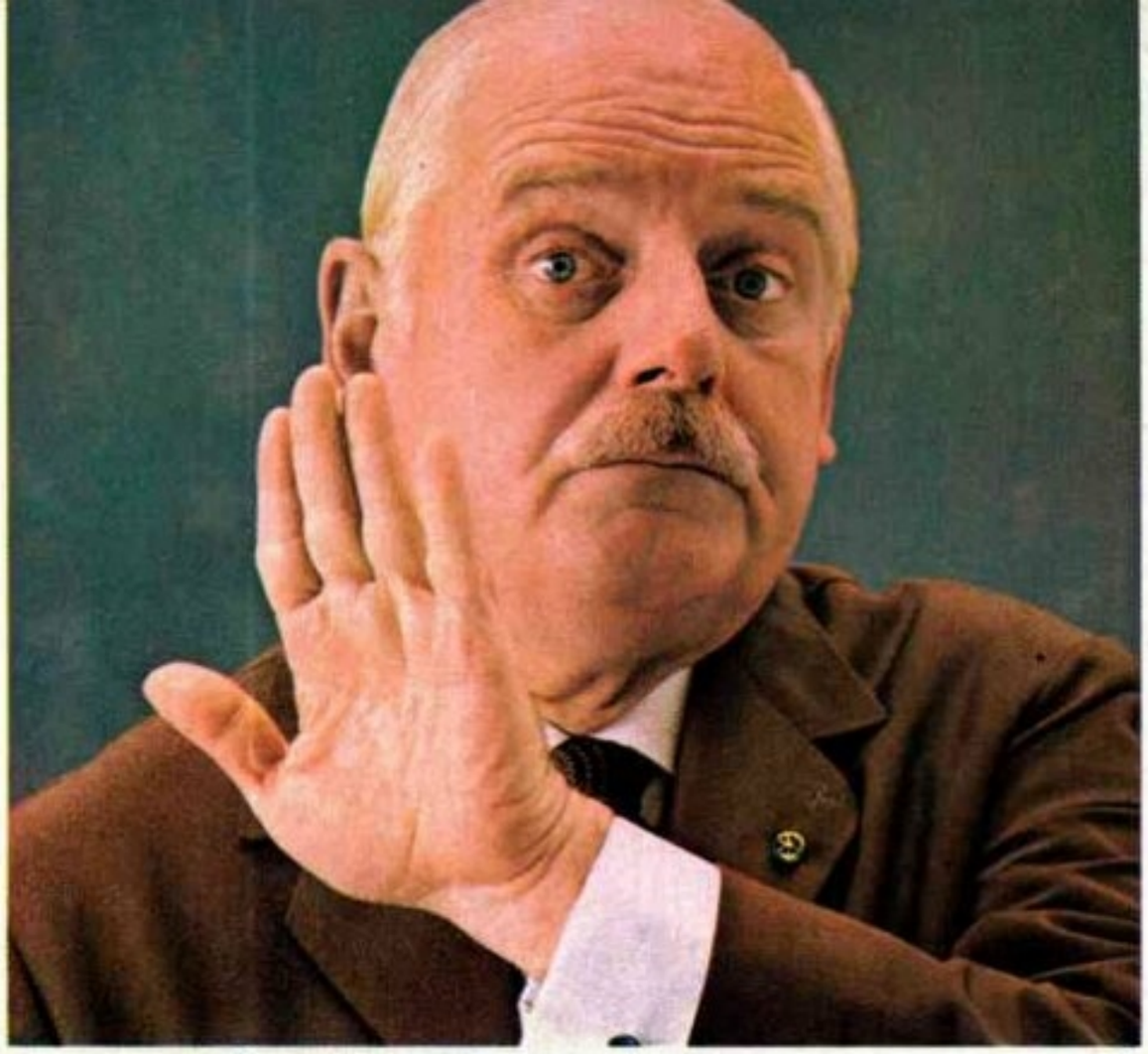
Pode ser muito bonita



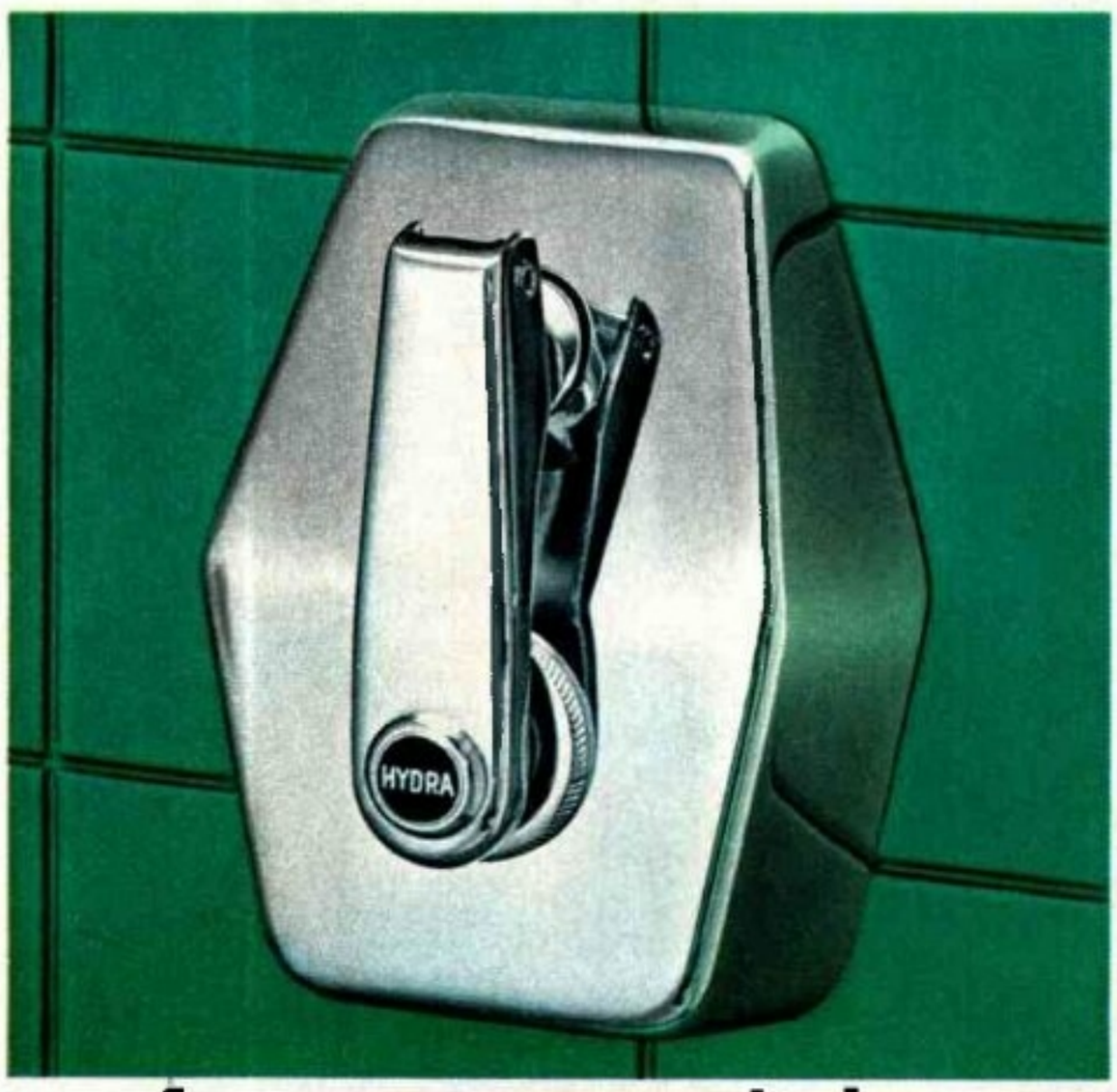


A maquilagem, a iluminação, as lentes fotográficas, os ângulos mais favoráveis ou desfavoráveis provam que uma mulher feia pode ser bonita, e uma bonita, feia. Estas fotos de Zèpinto são tôdas da mesma mulher.

C mo também pode ser feia



Vovô continua afirmando que o nosso banheiro não tem válvula de descarga.



Êle não se conforma com a linha revolucionária da válvula Hydra VcR.

A válvula Hydra VcR fabricada pela DECA tem um desenho diferente, muito bonito e seu mecanismo é prático e seguro. Com o registro conjugado você ganha mais um elemento decorativo para o seu banheiro e economiza a instalação de um registro separado. A válvula Hydra é assim mesmo. Vovô há de compreender.

DECA

Linda 4.255

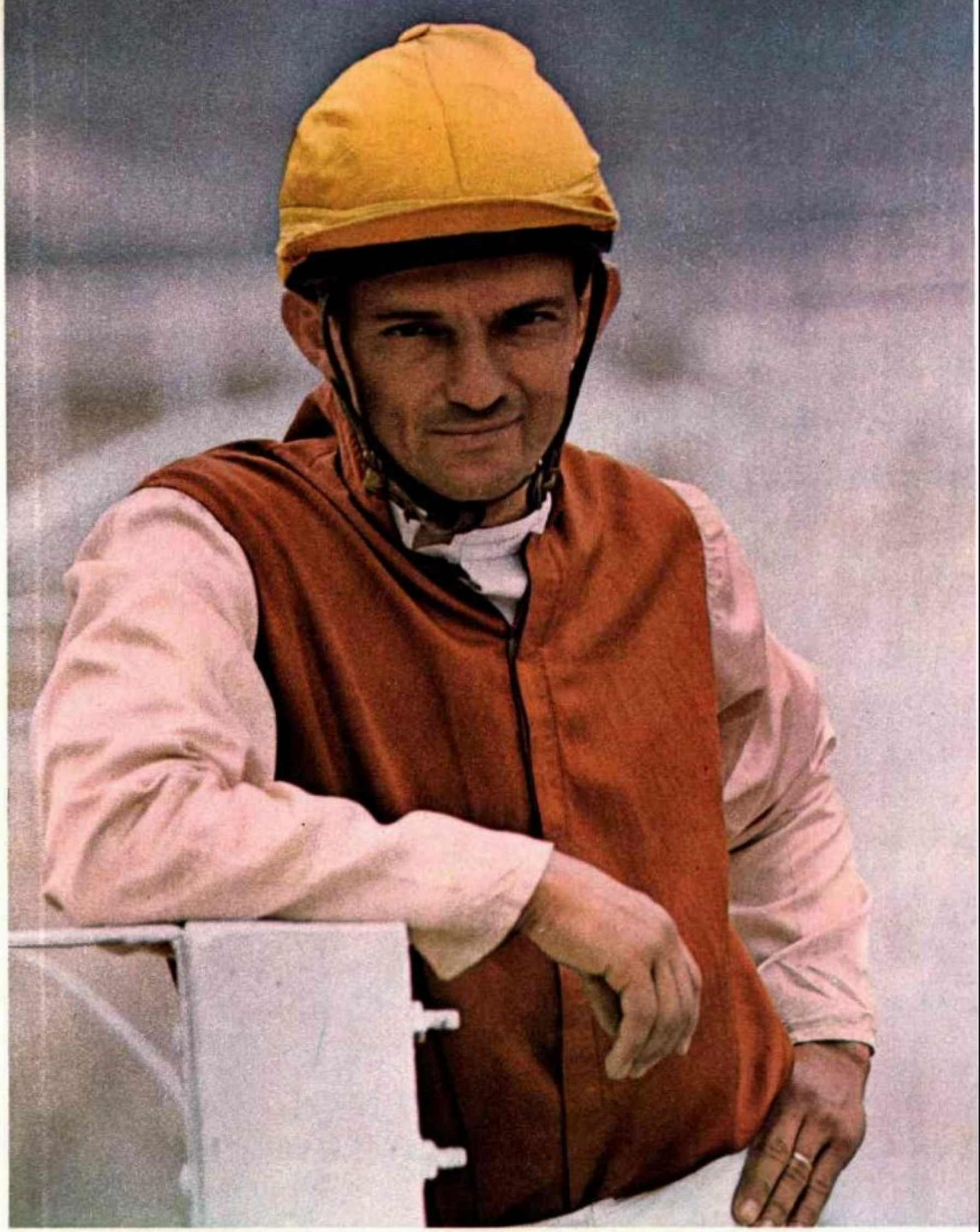
pele limpa rosto lindo

Para a sua pele, o melhor cuidado: Lux, sabonete de beleza. A espuma cremosa de Lux realça a sua beleza natural e deixa a pele sempre jovem e macia.

A famosa estrêla Hayley Mills, diz: "Lux deixa a minha pele realmente limpa. Você também vai adorar o delicado perfume e as 4 maravilhosas côres de Lux".

Lux, sabonete de beleza, preferido por 9 entre 10 estrêlas de cinema.

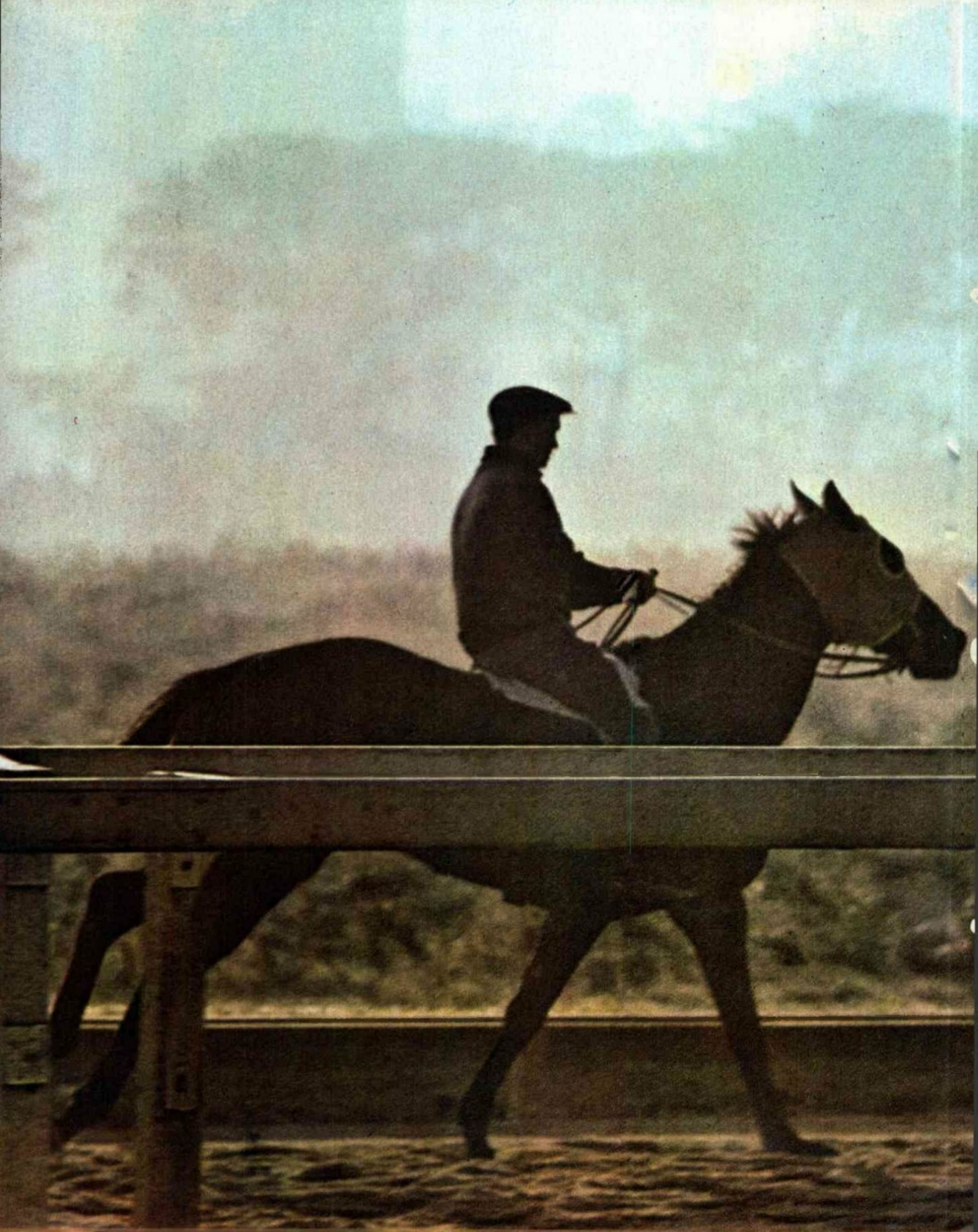
Srta. Tânia Borghoff de Azevedo, da Sociedade Paulista.

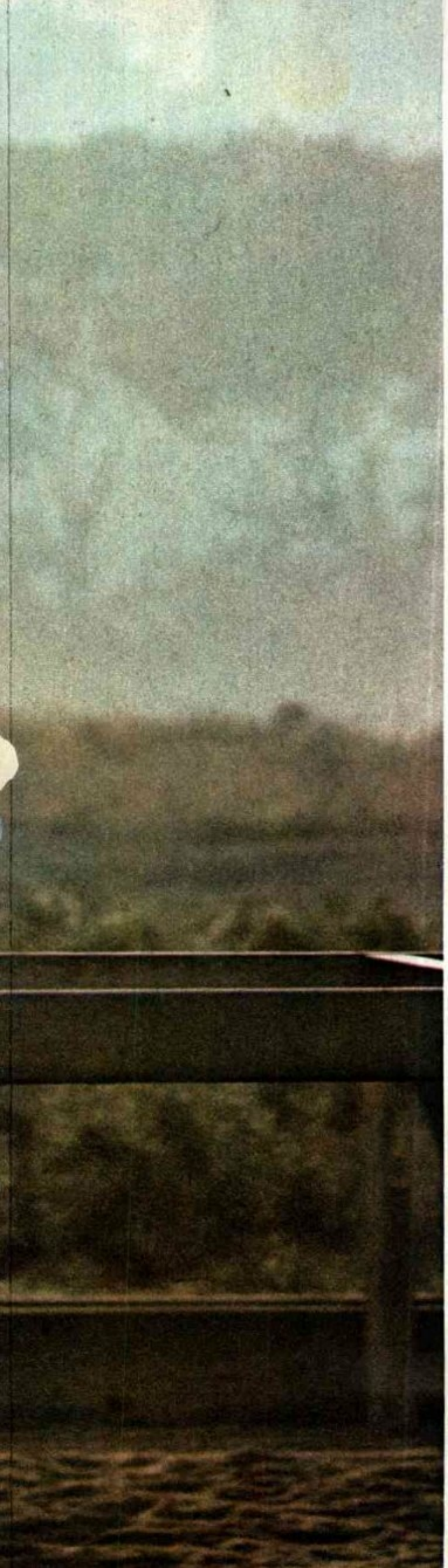


Texto de Sylvio Senna
Fotos de Luigi Mamprin

"É um dia de trabalho como os outros", êle diz para os amigos. Mas sabe que não é verdade. E tenta esconder o nervosismo que cresce à medida que vai chegando a hora. É o domingo do Grande Prêmio, o único que o campeão ainda não ganhou.

É HOJE, DENDICO!





Começa o dia mais importante

Êle está acordando, numa casa de fachada azul, número 100 da Rua Heitor dos Prazeres, um bairro afastado de São Paulo. O relógio de cabeceira marca 10 para as 8. Êle se remexe na cama, aconchegado nos cobertores. No teto rosa do quarto, o sol desenha estrias luminosas e simétricas, forçando passagem pelas frestas da veneziana. Manhã quase perfeita para um grande dia. "Se não estivesse fazendo tanto frio..."

Um dia muito importante, talvez o maior de sua carreira, quem sabe o dia em que ganhará o único prêmio que lhe falta numa coleção de outros cinqüenta, cuidadosamente arrumados na sala ao lado. Hesita ainda em levantar-se, esforçando-se para acreditar que não está com mêdo, apenas sente preguiça de enfrentar o frio da manhã. Uma cadeira é arrastada em algum lugar da casa. Deve ser na cozinha, de onde vem agora êste aroma quente de café que o encoraja a pular da cama de uma vez.

Longe dali, no outro lado da cidade, uma pequena multidão já se forma diante dos enormes portões, organizando filas em frente dos vários guichês ainda fechados. Para êstes, um dia muito importante começou. Dentro de dez ou quinze minutos, os guichês se abrirão, e êles começarão a apostar maciçamente num cavalo. O cavalo que será montado pelo jóquei Dendico Garcia.

O relógio de cabeceira marca 8 e 20 quando, afinal, êle está pronto para o café. "É hoje", pensa com serenidade. Mas no fundo, bem no fundo, continua esforçando-se para afastar a idéia de temor. Conclui que se trata de um "pêso": a responsabilidade de montar o cavalo favorito do Grande Prêmio São Paulo, o único que ainda não ganhou em sua carreira.

Um garôto desajeitado

Dendico Garcia nem se lembra direito do dia em que começou a levantar cedo. Sabe apenas que foi pouco depois da Segunda Guerra, numa manhã em que ia para a aula do quarto ano primário e acabou na pista do prado de Campo Grande, em Mato Grosso, montado num pôtro mestiço e manhoso.

— De vez em quando, matava aula para ir ver os cavalos. Nesse dia, seu Alcides, um dos melhores treinadores de lá, estava precisando de um jóquei para galopar seus cavalos e o melhor que encontrou foi um rapazinho desajeitado — eu.

Rapazinho, êle continuou por muito tempo. Desajeitado, não. O mesmo mestiço manhoso iria dar-lhe a primeira vitória, três meses depois, e a certeza de que a sorte estava definitivamente lançada.

São 8 e 30. Dona Aparecida Garcia está com uma leiteira numa das mãos e uma enorme fôlha de papel amarelo na outra. O leite faz parte da primeira e única refeição de Dendico nas próximas doze horas. E a fôlha de papel que sua mulher traz sempre à mão tem todos os alimentos e dosagens determinados pelo médico. Coisa que deve ser cumprida rigorosamente. Uns minutos a mais de sono não alteram nada. Mas um biscoito comido com gulodice pode significar alguns perigosos gramas de excesso em dias de corrida.

— Se não fôr policiado, êle avança nas massas, nos doces, nas bolachas, sem se importar com os sacrifícios que terá de fazer para tirar os quilos que o Jóquei Clube não permite.

Muito risonha, expansiva, Dona Aparecida dá a impressão de não resistir aos apelos do marido. Mas é só impressão. Dendico sai da mesa sem tocar em nada, além de uma xícara de café com leite, adoçada com açúcar artificial, uma fatia fina de pão comum, um copo de suco de laranja e uma fatia, também fina, de ricota. Ela sabe que naquele dia o marido só voltará a comer às 18 horas, mas o obriga a respeitar as doses com rigidez. Apesar de tudo, confessa que às vêzes fica com pena e deixa passar "pequenas transgressões". Em relação a doces, principalmente.

— Êle é louco por doce. E não quer saber dêsses preparados com adoçantes, permitidos pelo médico. Diz que não é a mesma coisa. Por isso, de vez em quando, faço de conta que não estou vendo e êle aproveita: entra, sem o menor constrangimento, nas porções dos garotos.

Um garôto jeitoso

Leila, Dendico Jr. e Jorge são os garotos. Leila, dezessete anos, muito parecida com o pai, já está no segundo ano normal. É a que menos se interessa por cavalos. Dendico Jr., quinze anos, terceira série do ginásio, é indiferente. Sua altura e pêso já o convenceram de que jamais será jóquei. Sente muito pouco os problemas profissionais do pai. Mas Jorginho, com treze anos, já mostra o que vai ser, quando exibe, orgulhoso, seu anel em forma de ferradura, cravejado de brilhantes.

— Foi presente de Natal. Meu pai que me deu.

Se dependesse de Dendico, Jorginho já estaria galopando cavalos no prado.

— Êle tem jeito. E parece que não vai crescer mais que o limite. Se reabrirem a escolinha de aprendizes, será o primeiro a se inscrever.

A mãe ouve, não diz nem sim nem não. Já se habituou à idéia e não interfere. Até poderia sentir orgulho em ter outro jóquei campeão em casa. É ela mesma quem cuida dos cinqüenta troféus e quem recorta as notícias dos jornais que falam do marido, para colar num álbum aberto com a foto da égua

SEGUE

Às vêzes Dendico exagera nos doces, engorda e depois tem que perder o pêso em sofridos banhos de vapor que duram duas ou até três horas. Jorginho, treze anos, tem jeito para jóquei e se orgulha de cuidar das coisas de seu pai.

Apostam no campeão, êle não pode falhar

CAMPEÃO CONTINUAÇÃO

Groselha cruzando o disco em primeiro, conduzida por Dendico. Foi sua primeira vitória em São Paulo.

— Aqui não entra notícia que fale mal. Só elogios. Comecei êsse álbum quando éramos noivos ainda. Só para ter a parte boa da carreira do **Dê.**

Dona Aparecida não quer mais do que isso. Dendico que ganhe seus páreos na pista. Ela sabe como ganhar os seus em casa.

Uma mulher com mêdo

Terno cinza, camisa rosa claro, sapatos engraxados por Jorginho na véspera, Dendico está pronto para começar seu dia especial de trabalho. O Aero-Wyllis cinza claro fora da garagem, motor funcionando. Os Garcia estão no portão para lhe desejar **boa sorte.** Sem palavras, êle o percebe no olhar de ternura da mulher e dos três garotos.

Quando o carro dobra a esquina, Dona Aparecida esfrega as mãos — seu primeiro sintoma de nervosismo. É sempre assim, em páreos comuns ou grandes prêmios. Mêdo de acidente?

— Não. Sei lá, acho que é mêdo de que nada saia como êle espera. Mêdo de que volte triste.

Por isso, ela nunca vai ao prado. Só viu Dendico montando duas vêzes no Rio e uma na Argentina. Acompanha os páreos pelo rádio, até o momento em que o locutor diz: **contornam a curva e entram na reta final.**

— Êsses finais eu não agüento. Boto as mãos no ouvido e só tiro depois que os cavalos já cruzaram o disco.

Hoje, nada muda. Leila tem ordens de desligar o rádio no meio da curva.

O ambulatório médico do Jóquei Clube já não é um inferno para Dendico. Três meses atrás, sentia náuseas só de pensar nêle. É lá que está o departamento de sauna, várias salas conjugadas, cheias de vapor. Antes de começar a dieta do médico, Dendico entrava numa delas pesando 61 quilos e saía com 58. Perdia 3 quilos de uma só vez, às vêzes até mais, em duas horas.

— O ruim não é tirar pêso. Com o tempo a gente acostuma. Mas ficar 2, 3 horas lá dentro, quase sempre sem ninguém para um papo, é horrível.

Agora, Dendico chega alegre ao **Banho.** Nunca tem mais de 600 gramas para tirar. Uma hora é o bastante.

Um homem mais leve

São 10 horas e Dendico volta ao carro, 600 gramas mais leve. Os próximos dois minutos êle gasta decidindo se dá um pulo em casa ou se fica fazendo hora, até o instante de se preparar para o primeiro páreo. Voltar para casa não é boa idéia. Em dia de corrida muita gente procura o número 100 da Rua Heitor dos Prazeres atrás de **barbadas.** E Dendico não gosta de apontar cavalos "que vão ganhar na certa".

— Aprendi muito cedo que **barbadas** não existem. Quem acompanha as carreiras com um mínimo de interêsse tem tanta ou mais chance de acertar como qualquer jóquei. Da arquibancada, os páreos são vistos em muitas dimensões. Os jóqueis têm uma só. A gente só sabe o que acontece com o **nosso** cavalo. Por isso, prefiro ficar calado a levar alguém a jogar no meu palpite.

Essa teoria, Dendico aplica para si mesmo.

— Não jogo. Nos primeiros tempos, quando as montarias eram raras e o dinheiro mais ainda, arriscava uns cruzeiros e sofria tanto quanto qualquer turfista. Errava e acertava, mais errava do que acertava. Depois, as comissões começaram a chegar e descobri que nenhuma **bolada** valia mais que o dinheiro certo de tôda semana. O que tenho, consegui com os 10% dos prêmios que levantei nesses vinte anos de carreira e mais de mil vitórias.

Dendico acha que ainda não é rico. A casa em que mora, mais três que aluga, um sítio no interior e o carro — uns 200 milhões de cruzeiros velhos —, para êle não é muito, apenas o suficiente para levar uma vida tranqüila.

— E o que tenho é só isso mesmo. Nem mais nem menos. No banco fica apenas o necessário para sustentar minha casa, a casa de uma cunhada e o colégio dos meninos.

Dendico ganha em média 2.500 cruzeiros novos por mês. Monta pouco e está em sétimo lugar em número de vitórias em São Paulo, mas é o segundo em prêmios, com mais de 100 mil cruzeiros novos. Sua presença constante nos páreos mais importantes explica por que monta pouco e ganha bem. E nessa média não entram comissões eventuais em outros hipódromos.

Um homem supersticioso

Em vez de passar em casa, vai matar o tempo assistindo a uma partida do Excelsior Futebol Clube, time em que êle já teve um lugar de meia armador. No campo da Rua Vital Brasil também há os que querem **barbadas,** mas todos são amigos e não ligarão muito se os cavalos que Dendico sugere chegarem em último.

— Qual é a **boa,** Dendico?

É Zico, prêto alto, irmão de um cavalariço, sempre bêbado. Mas o que Zico quer não é **barbada.** Um cruzeiro nôvo o leva ao bar da esquina, de onde não volta mais. Dendico gosta de Zico, acha que êle dá sorte.

— Quando êle não aparece, já fico cismado. Sinal de que as coisas vão andar mal.

O jóquei Antônio Masso é o ponta-esquerda. Calção negro acolchoado, três camisas de lã por baixo da camisa do time. Corre muito, recebe bons passes, mas não marca nenhum gol.

— O negócio dêle não é êsse — explica Dendico. — Está correndo como um louco aí porque depois de amanhã tem de montar com 58 quilos e está com 61. Perde gols, mas também quilos.

A partida está empatada e começa a ficar dramática. Há 52 jogos o Excelsior não perde. Dendico quer ver o fim, mas não pode. São 11 e 30 e o primeiro páreo será às 12 e 45.

Do portão do prado ao vestiário dos jóqueis, Dendico fala com cinco pessoas amigas. Todos têm uma só recomendação:

— Olha lá, Dendico, não vá deixar êsses gringos levarem o nosso Grande Prêmio.

Êle diz que sim, que vai fazer tudo. Por dentro, está achando engraçado o fato de todo o mundo julgar o jóquei infalível, só porque monta um cavalo favorito. Ao mesmo tempo, fica alegre. Montar o favorito do Grande Prêmio São Paulo é o sonho de todos os que entram na carreira. O que incomoda é a responsabilidade.

— Por ser um favorito é que as coisas ficam mais difíceis. Essa é uma prova importante, muito dinheiro está em jôgo. O cavalo considerado **fôrça** vai ser visado, observado, vigiado. Se alguém está disposto a prejudicar outro, vai prejudicar o favorito. Será preciso então que seja um cavalo incomum para compensar os "partidos" aplicados.

Aplicar partidos, na linguagem dos turfistas, significa usar meios ilegais para obter vantagem, em prejuízo de outro. Pode-se aplicar partido cruzando a frente do adversário sem uma distância mínima de segurança; ou jogando seu próprio cavalo contra um que corra ao lado, fazendo-o perder terreno e o ritmo do galope; ou até mesmo apertando o adversário contra a cêrca interna da raia, o que é muito perigoso, pois o jóquei apertado tem que frear e pode ser "atropelado" pelos que vêm atrás. Podem ser punidos, conforme sua gravidade, com multa em dinheiro ou suspensão.

Um campeão sem esquemas

Falando em possíveis "partidos", Dendico não está sendo pessimista, mas sim prudente. Jóquei de experiência quer convencer a si mesmo que está indo para uma guerra. E nessa guerra pode valer muito mais a sorte do que a astúcia. Foi sempre assim: fora da pista, todos os fatôres são pesados — distância, raia, pêso, baliza, adversários. Escolhida a melhor tática, vai-se para o partidor com um páreo na cabeça. As portinholas abrem e o verdadeiro páreo acontece. Quase sempre diferente daquele que se imaginou. Por isso, Dendico não gosta de esquematizar nada.

SEGUE

M nas
empregou 6 milhões
de cruzeiros novos
em estradas para você
chegar mais cedo
à sua estação de águas.

O Govêrno de Minas sabe que o caminho para a implantação de uma verdadeira indústria de turismo começa com a construção de boas estradas. Foi por isso que aplicou 6 milhões de cruzeiros novos na pavimentação das estradas que formam o Circuito das Águas. Agora você viaja pelo asfalto e chega mais depressa à sua estação de águas. Pavimentando e abrindo novas estradas, construindo mais hotéis e pousadas, recuperando monumentos históricos e modernizando o sistema de eletrificação das cidades turísticas, o Govêrno de Minas procura fazer do Estado um lugar muito bom para quem o visita e melhor ainda para quem mora nêle. E estimula o desenvolvimento da indústria do turismo. Minas cresce. E Minas cresce mais com os recursos das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional. E você, adquirindo Obrigações, ganha em dôbro: ganha dinheiro e ganha progresso.

GOVÊRNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Ganhe em dôbro adquirindo

OBRIGAÇÕES REAJUSTÁVEIS DO TESOURO NACIONAL

no Banco de Crédito Real

Standard Propaganda

Foi dada a partida, e o favorito sai bem atrás

CAMPEÃO
CONTINUAÇÃO

— O importante é ter um bom cavalo e que os adversários sejam leais. Fatalmente ganham os melhores, jóquei e animal.

João de Castro Godoy nunca sorri para Dendico Garcia. E quando fala com êle é com frases curtas, sêcas. Apenas seus olhos, muito azuis, perdidos num rosto grande e enrugado, mostram o carinho que tem pelo seu jóquei de muitos anos, de três Grandes Prêmios Brasil. Êle se considera um segundo pai de Dendico, foi quem o trouxe de Campinas em 1949 e lhe deu as primeiras vitórias em São Paulo.

— E pai precisa de respeito, ora. Foram sempre assim as nossas relações. E não vamos mudar depois de velhos. Minha cara feia não quer dizer nada. Por trás dela, êle sempre encontrou aqui um amigo.

Dendico sai, vai ao vestiário; João aproveita sua ausência para abrir um sorriso e dizer o que não gosta que Dendico ouça.

— Dendico? Jóquei bom está aí. Perfeito. Como profissional e como homem. São dezenove anos, não tenho uma só queixa.

Nesses dezenove anos, Dendico ganhou três Grandes Prêmios Brasil com cavalos de João Godoy. Nenhum Grande Prêmio São Paulo. Mas êle diz que tem paciência, que não encerra a carreira sem êsse gôsto. Das muitas coisas que aconteceram nesses anos todos, João gosta de contar os casos engraçados, para divertir os ouvintes. Como êste:

— Logo no começo, mandei Dendico à raia treinar um cavalinho prêto, de muita estampa, mas um irremediável matungo, jamais seria um bom corredor. Naquele dia, porém, o bicho resolveu trabalhar bem e Dendico voltou entusiasmado, querendo saber seu nome. Contei que era argentino, importado naqueles dias. Depois, esqueci o caso e, no sábado, pouco antes do páreo, Dendico chegou todo emocionado, dizendo que tinha jogado 200 cruzeiros no **argentino**. Era muito dinheiro para a época e me arrependi da brincadeira. Mas não houve tempo. O jôgo estava fechado. Depois do páreo, Dendico era o sujeito mais feliz do prado. O matungo tinha ganhado.

Êle está pronto

Outra coisa que João gosta de contar: as instruções que deu a Dendico antes do GP Brasil que venceu, montanto Leigo.

Poucos sabiam que o cavalo tinha muita chance. Chamei Dendico de lado e pedi que êle jogasse o boné para trás quando, na reta final, sentisse que o páreo estava ganho. E a moda pegou. Depois, com Zenabre, Dendico fêz a mesma coisa, mesmo sabendo que seria suspenso, pois é proibido atirar o boné.

Dendico está de volta. João fecha a cara e diz:

— Veja lá o que vai fazer, rapaz!

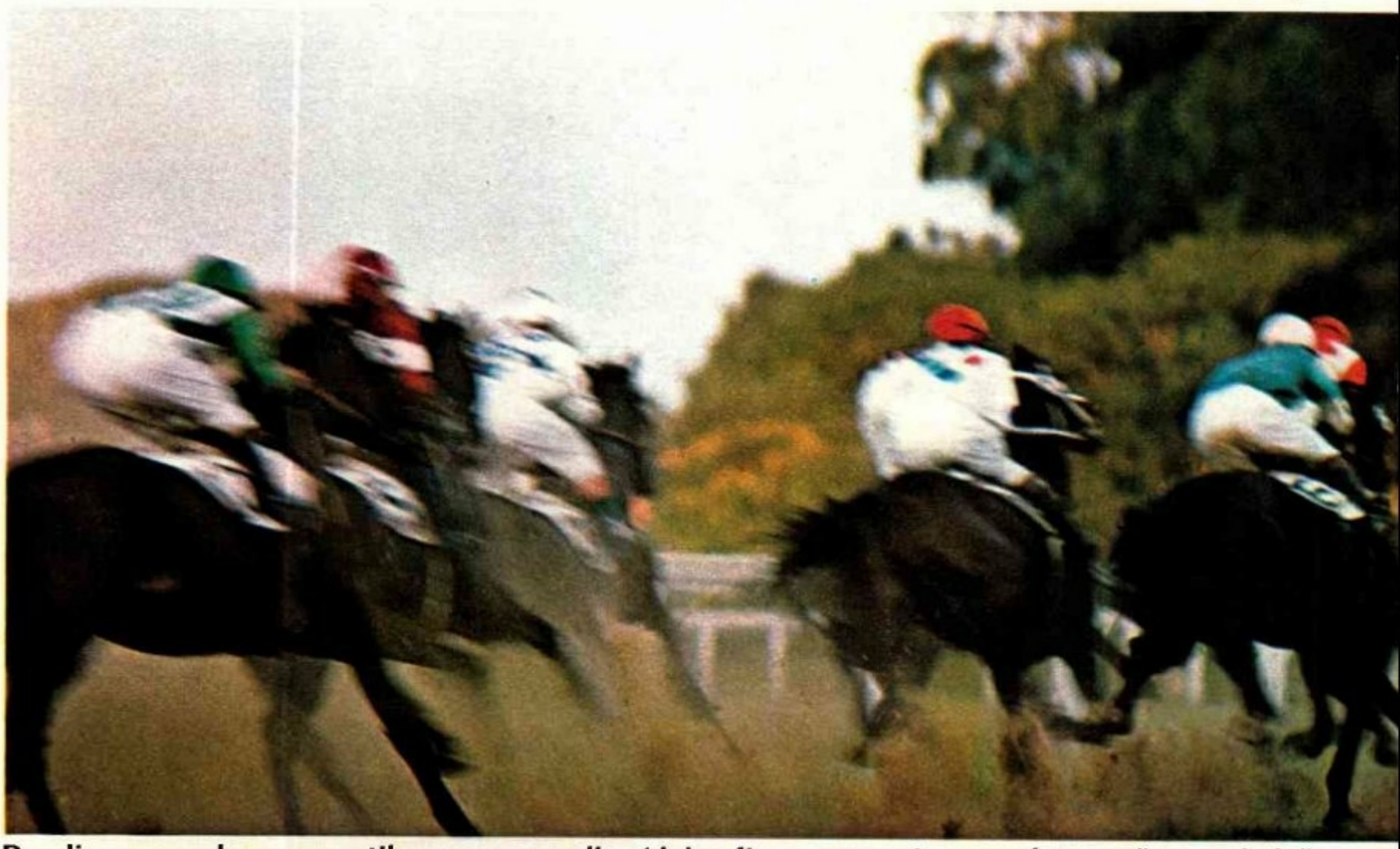
Com isso, João considera cumprida sua missão. Pega o chapéu tirolês, vira as costas e vai procurar um lugar de onde possa torcer por Dendico. Êle não tem cavalo inscrito na prova, mas sente como se o favorito tivesse sido treinado por êle.

O prado está superlotado agora. Profissionais, donos de cavalos, gente da imprensa, andando de um lado para outro na repesagem, onde estão as balanças, o vestiário e a sala de jóqueis. Nas arquibancadas, mais de 10 mil pessoas. O quinto páreo vai ser corrido, e o próximo é o Grande Prêmio. De bota, culote branco e a farda do favorito, Dendico não consegue ficar muito tempo num mesmo lugar. Um intenso nervosismo, embora disfarçado, vai invadindo aos poucos sua tranqüilidade. Senta entre dois treinadores, conta uma piada, vai para a sala dos jóqueis, não encontra ninguém, volta e procura alguém para conversar. A respeito de tudo, menos de cavalo. Sôbre o páreo, só fala com Sebastião Garcia, seu pai e treinador do favorito.

— O **velho** está inquieto. É seu primeiro Grande Prêmio São Paulo com chance de ganhar.

Mas Dendico também está inquieto. Só que não confessa. Êsse páreo o persegue. Na única vez em que poderia

SEGUE



Dendico aprendeu seu estilo com um velho ídolo: ficar para trás e ganhar na "atropelada"

colábor

Até quando? Sempre.

O dia inteiro femininamente
auto-confiante, graças
à higiene íntima LYSOFORM.

LYSOFORM tem aroma de higiene.

Alguém o atrapalhou quando já ia na reta final

CAMPEÃO
CONTINUAÇÃO

chegar na frente apareceu um chileno e levou a melhor. Agora, fala-se que um dos argentinos é craque. Êle não duvida. Já correu contra êsse cavalo na Argentina e ficou impressionado.

— Sei lá, a gente nunca sabe a fôrça dêsses **gringos.** Estão sempre levando os nossos Grandes Prêmios.

Alguém chega e pergunta:

— Como é, Dendico, que tática vai usar?

Êle nem responde, chega outro e o arrasta para um canto. Se tivesse respondido, teria sido o mesmo de sempre.

— Não sei, essas coisas se resolvem na hora.

Só de uma coisa Dendico tem certeza. Não correrá na frente. Por duas razões: seu cavalo não é ligeiro, gosta de correr atrás. E êle, Dendico, também gosta de correr atrás. Nem sabe direito como adquiriu êsse hábito.

— Deve ter sido lá em Mato Grosso. Quando chegava algum jóquei de São Paulo ou Rio, a gente ficava de ôlho nêle, para aprender coisas. Clemente foi um. Era muito bom. E só corria lá atrás. Enquanto brigávamos feito loucos, lá na frente, êle ia ficando, ficando, até se perder na poeira. Nos últimos 200 metros, nossos cavalos estavam com a língua de fora. e o dêle vinha **inteirinho**, numa atropelada dura e certa. Deve ter sido com êle que tomei gôsto pelas atropeladas.

Está chegando a hora

Hoje, Dendico, quando vem lá de trás, passando os adversários, um por um, não esquece o velho Clemente e dedica pelo menos uma chicotada à sua lembrança. Mas o que era instinto, no comêço, agora é um estilo, e Dendico sabe como fazer da atropelada o meio mais eficiente para chegar em primeiro.

— Quando a gente está na frente, o máximo que consegue, além de dosar as energias do animal, é **sentir** a fôrça de quem está por perto. Nunca a dos que vêm lá de trás. Correndo na retaguarda, tudo é diferente. A distribuição de fôrças fica aberta à nossa frente. O que é preciso é ter a calma do Clemente, um cálculo certo de corrida e energia para levar o cavalo à atropelada. Se sou bom jóquei, e me considero bom, devo pràticamente tudo a êsses três fatôres: calma, cálculo e energia.

Dendico acrescenta mais um.

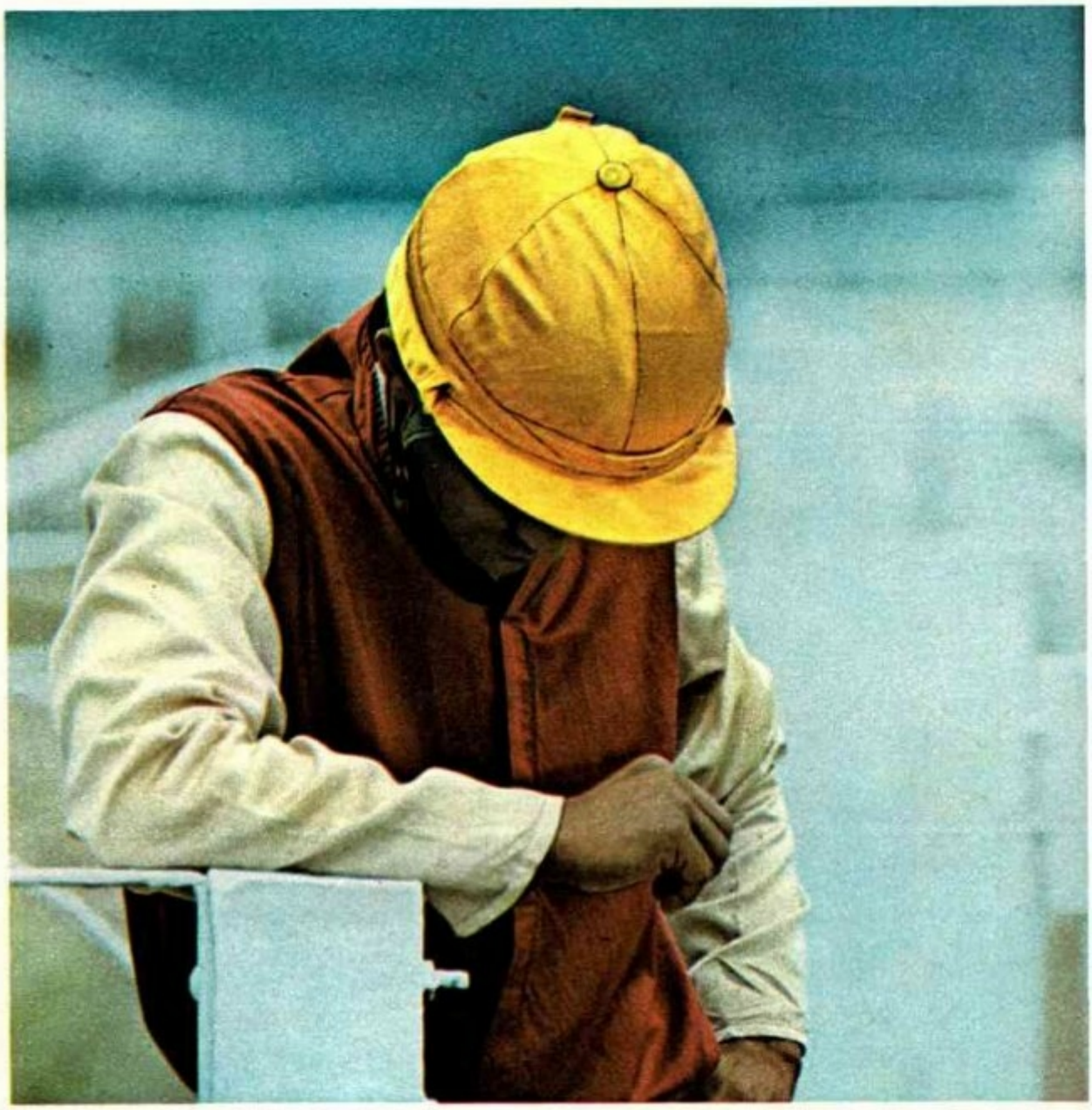
— Nunca tive coragem de aceitar sugestões para **puxar** um cavalo. Com isso ganho confiança de proprietários e treinadores. E confiança quer dizer mais cavalos para montar, mais páreos para ganhar.

Puxar um cavalo significa segurá-lo de propósito, entregar a vitória a outro.

A sirena indica o fim do sexto páreo. Ao mesmo tempo, uma campainha soa na sala dos jóqueis, avisando que é hora de ir para a pista. Dendico é o primeiro a sair, porque monta o número 1, e o número 1 deve ir na frente. Olha fixo para o chão, enquanto bate o chicote na bota, um gesto antigo, quase uma superstição. Nem repara na multidão em volta do círculo onde estão os cavalos. Vai direto para um banquinho de madeira, onde já se encontram seu pai e o jóquei João Manuel Amorim, que montará o outro número um do mesmo dono. Sebastião Garcia não se preocupa muito com o filho Dendico. Agora está mais interessado em Amorim, para quem tem instruções especiais.

— Você larga e procura a ponta. Vá brigar com os ligeiros e preparar o caminho para a atropelada do **Dê**. Se aparecer algum louco fazendo questão da ponta, deixe passar. Mas fique por ali. Seu lugar é na frente.

Na frente, é o lugar de todos os **faixas**, os animais que correm com o mesmo número de outro, com a tarefa única de ajudar o companheiro. E essa é a preocupação do velho Sebastião.



Muitos páreos são perdidos no larga, numa saída atrasada.

O chicote não pára de bater na bota. O rosto moreno de Dendico está mais pálido. Êle se concentra todo na guerra que vai começar.

O grande momento

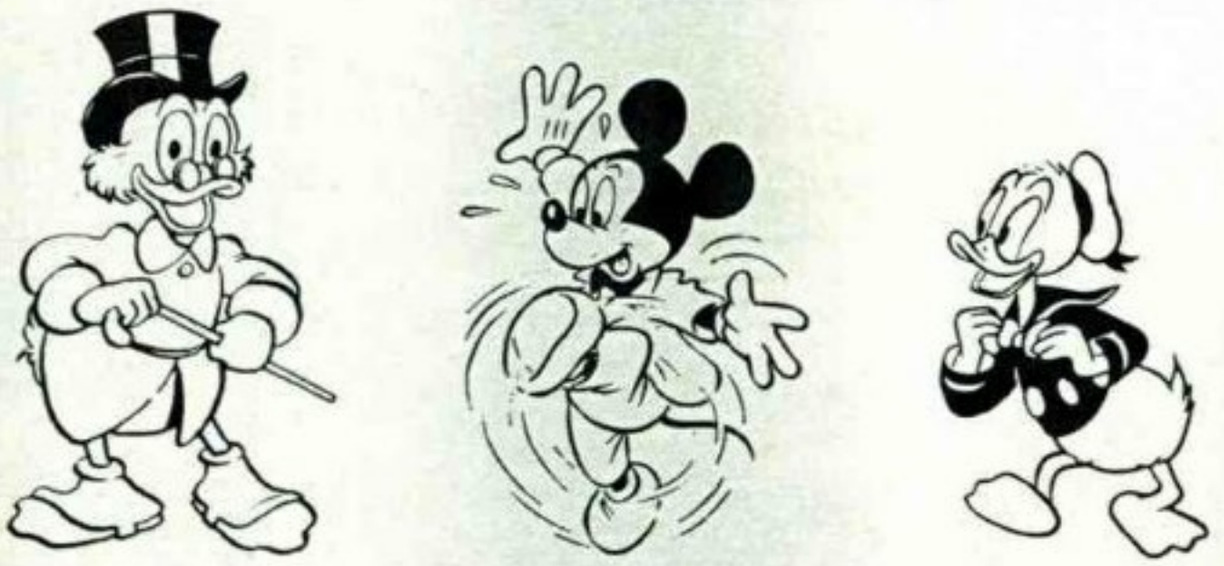
A bandeira vermelha e branca do Jóquei Clube está subindo num mastro colocado atrás do pavilhão da Comissão de Corridas. É o sinal de que a partida pode ser dada. Joacyr Pôrto, o homem que dá as largadas, só espera a colocação do último animal para apertar o botão que abrirá a porta dos boxes.

O favorito é o quinto, contando da cêrca interna para fora. A atenção de Dendico se divide entre a voz de comando de Joacyr e a posição do favorito dentro do boxe. Seu cavalo precisa estar bem pisado, quer dizer, com as patas tôdas em posição boa para largar. Um ligeiro atraso pode significar derrota sem luta. E Dendico já perdeu muitos páreos no larga.

SEGUE

Você é capaz de dizer os nomes dêsses personagens?

1)_____ 2)_____ 3)_____



4)_____ 5)_____ 6)_____

Tentou? Fácil, não? Êsses personagens de Walt Disney povoaram a sua infância... e a de milhões de outras crianças, em todo o mundo.

Como você, os seus filhos também gostam dêsses personagens. Êles representam momentos de alegria, através de historinhas sempre interessantes, educativas e saudáveis.

Você os encontra simpáticos e coloridos como sempre, nas revistas Pato Donald, Mickey e Zé Carioca — revistas da Editôra Abril.

Ah, mas é fácil demais! 1 - Professor Ludovico; 2 - Sobrinhos de Donald; 3 - Pateta; 4 - Tio Patinhas; 5 - Mickey; e 6 - Pato Donald.

É o fim, o público sofre

CAMPEAO CONTINUAÇÃO

Os dezessete cavalos pulam ao mesmo tempo. Não há meio metro entre uma cabeça e outra. Só daí a alguns segundos é que as posições começam a se definir. Dendico fixa a sua num sexto lugar, não muito distante dos ponteiros, entre os quais está seu **faixa.**

O barulho de patas batendo na grama sêca e os quase 60 quilômetros por hora em que está avançando não o deixam ouvir o primeiro **Dá-lhe, Dendico!**, logo seguido de outros. É ali, no meio do povo, que estão os admiradores maiores de Dendico. De onde raramente saem vaias.

Os cavalos já estão na reta oposta, lá do outro lado. A farda branca e vermelha do favorito se confude com as outras. Quando se consegue distingui-la outra vez, já não está em sexto, mas perdida no bloco de trás, fora do alcance de milhares de olhos. Um dos animais desviara-se bruscamente de sua linha e interrompera o galope firme e fácil do favorito. Alguém lhe teria aplicado um "partido"? Faltam, porém, 1 400 metros para o disco de chegada, muita coisa pode acontecer.

Dendico não perde a calma, faz seu cavalo reencontrar a forma certa e vai recuperando terreno. Na última curva, é novamente o sexto colocado. O trabalho agora é dosar a fôrça do favorito para uma atropelada nos 300 metros finais. E é dosando essa fôrça que êle conquista mais três posições. Já é o terceiro no instante em que se abrem à frente dos dezessete animais os 600 metros de reta, e escuta a distância um único e abafado murmúrio da multidão. É nesses metros que a corrida vai se decidir.

Os dois ponteiros ainda correm com firmeza, embora Dendico já esteja mais perto. A seta que indica os 300 finais chega com os gritos do público, incentivando o favorito com um côro de **Dá-lhe, Dendico!** Os metros perdidos lá do outro lado começam a pesar. Dendico usa o chicote desesperadamente. Faltam só 150 metros. A torcida vai calando, até ser superada pelos gritos frenéticos de uns poucos que apostaram no cavalo vencedor. Ainda não foi desta vez que Dendico pôde atirar o boné para trás, mostrando-se dono de um Grande Prêmio São Paulo.

Os cavalos voltam a passo para o círculo de onde saíram. Menos o favorito, que vem quase a galope. Em seu lombo, um homem ofegante, pálido e nervoso. Chicote debaixo do braço e olhar fixo na crina sôlta do favorito. Nem ouve as palavras de consôlo dos que o foram receber. Lá na raia, a festa é para outro.

Na Rua Heitor dos Prazeres, ninguém sabe ainda que hoje seu herói vai voltar triste para casa, sem o troféu que lhe falta na coleção. O rádio foi desligado no meio da curva final. FIM

1880

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22/29	23/30	24	25	26	27	28

Se você ainda não usa Modess,*
assinale aqui os seus dias de
desconfôrto, insegurança, intranqüilidade.

Para a mulher moderna, o absorvente higiênico MODESS* significa proteção e economia (custa menos que um baton). Modess também é encontrado em práticas embalagens de plástico: compre a de 30, é mais econômica ainda.

Johnson & Johnson

* Marcas Regs.

Use Modess com a calça higiênica SERENA* ou o cinto Modess em "V"

Há algum tempo, êle disse que seu herói preferido era Hitler. Hoje, diz que admira De Gaulle e respeita Stálin. É capaz de se dedicar à família, mas também pode fretar um avião especialmente para voar 500 quilômetros por causa de outra mulher. Assim é o general vice-presidente do Vietnam do Sul, e o vietnamita mais odiado do mundo. Tão odiado, que êle mesmo não deixa de reconhecer com certa vaidade:

UM DIA VÃO ME MATAR

Reportagem de Oriana Fallaci

Êle é o homem mais famoso do Vietnam do Sul, e também o mais odiado. Os reacionários o odeiam, os liberais o odeiam, os americanos o odeiam, porque êle é o maior inimigo dos reacionários, como dos liberais ou dos americanos. É certo que também é corajoso e cheio de idéias, mas à primeira vista ninguém lhe dá muita importância: é um vietnamita comum, igual a muitos outros, nem alto nem baixo, nem robusto nem frágil, nem bonito nem feio. Talvez um pouco diferente por causa do bigode, raramente usado pelos vietnamitas, e por certo porte altivo, como se quisesse lembrar a todos que se chama Nguyen Cao Ky, que é general e vice-presidente da República.

Não é cordial. Economiza os sorrisos e parece estar sempre envolvido por uma tristeza cheia de preocupação e orgulho ao mesmo tempo. Quando estende a mão — tem mãos bonitas, delicadas como as de uma mulher — parece estar concedendo um presente, e enquanto isso olha para a pessoa de maneira distraída, como se não a enxergasse.

Com surprêsa, descubro que sob êste aspecto severo, desalentador, existe um personagem colorido. E a primeira coisa que fico sabendo é que é um dom-juan: as mulheres o adoram, e antes de casar-se pela segunda vez, há três anos, ninguém em Saigon podia competir com êle nas façanhas amorosas. Nisso, tem uma virtude: não nega jamais essas proezas. Pelo contrário. Até gosta de explicar que "qualquer mulher gosta dos pilotos, homens sem preconceitos, arrojados". Mas há quem ache que, além de um dom-juan, Cao Ky era um **playboy** insuportável, grande consumidor de uísque, maior freqüentador de boates. E isto se pode notar ainda pela sua maneira de vestir-se, de cuidar-se: a brilhantina que dá lustro aos cabelos, o lenço de sêda lilás amarrado ao pescoço com elegante descuido, a farda sempre passada, demasiadamente passada. Gosta muito da farda dos pára-quedistas, tôda preta bem justa.

Outros contam que, na verdade, êle é um sentimental e que virou **playboy** desesperado e desiludido com a primeira mulher, uma francesa que o tratava com desprêzo. Principalmente se êle estava longe. Quando ela o abandonou, deixando-lhe cinco filhos, Cao Ky foi viver com uma cantora, desafiando tôdas as críticas: imagine, um primeiro-ministro envolvido com uma artista de boate, deixando que ela cuide dos seus filhos. Então se casou com outra mulher, linda, bondosa, onze anos mais nova, e muito direita. Conheceu-a num avião da Air-Vietnam: era aeromoça e estudava matemática na Universidade de Natrang. Diz que êle é um ótimo marido, um bom pai e que desde que se casaram nunca lhe causou nenhum desgôsto. É verdade que dizem que uma vez Ky voou até Hué por causa de uma aventura, e que ela pulou num avião militar, correndo atrás dêle para pegá-lo em flagrante; e que êle, informado da perseguição, deu ordem à tôrre de contrôle para que não deixassem descer o avião. Mas ela responde que é mentira: a ordem foi dada porque o tempo estava ruim e era perigoso aterrar. E, demais a mais, ela estava indo lá sòmente para passar o fim de semana em família.

Cao Ky mora em uma mansão da Rua Cong Ly, desde o dia em que sua casa de Tan Son Nhut foi bombardeada pelos vietcongs. Vive lá com a família, como um refugiado. À noite, transfere-se para o Palácio da Independência, onde dormem todos juntos em um só cômodo, pegado à sua sala de trabalho, em colchões colocados no chão. Depois do toque de

SEGUE

Muitos dizem que êle é um playboy. Mas hoje Ky vive bem com sua segunda mulher, depois que a primeira, francesa, o abandonou com seus 5 filhos.

A PRENSA DA NOVA FÁBRICA DE CHAPAS DURAS DA EUCATEX TEM A ALTURA DE UM PRÉDIO DE 6 ANDARES.

Êste ano entrará em fase de operação a fábrica de chapas duras que estamos terminando de construir em Salto, Estado de São Paulo. Esta nova unidade do complexo industrial da Eucatex conta com equipamentos modernissimos, entre os quais se destaca uma prensa com 18 metros de altura. É um verdadeiro gigante e seu tamanho pode ser demonstrado numa comparação: esta prensa tem uma altura equivalente a um prédio de 6 andares! Sua capacidade de produção a situa como a maior prensa já construída em todo o mundo para a fabricação de chapas duras: 220 toneladas diárias de material acabado,* desde os tipos mais simples aos mais requintados, em chapas duras com várias espessuras e nas dimensões inéditas de 1,83m x 5,50m. E é bom lembrar isto: quem faz a melhor chapa acústica, também faz a melhor chapa dura... Com sua nova fábrica, a Eucatex dá continuidade a um plano de expansão exigido por uma crescente demanda de seus produtos no Brasil e no Exterior. Além de suprir o mercado interno, a Eucatex vem exportando regularmente para os Estados Unidos, Argentina, Holanda, México, Inglaterra, Líbano, Alemanha, Bélgica, França, Portugal, Peru, Bolívia, Paraguai, Equador, Canadá e Kuwait. Importantes acordos estão sendo estabelecidos com compradores da Itália, Grécia, Filipinas, Malásia, África Portuguêsa e Hong Kong. Como se vê, os produtos Eucatex estão indo cada vez mais longe: sua qualidade é um fato que o mundo inteiro agora reconhece.

***Correspondem a 2.200.000 m² de chapas duras por mês.**

Chapadur
eucatex

Escritórios: Av. Francisco Matarazzo, 530
Fone: 51-9108 - C. Postal 1683 - S. Paulo
Fábricas: Salto - Estado de São Paulo

proeme

Sou contra os americanos: vieram defender seus interêsses

CAO KY
CONTINUAÇÃO

recolher, vai para lá escoltado por um comboio. As camionetas saem pelas ruas desertas, a tôda a velocidade, com as metralhadoras prontas a abrir fogo em caso de atentado. E, sempre a tôda, entram no parque do palácio, vigiado por outros guardas armados de metralhadoras. Tudo isso numa atmosfera tensa, angustiante.

As crianças aprenderam a jogar-se no chão e cobrir a cabeça apenas ouvem um tiro ao longe. O menor tem dois anos. A senhora Ky diz: "Estamos vivendo como os soldados", e seu rostinho liso como porcelana é melancólico e resignado. Mas o rosto dêle fica imperturbável. Para Cao Ky, o risco é normal; a ameaça de morte, uma rotina. Está certo de que passará por tudo isso como um deus invulnerável. Falou durante seis horas com voz firme, o olhar frio. Era uma tarde de domingo, e um canhão trovejava nos arredores de Saigon.

Os corruptos me odeiam

Oriana Fallaci — General Ky, a coisa mais desconcertante que contam sôbre sua pessoa, sem dúvida, é que o senhor teria dito há alguns dias: "Sei que alguém tentará matar-me. Mas êsse alguém não será um comunista." Foi isso?

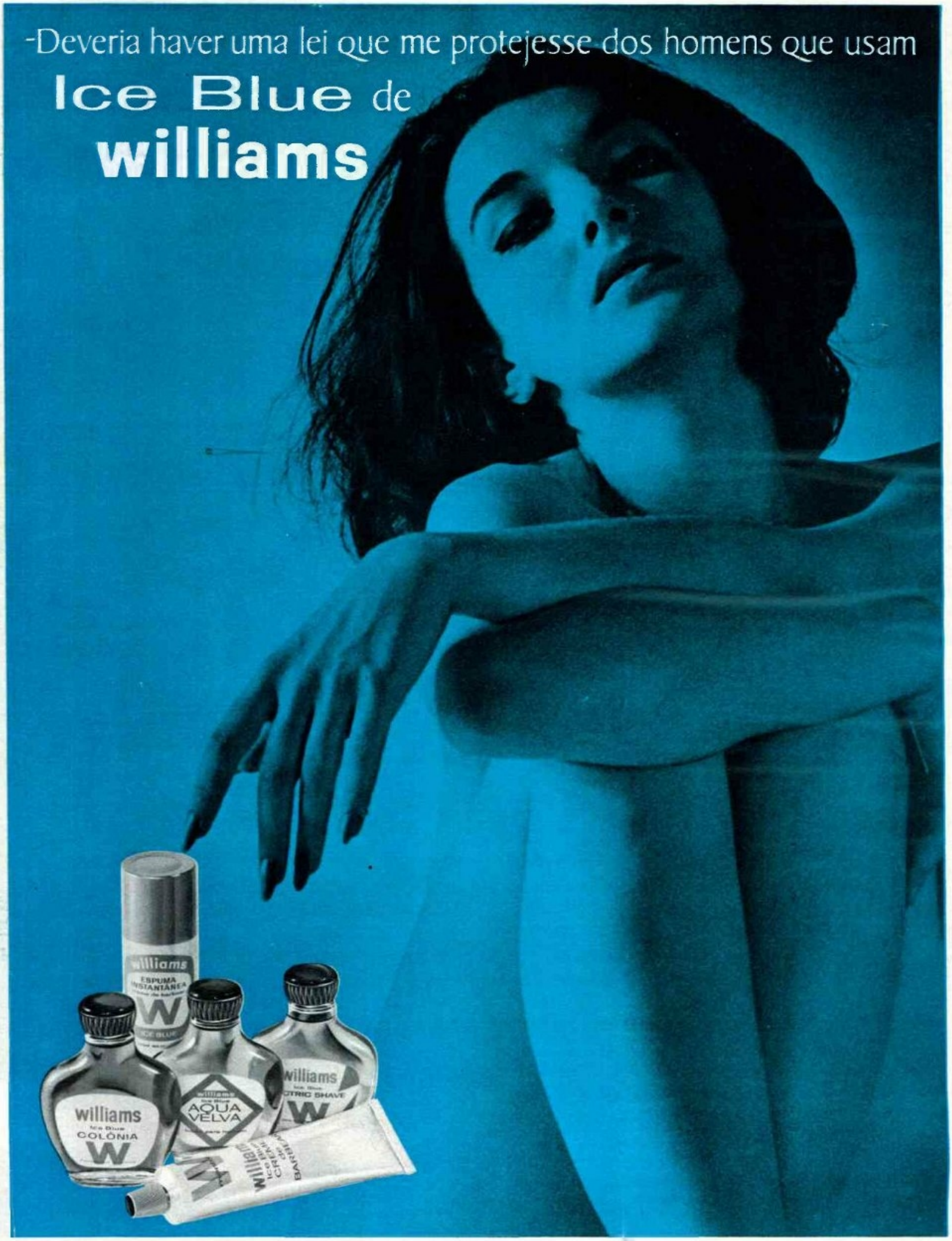
Cao Ky — Exatamente. Se alguém tentar matar-me, não será um comunista. Será alguém que me julga mais incômodo que os próprios comunistas. Veja bem, o mal não está só do lado dos comunistas. A corrupção está entre nós: em cada dez dos nossos líderes, nove são corruptos. E, já que sou o único a reconhecer isto, é natural que muita gente sinta ódio por mim e tenha vontade de me matar. Os políticos não gostam de mim porque não sou um político, porque não sou diplomático, porque detesto pertencer a um regime incapaz, que de democrático nada tem. Os americanos não gostam de mim porque lhes digo o que penso, ou os desminto e acuso; portanto, me julgam perigoso. Os americanos continuam dizendo que estão aqui para defender os princípios de democracia e liberdade. Não acredito nisso: estão aqui para defender os próprios interêsses, que nem sempre coincidem com os interêsses do Vietnam. Estão aqui porque querem estar na Ásia, e para combater o comunismo na Ásia, mas não porque se interessem por nós. Êles não entendem a nossa tragédia. São sempre êsses países muito importantes, que falam em democracia e liberdade, que terminam por revelar-se colonialistas. É justamente o tipo de democracia mencionada pelo Senhor Robert Kennedy que leva ao colonialismo. Gostaria de dizer-lhe isso pessoalmente, se viesse aqui, em lugar de mandar o irmãozinho Ted.

O. F. — General, o senhor está falando como um revolucionário.

C. K. — É claro que sou um revolucionário. Os americanos não compreendem que o Vietnam do Sul precisa de uma grande revolução, para enfrentar a revolução que aconteceu no Vietnam do Norte. Os americanos querem instaurar no Vietnam o regime democrático que êles têm em casa: respeito às leis, liberdade de expressão, etc. Mas que diabo significam certas coisas quando se morre de fome? Que sentido faz falar em poder executivo, poder legislativo, eleições, quando a primeira necessidade de um camponês vietnamita é uma tigela de arroz para sobreviver? Aqui, se formos ao campo falando no verbo **votar,** os pobres irão responder com o verbo **comer.** Para mim, a palavra democracia significa justiça social, distribuição da terra, construção de casas, e não os palavreados com que o Senhor Kennedy se alimenta. Na maior parte dos casos, as pessoas eleitas aqui no Vietnam do Sul não são as que o povo quer: não representam o povo. O povo votou nelas por temor, por ignorância ou sim-

SEGUE

Os filhos vivem como soldados. Até o mais nôvo, que tem apenas dois anos, já aprendeu a jogar-se no chão e cobrir a cabeça assim que ouve qualquer tiroteio ao longe.


-Deveria haver uma lei que me protejesse dos homens que usam
Ice Blue de
williams
williams
ESPUMA INSTANTÂNEA
W
ICE BLUE
williams
Ice Blue
COLÔNIA
W
williams
Ice Blue
AQUA VELVA
williams
Ice Blue
CTRIC SHAVE
W
williams
ICE BLUE
CREME
BARBEAR

Não confio em Ho Chi Minh: tem mais de 70 anos, eu tenho 37

CAO KY CONTINUAÇÃO

plesmente porque lhe disseram para votar. As eleições foram uma perda de tempo, de dinheiro, e sobretudo um blefe. Serviram só para instaurar um regime incapaz e corrupto. É verdade que eu também tenho parte de responsabilidade nisto. Participei dessas eleições, fui eleito e sou o vice-presidente. Mas isto não significa nada, pois quero denunciar o êrro e dizer: precisamos de uma revolução, porque as leis que temos só defendem os ricos. Devemos fazer novas leis que possam dar o poder para os pobres.

O. F. — Mas, general, Ho Chi Minh diz a mesma coisa. Os vietcongs falam assim. Isto é socialismo.

C. K. — Ninguém nega. Não tenho mêdo da palavra socialismo. São os americanos e os que mandam no meu país que a consideram um palavrão. Quando eu falava com o Embaixador Cabot Lodge, usava sempre as palavras socialismo e revolução socialista. Dizia-lhe: "Liberdade? Liberdade de quê? De expressão? Hoje, no Vietnam, precisa-se de uma única liberdade: liberdade da necessidade. A liberdade que vocês pregam no seu mundo é algo que não nos interessa no momento, porque o de que mais precisamos por enquanto é arroz."

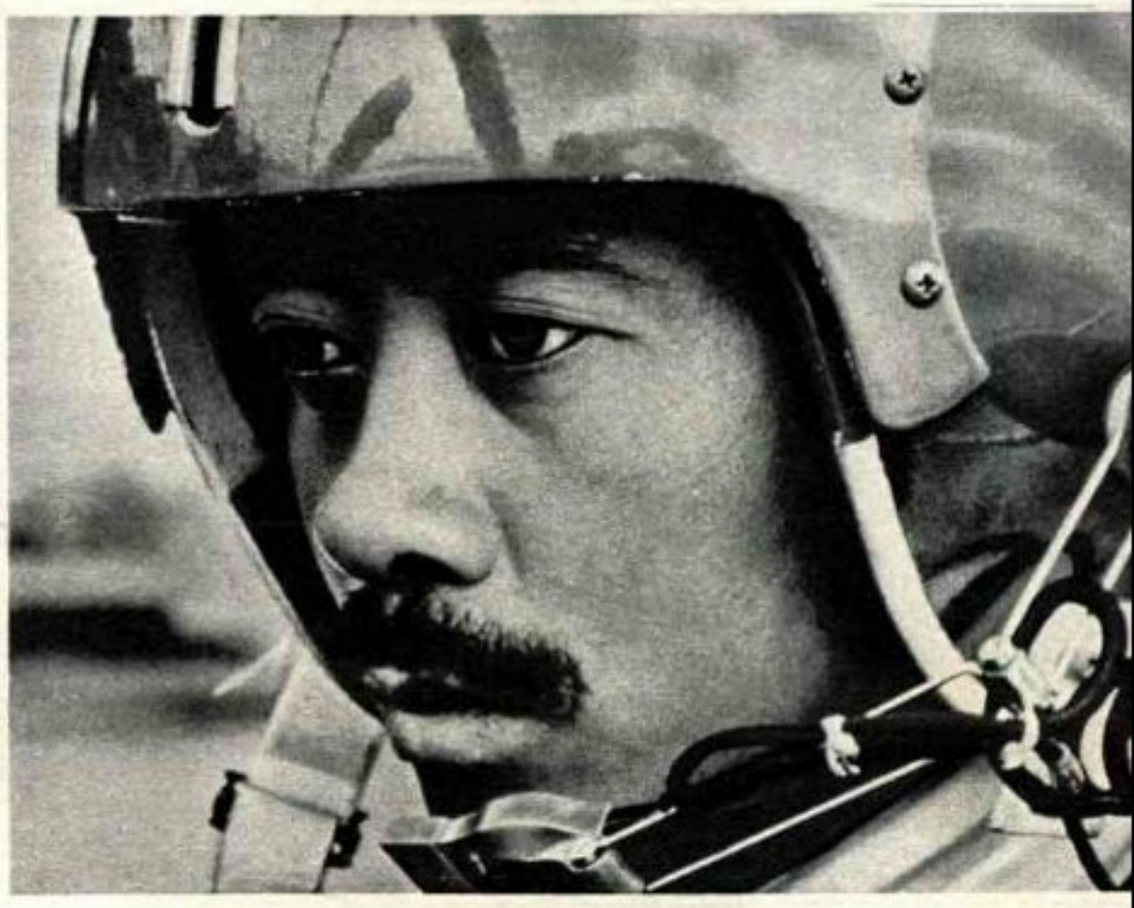
Deixem-nos construir primeiro um país onde não se morra de fome, e depois poderemos falar em liberdade de expressão, liberdade de palavra, poder executivo, legislativo. A senhora diz que sou um marxista. Quem se importa com Marx? Quem é Marx? Marx, Engels, êsses fulanos, não os conheço, nunca li nada do que escreveram nem quero ler. Estão além do oceano, na Europa, são brancos. Eu sou amarelo, asiático, estou no Vietnam, e tudo o que é bom para êles não serve para mim nem para meu povo. Êles são teóricos e eu não tenho tempo a perder com teorias. Com sinceridade, não tenho vergonha de confessar que a minha educação é um tanto escassa: fiz o clássico até os dezoito anos, quando os franceses fecharam as escolas e nos mandaram para a guerra, e assim tornei-me pilôto. Nunca tive tempo de ler livros escritos por Kant. Quem é Kant? Quem se importa com Kant? A minha filosofia elementar é suficiente para mim: há muito tempo, meu país era dividido como é hoje, e foi um camponês ignorante que o unificou.

Ho Chi Minh é um velho

O. F. — General, talvez o senhor tenha razão, mas acontece que, se lesse aquêles livros, descobriria que, em substância, o senhor diz as mesmas coisas que aquêles que combate. General, por que o senhor combate os comunistas?

C. K. — Bem... Como já lhe expliquei, não sei nada a respeito de Kant, Engels e Marx. Só sei o que vejo aqui. E o que vejo aqui não me agrada. Por exemplo, ver um filho que em nome do partido condena a mãe; e um partido que, em nome de não sei que coisa, destrói a família e os sentimentos. Sou contra a liberdade que provoca desordem e impede o progresso, mas também sou contra a ditadura. Não sei como explicar isso... Bem, procurarei explicar-me assim: não gosto dos católicos, e os comunistas se parecem com os católicos. Pertencem ao partido cega e fanàticamente, mesmo que tenham de destruir sentimentos e indivíduos. Isto é o que reprovo no comunismo. Mas não reprovo seu programa de distribuir a riqueza. E estou de acôrdo com êles quando tiram a terra de um rico para dá-la aos camponeses que eram explorados por êsse rico; quando dão um fuzil para o camponês, dizendo-lhe: combata por uma vida melhor; quando eliminam as classes privilegiadas. Como disse Confúcio, as diferenças são inevitáveis porque em uma sociedade cada um deve ter o seu lugar: mas essas tais diferenças não devem humilhar ninguém e todos devem integrar-se.

O. F. — Acredito que Ho Chi Minh o escutaria com gran-



Aprendeu a voar em 1953. Em 1956 dirigia a base de Tan Son Nhut, a mais importante do país.

de interêsse e simpatia, General Ky. O senhor tem certeza de não estar do lado errado?

C. K. — Bem, pode ser que a senhora tenha razão. Pode ser que, se tivesse encontrado Ho Chi Minh e tivesse lido os seus livros há dez ou vinte anos, hoje poderia estar do seu lado, destruindo o indivíduo, acusando minha mãe em nome da justiça social. Mas que seria eu? Um pequeno funcionário obediente, perdido nos esquemas do partido comunista, como milhares de outros? Esculpido por êles, amargurado por êles? Estando aqui, dêste lado, sou Nguyen Cao Ky e posso fazer alguma coisa. Porque, se é verdade que uma andorinha não faz verão, é também verdade que uma andorinha anuncia a primavera. Sem dúvida, do outro lado da barricada tudo teria sido mais fácil para mim: provàvelmente seria menos infeliz. Quanto a falar com Ho Chi Minh... Sim, talvez eu gostasse... Mas com um revólver na mão: não o conheço, não confio muito nêle e nem posso dizer que me interessa realmente. Pertence a outra geração. Não há dúvida, é um bom chefe, mas velho. Tem mais de setenta anos e eu tenho 37. Não desprezo os velhos: pertenço a um país em que se respeita a velhice e em que a gente se inclina sempre diante dos pais, avós e tios. Mas, quando se fala na revolução, justiça social, no futuro do país, os velhos não têm mais nada para ensinar-nos. Porque, se formos escutá-los, repetiremos os seus erros. Os velhos como Ho Chi Minh não pertencem mais a êste século.

O. F. — General Ky, se um dia o senhor ficasse desiludido, se descobrisse que não pode fazer a revolução socialista no Vietnam do Sul, se achasse que está do lado errado, o senhor pularia a barricada para o outro lado?

C. K. — Não. Quando um homem escolhe um ideal, melhor ainda, um caminho para realizar o seu ideal, deve percorrê-lo até o fim. Sem mudar. Se descobrisse ter escolhido o caminho errado, preferiria morrer. Sei muito bem que eu e os comunistas temos sonhos em comum. Sei também que

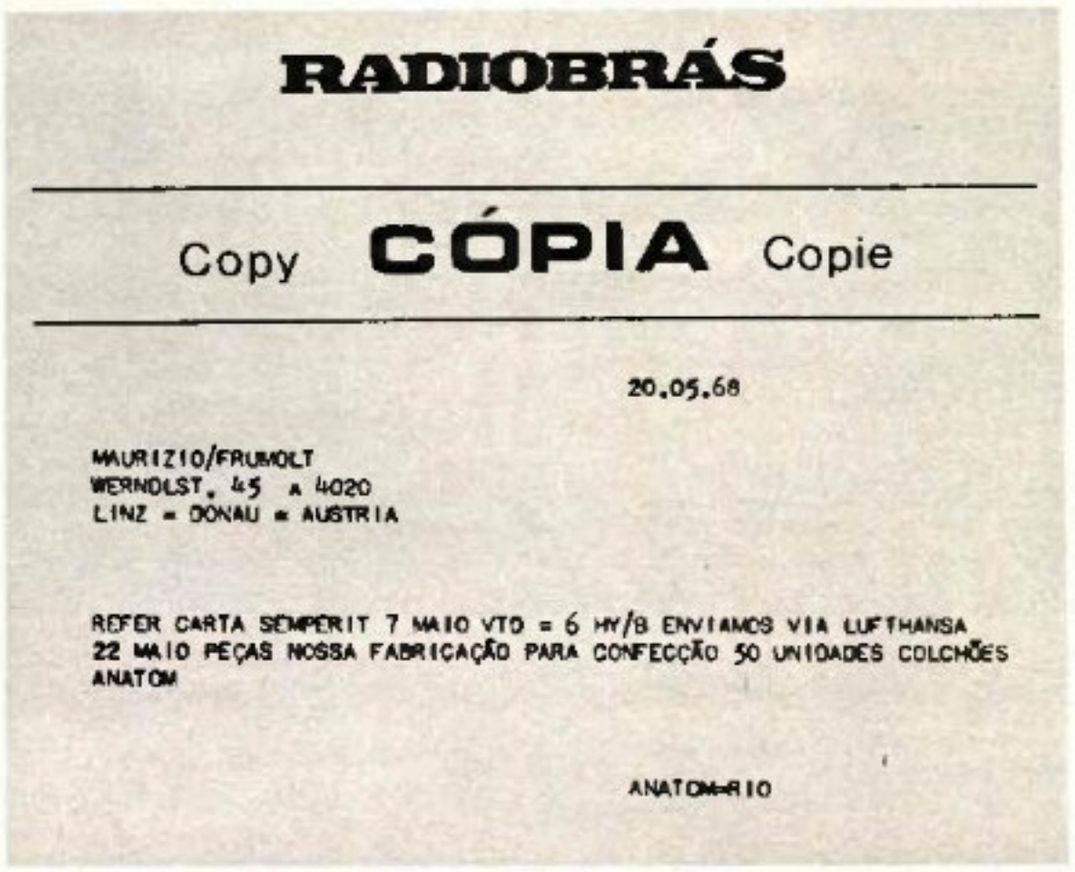
SEGUE

O MÉXICO DE PONTA A PONTA / AVANT-PREMIÈRE DAS OLIMPÍADAS DE OUTUBRO / PREPARATIVOS DO BRASIL / ROTEIROS TURÍSTICOS / MIL ATRACÕES

QUATRO RODAS

CHEGADA NAS BANCAS EM 12 DE JULHO

agora a Europa vai dormir em paz


RADIOBRÁS

Copy CÓPIA Copie

20.05.68

MAURIZIO/FRUMOLT
WERNOLST, 45 A 4020
LINZ = DONAU = AUSTRIA

REFER CARTA SEMPERIT 7 MAIO VTO = 6 HY/8 ENVIAMOS VIA LUFTHANSA
22 MAIO PEÇAS NOSSA FABRICAÇÃO PARA CONFECÇÃO 50 UNIDADES COLCHÕES
ANATOM

ANATOM-RIO

A Europa não vai mais acordar com dor de cabeça, nem com dores nas costas, nem de mau humor. Vai dormir melhor, mais tranqüilamente. Não é fácil um sono perfeito. É necessário algo que só o Brasil possui: o segrêdo da "estrutura indeform". Sòmente essa "estrutura indeform" permite um repouso completo, na posição anatômica cientificamente certa. Sòmente os colchões que possuem a "estrutura indeform" dispõem de maciez cientificamente dosada. É possível que, em algum outro pais, êsse segrêdo seja descoberto novamente. Mas, infelizmente, êle não pode ser usado em nenhuma hipótese. A "estrutura indeform" é exclusiva de Anatom. Foi criada por Anatom e patenteada por Anatom no mundo inteiro. Agora você pode entender por que vários países - dos mais desenvolvidos da Europa - já começaram a comprar Anatom.

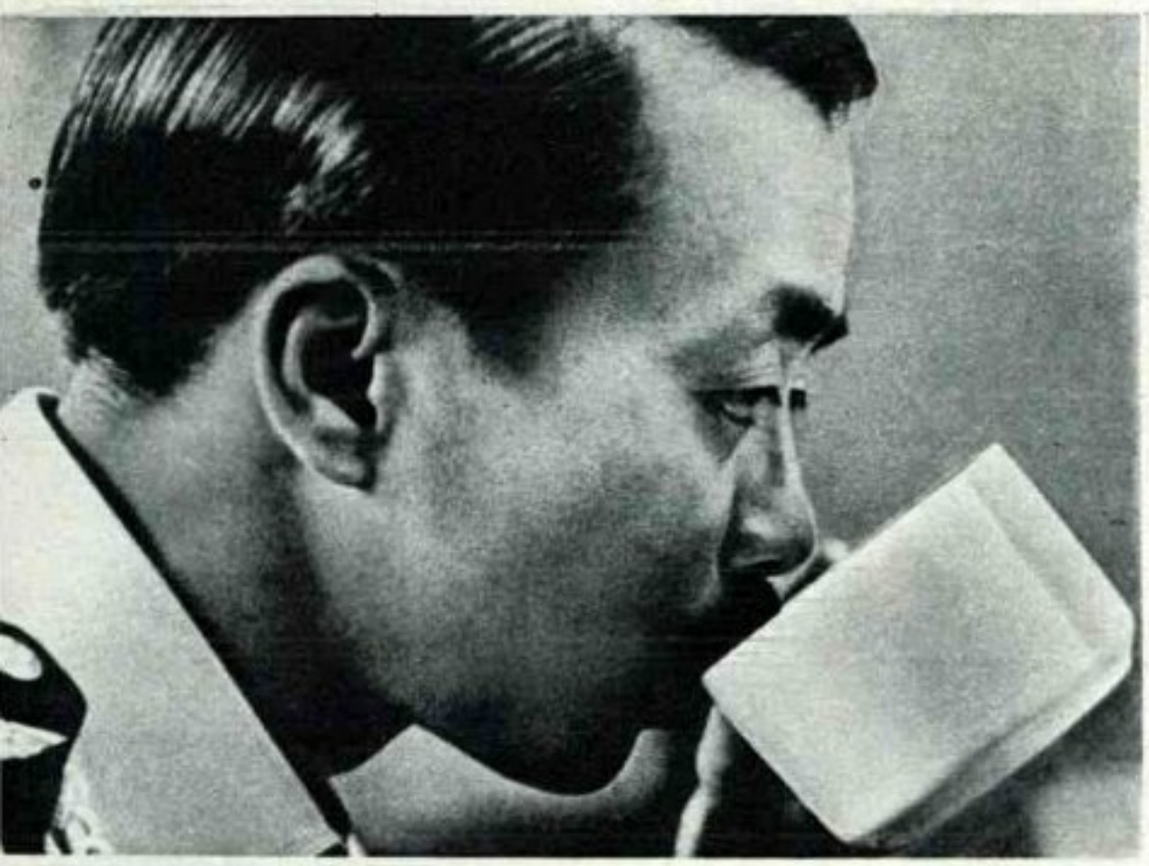
E assim, o colchão mais avançado - e famoso - do Brasil vai-se transformando no colchão mais avançado - e famoso - do mundo. Não é para a gente sentir orgulho?

Anatom

NO RIO: CENTRO: Ed. Avenida Central - 1.º sobreloja, 214.
COPACABANA: Avenida Copacabana, 646 - sobreloja.
EM NITERÓI: Rua da Conceição, 37 - sobreloja.
Demonstrações domiciliares sem compromisso: tel. **52-6464,** até 22 horas.
EM SÃO PAULO: Av. São Luís, 153 - Galeria Metrópole - 3.º sobreloja.
Demonstrações domiciliares sem compromisso: tel. **36-6700,** até 22 horas.
EM VITÓRIA: Rua Nestor Gomes, 281 - tel. **3-3716.**
EM RECIFE: Rua da Concórdia, 153 - sala 601.
EM BELO HORIZONTE: Av. Augusto de Lima, 233 - sobreloja, 47.

mpm propaganda

Odeio os chineses: são nossos inimigos há 4 mil anos



Em 1958 comandava tôdas as operações aéreas na guerra. Hoje é homem forte do Vietnam.

há muito mais sujeira entre nós do que entre êles. Mas o sistema dêles não é o sistema certo. No Vietnam há um provérbio: "Se você vencer, será rei; se perder, lhe cortarão a cabeça." Se me cortarem a cabeça, paciência, pois pelo menos procurei tornar-me rei. Mas é provável que consiga vencer, porque não sou minoria: os pobres estão comigo. Ontem falei a quatrocentos professôres de universidade, tinha vontade de rir. Com aquêles fuzis nas mãos. Coitados! Nem sabem como se carrega um fuzil. Isto de armar os intelectuais e os burgueses para a defesa civil é bastante ridículo. Quem não tiver fome não dispara. Mas dê um fuzil a um camponês faminto, e então verá como êle dispara.

O. F. — Mao Tsé-tung adoraria ouvi-lo. E o que o senhor diz sôbre os velhos agradaria à guarda vermelha...

C. K. — Não me fale em Mao Tsé-tung, nos chineses. Êles são nossos inimigos: em 4 mil anos da nossa história demonstraram que serão sempre nossos inimigos, sempre prontos a absorver-nos e a destruir-nos. No Norte ou no Sul, sentimos ódio por êles. E quando alguém diz que Ho Chi Minh pedirá à China para intervir na guerra, eu respondo: não! Ho Chi Minh é um vietnamita e odeia os chineses tanto quanto eu odeio.

Tenho dó do Vietcong

O. F. — General Ky, o senhor não disse ainda o que acha dos vietcongs. Consegue considerá-los como irmãos?

C. K. — Um irmão é um homem que está ao meu lado quando estou triste ou quando estou feliz, um homem que pensa igual a mim. Os vietcongs falam a minha língua, têm o mesmo sangue, e quando estão mortos me inspiram piedade. Mas combatem do outro lado. Eu sei que um dia o Vietnam será unificado e, se não fôr morto antes, o meu destino será justamente o de uni-lo. Mas, até êsse dia, não me peça para respeitá-los ou chorar por êles. Deixo êste privilégio para vocês, europeus, que tanto gostam dos vietcongs. Tudo o que êles fazem, vocês acham bom. Tudo o que nós fazemos, vocês acham errado. Êles são bonzinhos e nós ruins, como nos faroestes.

O. F. — Nós admiramos a coragem dêles. A sua fé. O senhor deve admitir que é preciso ter muita coragem e fé para combater descalço contra carros blindados.

C. K. — Ninguém nega, êles são corajosos: são vietnamitas. Os nossos também são corajosos, mas vocês os acusam de covardia, de deserção. Com que base? Vocês nunca se preocupam pelos nossos soldados. Pelos americanos, sim. Mas os nossos soldados não fogem como vocês pretendem, e têm tanto valor quanto os vietcongs que vocês admiram. Eu disse isso para Johnson: se os vietcongs deixassem de infiltrar tropas no Sul, nós não precisaríamos dos americanos. Liquidaríamos nossos problemas sòzinhos. Eu tenho tanta coragem quanto um vietcong, também sei morrer como um vietcong.

O. F. — Mas foram êles que desencadearam a ofensiva do Tet com bastante sucesso: 36 cidades atacadas, Saigon sitiada durante 20 dias, Hué em suas mãos por 28 dias...

C. K. — E vocês aplaudindo... Mas acontece que tôdas as 36 cidades foram retomadas, e a ofensiva vietcong fracassou. Embora sejam inteligentes, perderam porque confiaram na imprensa americana, que vem repetindo há vários anos que os vietnamitas do Sul são coelhos, enquanto os vietnamitas do Norte são leões. Até o General Giap, até os políticos de Hanói caíram nessa armadilha. Pensaram que os nossos soldados não iriam reagir e que a população passaria para o lado dos vietcongs. Mas se enganaram. Em geral a população é indiferente: não está nem comigo nem com Ho Chi Minh. O que lhe interessa é a sua tigela de arroz. Se eu tivesse guiado a ofensiva do Tet, juro que os vietcongs não teriam fracassado. Porque eu sei o que é preciso para envolver a população. Quando o povo se revolta, não há nada que o faça desistir, nem a bomba atômica. E, para que isto aconteça, é preciso despertar sua consciência, reconhecer o seu direito àquela tigela de arroz, e fazê-lo combater por ela.

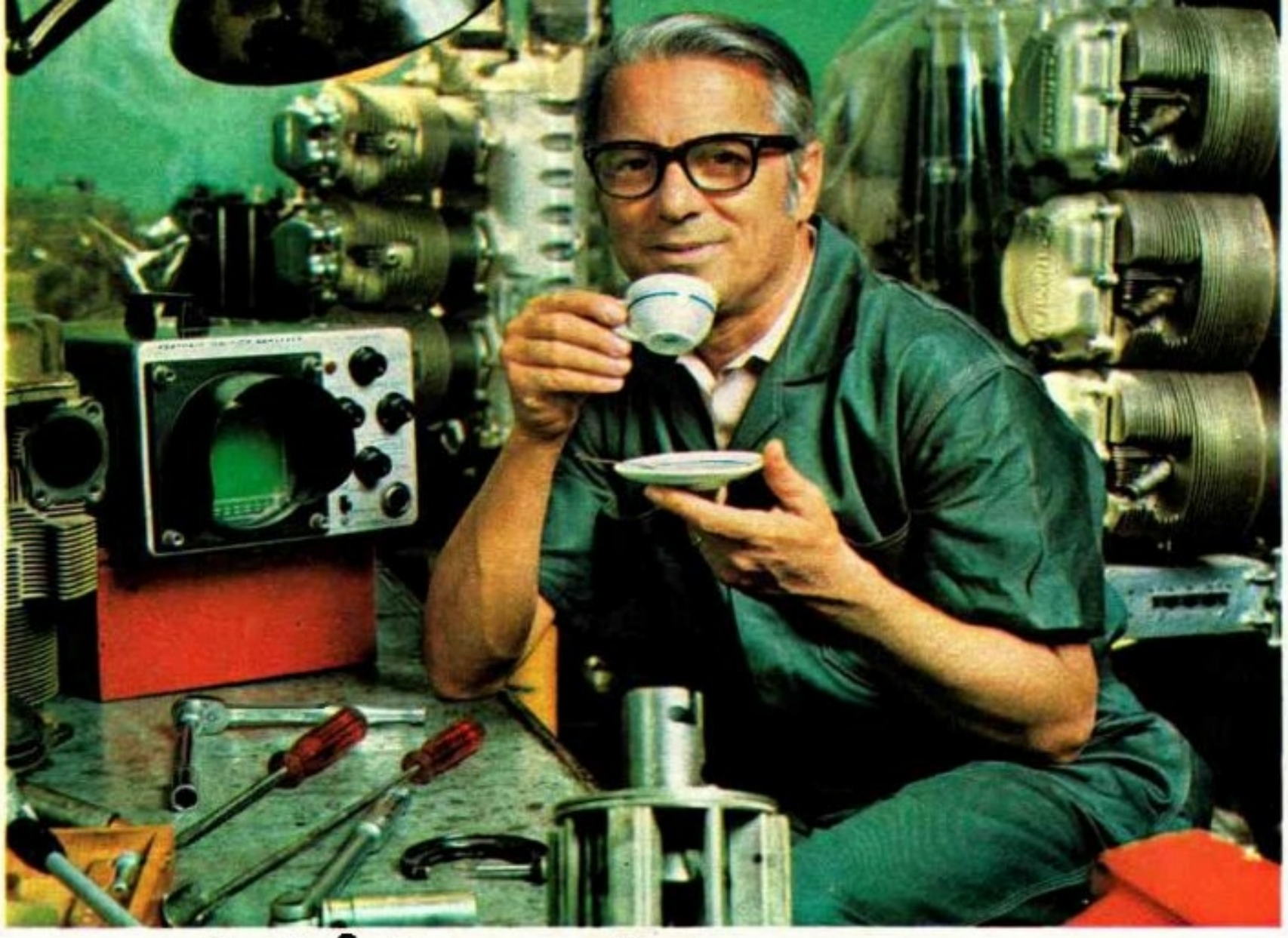
O. F. — Quer dizer que os vietcongs fracassaram por isso?

C. K. — Esta é a razão principal. Mas há mais: seus chefes são velhos e fazem revoluções de velhos, confiando nos livros escritos há cem anos por aquêles brancos que se chamavam Kant, Engels e Marx; seus chefes acreditam sòmente no partido e não nos indivíduos; raciocinam igual aos americanos, quando êstes interrogam o computador em lugar de interrogar o bom senso. E fracassaram porque não tinham a mim. Mandaram tropas insuficientes com armas insuficientes. Não ocuparam os objetivos certos e foram lentos demais. Não ocuparam as estações de rádio. A primeira coisa a ser tomada é o rádio, de onde poderiam gritar: "Estamos aqui, estamos em Saigon! Abaixo Ky! Agora nós somos o govêrno." Perderam tempo com a Embaixada americana, quando o povo bem pouco se importa com ela. Mas como é possível perder tempo com a Embaixada americana? Agora que compreenderam o êrro, não duvido que daqui a pouco voltarão ao ataque, logo que puderem reorganizar seu exército. Daqui a dois meses, três no máximo. Então atacarão: será a batalha decisiva. Porque a guerra se decidirá em Saigon, não em Khe Sanh. São os americanos que fazem publicidade com Khe Sanh e outras bases. Os norte-vietnamitas não são estúpidos, sabem que Khe Sanh não tem valor militar ou político. Sabem que a guerra se decidirá em Saigon.

O. F. — General Ky, êles atacarão novamente e... se ganhassem?

C. K. — Isto quereria dizer que me enganei: o povo estaria com êles e não precisa da minha revolução. Mas isto não acontecerá. O povo não se levantará por êles. E êles, sòzinhos, não poderão fazer nada. Têm mais experiência, mais

SEGUE



A Líder sabe que v., de vez em quando, precisa viajar às pressas.

É exatamente para colaborar com v., que não exigimos pressa dos nossos técnicos. Preferimos trabalho perfeito.

Mas V. não sente essa possível demora dos técnicos de manutenção da Lider na hora de sair. V. percebe a perfeição do trabalho déles durante o vôo. Pela suavidade da viagem. Pela tranquilidade que oferece o desempenho dos modernos Aero Commanders da Líder.

Para que os nossos técnicos possam trabalhar com a eficiência que exigimos, êles têm em mãos o material mais completo, desde as peças genuinas até os aparelhos de alta precisão. Para viajar pela Líder, basta um telefonema.

LÍDER TÁXI AÉREO

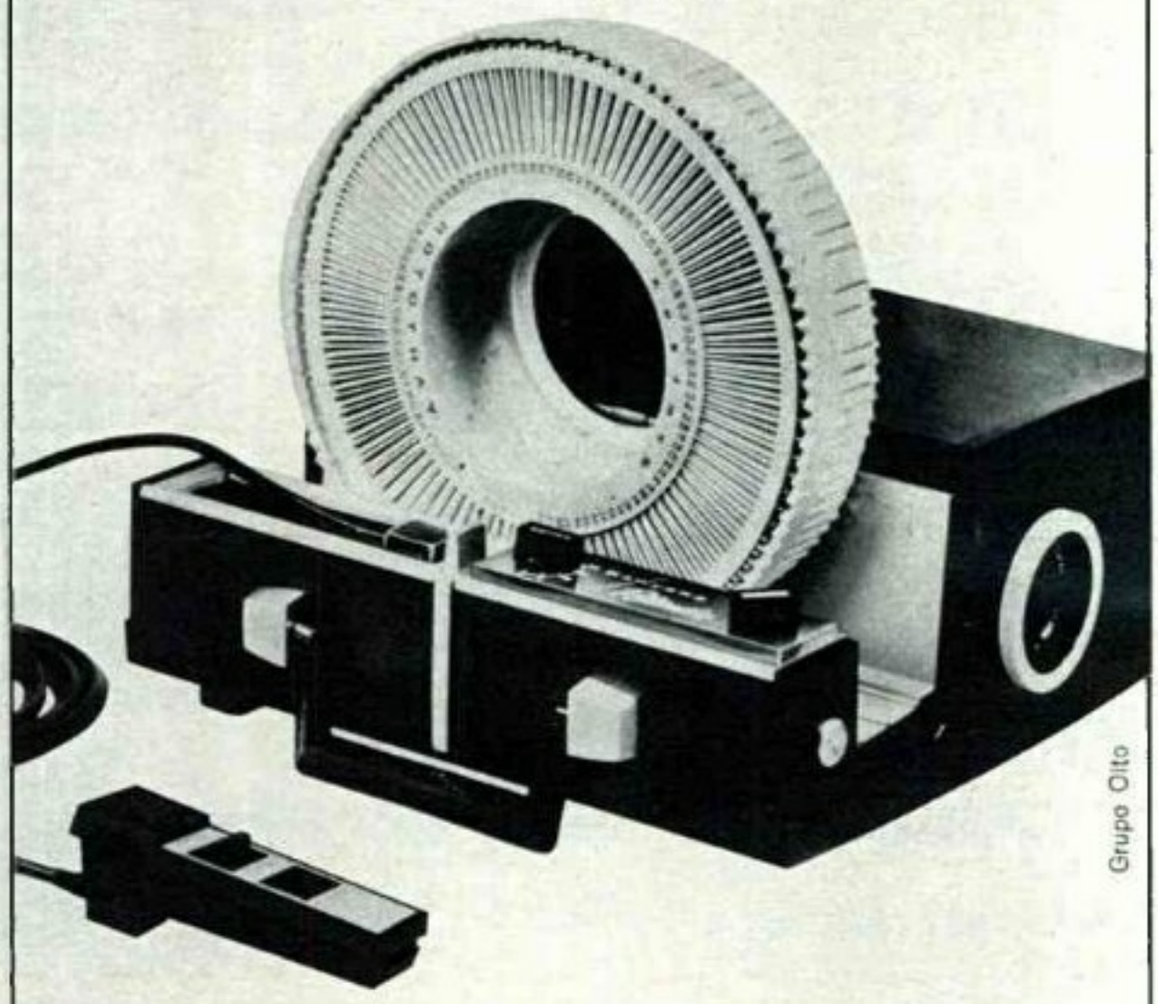
Fretar um avião da Líder é tão simples como pedir um táxi.

JMM. MG

Líder S. A. Transportes Aéreos ☐ Belo Horizonte — Aeroporto da Pampulha — Fones: **4-9130 / 4-9325 4-9662** e **2-9033** ☐ Rio de Janeiro — Aeroporto Santos Dumont — Fones: **52-9160 / 22-7884 22-1442** ☐ São Paulo — Aeroporto Congonhas — Fones: **267-2660 / 61-8977** e **34-3054**

SAWYER'S

UMA RODA GIGANTE DE 100 EMOÇÕES



Grupo Otto

Divirta-se com um projetor fixo SAWYER'S, seu melhor companheiro para relembrar momentos agradáveis de uma viagem, ou eficiente colaborador na sua atividade profissional. Não existe nada mais atual do que a linha de projetores fixos SAWYER'S, com características originais em cada modêlo e com a inconfundível qualidade da mais vendida marca do mercado americano. Todos os modelos incorporam as vantagens básicas da linha SAWYER'S - contrôle remoto para tôdas as operações, possibilidade de uso de magazines de 100* e 36 slides e notável facilidade de manejo e acesso a qualquer mecanismo do aparelho. Conheça, nos melhores varejos do Brasil, a linha SAWYER'S. Vale a pena!

* Com o exclusivo sistema Rototray.

SAWYER'S

Q.Q. ÓTIMA QUALIDADE

-êste sêlo identifica o bom produto

Detesto a Europa e a América: estão no fim

disciplina, mais treinamento: desde 1954 estão-se organizando, enquanto nós começamos há apenas quatro anos. Mas nós também já nos acostumamos à guerra. Sei que vocês, europeus, vocês brancos, acreditam que os vietnamitas estejam cansados da guerra: no Sul e no Norte. Não, não estamos cansados simplesmente porque não sabemos o que é a paz. Para nós a morte é uma questão de costume, e não temos mêdo dela. Veja o meu exemplo: nem me lembro de quando vi a guerra pela primeira vez. Quando fomos dominados pelos japonêses eu era criança. Depois dos japonêses, vieram os chamados aliados, ou seja, os chineses, que começaram a lutar entre si: comunistas e nacionalistas. Depois dos chineses, os franceses. Depois dos franceses, a guerra atual. Para nós, cada dia é o dia em que poderemos morrer. Quando penso nisso, nada sinto. Só tenho pena por meus filhos, mas minha mulher cuidará dêles. Somos asiáticos, fatalistas, acreditamos no destino, e o sofrimento para nós é uma coisa normal. Vocês, europeus, vocês brancos, não podem entender isso. Dão muita importância à vida. Não sabem sacrificar-se por um sonho. Se vocês estivessem em nosso lugar, numa guerra como esta, já teriam cedido há muito, porque são materialistas, egoístas.

O. F. — O senhor não gosta de nós, não é mesmo, General Ky?

C. K. — Tenho orgulho demais para poder gostar de vocês. Orgulho por ser um vietnamita, um asiático, um amarelo. Nunca achei que a raça branca fôsse superior. Pelo contrário. Se eu fôsse religioso, diria a vocês, brancos: "Eu sou o filho de Buda, o filho de Deus. Eu sou o homem, o Buda que Deus mandou para êste país, para salvá-lo e unificá-lo novamente, para que um dia possa desempenhar na Ásia o papel que lhe diz respeito." Porque o futuro está aqui conosco, não lá, com vocês. A Europa está velha e cansada, e aquela América que ainda chamam de nôvo mundo nada tem de nôvo: é velha também. O tempo de vocês acabou. E é também por isso que as suas críticas não me incomodam. Tôda aquela indignação porque o General Loan matou um vietcong capturado: não há dúvida, eu também o condeno, embora o compreenda, porque é o gesto de um homem que não consegue mais controlar-se depois de ter visto morrer todos os seus companheiros. Quero ser eu a condená-lo, porém não vocês. Eu, vietnamita, quero julgar o gesto de outro vietnamita que mata outro vietnamita. Não admito que vocês se apoderem dêsse direito.

O. F. — Mas o senhor também não é muito estimado, General Ky. Até diria que hoje o senhor é o vietnamita mais odiado do mundo.

C. K. — Eu sei. Sou odiado. Lembro-me da vez em que fui para a Austrália numa viagem oficial: os cartazes dos manifestantes me descreviam como "assassino, ditador, açougueiro". Na conferência de imprensa que dei duas horas mais tarde, fizeram-me perguntas insultantes. Parece que o mundo espera sempre encontrar o pior em mim, e, se chega a descobrir que não sou tão feio quanto me pintam, então reage com assombro: "Estávamos preparados para ver um açougueiro e encontramos um homenzinho educado", escreveram os jornais australianos no dia seguinte. E os comunistas também. A acusação mais freqüente é que pretendo ser ditador e que admiro Hitler. E tudo isso porque, quando cheguei a primeiro-ministro, numa época em que acontecia um golpe de Estado por dia, exclamei: "Aqui precisaríamos de um tipo como Hitler". Eu só queria citar o exemplo de um homem forte: escolhi o nome de Hitler por raiva. E daí? Não quero dizer que Hitler seja o meu herói! É simplesmente ridículo!

O. F. — General Ky, além do senhor, existe uma pessoa no mundo que o senhor admira e na qual tem fé?

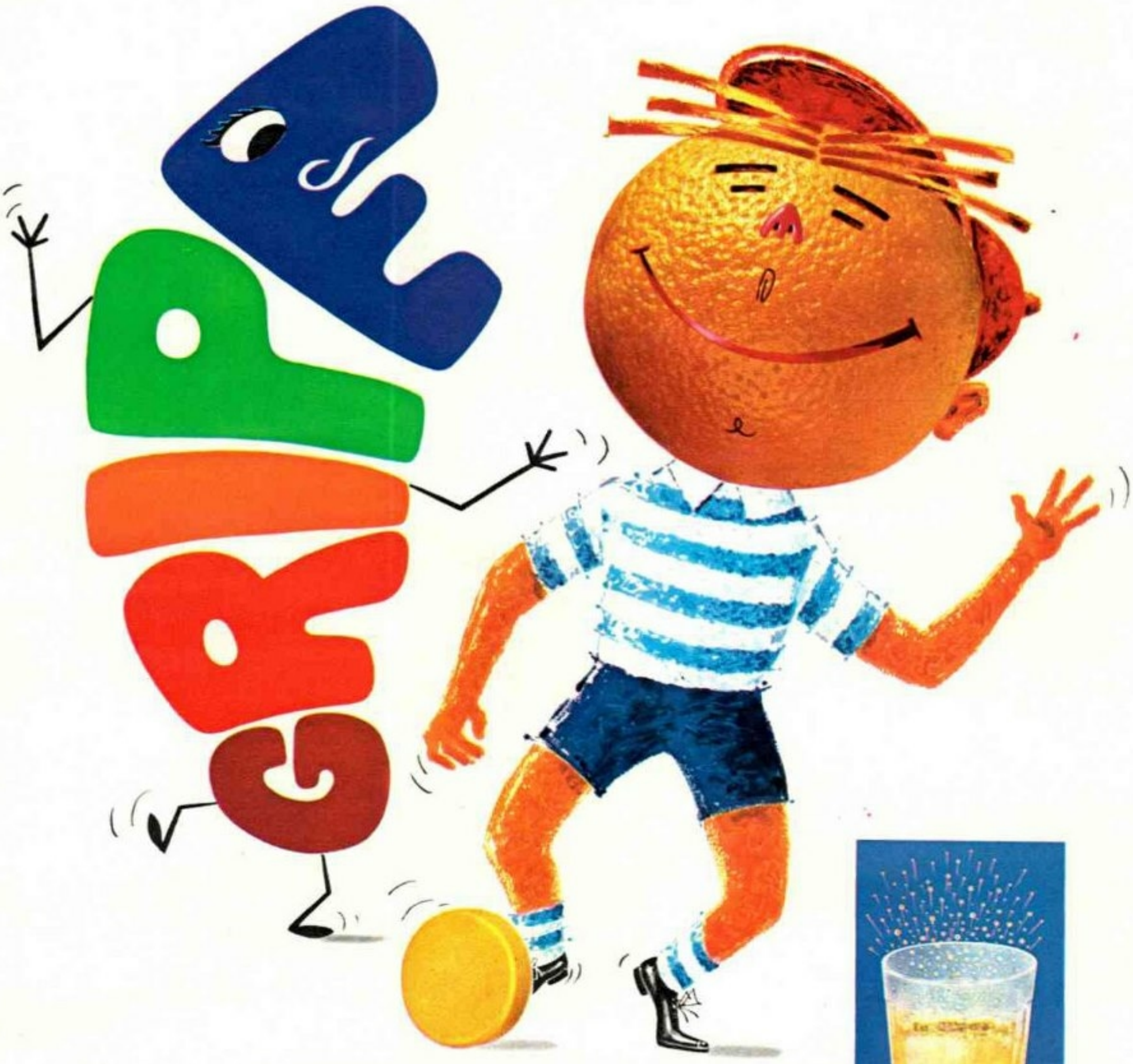
C. K. — Em todo caso, nenhum rei nem rainha. Acho

SEGUE

CEBION

VITAMINA C PURA

DRIBLA ATÉ GRIPE E RESFRIADOS



AUMENTA A RESISTÊNCIA DO ORGANISMO
GOSTOSO - MAIS ECONÔMICO

EFERVESCENTE

TUBOS COM 10 DOSES

colábor

ATENÇÃO, HOSPITAIS!

Baumer torna possível equipar todo um hospital rà·pi·da·men·te

Centros Cirúrgicos
Mesas operatorias, lâmpadas etc.

Centros de Material
Autoclaves, moveis, estufas.

Material de Internação e Maternidade
Dormitórios, berçários, estufas.

Medicina Fisica
Cadeiras de rodas, aparelhos para mobilização e imobilização.

Instrumental em geral
Linhas completas para ortopedia, traumatologia e de material de inclusão.

Lavanderias e Cozinhas
Instalações completas.

Mais de 4.000 produtos aprovados pelos maiores centros hospitalares.

e com financiamento até sem entrada.

baumer QBS

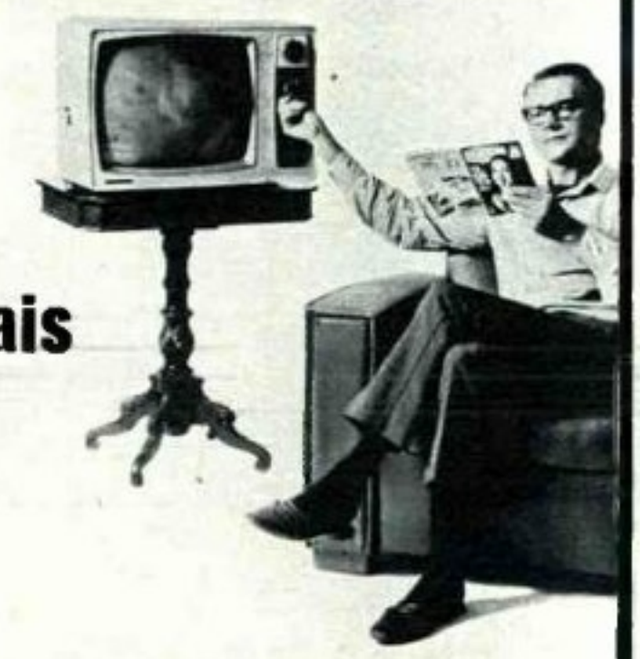
CIA. BRASILEIRA DE EQUIPAMENTOS (médico-hospitalar)

S. Paulo: R. Nicolau Ancona Ldpes, 47 - Fone: 32-6448 - **Pôrto Alegre:** R.Dr. Flôres, 378
Rio: R. Washington Luis, 77 - Fone: 42-7284 - **B. Horizonte:** R. Maria Inês, 15 (Floresta)
Salvador: Av. Estados Unidos, 14 - 6.º - sala 604 - **Curitiba:** Av. D. Caxias, 255
Belém: Av. Gal. Deodoro, 1352 - **Recife:** Pça. Independência, Ed. Brasilar, 12.º - s/1206

consulte

inTerValo

para saber quais os melhores programas



mas não se esqueça de assistí-los

inTerValo TODA A TELEVISÃO PASSADA EM REVISTA

Estou sòzinho: se não vencer, vão me matar

francamente grotesco que num século de revoluções sociais como o nosso possam ainda existir reis e rainhas. Olhe só o papelão que fêz Constantino da Grécia. Exila-se, tenta um golpe de Estado, e nem conhece a miséria em que seu povo vive. Por favor, não empregue a palavra admiração: não admiro ninguém, a não ser os pobres quando reclamam por sua tigela de arroz. Para os outros prefiro usar a palavra respeito. Respeito De Gaulle pela maneira com que guiou a Resistência na França e o modo como reergueu o prestígio de seu país. Respeito Churchill pelo modo como combateu durante a guerra. Respeito Stálin pelo modo como se defendeu contra os alemães. Mas não conheço bem Stálin, e, mais do que êle, respeito o povo russo pelo patriotismo e a coragem que teve. E também respeito os meus galos de briga, porque sabem bater-se realmente bem. As brigas de galo são muito populares no Vietnam, sobretudo entre os camponeses. Eu tenho uns cem galos, a única coisa de meu, porque não tenho mais nada: nunca fui rico nem me importa ser. Mas sabe por que tenho tanto respeito pelos galos? Porque são corajosos. Um galo luta até morrer, mesmo que seu adversário seja duas vêzes maior e que o deixe cego.

Socialismo não é palavrão

O. F. — E depois da coragem, o que mais conta?

C. K. — Ter um ideal. O que vem a ser a mesma coisa que ser inteligente e ter coragem: duas coisas indispensáveis para um ideal. A cultura, não me interessa. Não tenho cultura e não me sinto diminuído por isso. Os homens cultos são raramente homens de ação. Demais a mais, nunca me achei menos inteligente pelo fato de não ser culto. Olhe para os nossos camponeses: são mais inteligentes que os nossos líderes corruptos. É o sofrimento que lhes dá cultura. Quando tinha dezoito anos, meu sonho era ser camponês, ter terras. Mas não se pode ir contra o destino. E o meu era cair na política. Acredito cegamente no destino. No dia em que me escolheram como primeiro-ministro, assustei-me, e depois senti como uma imensa resignação, como se o destino, de improviso, tivesse caído em cima de mim. Se não me matarem, isto demonstrará que o destino realmente existe.

O. F. — General, o senhor poderia não conseguir fazer sua revolução e continuar vivo...

C. K. — Não acredito. Para um homem como eu, só há duas soluções: ou vencer ou ser eliminado. Sou um homem trágico. E já é tão trágico ser vietnamita! Ser vietnamita significa encontrar-se no meio de uma luta entre três gigantes, que não se preocupam absolutamente pelo povo do Vietnam e só o usam como meio para seus objetivos: a América, a Rússia e a China. E, nesta luta, corremos o risco de sermos esmagados sem piedade. Também Ho Chi Minh sabe disso. Todos sabem. Todos, menos os americanos. Mas tentar explicar para os americanos é impossível. Êles não compreenderiam que a palavra socialismo não é um palavrão, e que a civilização que propõem, ou impõem, é uma civilização de robôs. Nunca pude conversar com êles. Uma vez, tentei falar com um "especialista para o auxílio aos países estrangeiros". Não adiantou nada. Êle queria saber por que os americanos são odiados, apesar de todos os auxílios que nos dão. Eu lhe disse: "Não se é querido pelo que se dá, mas sim pela maneira como se dá." Se eu não conseguir salvar êste país, será porque um homem sòzinho não basta para vencer uma revolução de corações num mundo dominado pela tecnologia, pelos computadores, por três gigantes que nos ameaçam com as bombas de hidrogênio. É só, já disse tudo que tinha a dizer. Obrigado por ter-me ouvido. Sabe, eu sou um homem sòzinho, terrìvelmente só. É tão raro poder falar com alguém, encontrar alguém que me escute! E se por acaso isto acontece, sinto-me feliz. Sinto-me menos só.

FIM

COMPRE TOPEKA GANHE UM TRIUMPH SPITFIRE

CALÇA TOPEKA VAI DAR 2 CARROS-ESPORTE TRIUMPH SPITFIRE "0 KM" E OUTROS PRÊMIOS ESPETACULARES

É fácil concorrer — compre a sua Topeka e receba tôdas as informações no local da compra.

Topeka®

côres: verde-musgo, mescla e gêlo

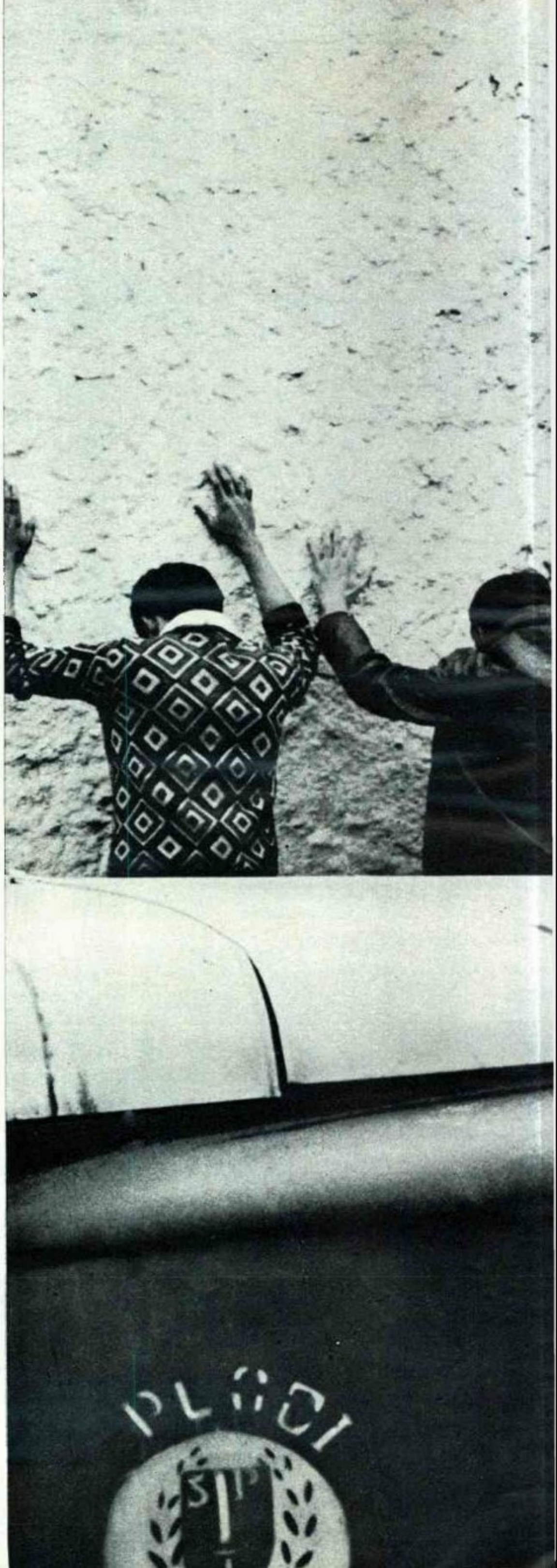
mais uma boa confecção ALPARGATAS

Carta Patente n.º 303 — JWT — Proc. n.º SC-MF-38313/68

Êle vive infiltrado nas rodas da malandragem, sempre espreitando, fingindo-se de malandro também. O seu trabalho é um só: cagüetar, endedar, engessar, falar, entregar, dar o serviço, atraiçoar aquêles de quem se faz companheiro. Contar à polícia tudo o que viu entre os malandros. É uma profissão suja e perigosa, que êle exerce para viver em paz com a lei e ter livre trânsito no mundo do crime. Um mundo onde não existe maior ofensa do que a palavra cagüeta. Assim, maldito por todos os lados, êle é detestado pelos policiais, que o usam mas não confiam nêle, e pelos malandros, que têm para êle um código: "Quem fala morre." Para a polícia, é um mal necessário: "Êle ajuda, mas quem entrega de um lado pode entregar do outro." Para a malandragem, é um perigo: "Entrega até a mãe." Chacal, alcagüeta, cagüete, cachorrinho, delator, informante, reservado, federal, engessador, falador, bôca mole, bôca de litro, dedo duro, são a mesma coisa. Êle não tem rosto. E até quando vai prêso é uma armadilha para os bandidos continuarem acreditando nêle. Por isso, quase tôda vez que um grupo de malandros cai nas mãos da polícia, o homem que os entregou também está entre êles, apenas para despistar.

QUEM É O DEDO DURO?

Texto de João Antônio
Fotos de Francisco Nélson



-Mamãe, posso brincar no corredor?
-Pergunta pra Marcelina.
-Mamãe, estou com sêde.
-Fale com a Marcelina.
-Mamãe, estou com sono.
-A Marcelina traz o travesseiro para você.

Marcelina, uma das aeromoças do ONE-ELEVEN da Vasp.

Marcelina vive no ONE-ELEVEN. Lá é a sua casa.
Aliás, desde criança que ela sonhava ser aeromôça. Por isso,
quando você viajar no ONE-ELEVEN, não se acanhe de
pedir a ela que lhe sirva a todo o instante. Marcelina está
lá para isso mesmo. E gosta do que faz. Aliás,
não só ela. Mas tôdas as Marcelinas
da VASP. Disponha.

VIAJE BEM... VIAJE
VASP

Começa conhecendo todos os tipos de marginais

Onze e meia da noite no subúrbio. Num terreno escuro e baldio, cinco homens formam uma roda. Fala o crioulo Macalé:

— É hora. O Carioca ficou de passar aqui na quebrada pra comprar os bagulhos.

Nenhum dos outros responde. Há um silêncio, a espera está pesando. Um dêles acende um cigarro estranho, fininho. Aspira fortemente, mais, mais, fazendo uma sucção demorada, nervosa. E passa o cigarro ao próximo. No escuro, a brasa do cigarro andando, parando, andando, é o que melhor aparece.

Chega o esperado. Cumprimenta com voz macia. Disposto, bem humorado:

— Olá, meus compadres! Estamos a bordo. Como é que é? Trouxeram os bagulhos?

O crioulo tem a seus pés duas malas de viagem. Abre uma. Lá dentro, alguns eletrodomésticos. Retira um rádio de pilha. Convida:

— Chega mais, meu camarada. Vem apreciar a mercadoria.

Sùbitamente, rápidos, acesos, dois homens, armas na mão, faroletes, invadem o terreno:

— Aqui é cana! Todo mundo de mão pra cima.

Os revólveres e a viatura policial se aproximando paralisam os homens da roda. Não há movimentos. Descem mais três homens da perua. Agem ràpidamente, vão metendo as algemas. A porta traseira da viatura é arreganhada, num tranco. Um dos tiras investe, de supetão, aos gritos:

— Pra dentro!

O crioulo Macalé quer ensaiar qualquer coisa:

— Mas isto foi cagüetagem! Alguém aqui abriu o bico.

O tira interrompe aos safanões:

— Foi... foi uma droga. Pra frente, ô rapaz! Você vai é entrar no pau!

Os outros policiais perdem a paciência. Um, dois, três tapas estalam.

Torcem braços, exigem urgência.

— Pra dentro, cambada!

Um homem, aos trambolhões, é o primeiro a ser enfiado na perua. Vai debaixo de bofetões e pontapés. É quem mais apanha, cabeça encolhida se guardando das pancadas. É aquêle um que Macalé disse que ia comprar os bagulhos. É o chamado Carioca.

Zé Peteleco é um dedo duro

Mas o seu nome não é Carioca.

Seu nome é José. Que se encurtou para Zé e se acrescentou de Peteleco, devido a seu jeito nervosinho, espevitado. De família pobre, cheio de irmãos, morou até os dezessete anos numa vilazinha de Carapicuíba, uma hora de trem nos subúrbios da Sorocabana, em São Paulo. Todos lutavam no trabalho pesado, Zé não queria nada. Um dia, o velho, seu pai, achou que sacrifício tinha de ser de todos e mandou que Zé se explicasse: arrumava emprêgo ou caía no mundo.

Caiu na Capital. Pegou, como quem começa, maus pedaços. Engraxou e esmolou, coisa que não gosta de lembrar. Até que um dia ganhou prumo, apanhando e entregando roupa num tintureiro na Rua do Triunfo, na chamada **Bôca do Lixo**. Era nôvo, mirrado e, como estivesse com um pé na bôca do crime, foi ali mesmo que conheceu todos os tipos de malas (malandros). Ali se concentrava gente que mexia com um ramo variado — prostituição, tráfico de tóxicos, assaltos, vigarices.

Era fracote, mas estava no ambiente. Com o tempo, arranjou uma moleza, um mingau, uma ótaria (mulher da vida, fácil de dar dinheiro a seu homem, **fácil de dobrar**). Zé entrava com o amor e ela com o resto — cama, no próprio bordel, onde êle aparecia para dormir depois das três da manhã, terminado o trabalho das mulheres; comida, cigarros e uma notinha (um dinheirinho) todo santo dia.

SEGUE

" . . . a porta da viatura é arreganhada num tranco. Um homem, aos trambolhões, é o primeiro a ser enfiado na perua. É o chamado Carioca. Mas seu nome é José . . . "

Ponha aquêle seu disco favorito num estereofono TELEFUNKEN e prepare-se para uma surprêsa e tanto!

Você vai descobrir coisas novas na sua música.
E só vai querer ouví-la de nôvo **no seu Telefunken.**

No Mattinata, por exemplo. Um Telefunken para pequenos ambientes, com a simplicidade requintada a que pode chegar um estereofono para dar a você a pureza de som que você exige para ouvir os seus discos.

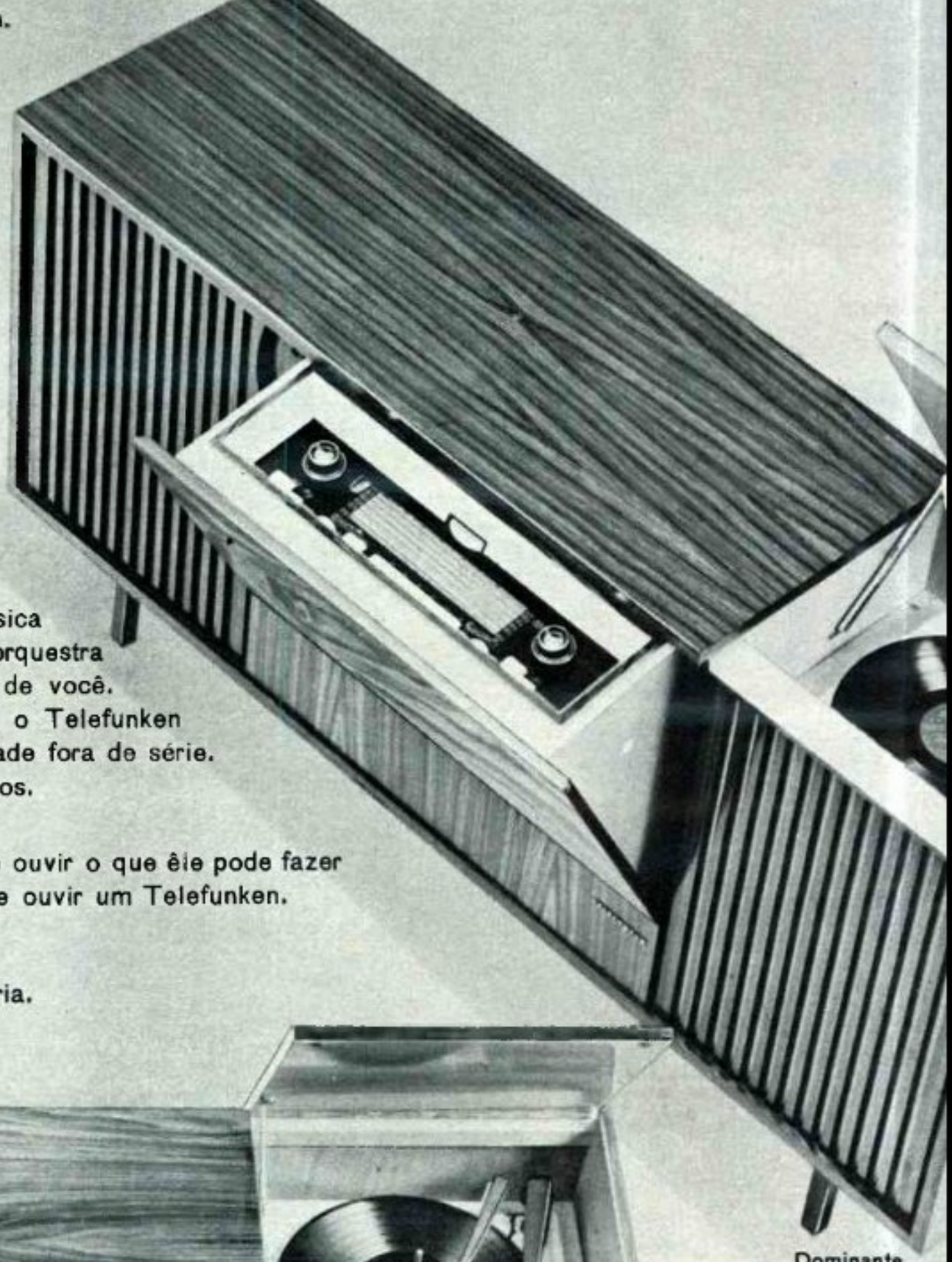
Amplie estas qualidades (se o ambiente em que você planeja colocar seu Telefunken é maior) e você vai preferir o Melodia. Sua música soa surpreendentemente nova. Mais rica. Não parece vir do disco, mas do ar. Mas vem mesmo é do seu Telefunken Melodia.

Num Dominante então, sua música até parece outra, nascida de uma orquestra ao redor de você. Ou de dentro de você.
E é natural que isto aconteça, pois o Telefunken Dominante é um estereofono de qualidade fora de série. Para ambientes amplos.

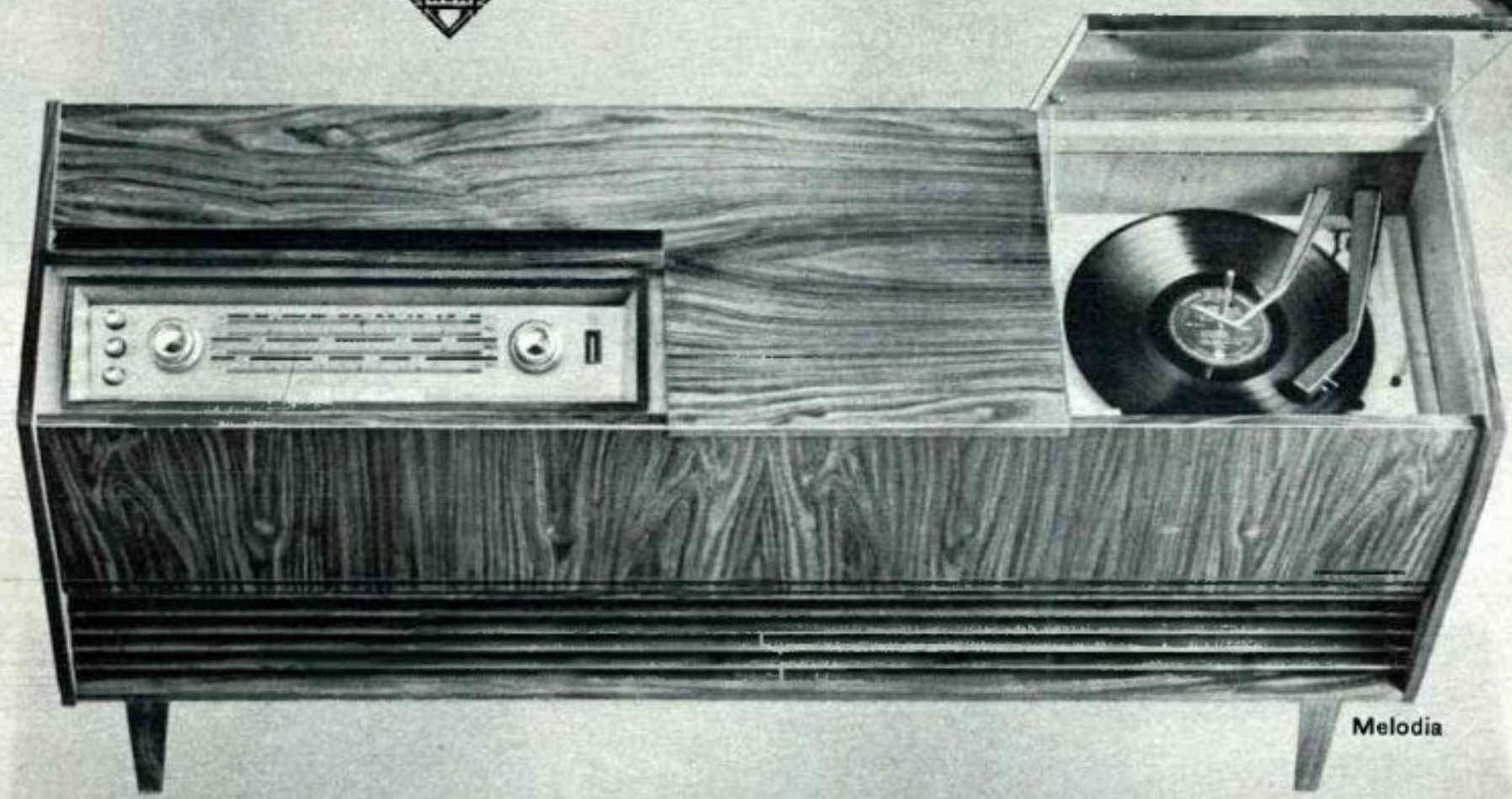
Não se decida por um estereofono antes de ouvir o que êle pode fazer por sua música. Não se decida antes de ouvir um Telefunken.

é outra categoria.

Mattinata



Dominante



Melodia

Um dia aceita uma proposta: trair seus amigos

POLÍCIA
CONTINUAÇÃO

Estava naquela vida, sem experiência nenhuma. Quando em quando, se distraía, abusava nos copos do botequim e ficava bobeando. Essa bobeira (estar à toa, sem nada para fazer) em plena Bôca do Lixo dá xadrez com facilidade. Uma ronda policial o apanhava bêbado, falando grosso, mais alto do que devia, e pronto: quatro ou cinco dias na cadeia.

Zé Peteleco nunca foi homem forte. Nem corajoso. Não era bom jogador, não havia aprendido a roubar, nem sabia, pelo próprio esfôrço, onde arranjar maconha, bolinhas ou cocaína. Não era um taco no bilhar, não era um linha-de-frente no jôgo do carteado, não conseguia fazer dos entorpecentes meio de vida. Também não pertencia à curriola dos rapazes **fortes** da geração mais jovem, saídos do Juizado de Menores, espertos e considerados de todos, inclusive da polícia. Zé Peteleco sempre foi um sujeito de obedecer e não de dirigir.

Nesse tempo, por essas e por outras, já estava sendo observado por um investigador. O **bom menino** tinha quase tôdas as qualidades para se tornar um homem de **dar o serviço**, um bôca mole: mirradinho, dêsses que, quando não estão bêbados, mais ouvem do que falam, covardezinho e, disfarçado, **desbaratinado**, capaz de passar por malandrinho, poderia ser infiltrado de **campana** (para espionar) em várias situações.

Foi assim que Zé pensou estar fazendo amizade com um **rato legal,** um **boa gente** da polícia. Que se chegou para Peteleco e convidou, com a malícia escondida, na **crocodilagem:**

— Vem cá, meu considerado. Fique sabendo que malandragem nunca deu camisa a ninguém, não. Malandro não tem futuro. Malandro tem é de morar na Detenção. Você tá perdendo tempo e o negócio é mandar bola pra frente. Olhe aí: você até que pode me ajudar na situação de um afano.

E o investigador escolou. Haviam feito um roubo, um afano, na pastelaria de um **japa**, um japonês. Coisa fácil de descobrir. Zé Peteleco estava no meio dos malandros, e ali não havia quem não acreditasse nêle. Logo, que sondasse e desse o serviço. Zé Peteleco ficou só escutando, no seu canto, cabreiro (desconfiado) com o tira. Mas êsse sabia que poderia ganhá-lo na manha, no papo, na saliva, na psicologia. E garantiu:

— Qual nada, rapaz! O seu negócio é cuidar de você. Se trabalhar direitinho, legal, eu arranjo uma colocação para você lá no Departamento. E lhe dou tôda cobertura. Você nunca mais vai tomar **estarro,** não vai entrar mais em cana, nem vai ter perturbação com os homens da lei. Tá? É papo firme, não dá no bico.

Aí, Zé Peteleco se encolheu, prometendo:

— Tá legal. Vou ver o que posso fazer.

Mas o tira advertiu, limitando a confiança, para evitar futuras liberdades e inconveniências. E, já mandando:

— Vê se dá uma maneirada com a bebida. Juízo. Quando o bicho bebe demais fica zonzeira, goiaba, melado e muito louco. Acaba falando mais do que deve. Vê lá o que me apronta.

Serviço dado: positivo

Três dias depois, Peteleco já estava por dentro de todo o caso; no meio da **massa** da malandragem, os cochichos e os bochechos correm depressa.

Há quem diz e até garante que todo ladrão é otário, todo malandro é otário. Porque gosta de contar vantagem, dizer que é mais do que o outro, que é o bom, o ponta-firme. Claro que não são todos. Mas quem rouba duzentos cruzeiros novos, ou seja, **duzentas lucas** ou **duas pernas**, da pastelaria de um japonês, e ainda se esquece jogando crepe (jôgo de dados) nas bôcas... sua façanha acaba chegando aos ouvidos de um Zé Peteleco. Que pilhou esta frase:

— Tição mandou um japa em duzentas abobrinhas. Só no crepe, ontem à noite, perdeu oitenta pedros.

Peteleco não teve dúvidas. Deu seu primeiro serviço. Chegou-se para o tira e endedou Tição. Encheu as bochechas e falou:

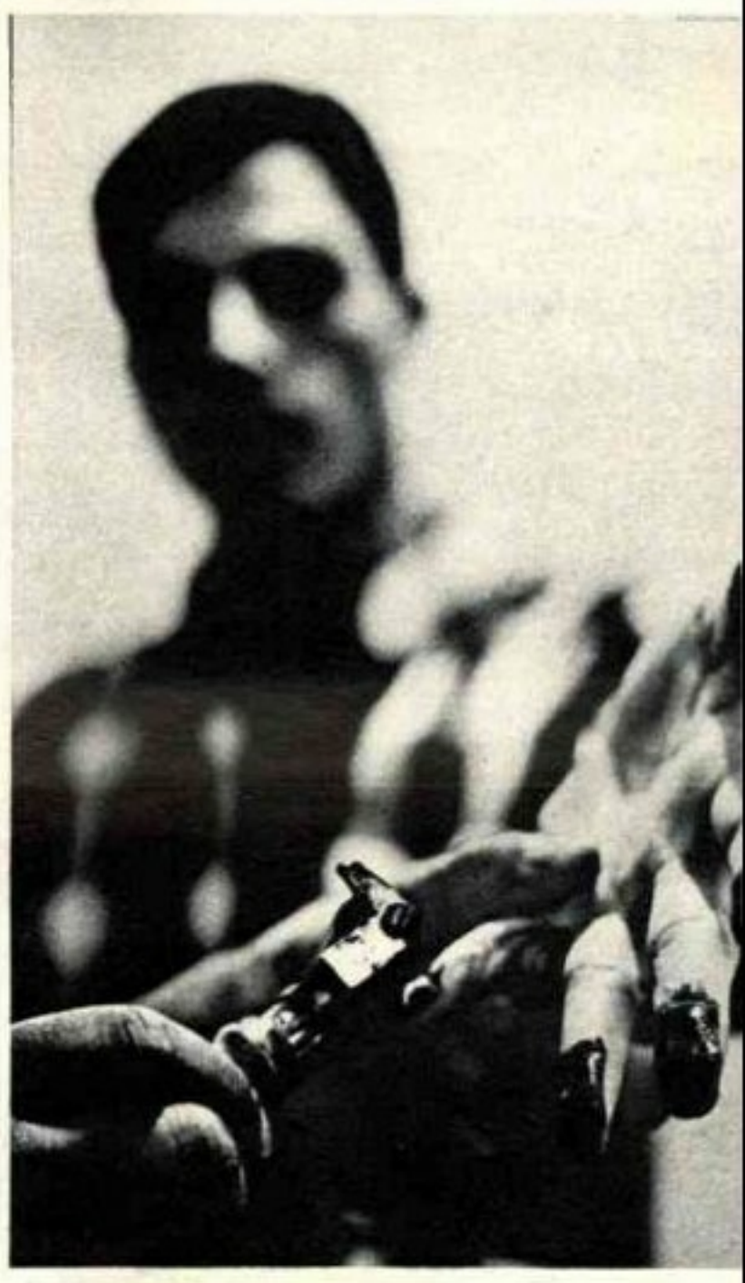
— O negócio é com Tição mesmo. Êle está **gordo** e ainda não queimou nem metade da grana afanada.

O investigador teve pouco trabalho. Encanou, deu voz de prisão ao malandro, que estava dormindo no hotel.

Depois dêste, Zé Peteleco faz outros serviços, procurando desempenhar legal, não dar mancada, não dar no bico. Já está **mordido** pelas falas do policial que o iniciou. E não lhe custa meter na cabeça que êle também, bem lá no fundo, sempre teve muita vontade de ser investigador. Mas como fôsse um **zé mané** qualquer, sem instrução e sem padrinho, sem **goma** (lar, casa) e até mesmo sem enderêço fixo, nunca conseguiu mandar para a frente êste plano. De repente, um tira se aproxima, faz que se engraça, e êle descobre que ser dedo duro é um caminho que, palmilhado direitinho, com muita atenção e juízo, pode desembocar num emprêgo bom.

Zé Peteleco descobriu **cagüetas** que chegaram a ganhar um lugar de motorista ou de carcereiro na Segurança Pública. Também soube que, embora a Secretaria não dê nenhuma verba para os delatores, ela manda imprimir e lhes fornece umas carteirinhas de agente reservado. E a **caixinha** dada pelos investigadores, principalmente os ligados a roubos e entorpecentes, varia muito, mas é sagrada quando o serviço é bom.

SEGUE



" . . . Na delegacia cinco homens são identificados. Meia hora depois Zé Peteleco é liberado, sem que os outros saibam. Fôra uma prisão de araque. Para garantir as aparências . . . "

Prist não faz biquinis. Em compensação Prist faz a dona de um biquini olhar para você com muito mais entusiasmo. Não é melhor assim?

Na praia você tem a chance de mostrar para elas o físico bacana que Deus lhe deu e que você súa para conservar. Acontece que tem muito mais gente fazendo a mesma coisa, e é por isso que você precisa de uma ajudazinha. Prist faz "shorts" que ajudam você a conseguir mais olhares femininos, e mais entusiasmados. Veja o modêlo desta página. (Ela não, o "short"!) Imagine-se dentro dêle e pense em quanta coisa boa pode lhe acontecer daí para a frente. Há sempre mulher perto de quem usa Prist. Inclusive de biquini.

pristsport

RHODIANYL

Lince 22 204

Não é corajoso, mas leva vida muito perigosa

POLÍCIA
CONTINUAÇÃO

Peteleco já tem vontade de ser policial. Ainda que tipos ajuizados lhe advirtam que, na continuação, aquela vida não compensa. Franzino, covardezinho, medíocre, o que lhe interessa é andar de algemas e revólver na cintura, arrotar umas grandezas e criar nome no meio dos policiais.

Conhece outros **cagüetas.** Uns, viciados em tóxicos, **entregam** traficantes, para apanhar uma pequena parte da mercadoria e, assim, matarem o vício: a êsses, se descobrir algo no ramo dos entorpecentes, Zé Peteleco vende informações. A ocasião é boa para **morder**, **beliscar** uns cobres:

— Eu dou a dica. Mas tem de me molhar a mão (gratificar).

Naquele ambiente, muita coisa vira façanha e muita peripécia vira lenda. E se fala de vários elementos que hoje estão com boa situação na polícia e começaram como **cagüetas**. Então, Peteleco, já um ex-marginal, conclui que a melhor maneira de chegar a policial, algum dia, é endedando, apresentando serviço, descobrindo, e se fazendo notar pelos policiais.

Recebe notícias mais ou menos confusas, mas acredita quase cegamente nelas — êle não é homem de discutir fundamentos. Por exemplo: todo investigador é obrigado a respeitar o **cagüeta** de outro, desde que êsse dedo duro seja eficiente.

Ouve dizer, de vez em quando, que a alcagüetagem é a alma da polícia, e sem os delatores o campo de ação dos policiais estaria bem limitado. (Mas que não é o caso dos policiais dos homicídios, que não trabalham com alcagüetes.)

Peteleco prossegue. Meio explorador de mulheres e meio dedo duro, passando agora por policial, já que carrega arma e carteirinha de reservado. Pretende tornar-se um alcagüete inteligente, dêsses que descobrem casos difíceis. E que, intimamente, se julgam superiores ao policial a que servem. O tira leva o nome de descobridor do serviço, mas o dedo duro é quem levanta a pista. Um faz a música e o outro leva o nome de autor. Peteleco não enxerga nisso uma injustiça. Para êle, são "ossos do ofício". Mais importante: são degraus de uma carreira.

Sabe que não pode confiar em ninguém porque, no fundo, ninguém confia nêle. Não goza da verdadeira consideração dos malandros e, se fôr descoberto, será **apagado**, liquidado no primeiro cochilo. Também por isso não tira o 32 da cintura. Com o tempo, começa a acordar para certos fatos e descobre que as coisas não andam e nunca andarão boas para o seu lado. Às vêzes êle **saca** (percebe) um tira dizendo baixinho ao ouvido de outro:

— Ôlho no Peteleco.

E êle já sabe o que aquilo significa:

— Eu ando cabreiro com Peteleco. Essa peça se mudou lá pro subúrbio e eu sei que naquela paróquia (praça, lugar) anda havendo um chorrilho (série) de assaltos a residências. E o Peteleco não tem apresentado muito serviço. Sabe como é que é: quem entrega de um lado, entrega do outro.

No outro lado, o dos marginais, Zé Peteleco sabe que não existe perdão para a palavra **cagüeta.** Tem que pagar com a vida. Não desconhece também que se cair numa cadeia de verdade, **quente,** e fôr desmascarado, não sairá vivo, além de ser torturado e até obrigado a bancar o pederasta passivo. Malandro que é malandro não deixa por menos.

Zé Peteleco caiu numa vida perigosa. Não pode sair nem voltar atrás; e também não está pensando nisso. Porém, quando desconfia de algo, pula de residência, de um bairro para outro, cauteloso. E vai vivendo.

Serve a um só tira e tem com êle a sua **caixinha,** a sua **cara**, isto é, todo fim de mês o investigador lhe arruma algum, que não é grande coisa. O salário de um policial de investigação não dá nem quatrocentos cruzeiros novos mensais. Zé recebe ainda por serviço apresentado, e como tem mulher na vida, se prostituindo para ganhar e lhe dar, vai levando.

Uma topada e dois tecos

Peteleco não joga, pois não se sente uma fôrça no jôgo, e também não é bêsta. Não é viciado em tóxico, fuma cigarros de seiscentos mangos, come e dorme às custas da **mina.** É um bom **cabra safado, sujeira, escama, barra suja** — mau caráter. Seu pequeno deslize, a única situação em que não é covarde e se espalha, é quando está de porre. De tempos a tempos, abandona um pouco aquela vida dissimulada e abusa das bebidas. Então, na **birosca**, no boteco onde está, protegido pelo **babilaque** (documento) que carrega, expõe e ostenta, costuma dar, em volta alta, uma dessas:

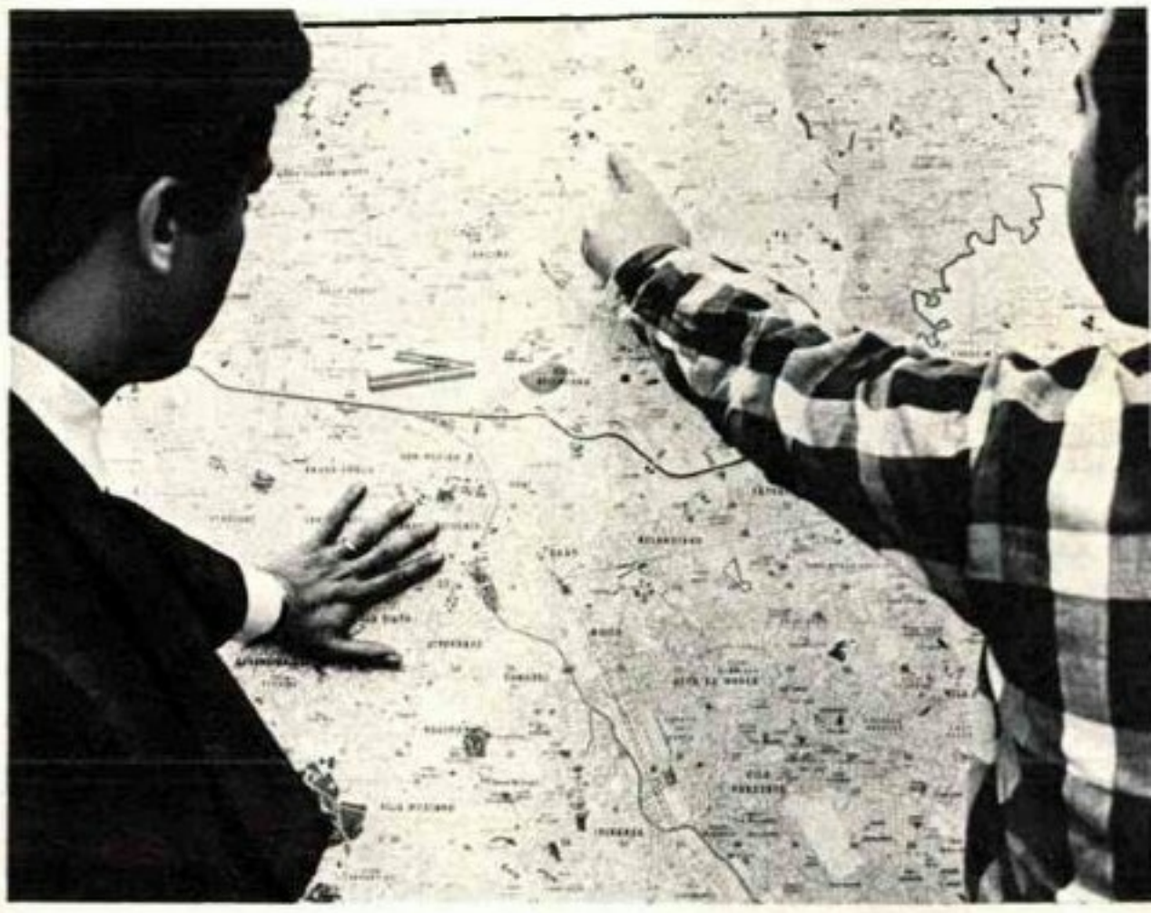
— Aqui é cana! Aqui é polícia! Vocês precisam saber com quem estão falando, cambada!

Mas isso é lá no subúrbio, onde mora. No centro da cidade, numa bôca pesada ou num botequim de favela, êle é do tipo que se encolhe todo. Incapaz de enfrentar um valente. Porque valente é brabo, lei do cão, ferrabrás, encrenca ruim.

No entanto, em grupo, Peteleco se comporta como homem de coragem, para aparecer e crescer aos olhos dos policiais. Quando sai na perua com os tiras, vai ansioso, interessado e contente, porque está a campo para dar cana. Ou então, para dar a **topada**, que seria assim, com suas próprias palavras:

— Sempre aparece moleza, a gente apanha um **mala** e toma nota. Depois dividimos, eu também levo a minha.

SEGUE



"...Pela primeira vez tinha uma quadrilha nas mãos. Procurou o tira. E deu todo o serviço..."

Esta é a vaquinha Mococa. Ela diz: - Beba leite bom!

Este é o bebê. Ele está feliz e bem alimentado.

Esta é a mãezinha do bebê. Ela usa o leite em pó Mococa para fazer as mamadeiras do bebê.

Este é o leite em pó Mococa - o leite bom! *

MOCOCA

*Experimente o Leite em Pó Mococa. O seu sabor contará a você que o Leite em Pó Mococa é mais nutritivo. E para obter do Leite em Pó Mococa o máximo em rendimento e sabor, não deixe de ler e seguir as instruções da embalagem.

Guaira

Quase sempre é malandro que quer ser policial

POLÍCIA
CONTINUAÇÃO

A topada é um mingau. A gente topa um malandro que tem muito no bôlso e está carregado de pepino (culpa). Êle dá o que tem para não pegar uma cana dura. Aí, a minha **cara** é maior. A gente **deita e rola** (aproveita a situação).

Peteleco foi melhorando, se aprimorando como **cagüeta**, e ao transformar-se num dos bons informantes da massa policial teve também de enfrentar situações novas. Numa dessas, foi metido numa captura da turma do **quilo**, da **quilometragem**, a **turma da pesada**. Acontece que houve uma reação violenta dos meninos, dos lalaus (ladrões). Êles não tinham nada a perder, assaltantes traquejados, acostumados a tudo. Não queriam saber de prosa fiada com a polícia. Eram todos **dedos moles** — gente que pega num revólver e aperta mesmo, põe o indicador no gatilho. Peteleco chegou junto com o pessoal da **dona maria** (polícia) e teve de desempenhar papel de macho. Os ladrões resistiram e foi uma **maquinada** (tiroteio, bala por todos os lados). Peteleco, de natural medroso, apavorado, não podia demonstrar sua frouxidão aos policiais. E partiu para a linha de frente, **marcou bobeira** (se expôs exageradamente), quase foi **apagado**. Levou dois **tecos** na perna esquerda.

É por isso que êle puxa a perna, meio capenga, até hoje. Mas costuma dizer que aquilo foi por causa de mulher.

Um serviço na sinuca

Quando Zé Peteleco não tem nada que espiar, êle baixa nos salões de sinuca, onde pode arranjar um e outro serviço bom e ainda morder alguma grana dos malandros ganhadores no jôgo. Como aquêles, os **tacos,** vivem apenas de sinuca, precisam estar em liberdade para sobreviver. Razão por que temem e ao mesmo tempo detestam um Zé Peteleco. O ambiente também é bom para o **cagüeta** porque, na madrugada, sempre **pintam** (aparecem) nos salões, malandros de outras áreas.

Aparecendo para apreciar o joguinho, a turma da pesada costuma tomar um trago; no balcão encontra um **cagüeta** e não sabe onde está pisando. Acha que êle é da mesma situação, da mesma profissão, porque se comporta como malandro. Então pede o tira-gôsto, bebe o traçado, vai queimar um fuminho (maconha) num canto escondido e fica **ligado**; ou, junto com o **cagüeta**, injeta uma picada, um pico, uma injeção de euforizante, fica tomado pelo tóxico e começa a contar vantagem. O dedo duro está só de campana, trampando — colhendo o serviço.

Às cinco da manhã, o resto da cidade parece dormir e até os **dancings** e os últimos restaurantes e botequins baixaram as portas para descanso. O salão de bilhares vai seguindo na madrugada, agüentando o seu ritmo como um ôlho aceso na noite, muito movimento nas mesas, quase tôdas tomadas. Pelos cantos e no balcão, tipos conversam, bebericam, fazem apostas neste ou naquele taco. É uma variedade de peças (tipos), desde os parceirinhos, jogadores de sinuca, curiosos, desocupados, gente da noite, até homens de outras áreas de malandragem, como chorros (batedores de carteira) e algum marginal da pesada. Êsses, de hábito, não jogam nem apostam, ficam ali batendo papo, malbaratando o tempo, tomando um e outro trago.

Num canto, Zé Peteleco espia o ambiente e dissimuladamente toma o rumo do balcão, no momento exato em que lá fora uma viatura policial já parou e os investigadores entram no salão. Peteleco procura se encostar a um mulato, fica plantado ali, disfarçado. Eis o código: se encostar ao mulato. O beijo de Judas. Os homens da lei agem com rapidez.

— Aqui é cana!

Assusta-se o salão. Parceirinhos param o jôgo, os tacos no ar. Porte de arma. Revista. Documentos. E, na colheita, cinco homens são levados para dentro da viatura e trancafiados. Entre êles, Zé Peteleco — tido e havido naquela roda como pedra 90, bom malandro, de fé, gente boa, ponta-firme, isto é, de confiança.

Na Delegacia, cinco homens são identificados e levados para um chiqueirinho, pequeno quarto em péssimo estado de higiene, onde todos se misturam.

Um investigador passa os olhos sôbre os nomes dos recém-chegados e resolve chamar, um a um. Na vez de Zé Peteleco, as falas se amaciam e ficam diferentes; êle chega e logo se abre, se **racha** com o investigador, conta o seu **tem isso, tem aquilo.** Com voz macia:

— Ali só o mulato mesmo é um quilo. Aquela história do assalto é com êle mesmo. Êle é a peça, o resto é tudo gente da leve.

Fôra uma prisão de **araque,** de **grupo,** de **palha.** Sòmente para garantir aparências na massa da malandragem onde, amanhã ou depois, o dedo duro precisará atuar de nôvo.

Meia hora depois, Zé Peteleco é liberado, sem que os outros saibam. E vai dormir.

A quadrilha nas mãos

Por vinte e poucos dias Zé Peteleco passou a se chamar Carioca.

Enfiou-se num subúrbio para fazer o seu trampo (trabalho). Assaltos infestavam o lugar e os roubos iam de chorrilho. Tôdas as pistas indicavam tratar-se de uma quadrilha. Zé Peteleco ficou na espia, viveu o tempo todo de campana, infiltrando-se. O bairro estava cheio de marginais conhecidos; era barra das mais pesadas.

Peteleco começou indo às bôcas acesas pelas madrugadas. Primeiro perambulou pelos bilhares. Ficava até as tantas, tomando umas e outras bebidas, conversando na gíria. Também se enfiava na sinuca, jogando a dinheiro, perdendo, ganhando, até sentir que os malandros se acostumavam à sua presença. Travaram-se os primeiros diálogos, um querendo saber da vida do outro:

— Como é que é, compadre? De onde você é?

— Sou do Rio, meu. Tou passando uns dias aí na casa de um amigo. Mas daqui a pouquinho vou dar no pé pra Brasília, pois lá está morrendo gente (correndo dinheiro, prosperando). Grana lá tem às pampas, otário aos montes, mina ganhando quanto quer.

Percebendo que o malandro estava interessado, Zé Peteleco soltava a língua. Conversa vai, conversa vem, um dia êle chega para perto de um escurinho e pergunta:

— Ô, meu compadre, onde é que eu posso arranjar um cheio?

Cheio é um pacau, quantidade de maconha suficiente para uma boa porção de cigarros.

O escurinho o olhou, desconfiado, cabreiro:

— Não sei, não. Eu não trato disso.

Peteleco cortou rente, abriu uma fala de simpatia:

— Que nada, meu irmão! Será que você está me estranhando? Eu sou limpeza, sou cadeeiro (que já tomou

SEGUE

Você encontra esta etiquêta em capas leves, leves, que protegem contra o vento e contra a chuva, sem pesar no corpo.

Você encontra esta etiquêta nas capas de quem está perto das coisas mais tentadoras do mundo.

As capas Rhodianyl são resistentes, duráveis e perfeitamente impermeáveis. Deixe a chuva cair.

Para informações sobre a utilização das marcas de qualidade da Rhodia Indústrias Químicas e Têxteis S.A. - setor Têxtil, dirija-se ao Serviço de Promoção de Vendas
R. José Bonifácio, 372 - Tels.: 37-9913 e 37-8496
S. Paulo

Standard Propaganda

No fundo nem malandro nem policial: dedo duro

POLÍCIA
CONTINUAÇÃO

muita cadeia). Pode botar fé — e se abriu num sorriso —, meu nome é Carioca.

O crioulinho se explicou:

— Não é por nada, não. Mas sabe como é que é: a gente não se conhece e tem de andar desconfiado.

Zé Peteleco percebeu que o crioulo estava dobrado, conquistado. O escurinho, então, convidou:

— Vamos chegar até o pedaço (local onde estava oculta a maconha), que aqui tem muito antena e muito mirão (sujeito que fica ligado, espreitando com curiosidade).

Foi tiro e queda. Os dois chegaram a um **esquisito,** onde vários malandros formavam a curriola, a batota — o grupo. Peteleco sentiu um frio nas pernas — havia farejado certo, estava cara a cara com uma quadrilha. Era preciso achar um jeito de endedá-los. Um dêles falou ao escurinho:

— Chega mais pra cá, Macalé, vamos dar uma bola na coisa (bola, borrifo ou presilha significam tragadas na maconha). E o chapa aí, é seu camarada?

O crioulo Macalé confirmou. E perguntou a Zé Peteleco quanto iria querer de maconha.

— Manda logo um pacau, que eu estou numa falta que não tem nem tamanho.

Era uma curriola de homens fortes, calejados em assaltos. Peteleco fazia o seu papel com mêdo. No fundo, êle estava **a perigo.** O cigarro de maconha, o baseado, começou a circular na roda, passando de mão em mão. Os homens sugavam, aspiravam fortemente a erva, repetindo, nervosos, o movimento de sucção da fumaça, querendo que ela corresse pelas veias. Veio a vez de Zé Peteleco. Êle deu bola ao fuminho, fingiu tragar profundamente. E começou, dissimuladamente, a arrotar vantagens:

— Saí de pinote do Rio. Corrido da canuncha (cadeia). Estou premiado com cinco primaveras (condenado a cinco anos) e mais outros pepinos que estão para estourar.

Falou e correu os olhos pela roda, furtivamente. Conferiu o efeito, viu que convencia. (Se conseguisse um daqueles homens, apenas um, seria um grande ponto a seu favor na polícia, um sucesso. Porque aquêle traria o outro. O segundo traria o terceiro, e assim viria a quadrilha tôda. Seria a chamada carambola, todos acabariam apanhados, inclusive os receptadores.) O mêdo de Zé Peteleco foi sumindo, ganhou fôrça:

— Se alguém souber de algum bagulho (objeto roubado), é comigo mesmo. É aqui com o Carioca. E, olhe aí: estou pagando bem. Pois chegando em Brasília eu vendo tudo.

Estava jogada a isca. O mais que Peteleco fêz foi esperar.

Dois dias depois êle está perturbando (freqüentando e fazendo coisas de malandro) na bôca de sinuca, quando uma peça da curriola o chama:

— Ô, Carioca, chegue mais. Vamos tratar de um assunto particular.

De nôvo lhe correu o frio nas pernas. Estava chegando a hora da colheita. E êle se sentia novamente a perigo. Disfarça, finge tranqüilidade:

— Vai dizendo, meu. Qual é o galho?

— O negócio é que o Macalé me disse que você está a fim de comprar uns bagulhos. Bem. Juntou a fome com a vontade de comer.

Zé Peteleco impaciente. Mas se agüenta. Fala com cabimento e até modéstia:

— Positivo. Certinho. Se não fôr muita grana, a gente pode chegar num entendimento. Espera aí.

Peteleco finge estudar um encontro.

— Amanhã a gente se cruza, tá? Onde posso ver os bagulhos?

O outro foi rápido:

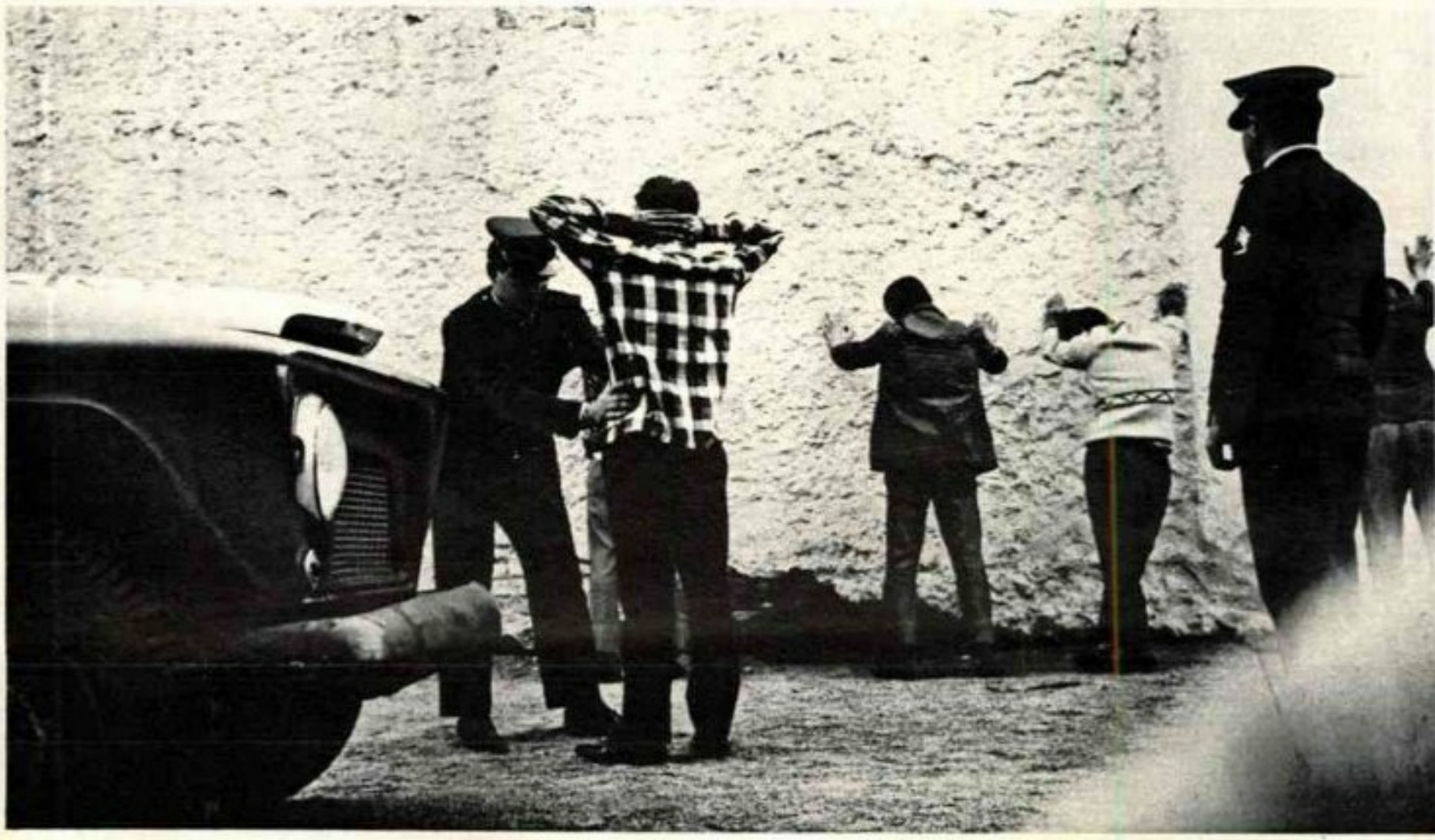
— No mesmo lugar. Lá no esquisito. Amanhã às onze e meia da noite.

Despediram-se com as mãos no ar, à maneira dos malandros.

No outro dia, acordou nervoso. Precisava deixar o disfarce de Carioca e voltar a ser Zé Peteleco. Pela primeira vez, tinha uma quadrilha nas mãos. Correu à cidade, logo de manhãzinha. Vasculhou tôdas as bôcas, como um cachorrinho. Precisava encontrar o seu tira. Apanhou-o com uma cara de sono, ali por volta do meio-dia. E deu todo o serviço.

FIM

" . . . Dois homens invadem o terreno: — Aqui é cana! Todo mundo de mão para cima! Macalé quer ensaiar qualquer coisa: — Mas isto foi cagüetagem. Alguém aqui abriu o bico . . . "



Já foi campeão e deu jogadores para a seleção, hoje apanha de todo mundo. Seus jogadores recebem com atraso, andam a pé e não agüentam um treino puxado. O time que nasceu para ser o Santos do Rio agora pode até desaparecer.

COITADO DO SÃO CRISTÓVÃO

Texto de Alcides Gomes
Fotos de José Antônio

Cansado de correr e saltar, e depois de levar sôco no estômago, outro no fígado, um pisão no pé direito, uma joelhada nos rins, o homem desceu correndo a escadaria, despiu-se ràpidamente e enfiou-se debaixo do chuveiro. Minutos depois, já vestido numa roupa modesta, ganhou um tapinha nas costas e o presidente lhe disse, paternal:

— Leva 5 mil para quebrar o galho e depois nós acertamos tudo.

— Mas, presidente, são três meses de atraso!

— Nós agora estamos no campeonato. Se conseguirmos classificação no segundo turno, as rendas vão dar para pagar tudo.

E o São Cristóvão de Futebol e Regatas estreou no campeonato carioca devendo três meses de salário a seus jogadores. Uma equipe nestas condições só poderia ter feito a campanha que fêz: em onze jogos, empatou três vêzes, perdeu oito, teve dezenove pontos perdidos e três ganhos. Marcou cinco gols, sofreu 26. A renda total do time nos onze jogos foi de NCr$ 53.315,97. Com um quadro de quarenta jogadores pagos, que dão a despesa mensal de NCr$ 12.000,00, o clube entra em cada mês com prejuízo de cêrca de NCr$ 10.000,00. As contribuições dos associados não chegam a NCr$ 2.000,00 por mês.

SEGUE

Não tem dinheiro nem para comprar esparadrapo

O futebol profissional do São Cristóvão apenas sobrevive graças a um esfôrço desesperado e quase inútil de meia dúzia de pessoas. Alguns entram com a presença, como é o caso de Décio — ex-jogador e hoje técnico; outros, com a presença e o dinheiro, como Benílton — o diretor de futebol; e os mais importantes, apenas com o dinheiro, como Seu Zezé e João Coletta — diretores.

A grande opção

Benílton tinha duas oficinas de reparo de radiadores, uma em São Cristóvão e outra na Tijuca. Um dia, descobriu que a da Tijuca estava dando prejuízo porque êle quase não ia lá. Tinha de resolver: ou a oficina da Tijuca ou o time do São Cristóvão.

— Não precisei pensar duas vêzes para fechar a oficina da Tijuca.

É difícil entender como um homem se dedica tanto a um clube que êle mesmo sabe que está à beira do colapso. Benílton chega no São Cristóvão às 8 horas, assiste ao treino, almoça ràpidamente, volta à tarde para tomar as providências do dia seguinte, e à noite vai conversar com "os homens do dinheiro". Assim, mesmo a oficina que manteve no bairro vai vivendo sem sua presença certa, pois todo o seu tempo útil pertence ao desprotegido São Cristóvão.

— Não sei se por azar ou por sorte, nasci em 1926, justamente um ano em que fomos campeões da cidade. Sempre morei aqui, daqui não sairei e só conheço um time de futebol na minha vida, o São Cristóvão. Não adianta perguntar por que essa paixão. No momento, sofro muito, gasto algum dinheiro e tento tapar uns buracos, mas já tive meus dias de grande felicidade, com Augusto, Caxambu, Carrero, e até recentemente, quando ganhamos o torneio da morte e nos salvamos do rebaixamento.

Dos jogadores que compõem o time principal, Benílton mal sabe os nomes. Procura apenas sentir as necessidades mais imediatas do grupo todo, que não são poucas. No meio do ensaio, o treinador Décio chega-se a êle e diz:

— Aquêles dois rapazes que vêm jogando bem não vieram hoje porque não tinham nem o dinheiro para o ônibus.

Benílton mete a mão no bôlso, tira algumas notas e manda entregar aos rapazes para que não faltem ao treino de amanhã.

Por que quarenta jogadores, todos pagos? Benílton explica:

— Porque hoje em dia ninguém joga futebol de graça, nem mesmo os infantis. Há pouco tempo, durante uma exibição dos "Dentes de Leite" do Botafogo, perguntaram a um menino de doze anos se ganhava alguma coisa para jogar, e êle respondeu prontamente: "Ganho, sim senhor, sessenta contos". Como é que nós podemos competir sem pagar a todo mundo?

O problema doméstico

A falta de dinheiro faz o São Cristóvão chegar a situações dramáticas. Há alguns meses, não havia material para todos os jogadores, e a solução foi deixar o time juvenil sem treinar duas semanas. O problema foi então levado aos "homens do dinheiro", que fizeram uma **vaquinha** e deram NCr$ 10.000,00 para comprar alguma coisa. Mas o clube não precisa só de chuteiras, camisas e calções. O Departamento Médico exige muito, a começar pelo médico, que só vai ao clube em dias de jogos, até os remédios mais simples. Luís Desiderati, o presidente, em uma de suas visitas vê um jogador reclamando que seu curativo precisa ser mudado. O enfermeiro explica que não tem esparadrapo.

— Isso não é para ser mudado todos os dias — fala o presidente em tom duro.

— Mas eu já estou com êste mesmo curativo há três dias — explica o jogador.

— Por que é que você não mudou em casa? — soluciona o presidente.

Benílton procura o enfermeiro, pede uma rápida relação das necessidades mais urgentes e sai com uma lista que lhe custará NCr$ 100,00. Vai comprar tudo de seu bôlso, na certeza de que jamais receberá o dinheiro de volta.

— Não é a primeira nem será a última vez que faço isso. O recibo eu rasgo, para não ter idéia de quanto já gastei. O que não posso é deixar os meninos sem nenhuma assistência.

A posição esquecida

Sem qualquer assistência técnica, Batista, o goleiro, joga a bola contra o muro branco e a apanha na volta. Quando a bola escapa de suas mãos, êle corre atrás dela, ajeitando a coxeira, e volta meio capengando para seu treino improvisado. Atrás dêle, no campo, os outros jogadores treinam em conjunto, mas êle não pode jogar. Está com princípio de distensão na coxa e quer poupar-se, para poder jogar no próximo sábado.

— Preciso aparecer de qualquer maneira, porque senão ninguém se lembra de me tirar do São Cristóvão. Antes, quando disputamos o primeiro turno, jogando algumas vêzes na preliminar do Maracanã, ainda tinha maiores esperanças, mas agora, jogando em campos menores e distantes, as coisas estão difíceis.

Batista tem só 24 anos. Acha que cometeu um êrro imperdoável por ter passado duas temporadas na Venezuela, afastando-se do mercado brasileiro.

— E o pior é que o técnico do meu time lá na Venezuela era o goleiro. Não preciso dizer que já estava cansado de esquentar o banco dos reservas.

Com o primeiro dinheirinho que recebeu, Batista voltou para o Brasil. Andou no Olaria, do Rio, mas continuou sempre na reserva. Dispensado, foi tentar o São Cristóvão, e o então técnico Barbosa disse logo:

— Já estamos cheios de goleiros, mas se você quiser pode treinar meio tempo.

Depois do treino, Barbosa chamou Batista e disse-lhe para ficar e assinar um contrato.

— Sei que quatrocentos contos não é muito dinheiro, principalmente quando atrasa, mas eu preciso aparecer, jogar para que os outros me vejam e me levem para um time melhor.

A grande mentira

De repente, passa correndo outro goleiro, sorridente, saltitante, boné ao contrário na cabeça, com a pala voltada para trás. Entra em campo fazendo exercícios, e grita:

— "Marco Aurélio" hoje está um gato.

A primeira bola chutada passa sob seu corpo e entra. Um companheiro brinca com êle:

— Ô "Marco Aurélio", você está parecendo até o Alfredo.

— Pôxa! Você não está vendo que eu ainda não esquentei?

Alfredo apanha a bola e a devolve para dentro do campo. Agacha-se, abre bem as pernas e os braços e espera o próximo chute. Neste momento êle se sente o Marco Aurélio, titular do Flamengo, e não Alfredo, terceiro goleiro do São Cristóvão.

A solução da limpeza

O treino acaba com 60 minutos e os jogadores vão recebendo um guaraná enquanto descem as escadas do vestiário. No dia seguinte terão ginástica, que não será das mais puxadas, porque o preparador físico sabe que ninguém agüenta.

— Tenho mêdo de que um dêsses meninos desmaie durante os exercícios. A grande maioria vem para cá sem tomar sequer um café, e 99% moram na zona norte.

No campo, o zelador espera que todos saiam para soltar os cinco carneiros que se encarregam de aparar a grama. Antes existiam alguns cabritos, mas êles foram comidos um a um, para desespêro de Dona Agnela, lavadeira do clube há catorze anos.

— O último que êles levaram foi o "Cinco a Zero", coita-

SEGUE

Como qualquer pequeno time de várzea, o São Cristóvão ainda usa lavadeira. Uma lavanderia automática custa milhões. O técnico Décio, de camisa rasgada, teme que algum jogador se machuque, porque o enfermeiro nunca pode comprar todos os remédios. Os "aparadores de grama" são cinco carneiros.

Quem disse que é indispensável ter uma anterna magnética Eveready no carro ?

Ninguém.

Se o seu carro parar à noite, v. pode acender fósforos, tentar parar outro carro, procurar auxílio na cidade mais próxima, ou esperar clarear o dia.

Agora, se v. tiver uma lanterna, pelo menos luz v. tem. E se for uma lanterna magnética Eveready, v. tem uma porção de coisas a mais. Por exemplo: ela não quebra, não amassa, não enferruja. (V. pode jogá-la ao chão, passar por cima com o carro ou deixá-la cair na água). E o mais importante: ela gruda no carro (por isso se chama magnética) e deixa v. com as duas mãos livres para fazer o carro andar de nôvo. E mostrar para a sua mulher que aquêle "grrr" não era um "grrr" e sim um "quac".

- e a melhor lanterna merece a melhor pilha! (exija sempre a pilha do gato)

(Só a lanterna magnética Eveready não quebra, não amassa, não enferruja e tem imã para grudar no carro.)

Os presidentes renunciam quando vêem as contas

FUTEBOL
CONTINUAÇÃO

do. Parecia que estava adivinhando que ia para a panela. Chorava que dava dó.

"Cinco a Zero" ganhou êste nome porque, no primeiro dia em que o trouxeram, o Fluminense deu de cinco no São Cristóvão. Ficou pastando algum tempo, tornou-se um bode de bom tamanho, até que virou banquete. Foi êsse o único desespêro de Dona Agnela, nessa vida conformada de lavar todo o material esportivo do clube. Suas mãos estão calosas, sofre de unheiro em todos os dedos, e só recentemente conseguiu que parte do material dos amadores fôsse entregue a outra lavadeira.

Benílton mandou ver em São Paulo o preço de uma lavanderia automática, mas os NCr$ 15.000,00 do orçamento deram-lhe um susto.

Uma questão capital

— Presidente de time pequeno precisa ter dinheiro — diz José Ferreira Agostinho, o Seu Zezé, homem que só em oito meses do ano passado gastou NCr$ 20.000,00 no clube.

Seu Zezé entrou no São Cristóvão em 1918, para nunca mais se afastar, por pior que fôsse a situação. Foi presidente duas vêzes: em 1948 e 1966, nas duas como única solução, depois que os presidentes eleitos desistiram. Benílton conta:

— Da última vez, assim que tomou posse, mandou vir as contas e descobriu que dois títulos do clube iam para o protesto. Êle meteu a mão no bôlso, tirou o livro de cheques e mandou pagar. E esta foi a sua única atividade no primeiro dia de mandato: esvaziou um livro de cheques pagando dívidas do São Cristóvão.

Calmo, sorridente, Seu Zezé diz que alguém precisa pagar as dívidas do clube. Pouco lhe importa que a situação financeira pareça sem saída.

— O clube já me deu muitas alegrias.

Êle nem sabe o nome dos jogadores do time atual, mas repete sem gaguejar o time campeão de 1926: Paulino, Póvoa e Zé Luís; Alberto, Henrique Carrero e Julinho; Manobra, Jaburu, Vicente, Baianinho e Teófilo.

SEGUE

Seu Zezé, apaixonado pelo clube, paga desde as promissórias até a vitamina após os treinos.

Kodak

E daqui a 10 anos?

Bem... é sempre assim! Ela vai crescendo, crescendo, a boneca vai sendo esquecida e - de repente - é môça. Casa-se, tem sua própria família. Por isso, agora é o tempo de guardar a imagem de sua garôta. Para você poder lembrar-se sempre, muitas vêzes. Com "aquela" ternura. Isso é possível, é fácil, com os filmes Kodak a côres. Procure o seu Revendedor Kodak, onde você encontrará êste símbolo.

Kodak

Os filmes Kodacolor-X e Ektachrome-X são processados no Brasil. Exija processamento com a qualidade Kodak.

Às vêzes o time todo entra em campo com azia

FUTEBOL
CONTINUAÇÃO

— Naquela época, meu prazer era apostar, dando dois e até três gols de vantagem. Mas o time de 1926 não foi o melhor do São Cristóvão. Na minha opinião, o de 1937 foi a grande sensação. Chegamos a dar quatro jogadores para a seleção brasileira. Dêsse time, muita gente se lembra: Válter, Osvaldo e Hernandez; Picabea, Dodô e Afonso; Roberto, Villegas, Caxambu, Nena e Carrero.

Seu Zezé conta que o São Cristóvão era o clube fino de sua época, onde jogavam os rapazes da Academia Militar.

— Por isso éramos chamados de "Os Cadetes". Por nós já jogaram, entre outros militares, os generais Ademar de Queirós e Cordeiro de Farias. O que acabou com a nossa banca foi o Vasco. Depois de sua fundação, todos os comerciantes portuguêses nos abandonaram, e nós ficamos em um beco sem saída.

É tão crítica a situação do São Cristóvão, que nem pôde aceitar um time inteiro que o Santos lhe ofereceu, em cumprimento de um acôrdo de irmãos. São Cristóvão e Santos, de escudos e uniformes iguais, tiveram um só fundador: Urbano Caldeira, que hoje dá nome ao estádio santista.

— Nós temos um acôrdo de empréstimo de jogadores, mas nunca tivemos coragem de pedir ninguém porque não temos dinheiro para pagar o salário dos que o Santos venha a nos emprestar. Antigamente, em um muro, de um lado nós pintamos um escudo do São Cristóvão e escrevemos: "O Santos do Rio"; do outro, um escudo do Santos e escrevemos: "O São Cristóvão de São Paulo". Êsse muro até já caiu.

E os muros são também um dos problemas do São Cristóvão, que não pode mais crescer porque está cercado de fábricas por todos os lados. Os estudos de expansão prevêem milhões de cruzeiros novos, um plano impraticável para qualquer clube.

O tempêro da derrota

Mansur, vestibulando de Medicina, 23 anos, carreira começada no juvenil do Fluminense e passagem pelo Paraná, acha que o problema do almôço não é falta, mas excesso de condimentos. Nas vésperas de um jôgo pelo Torneio Almir Salime — disputado pelos clubes que não se classificaram para a segunda fase do campeonato carioca —, o menu era carne assada, arroz, batata e muito môlho, com bastante pimentão.

— A moçada nem sempre almoça bem durante a semana, e quando vê esta comida tôda, com direito a repetir, come até se fartar, sem pensar que vai jogar horas depois. O resultado é que em um dia dêstes o time todo entrou em campo com azia. E tivemos que jogar assim mesmo, pois não havia alka-seltzer no departamento médico. Se êles desconfiassem como é o tratamento no Fluminense, prefeririam ser infantis lá do que profissionais aqui.

Mansur não vê solução para o São Cristóvão. Vai jogando até que outro clube o leve, porque não dá mais para ficar ali. Além disso, pretende largar o futebol assim que a medicina o exigir.

Pode ser que o próprio São Cristóvão o ajude em sua decisão, forçado pela péssima situação financeira. Seu último jôgo, contra o Olaria, rendeu NCr$ 104,00. E o próximo, contra a Portuguêsa carioca, outro time fraco, talvez renda menos ainda.

Dia de jôgo, um drama

Chega o sábado em que o São Cristóvão vai enfrentar a Portuguêsa carioca. Ainda não ganhou de ninguém, mesmo jogando contra os adversários mais inexpressivos. São 13 horas, os rapazes acabaram de almoçar e mal sabem que o diretor de futebol, Benílton, tem um grave problema para resolver: desta vez é o ônibus do clube que enguiçou. Faltam pouco mais de duas horas para começar o jôgo, e um dos "homens do dinheiro" lhe telefona preocupado:

— Como é, vai ter jôgo hoje, ou não vai?

— Vai, mas preciso levar os rapazes ao estádio e não sei como. O senhor não poderia dar carona a uns três?

O homem concorda e fica de passar por ali dentro de minutos. Benílton, agitado e nervoso, faz outras ligações, pedindo mais caronas.

Fernando está fazendo falta

O jôgo da preliminar já vai a meio quando chegam os últimos rapazes, afobados. Agora estão todos no vestiário. Alguns jogam "palitinho", outros conversam. Batista, o goleiro, fala alto:

— Será que vamos ganhar hoje? O São Cristóvão precisa ganhar uma pelo menos. Se o Fernando não tivesse morrido, não estaríamos tão mal.

O grupinho onde êle está começa a comentar a falta de Fernando, jogador de meio de campo que morreu num desastre de automóvel quando o time fazia excursão pelo interior de São Paulo. Batista continua:

— Fernando estava jogando o fino. Foi chato morrer...

Sentados num canto, nove rapazes disputam o jôgo do "palitinho": quem perder paga sorvete para todos. A NCr$ 0,30 cada um, nove sorvetes são NCr$ 2,70.

— É uma nota! — espanta-se um dêles. A média de salário ali é de NCr$ 300,00, isto quando recebem.

O joguinho não chega a acabar, porém, porque meia hora depois o técnico Décio entra dando ordens, batendo palmas.

— Vamos embora, pessoal, vamos trocar de roupa.

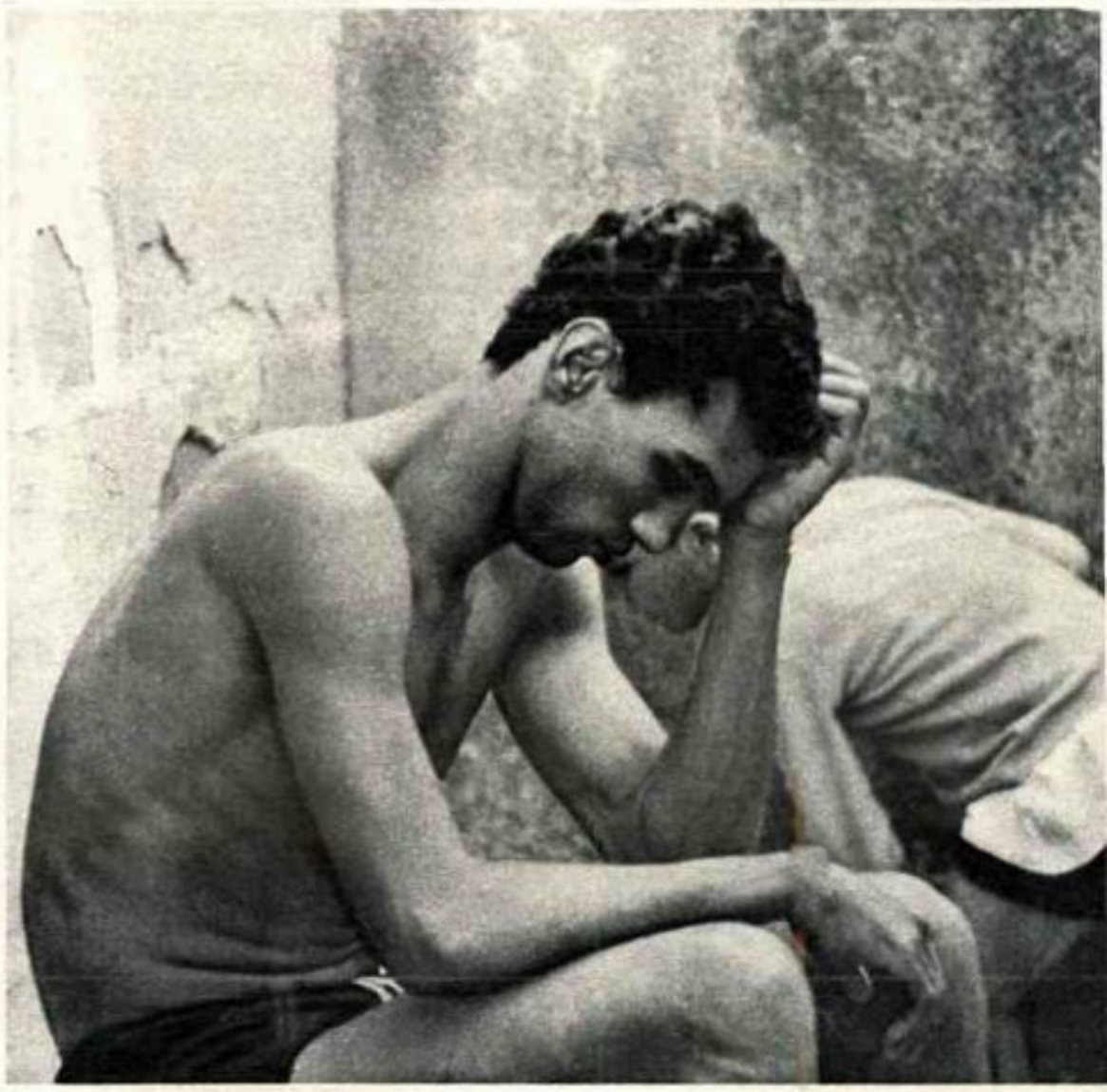
— Mas a preliminar nem acabou, Seu Décio, ainda há tempo — diz um dos jogadores, interessado em tomar sorvete de graça.

— Nada disso, vamos embora.

O roupeiro já está retirando as camisas, calções e meias da sacola. Tudo nôvo! Batista, no entanto, logo esfria o entusiasmo da turma:

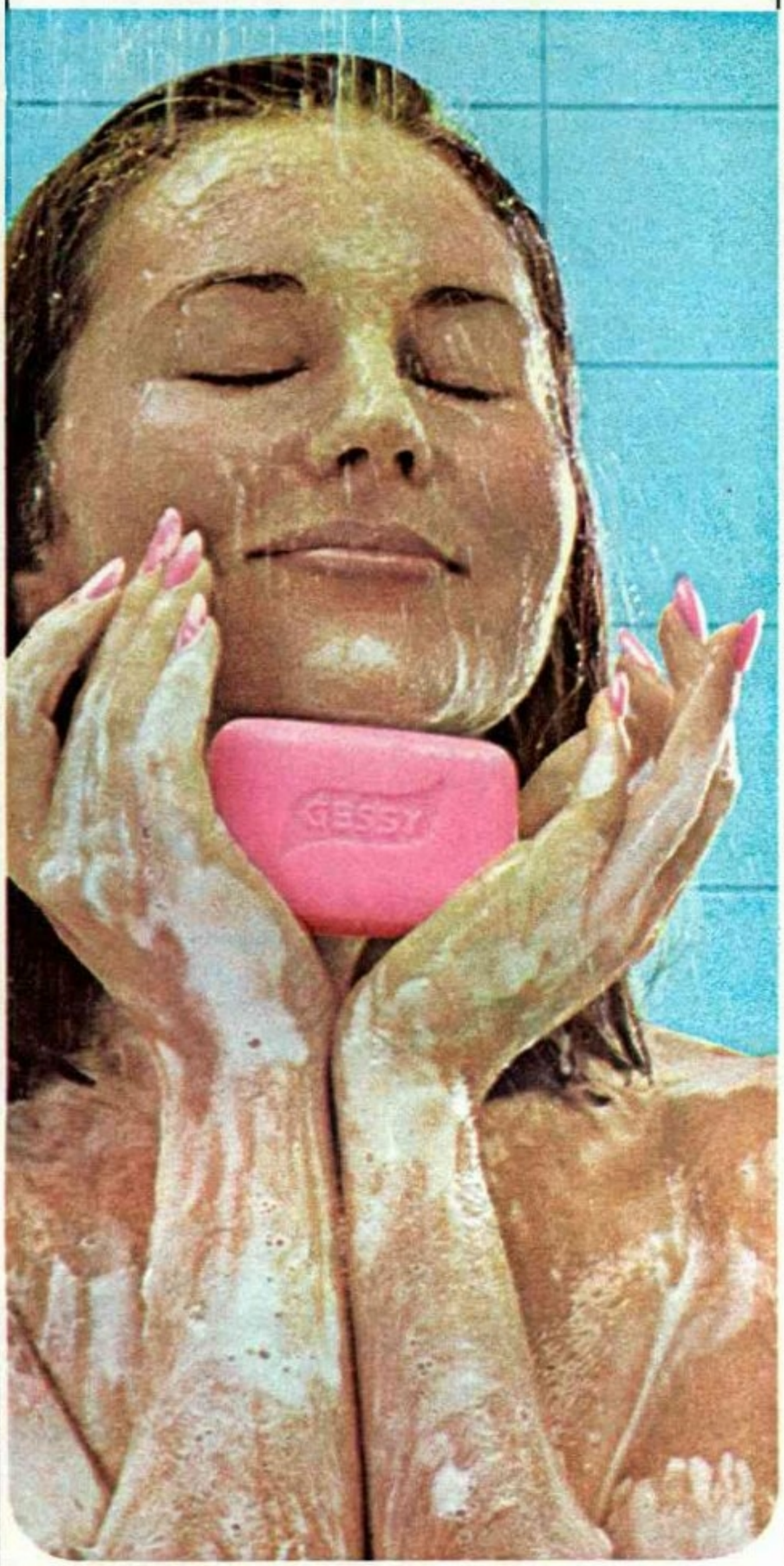
— Ih, êsse negócio de uniforme nôvo dá um azar! Eu quero a minha camisa velha e rasgadinha.

SEGUE



Triste é ser reserva no São Cristóvão. Manga, segundo goleiro, nem pode mostrar seu jôgo.

"Nôvo Gessy... Um banho assim nunca devia acabar."

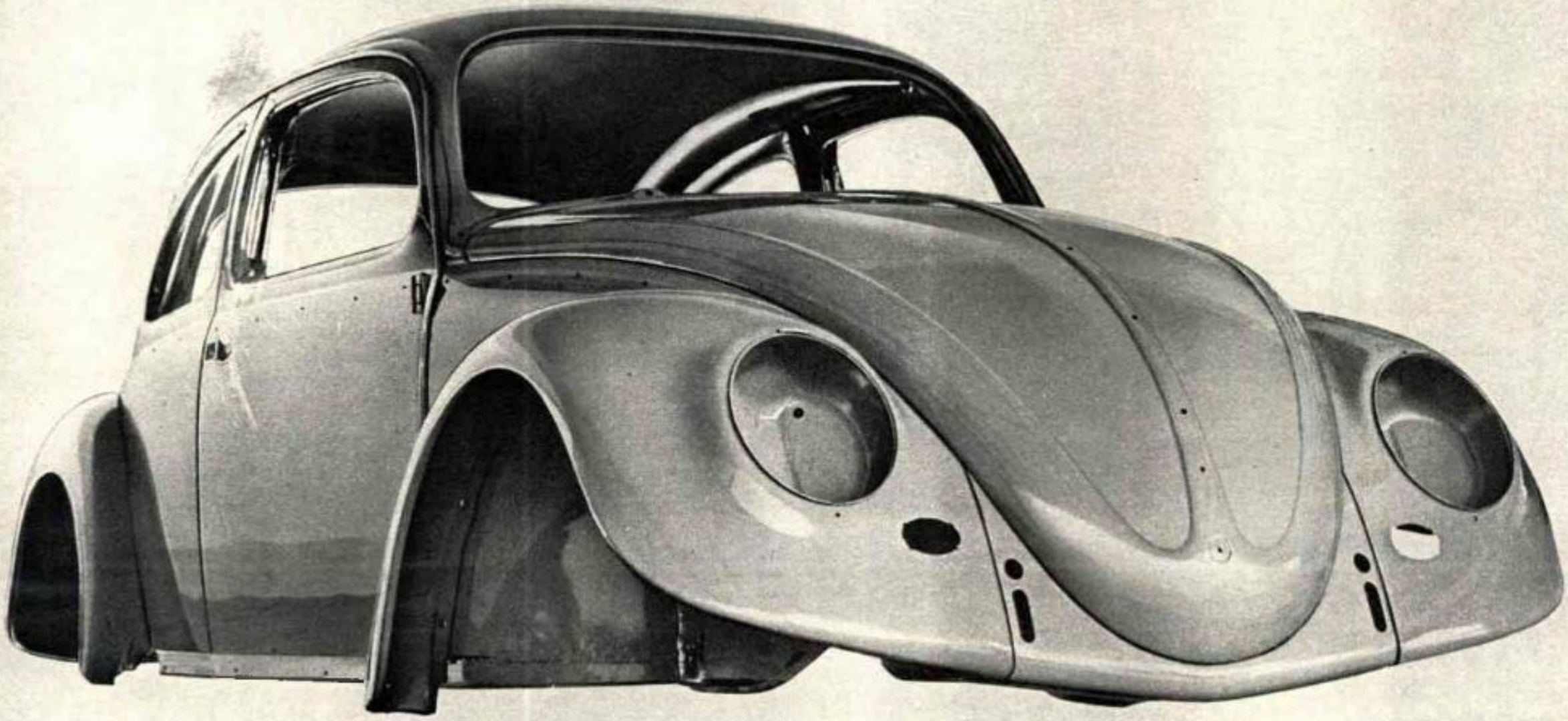


O formato é nôvo.

A espuma é nova. O perfume é nôvo. Nôvo prazer no banho.

Merece um pulinho de alegria.

Lintas



© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Graças à metade que não se vê, esta metade é cada vez mais vista.

Conhece o ditado "papagaio come o milho, periquito leva a fama"?

No caso do Volkswagen, periquito é a metade de cima. Ela é cada vez mais vista e mais famosa, graças à metade que está embaixo. E o que é que essa metade tem demais? Nada.

Pelo contrário, tem até de menos.

Por exemplo, não tem eixo cardã, porque o motor traseiro é ligado diretamente às rodas motrizes.

Também não tem molas, porque o lugar delas está ocupado por algo bem mais resistente, as barras de torção.

Tampouco tem radiador, pois o resfriamento do motor é feito pelo ar, e assim nem de água se precisa.

Nem de água, nem de mangueiras e tubos para ela passar.

Em suma, o Volkswagen faz questão de ser um carro simples. E talvez seja por isso que tantas pessoas fazem questão de ter um Volkswagen: mais de 14 milhões, no mundo inteiro. E mais de 600.000, só no Brasil.

Em troca daquelas coisas supérfluas, essas pessoas obtêm aquilo de que realmente precisam: um meio de transporte econômico e racional.

E que é cada vez mais visto nas ruas, graças àquela metade que não se vê.

TÓQUIO VIA VARIG

VARIG LEVA O BRASIL MAIS LONGE E TRAZ O JAPÃO MAIS PERTO

Varig abre um novo horizonte para o desenvolvimento brasileiro. O horizonte do Sol-Nascente. O progresso do país pediu esta iniciativa e a Varig assume o empreendimento para mais uma vez estar a serviço da nação.

Negócios, intercâmbio cultural e comercial, turismo, transporte de cargas, tudo receberá assim novo impulso nas relações entre o Brasil e o Japão.

A nova linha, com 2 vôos semanais pelos **BOEING 707** tem o seguinte roteiro:
RIO DE JANEIRO - LIMA - MÉXICO
LOS ANGELES - HONOLULU - TÓQUIO

O empate é uma festa

FUTEBOL CONTINUAÇÃO

— Não senhor, vai jogar todo mundo de roupa nova — o roupeiro reclama.

— É isso mesmo — confirma o técnico.

Os rapazes fazem fila diante do roupeiro. Paulada, quase um menino, que foi descoberto jogando futebol de praia, está entusiasmado:

— Qual é a minha?

— Toma, é a número 9.

— Não, é a 10 — pede o garôto.

— Nada disso, Paulada, é a 9.

O rapaz vira-se para o técnico buscando socorro:

— Seu Décio, a minha camisa não é a 10?

— É.

— Viu? Me dá a número 10.

E o menino Paulada enfia rápido a camisa mágica: êle sonha nesse instante transformar-se em Pelé, o mais famoso dono de uma camisa número 10 do mundo. Só então despe as calças, coloca o calção, as meias e chuteiras. Ademir, o massagista, já está cuidando dos outros. Alguém pergunta a Benílton:

— Os valôres ficam com o senhor?

— Pode deixar junto com a roupa, o roupeiro toma conta.

A preliminar está no fim, os onze jogadores que vão começar já estão prontos, metidos na roupa nova e massageados. Batista, nervoso, ensaia umas anedotas sem graça, para disfarçar. O jogador Marcos sai à porta do vestiário para assistir um pouco ao jôgo da preliminar. Da arquibancada vêm duas vozes infantis:

— Titio, titio, o senhor vai jogar?

São os sobrinhos de Marcos, pedindo:

— Vê se ganha hoje, titio!

Décio, que havia saído, volta de nôvo. Reúne todos, dá algumas instruções, depois chama Moisés, o capitão:

— Dá um aquecimento aí no pessoal.

Êles começam a fazer os exercícios, saltando ritmadamente, enquanto trocam as pernas, a direita para a frente, a esquerda para trás, obedecendo ao comando de Moisés. Batista, ofegante, já está reclamando, minutos depois:

— Estou mal, estou mal... Não treinei esta semana e fiquei meio fora de forma. Goleiro grande, como eu, tem que treinar, senão deixa passar tôdas as bolas rasteiras.

Recomeça a fazer os exercícios, cansado, quando termina a preliminar e Moisés chama todos para entrar em campo. O fotógrafo pede ao capitão para arrumar a turma, pois vai fotografar o time. Décio fica satisfeito:

— Puxa! Até que enfim o São Cristóvão vai ter uma foto! Será que depois vocês me arrumam uma?

O juiz chama os capitães, o jôgo vai começar.

Vinte segundos, um a zero

O São Cristóvão ganha o cara-ou-coroa e escolhe o campo em que começa jogando. Batista prefere o lado contra o sol, explicando:

— Agora o sol está alto ainda. No segundo tempo estará mais baixo e será pior para o goleiro dêles.

A Portuguêsa carioca dá a saída, vai rolando a bola, entra na área, alguém chuta forte da marca do pênalti. Batista salta, a bola passa — rasteira — por baixo de seu corpo. Vinte segundos de jôgo. Um a zero. O São Cristóvão abaixa a cabeça e dá nova saída. Os jogadores já se sentem abatidos; têm certeza de que vão perder mais uma vez. Não conseguem acertar um chute. No rádio, o locutor descreve com voz vibrante as jogadas monótonas.

A Portuguêsa, um time tão fraco quanto o São Cristóvão, tem mais moral. Continua jogando com tranqüilidade, até que acontece uma falta perto da área adversária. Os rapazes do São Cristóvão formam uma "barreira", a bola é chutada alto, com fôrça. Batista nada pode fazer. Dois a zero.

— Me tira, Seu Décio, que eu estou mal — pede Batista.

Décio não responde. Termina o primeiro tempo. Batista corre ao técnico:

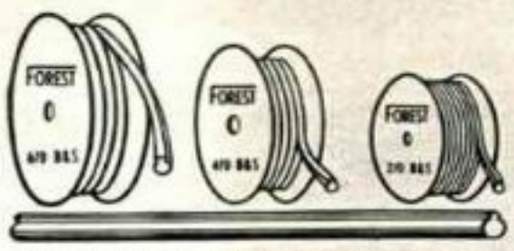
— Por que o senhor não me tirou? Eu estou mal. SEGUE

FIO TROLLEY

o mais perfeito condutor de corrente elétrica, para linhas de troley-bus, estradas de ferro, bondes, etc...

FOREST está aparelhada com a mais atualizada e perfeita maquinaria proveniente dos centros técnicos-industriais mais especializados do mundo, para a fabricação do FIO TROLLEY

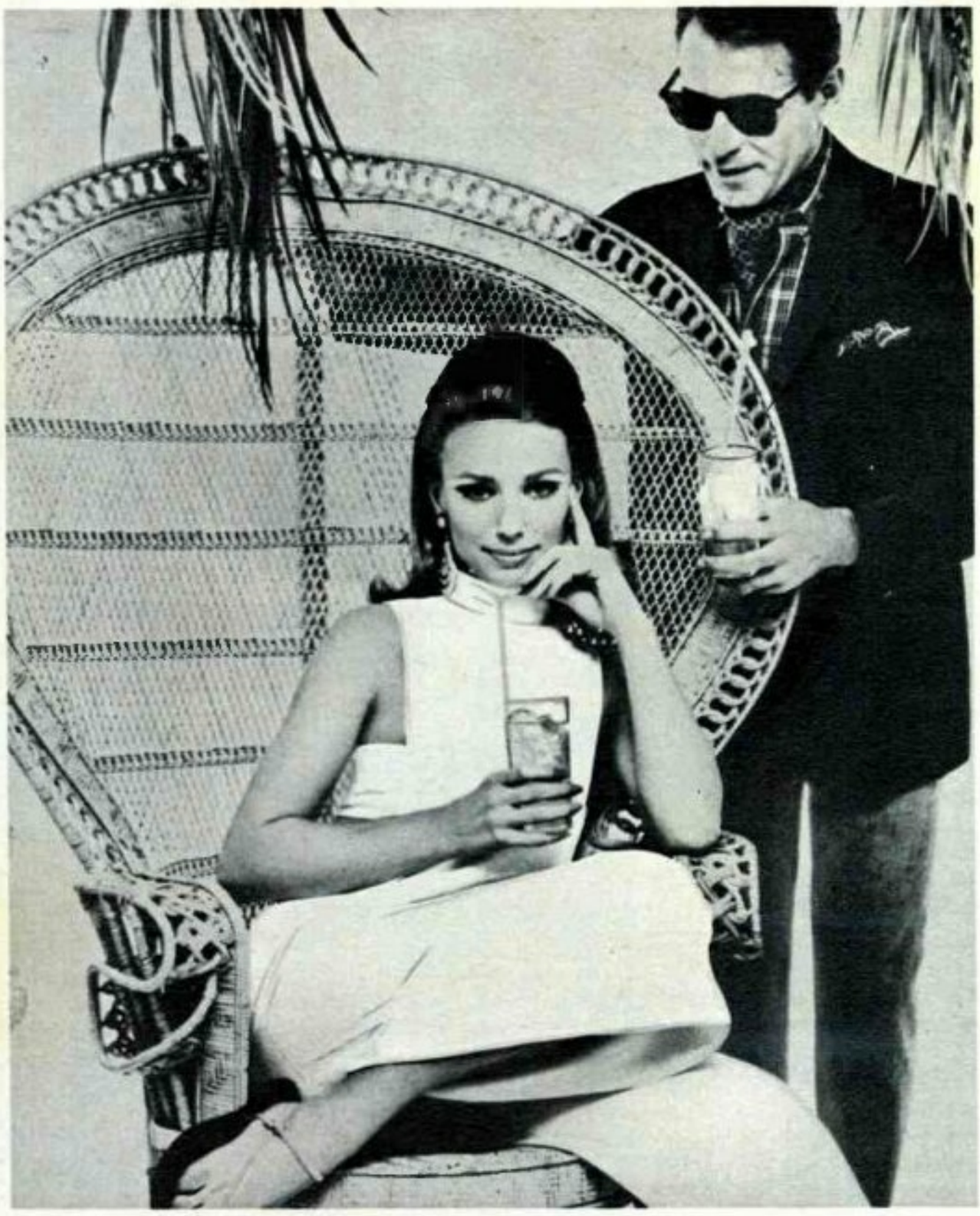
FIO TROLLEY redondo • ranhurado e em forma de 8 ⟹ qualquer tipo, e todos os numeros especificados; entregas, dependendo da secção em mm^2, em lances até 5000 m.



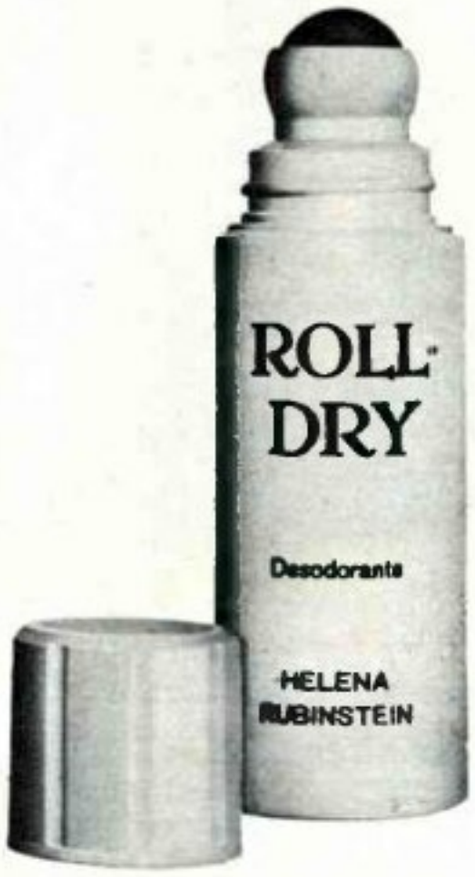
SEM RIVAL

FOREST

RUA CANTAGALO, 976 — TELEFONE: 9-0717 — SÃO PAULO



Assegure uma presença fragrante
e atraente o dia inteiro com
Roll-Dry



**Você terá a deliciosa sensação
de frescor e confôrto...
a fragrância inconfundível
da limpeza e absoluta higiene...
com o desodorante Roll-Dry!
Aplique-o deslisando sua
"esfera mágica" sôbre as áreas
do corpo que deseja proteger.
Roll-Dry seca num instante,
é isento de gordura,
não adere ao tecido nem irrita.
Conserva a pele suave
e permite que os poros
respirem livremente.
Experimente!**

Helena Rubinstein

A vitória é um sonho

FUTEBOL CONTINUAÇÃO

— Quem manda no time sou eu, Batista. Que é isso? Está fugindo do jôgo?

— Não, Seu Décio. É que não quero prejudicar os colegas.

E os colegas estão tristes, sentados pelos bancos do vestiário. Batista não tem coragem de encará-los, sai andando, mãos na cabeça:

— Sou o culpado pela derrota...

Décio reúne todos, dá novas ordens. Diz que está tudo errado, manda o time ir para a frente.

— Ou perdemos de goleada, ou pelo menos empatamos. Tenham calma, procurem não errar os passes. Você, Aci, ajude o Mansur. E os beques não têm nada que enfeitar as jogadas, bola pra frente. Vamos reagir!

As defesas de Batista

O discurso de Décio fêz o time melhorar, no comêço do segundo tempo. Atacaram perigosamente e, segundo o locutor do rádio, "obrigaram o goleiro da Portuguêsa a praticar algumas defesas milagrosas". Mas os adversários foram segurando os dois a zero, calmamente, e tomaram conta do jôgo outra vez. Agora era Batista quem se via forçado a fazer duas boas defesas, mas sempre reclamando:

— Estou mal, estou mal.

Por fim, o técnico o tirou de campo e chamou o outro goleiro, Manga. O rapaz levantou-se do banco dos reservas comentando:

— Viu? Eu só entro no fogo...

Batista correu logo para o vestiário, nem queria ver como iria acabar o jôgo. Diante de um espelho, arrumando o cabelo, um companheiro seu, Wanderley, que tinha sido substituído ainda no primeiro tempo, tentava consolar o goleiro infeliz:

— Deixe pra lá, Batista. E eu, que fui substituído com dez minutos de jôgo? Que é que eu fiz de errado? Fui culpado de algum gol?

— Não.

— Estava jogando mal?

— Não.

— Então, por que o técnico me tirou? Pra mim não tem explicação.

Batista não se conforma. Jogou bem tantas vêzes nesse mesmo campeonato, fêz tantas defesas boas, ficou bem cotado, e agora "engolia dois frangos".

— E logo contra a Portuguêsa. Foi a camisa nova, eu sabia. Não quero mais saber dela. De hoje em diante vou continuar jogando com minha camisa velha e rasgadinha...

Pouca renda, é o fim

Termina o jôgo. Os jogadores voltam cansados e humilhados. Vão se atirando sôbre os bancos do vestiário e começam a tirar os uniformes novos, molhados de suor. Ninguém diz nada.

Há cada vez menos esperanças de sobrevivência para êste São Cristóvão abatido e pobre. O jôgo de hoje rendeu uma soma ridícula: pouco mais de NCr$ 80,00. Isto quer dizer que apenas umas cinqüenta pessoas pagaram ingresso para vê-los jogar.

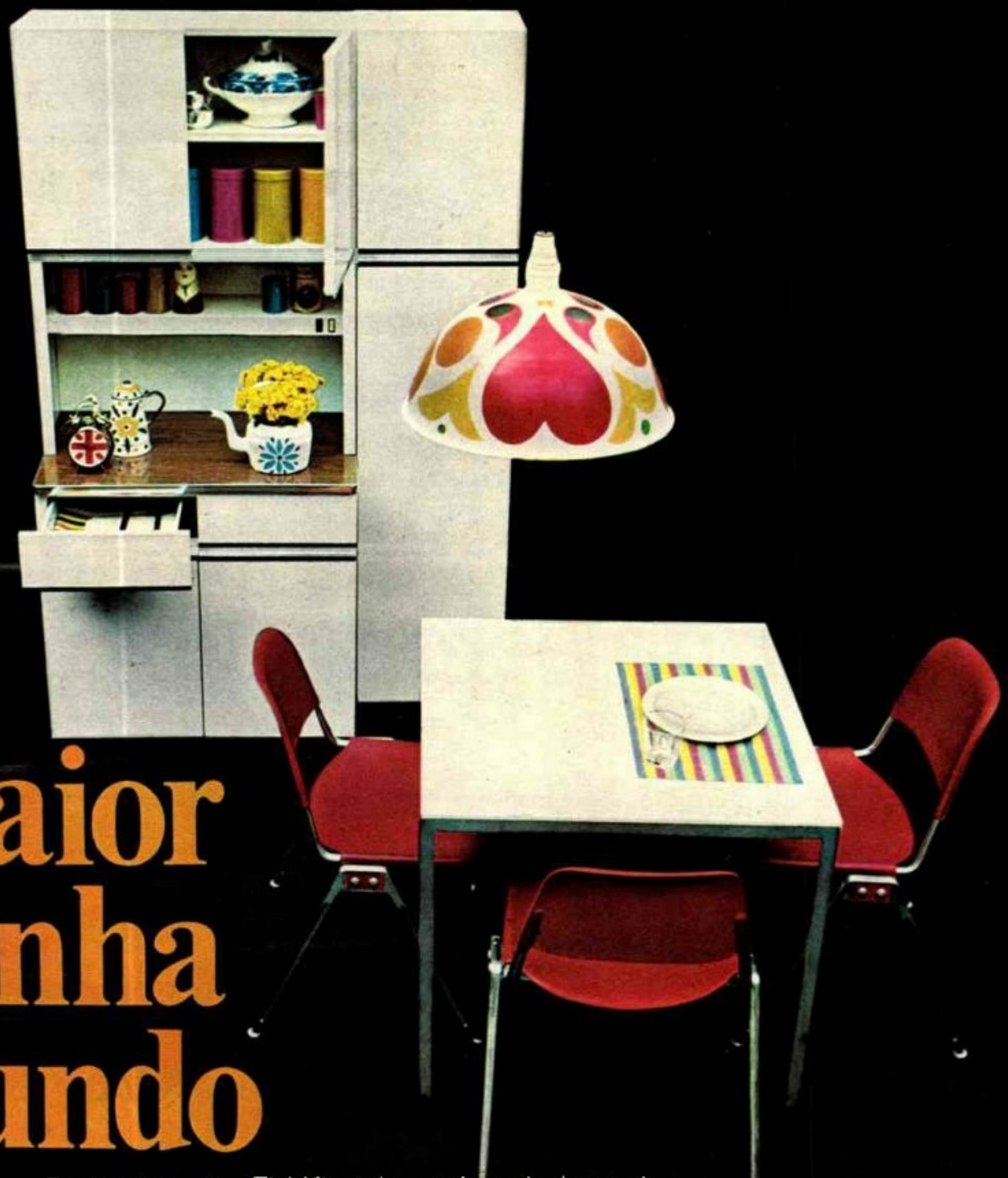
— É duro — diz Décio. — Mas no ano que vem quero ver se monto um time melhor.

Poucos ali acreditam no ano que vem. É possível que a Confederação Brasileira de Desportos aprove um nôvo calendário para o futebol carioca, deixando o Rio sem campeonato até fevereiro. Então o São Cristóvão não agüentará. Sem fazer jogos tanto tempo, seu time de futebol vai acabar morrendo.

Um a um, os rapazes abandonam o vestiário. Vão embora para casa, de carona, de lotação, ou de ônibus. Batista, o goleiro definitivamente desesperançado de ser chamado por um time grande — "andaram me falando que o Corinthians estêve interessado em mim" —, é o mais triste de todos:

— O culpado da derrota sou eu. Estou mal, muito mal.

FIM



a maior cozinha do mundo

1 em 1,20m

Realmente o nôvo Fiel-Kit pode ser chamado de a maior cozinha do mundo, pois nêle se guardam todos os utensílios. Paneleiro, armário para xícaras, copos, jarras, gabinetes para pratos, sopeiras, travessas, gavetas para talheres etc... enfim V. poderá guardar comodamente todos os utensílios da sua cozinha. Além do mais o Fiel-Kit possui tampo de Laminado Plástico em várias côres, com frizo cromado de proteção, tomada para aparelhos elétricos e iluminação própria, embutida na própria prateleira. É realmente uma comodidade a mais. As portas são totalmente almofadadas e possuem dobradiças exclusivas de ação dupla. Os puxadores estão incorporados à própria porta o que permite uma extrema funcionalidade, um atraente frizo cromado de proteção à pegada arremata totalmente os armários. As gavetas são estampadas em uma só peça com os quatro cantos arredondados para maior facilidade de limpeza. Os pés quadrados seguem o nôvo estilo do móvel e possuem também ponteiras com sapatas reguláveis. O seu revendedor terá prazer em lhe demonstrar tudo sôbre o nôvo Fiel-Kit.

FIEL

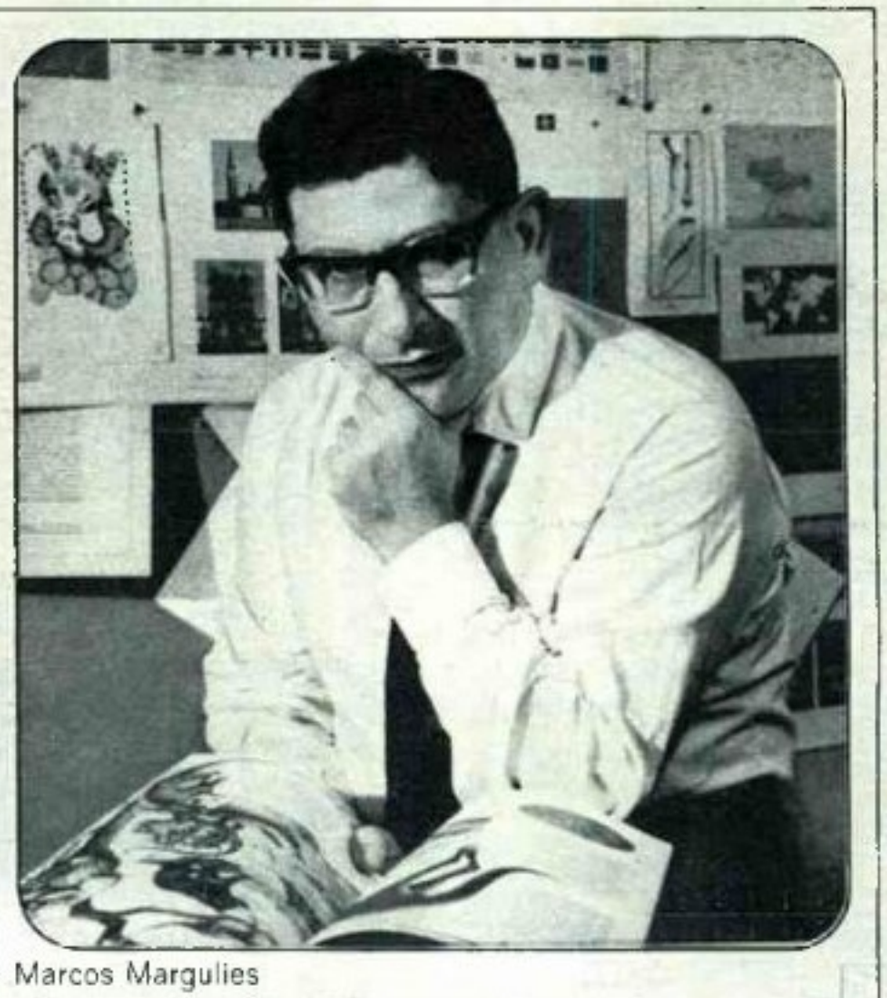
25° aniversário

Não dobre

O Sr. Arthur, aos 50 anos de idade, descobriu o princípio da aerodinâmica

O Sr. Arthur passou a se interessar, por exemplo, pelos motivos da Guerra dos Cem Anos e até por certos detalhes técnicos na construção de um aparelho de radar. Passou a sentir prazer, mesmo necessidade, em adquirir conhecimentos. É que o fasciculo "Conhecer" explicou ao Sr. Arthur tôdas essas coisas, de maneira simples, atraente, acessivel e completa. E como o Sr. Arthur, milhões de outros brasileiros ampliaram a sua cultura, adquiriram conhecimentos sôbre os mais variados assuntos, lendo o nosso fasciculo. O principal responsável por isso é Marcos Margulies, diretor de "Conhecer". Êle é o homem que trabalhou pensando no Sr. Arthur. Para nós da Editôra Abril, tanto o homem que faz como o homem que lê são importantes. Foi assim que as publicações da Abril conquistaram tôdas as camadas da população, tornaram-se veiculos pioneiros de divulgação de cultura e revolucionaram o mercado editorial brasileiro.

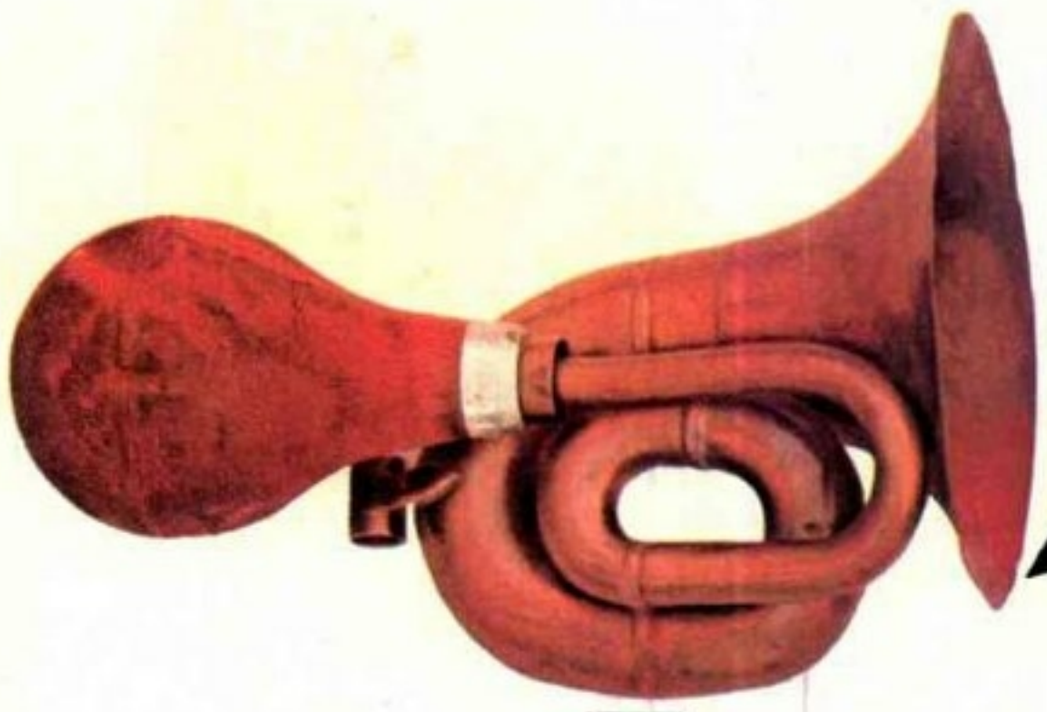
Arthur Alves Borges



Marcos Margulies

ABRIL CULTURAL

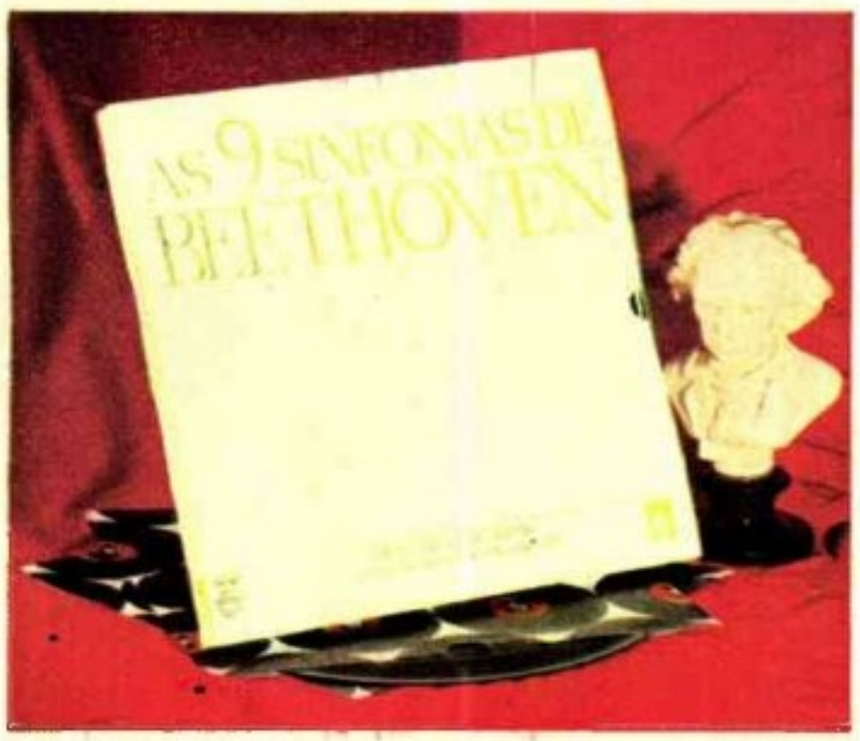
ABRIL CULTURAL LTDA.
Av. Otaviano
Alves de Lima, 800
São Paulo - SP



FOOM!

Esqueça êste instrumento quando V. chega em casa. Ouça Beethoven.

V. pode pensar que isso é difícil, que vai tomar o seu tempo, que V. vai ter que ouvir as opiniões mais desencontradas sôbre orquestras, intérpretes, gravações, até poder chegar um dia em casa e substituir o irritante ruído da buzina pela música imortal de Beethoven. Então saiba que a Abril Cultural já fêz todo êsse trabalho para você. Escolheu as obras-primas de Beethoven, selecionou a melhor orquestra do mundo, o melhor regente e cuidou de todos os detalhes para que a gravação fôsse a melhor possível. E quis evitar também muito aborrecimento: por exemplo, que V. estacionasse em local proibido para percorrer as lojas de discos. V. pode resolver o problema sem sair de casa. Veja como é fácil: basta preencher à máquina ou com caneta esferográfica o cartão-pedido, e mandar hoje mesmo à Abril Cultural.



AS 9 SINFONIAS DE BEETHOVEN, interpretadas pela Orquestra Gewandhaus, côro e cantores da Rádio de Leipzig, sob a regência de Franz Konwitschny
6 LP = **NCr$ 43,20** (mono) - **NCr$ 45,40** (stereo).

PREENCHA À MÁQUINA OU COM CANETA ESFEROGRÁFICA, E MANDE-NOS, AINDA HOJE, SEU CARTÃO-PEDIDO.

E se V. se interessa realmente pela música, por um tipo de música que não é sucesso passageiro, então a Abril Cultural tem mais duas ofertas:

GÊNIOS DA MÚSICA
6 LP - 10 peças clássicas completas - Berlioz - Chopin - Liszt - Boccherini - Haydn - Mozart - Beethoven - Bach.
Preço = **NCr$ 38,90**

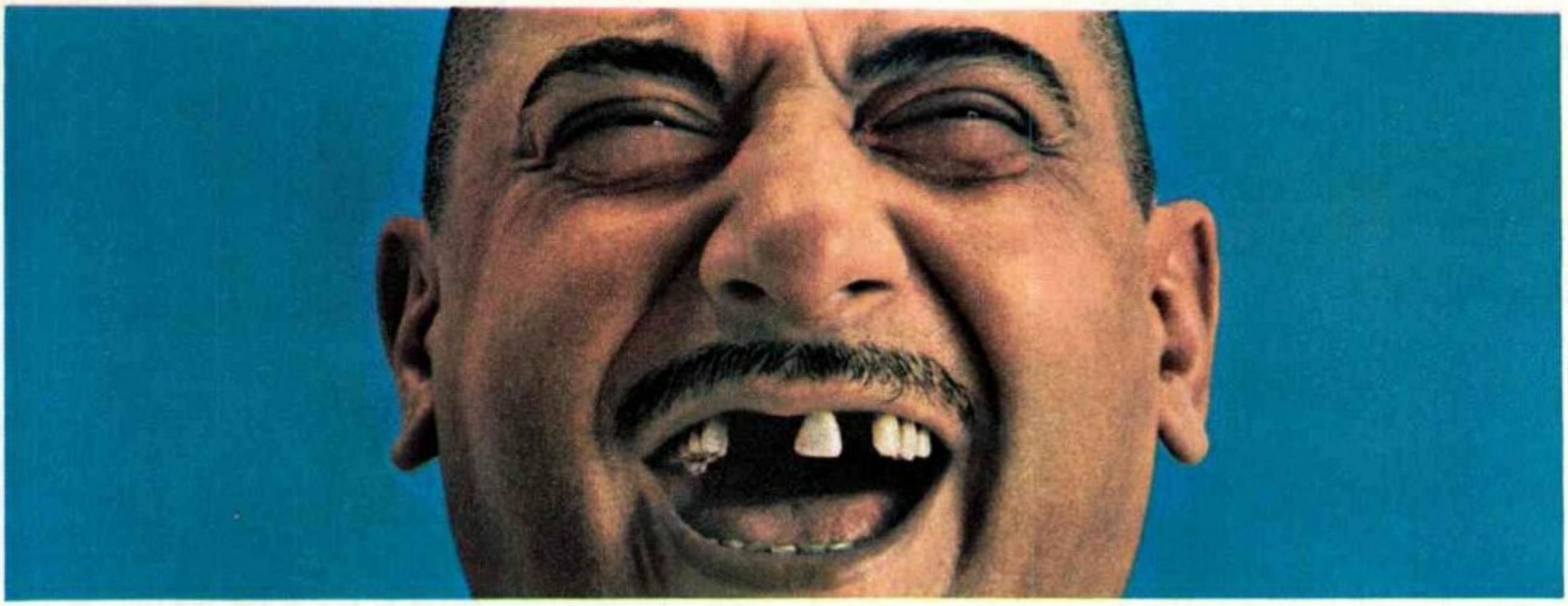
CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS
10 LP - 47 obras-primas - Vivaldi - Rimsky Korsakov - Tchaikovsky - Dvorak - Giordani - Verdi - Rossini Paganini - Donizetti... e outros grandes mestres!
Preço = **NCr$ 47,50**

TÔDAS AS COLEÇÕES SÃO PROTEGIDAS POR LUXUOSO ESTÔJO-DISCOTECA E ACOMPANHADAS DE UM MAGNÍFICO FOLHETO EXPLICATIVO. LENDO-O, VOCÊ SABERÁ TUDO SÔBRE AS OBRAS E SEUS AUTORES.

Exclusividade no Brasil para a **DISCOTECA ABRIL CULTURAL**

mpm propaganda

quando contamos ao Sr. Ferreira a importância da marca de uma escôva de dentes, êle achou muita graça.

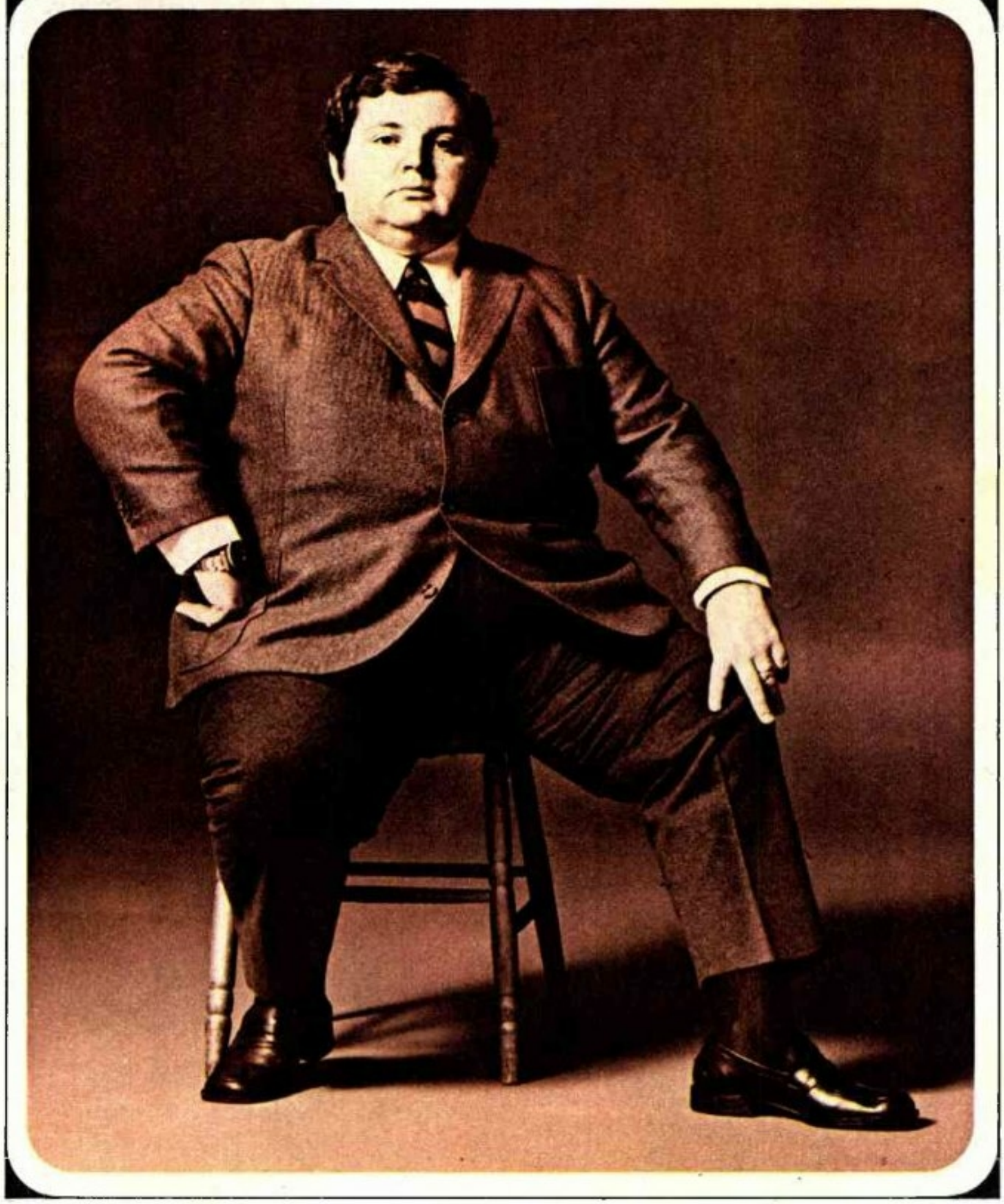


que pena...

O Sr. Ferreira nem se importou quando lhe dissemos que só as escôvas Tek* são antigerme, as únicas com tratamento químico nas cerdas, impedindo o desenvolvimento de micróbios. Continuou rindo quando soube que as escôvas comuns vão acumulando micróbios e mais micróbios. E nem ligou para os diversos modelos de Tek (Topete, Reta, Oval e Júnior, com cerdas duras, médias, macias ou extramacias). É uma graça, êsse Sr. Ferreira!

Johnson & Johnson

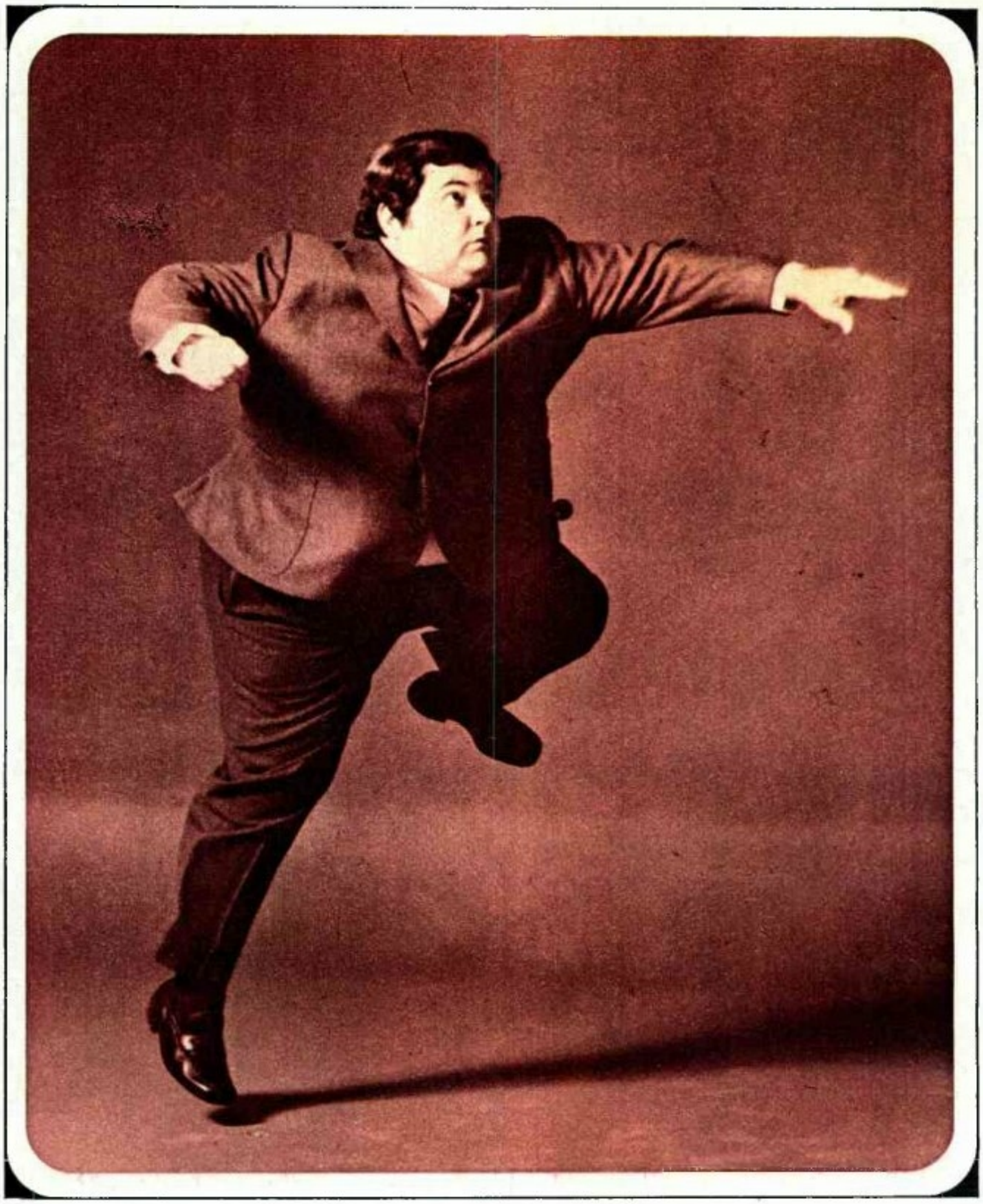
*Marca Reg.



Texto de Jô Soares
Fotos de Zèpinto

Se vou entrar no carro, dão risada; se vou comer um sanduíche, olham-me com espanto; se vou subir numa balança, ficam horrorizados; Neste mundo de magros, tudo o que eu faço vira piada. O único que não acha graça sou eu.

SOU GORDO MAS SOU FELIZ



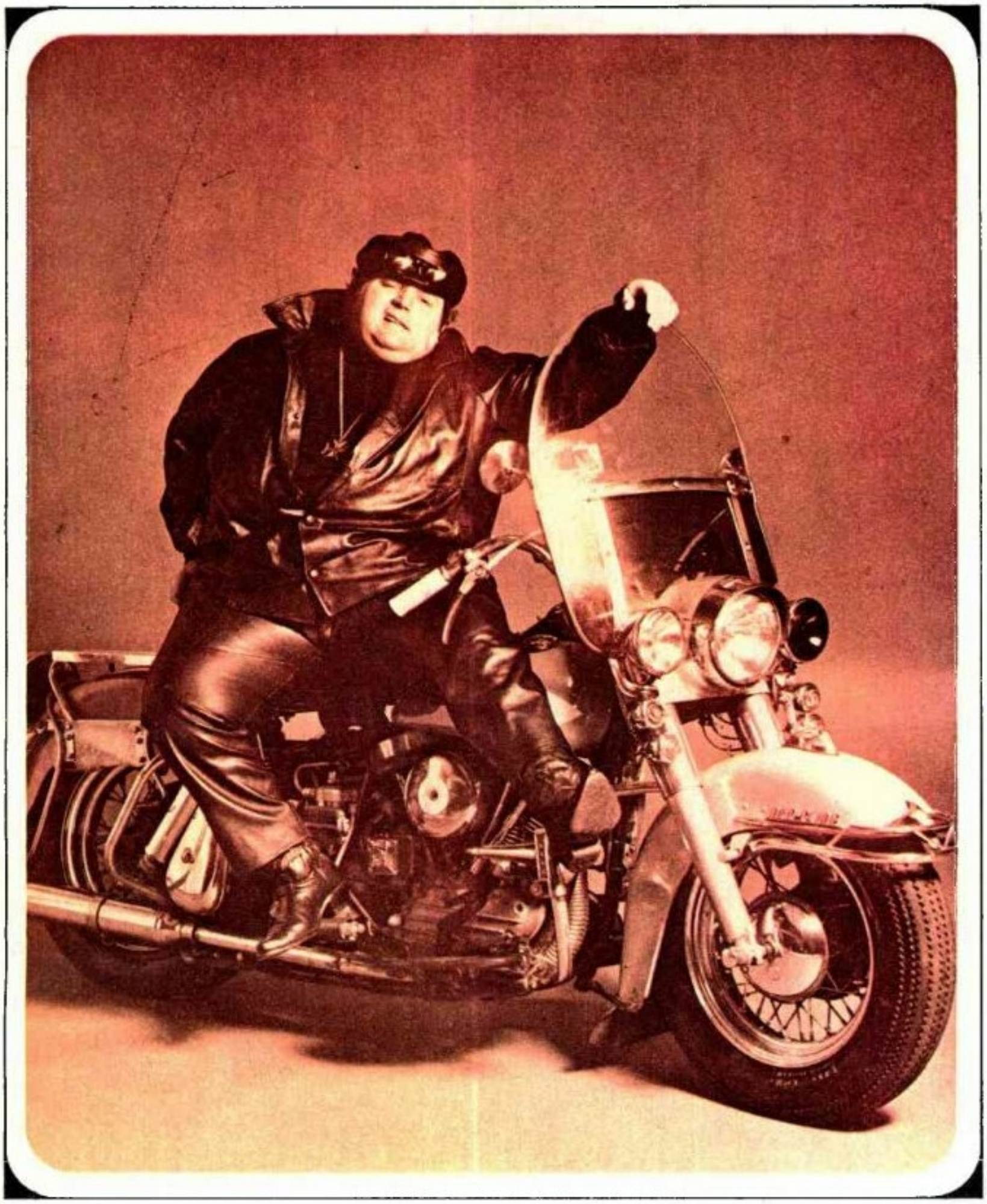
Dizem que sou leve como um elefante e ágil como uma jamanta

De acôrdo com um dicionário da língua portuguêsa, a gordura é uma substância animal, untuosa e de pouca consistência, que se derrete fàcilmente. Bem se vê que o ilustre Senhor Cândido de Figueiredo, autor do tal dicionário, nunca foi gordo, já que uma das substâncias mais difíceis de derreter é exatamente a gordura. É evidente que me refiro à gordura do gordo, impossível de derreter sem que o gordo também derreta.

O gordo, pela própria qualidade de gordo, é antes de tudo um forte. Aprende desde cedo a conviver com certos inconvenientes que o perseguirão por todos os tempos — tanto os de vacas magras quanto de gordas. Senão vejamos:

As piadas de gordo primam pela originalidade e sempre o atingem durante as suas atividades — por sinal, as mesmas dos magros. Quando o gordo entra no automóvel, há invariàvelmente alguém pronto para dizer: "Ué, elefante já sabe dirigir?", "Vai estourar o pneu", "Arriou a mola", "Coitada da suspensão", "Olha! Uma jamanta dentro de um volks!", etc. Para estas mesmas pessoas, "se o gordo entrar no táxi-mirim, o motorista tem que sair". E assim por diante, apesar de ser fenômeno conhecido o fato de vários gordos possuírem volks, mesmo tendo família numerosa ou volumosa.

Piadas assim, sutis como um gordo, o gordo ouve em muitas outras situações. Se vai comer um sanduíche: "Tadinho, tão magrinho. . ." Se entra numa piscina (ou mar): "Vai esvaziar", "Cuidado que a água vai sair tôda pra fora", "Não gaste todo o sol." Se entra no cinema: "Quando acabar a sessão, avisa pra gente chamar o guincho", "Será



que você cabe na poltrona?", "Pagou dois ingressos?" Se quer sentar-se: "O que é que a cadeira te fêz?", "Espera aí, vou buscar o sofá-cama."

O interessante é que quem faz essas piadas pensa que o gordo nunca as ouviu. Não sabe que, para o gordo, tôda piada de gordo é velha. As estatísticas provam que cada gordo escuta pelo menos 387 por dia. Mas, como o gordo tem uma grande alma, êle costuma rir piedosamente delas, para que o sujeito fique com a impressão de ter realmente sido original e inteligente.

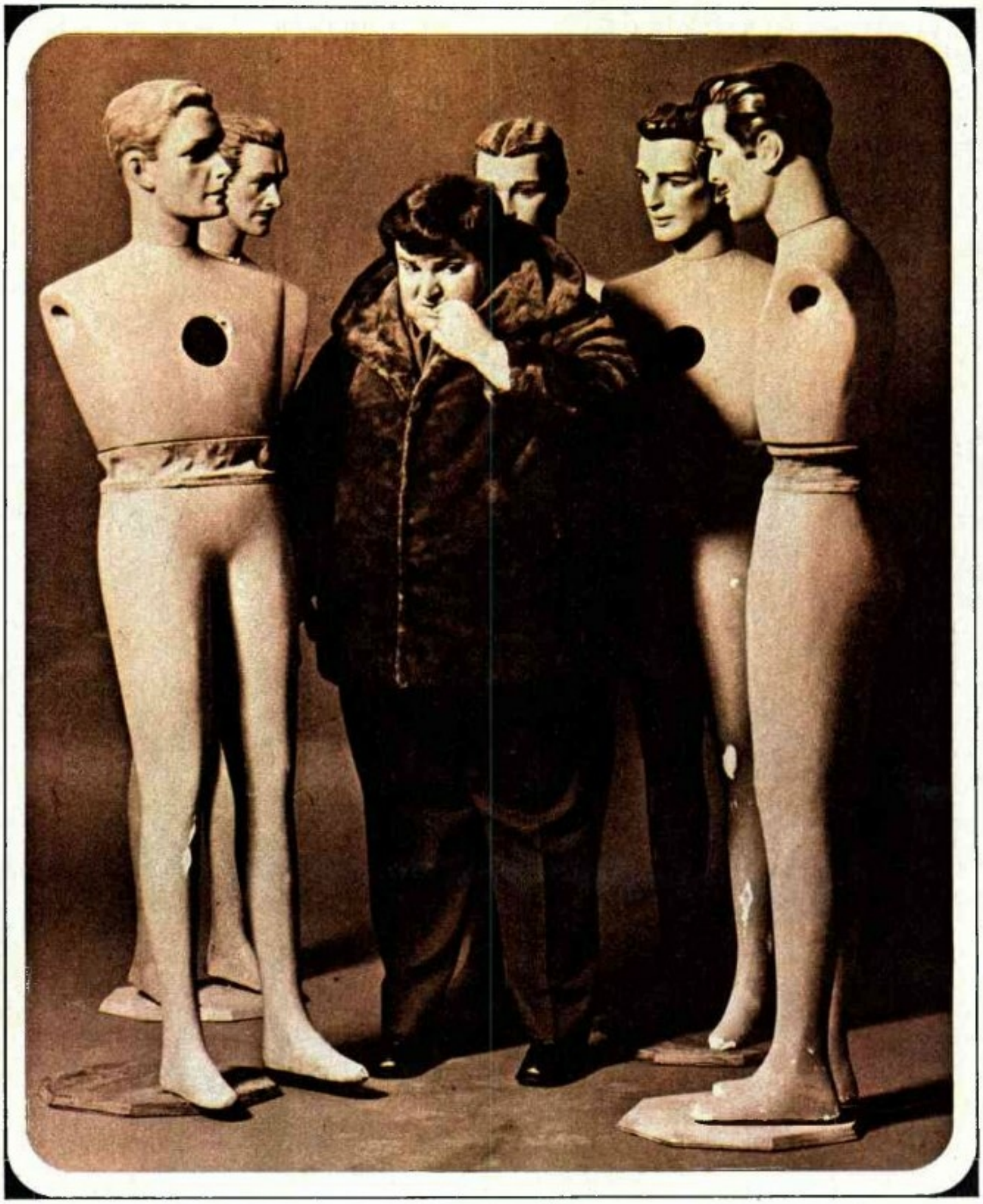
O sonho do gordo, de vestir-se como qualquer mortal, é irrealizável. Exceto nos Estados Unidos, onde existem finas lojas especializadas em tudo-para-gordos, no resto do mundo o gordo deve sempre tirar as medidas (ou encher, como queiram), submetendo-se à tortura da fita métrica. Que às vêzes é outra, pois foi feita segundo os padrões de uma sociedade de magros.

Resta ao gordo o prazer melancólico de comprar lenços, meias e gravatas.

Uma das provações mais violentas pelas quais o gordo deve passar diàriamente é a hora de comer. Gordo comendo é coisa quase indecente. Por menos que coma, ou mesmo se vem de um jejum de várias semanas, assim que leva o primeiro garfo à bôca já tem gente comentando: "Nossa, como come!" Essa perseguição sistemática incutiu no gordo o chamado *complexo de Pantagruel*, ou a vergonha de comer em público. Êle prefere alimentar-se escondido e solitário.

O gordo tem vergonha até de comer na frente de outro gordo, para que o outro gordo não pense que êle come mais que o outro gordo, que com

SEGUE



Falam que ocupo muito espaço e que morro de mêdo da balança

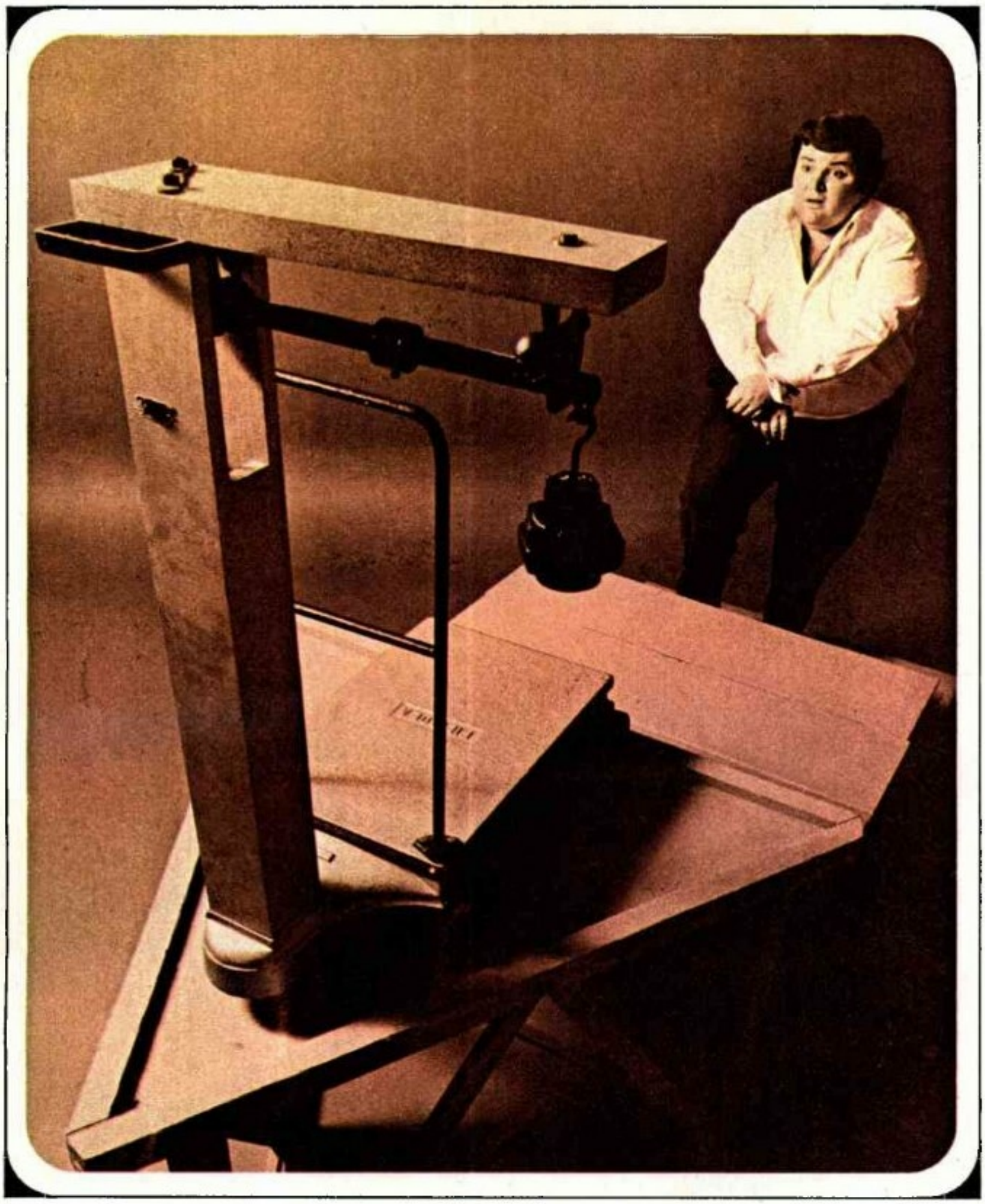
tôda certeza estará pensando que o outro gordo pensa que êle come mais que o outro gordo, etc.

A escada — inimiga número um do gordo — só presta para deixá-lo ofegante e moralmente deprimido. Salvo quando é escada rolante — e quando rola. Nesse caso, até se recomenda para o gordo, por ser a única capaz de levantá-lo ao andar de cima. Infelizmente, êsse tipo de escada é pouco difundido entre nós, e nem sempre se encontra onde a queremos. Motivo pelo qual, freqüentemente, o gordo vai a lugares onde não quer ir, só porque a escada de lá é rolante.

Outro problema para o gordo é a cadeira de barbeiro. Fabricada com infinitas possibilidades de manobra, a cadeira de barbeiro inclina para a frente, inclina para trás, sobe, desce, vira, gira sôbre o próprio eixo, faz mil piruêtas. Porém não admite gordo. Seu inventor, ao inventá-la, de duas uma: ou esqueceu o gordo, ou para êle todo gordo era careca.

Como é duro entrar e sair de uma cadeira de barbeiro! Tanto, que há casos célebres de entalamento. E sérios. O de Welsworth, na Inglaterra; Gutierrez, na Espanha; Filk, na Suíça. O mais famoso é o do gordo Prefeito Dumaurier, em Vichy, na França: êle sentou numa cadeira de barbeiro para aparar o bigode em 1914 e de lá só saiu em 1920, dois anos depois da guerra. Não fôsse a privação devido ao conflito, emagrecendo 64 quilos, estaria aparando o bigode até hoje.

Formidável injustiça da sociedade para com o gordo é a falta de divulgação do seu problema. Pensando bem, pouco se disse ou escreveu sôbre o gordo, para o gordo e pelo gordo. Há alguns



livros, é verdade. Todos venderam muito bem e alcançaram sucesso; mas por que nenhum dêles foi filmado? Por que a Metro não realiza uma superprodução com *Calorias Não Engordam*? Se *Dr. Jivago* deu certo, por que *Coma e Emagreça* não dará?

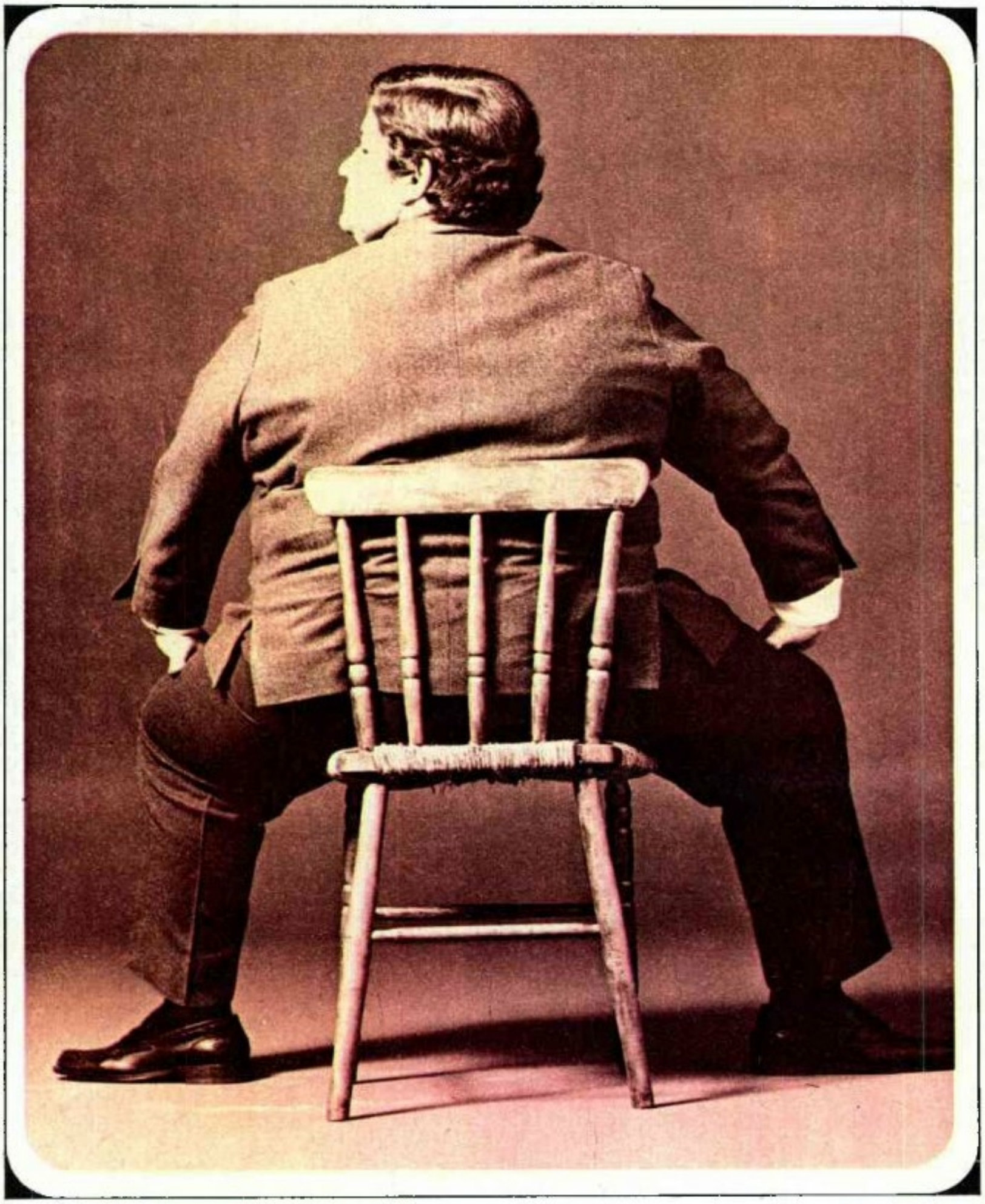
Há uma conspiração contra o gordo. Chegam a julgar que o gordo respira mais que os outros, ocupa mais espaço e por isso mesmo, a única atitude decente que êle pode tomar é virar magro. Daí o grande desafio de nossos dias: não engordar.

Por falar nisso, vale a pena conhecer uma espécie curiosa de gordo: o gordo de domingo. É aquêle apenas rechonchudo, dono de um raciocínio muito pessoal e não menos curioso: come torta de chocolate e toma café com dietil. Acha que uma coisa compensa a outra. Para êsse não tem salvação — nunca será gordo e nunca será magro. Seu destino é vagar como um sonâmbulo pela terra-de-ninguém das calorias.

Òbviamente, todo gordo tenta por todos os meios transformar-se em magro. Tomando banho turco de quatro horas e, na saída, 4 litros de laranjada. Ou fazendo ginástica com halteres, o que produz verdadeiros milagres anatômicos, como pernas e braços extrafinos e bem modelados, e a barriga ampla e despencada.

Para o gordo com vontade de emagrecer aconselho a dieta, comprovadamente o melhor método já criado. Basta cortar certas variedades de alimentos. Aliás, pode-se comer de tudo, menos massas, gorduras, carnes, queijos, leite, arroz, feijão, batata, açúcar, doces, frutas e legumes.

Quando o gordo começa a afinar, uma coisa não



Enfim, o que é que os outros têm que eu não tenho?

deve preocupá-lo de maneira nenhuma: o período em que fica meio desconjuntado. As roupas sobram pelos lados e a gordura não apresenta aquela firmeza necessária ao seu equilíbrio. O gordo passa a "balançar". Fica abatido. Triste. Até emagrece. Anda meio de banda; é o chamado "gordo fora de esquadro". Sua imagem parece refletida por um espelho de parque de diversões.

Então o gordo vira magro. E fica magro enquanto não voltar a comer. Comeu, pronto. Vem a reversão das expectativas, um processo tenebroso: todo gordo que emagreceu e torna a engordar acaba ainda mais gordo. Quanto ao gordo que emagreceu de uma vez, isto é, o ex-gordo, ocorre um fenômeno também tenebroso: ao ver um gordo no automóvel, à mesa, no mar, no cinema, na cadeira, no restaurante, diz logo para êle aquelas 387 piadas que lhe disseram quando era gordo.

Gordo tem mêdo de balança. Se disser que seu pêso é tanto, será sempre um cálculo abstrato, baseado no seu último dia de coragem. Conheço gordo que só se pesou ao fazer exame médico para o serviço militar (foi dispensado porque tinha pé chato). De lá para cá vem calculando de cabeça. Solução menos prática que a do gordo que tem balança em casa — desonesta, mas balança — e faz com que ela marque um quilo a menos todos os dias, progressivamente. Em poucas semanas, por êste sistema, o gordo terá sumido, pelo menos teòricamente.

De qualquer maneira, gordo leitor, aceite uma sugestão desinteressada: desista de ser gordo. Gordura não dá camisa a ninguém. Derreta-se.

O único gordo que deu certo fui eu. FIM

você ouviu falar do homem que dividia?

Não é aquêle das estórias de Malba Tahan. Nem aquêle outro que dividia para governar. Era um homem bom que dividia suas alegrias com a família. Seu dinheiro com os pobres. Seu tempo entre o trabalho e o lar. Êsse homem dirigia uma importante emprêsa. Sua função era dividir responsabilidades. Dividir resultados entre os acionistas. Eficiência e rentabilidade eram responsabilidades suas. Mas, um dia, notou que seus escritórios, apesar de grandes, deixavam muito a desejar. Mesas, cadeiras, arquivos, tudo junto. Funcionários movimentando-se desnecessàriamente, e uma certa confusão. Êle próprio se dividia para atender a tudo e a todos. Resolveu, então, dividir os escritórios com chapas decorativas DURAPLAC. Dividiu tudo. Com DURAPLAC a coisa se fêz ràpidamente, sem perda de tempo. Dividiu sua preferência entre as 10 côres lisas e os 8 padrões-madeira de DURAPLAC, escolhendo o que mais lhe agradou. Ficou uma beleza. O problema de manutenção também desapareceu. Para manter o DURAPLAC sempre bonito bastava uma simples flanela. Numa sala só para si conseguiu dividir melhor o seu tempo. Os funcionários produziam mais e a emprêsa passou a dividir maiores dividendos. O mérito, êle o dividiu com a chapa decorativa DURAPLAC. Era um homem justo.

(a melhor divisão - o melhor lambris)

DURAPLAC

orgulho e produto da **DURATEX S.A.**

Linha 17 208

LAMBRI DURAPLAC CEREJEIRA (248)

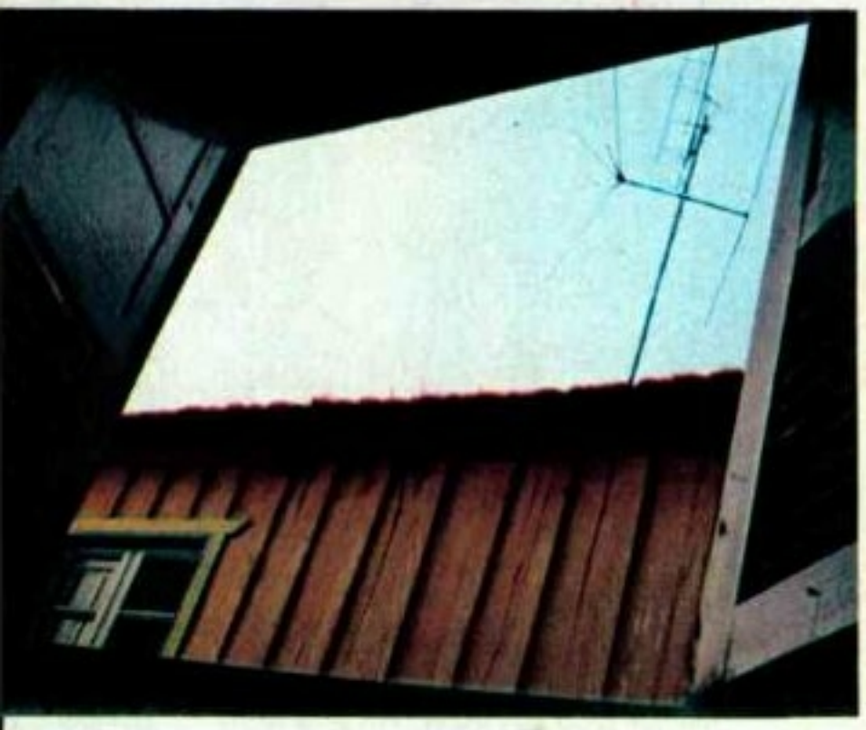
CHAPA DURAPLAC AZUL (342)

200 mil mulheres exercem uma dura profissão no Estado de São Paulo

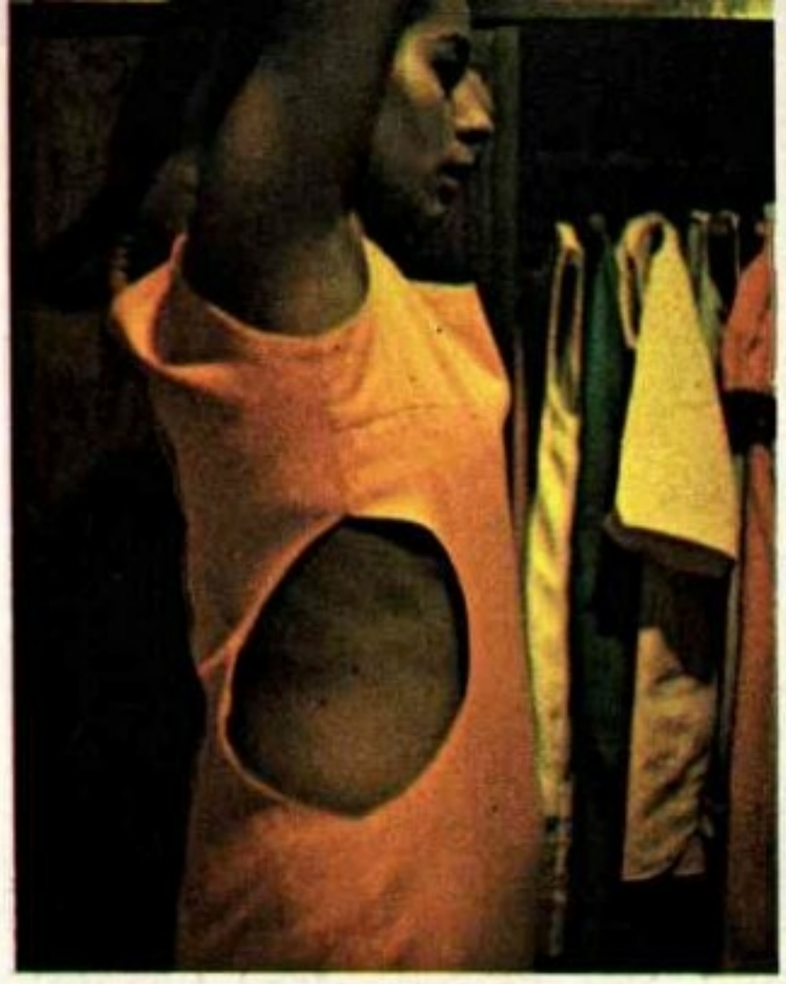
VIDA DIFÍCIL

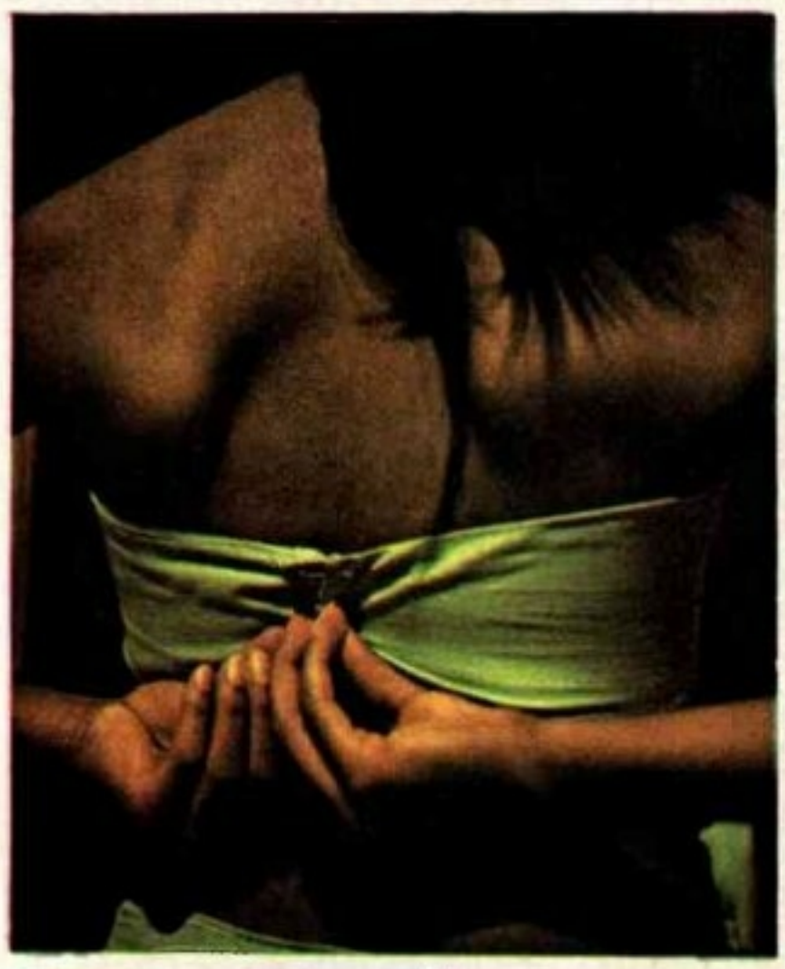
Fotos de Cláudia Andujar

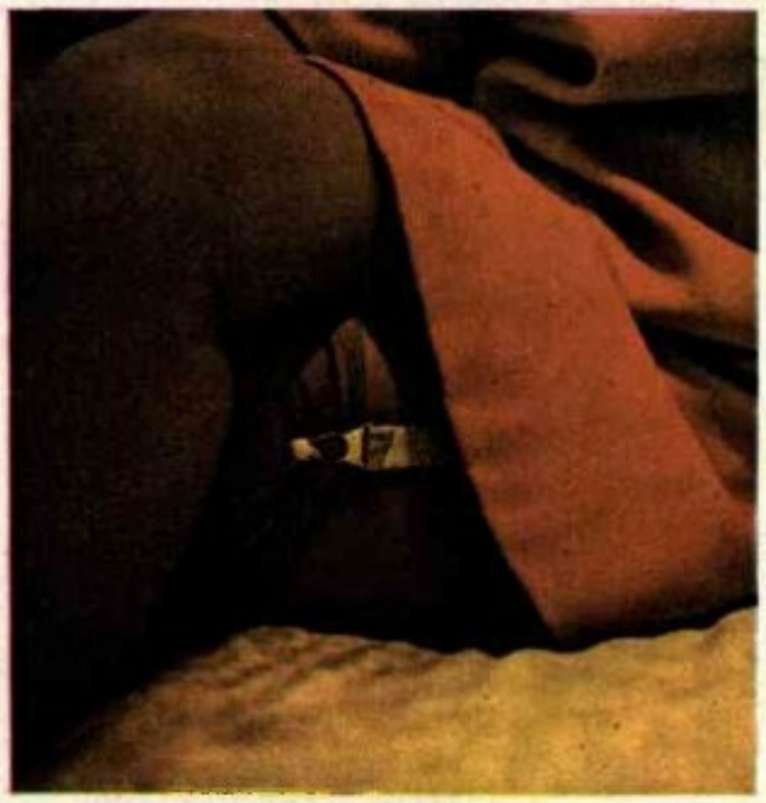
Que tem momentos de paz

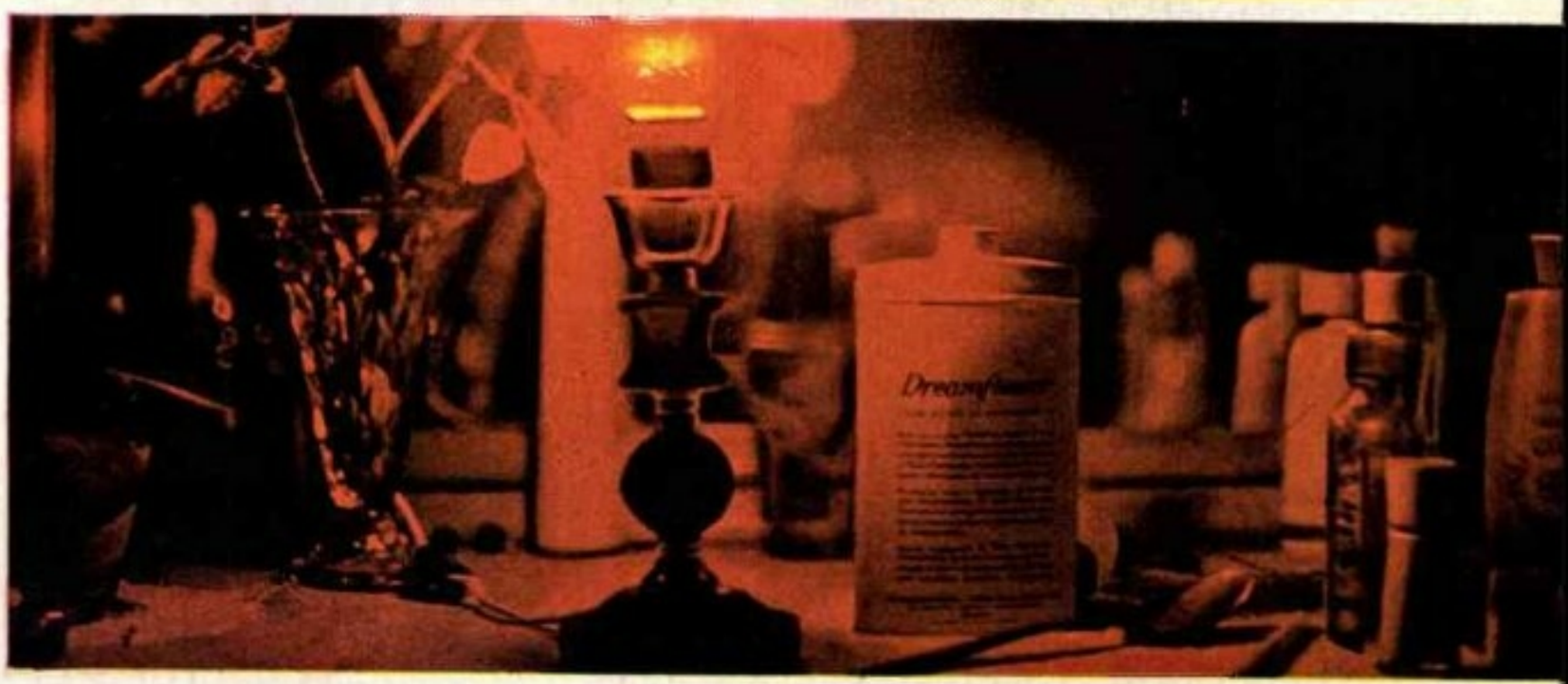


Mas nunca pode ser feliz









PROSTITUIÇÃO

Texto de Mylton Severiano da Silva
Repórteres: Carlos Azevedo, Celso Kinjô, Raimundo Rodrigues Pereira,
Percival de Souza e Fernando Portela

Ela está nas ruas, nos bares, nos hotéis, nos prédios de apartamentos. No centro das grandes cidades, e nos bairros afastados das cidades pequenas. Na preocupação dos governos, da polícia, dos juristas, dos sociólogos, dos religiosos, das famílias. Ela é a prostituta. Não tem sobrenome. Chama-se apenas Marina, Marly, Solange, Esmeralda. Contar a história desta é quase que repetir a história daquela. Marina, por exemplo. Até os dez anos, viveu num vilarejo do interior, com os pais e mais cinco irmãos. O pai, meio lavrador, meio trabalhador urbano sem especialidade. A mãe, lavadeira. Brigas terríveis em casa, o pai às vêzes bebia, gritava com todos, xingava, batia, acusava a mulher de estar traindo-o. Marina, a mais velha, corria para fora, mesmo que fôsse de noite, socorria-se dos vizinhos, amedrontada.

Um dia, uns tios da capital a levaram, junto com o irmão de nove anos. A família se desintegrou, anos depois. Morreu o pai, a mãe entregou mais três crianças a outros parentes e refugiou-se com o caçula na casa de sua madrasta, numa cidadezinha mineira. Aos treze anos, semi-analfabeta, Marina empregou-se de babá numa casa de família. Aos catorze, defloramento.

Quase tôdas gostariam de viver como uma mulher normal, ter um lar

PROSTITUIÇÃO CONTINUAÇÃO

Um bilhetinho indiscreto do namorado a denunciou em casa. Os tios fizeram escândalo: ela tinha ferido a "honra da família". Maltratada, sem afeto, desprezada pelo próprio irmão, fugiu da casa dos tios. Queria tentar encontrar-se com a mãe. O Juizado de Menores prendeu-a perto da estação rodoviária. Nova fuga, andanças pelas ruas, faminta, suja, até que um rapaz a recolheu. Deu-lhe cama, comida e dinheiro por umas semanas, em troca de seu corpo. Marina esqueceu-se da mãe — enfim nem sabia como seria recebida. E uma nova vida começava.

Poucos meses depois, eis Marina, quinze anos e meio, bonitinha, bem vestida, escolada pelas amiguinhas conhecidas nas ruas, freqüentando boates, inferninhos e festinhas movidas a álcool e "bolinhas". Agora seu mundo quase não tem mais mistérios, Marina ganha dez a quinze vêzes o que ganharia como babá; sustenta sem reclamação um **amigo** mais ou menos exigente, porque "gosta dêle"; escapa à lei, pagando sua cota aos donos das boates que freqüenta, os quais providenciam a devida **proteção,** contribuindo com a "caixinha" dos policiais desonestos.

Marina ainda tem muito pela frente: quem sabe tornar-se prostituta de luxo, dessas de apartamento, telefone e cliente escolhido. Como pode também, por desgraça, desandar de repente, perder a proteção, ir parar em casas cada vez menos decentes, ser vítima de extorsão em plena rua, perseguida, prêsa várias vêzes. Acabar aos 25 anos, doente e inutilizada, uma vida tôda destruída tão cedo. Mas Marina consegue comportar-se com juízo dentro da engrenagem, pelo menos por enquanto. E tudo vai correndo em paz.

Os dois lados

Uma engrenagem, com tôdas as peças muito bem ajustadas, assim funciona a prostituição. "Uma emprêsa como outra qualquer — integrada por um corpo de funcionários dirigentes e pelas assalariadas" — diz a socióloga Heleieth Saffioti, da Faculdade de Filosofia de Araraquara, SP. O movimento dessa "emprêsa", expõe a professôra, é contabilizado, assim como são perfeitamente estruturadas suas relações com o submundo do crime, com os "fornecedores de matéria-prima", com os consumidores e com a polícia.

Nesse sentido, é necessário estabelecer desde o início os dois aspectos do fenômeno: há a prostituição e o lenocínio (a "prestação de serviços sexuais" remunerados de um lado; e, de outro, a exploração das mulheres que se dedicam a esta profissão). Para a moral, as duas atividades são da mesma forma condenáveis. Para a lei, entretanto, a distinção é fundamental, pois, no Brasil, como na maioria dos países, prostituição não é crime, mas é crime o lenocínio: "induzir alguém a satisfazer à lascívia de outrem"; "induzir ou atrair alguém à prostituição". Alguns juristas apontam um defeito aqui: a lei não pune aquêle "outrem", cuja lascívia foi aplacada mediante um ato criminoso, ou seja, a indução à prostituição. Ora, explicam, quem se beneficia de um crime também deve ser punido. De qualquer modo, as penas atribuídas vão de um a dez anos de reclusão.

Entretanto, êstes artigos do nosso Código Penal (227 a 230) descrevem não crimes, mas uma atividade lucrativa, exercida impunemente por proprietários de hotéis, donas de boates, cáftens e até policiais. O delegado Claudimiro Moreira de Carvalho, que exerceu o cargo na Delegacia de Costumes de São Paulo, testemunha:

— Na triagem diária das detidas, vimos um sem-número de mulheres doentes, em deplorável estado, mas que se entregavam às práticas sexuais, dizendo-se forçadas pelas circunstâncias financeiras, pois tinham de atender a exigências de exploradores de tôda espécie, inclusive policiais.

A quem interessa

Dia 15 de fevereiro, a **Última Hora** paulista publicava esta notícia: "Vanda na rua outra vez". Vanda, chamada a "rainha do lenocínio", pela segunda vez ganhava um **habeas-corpus** e ficava em liberdade. Como da primeira vez, fôra prêsa em flagrante, por crime de lenocínio: em seu apartamento, na Avenida Duque de Caxias, a polícia encontrara um casal e seis môças. Jornalistas especializados comentaram que "alguma fôrça" protegia Vanda e que "seu processo irá parar numa Vara Criminal favorável".

No **Jornal da Tarde**, também de São Paulo, em fins de 1966, esta outra notícia esclarece mais alguma coisa: "Há muita gente interessada na prostituição." Adiante, estas declarações do Sr. Paulo José da Costa Júnior, presidente do Instituto Latino-Americano de Criminologia, órgão da ONU com sede em São Paulo, que dava conferência durante a Semana da Prostituição, no Instituto Oscar Freire:

— Há policiais que vendem às prostitutas os melhores pontos da cidade. Há a "caixinha da prostituição" que flutua de govêrno em govêrno. Há os processos criminais contra o lenocínio que são engavetados por quem tem interêsse nisso. E há mesmo uma casa de prostituição de menores cuja dona se enriquece com o dinheiro de altos figurões da vida pública, que lá aparecem para explorar sexualmente as garôtas.

Estava presente à conferência o delegado de Costumes paulista, João Anzaloni Neto, que falando em seguida reconheceu que "há deficiências na Polícia".

O que se chama aqui de "deficiência" é a extorsão, ou a cobrança ilegal da taxa para a "caixinha da proteção". Contudo, há 2 600 anos, Sólon, filósofo e legislador grego, tendo a coragem ou o cinismo de pela primeira vez reconhecer na prostituição "uma emprêsa como outra qualquer", comprava para o Estado ateniense um prédio para abrigar prostitutas. Enfrentando inimigos ferozes, mas encontrando também algum apoio, Sólon foi mais longe em sua audácia: fixou os preços dos ingressos no prostíbulo e oficializou os impostos cobrados às inquilinas.

À esta primeira casa, sucederam outras, e com os lucros Atenas construía seus navios e armamentos.

A honra das famílias

Com hipocrisia ou cinismo, às claras ou disfarçadamente, a sociedade, embora reconhecendo ser a prostituição um fenômeno nocivo, sempre procurou justificá-la: "mal necessário, válvula de escape". É muito citada a frase de Catão, virtuoso político romano, ao surpreender um jovem saindo de uma casa suspeita:

— Muito bem... é melhor os moços freqüentarem os prostíbulos do que importunarem as mulheres de família.

Assim, por estranho que seja, a prostituta preserva a moral. "A moral da família do mocinho que a corrompeu, do senhor rico que a tirou da fábrica, do patrão que lhe pagava salário de fome", afirma a escritora Carmen da Silva. E a Professôra Ester de Figueiredo Ferraz, estudiosa do assunto e conferencista, acrescenta:

— Essas mulheres, que senhoras virtuosas querem transformar em pára-raios da devassidão masculina, não nasceram na "zona". Saíram, elas também, dos lares, povoados de figuras familiares: pai, mãe, irmãos. E foi — quem sabe — um dêsses "homens de bem", intransigentes na defesa da honra de suas famílias, quem as seduziu e levou aos prostíbulos.

As frases simples

Impossível dizer com exatidão quantas prostitutas há no Estado de São Paulo, o mais rico e populoso (cêrca de 15 milhões de habitantes) do País. Cálculos baseados em fichas policiais e pesquisas apontam um número, apenas aproximado, de 200 mil. Por que se prostituíram estas mulheres?

Diz o jurista Ernst Seelig:

— Para a mulher, trata-se da maneira mais simples e primitiva de lutar para sobreviver.

Na verdade, é mesmo muito simples explicar tudo numa frase: "subdesenvolvimento e miséria"; "ignorância e desajustâmento"; "vício e doença". Ou então, para se sentir completamente aliviado e sem culpa: "A mulher se prostitui porque quer. Se quisesse, estaria trabalhando."

Em sua imensa maioria, segundo pesquisa do Centro de Observação Feminina do Juizado de Menores de São Paulo, cada prostituta tem em seu passado uma família analfabeta ou semi-analfabeta, desorganizada, cheia de conflitos, de baixíssimo nível econômico.

O I Seminário Regional de Estudo sôbre a Prostituição, realizado em Ribeirão Prêto em agôsto de 1967, pelo Instituto Latino-Americano de Criminologia, concluiu:

— A prostituição, assim como os demais problemas sociais, decorre da organização sócio-econômica vigente e do estágio de subdesenvolvimento do País. Assim, a prostituição tem ainda como causa a rápida urbanização em descompasso com a industrialização, que, atraindo para os grandes centros as populações rurais, não lhes oferece possibilidades de pleno emprêgo.

Outros fatôres: 1) falta de educação integral, inclusive a sexual; 2) corrupção de costumes na administração pública, impedindo a aplicação das leis que reprimem o lenocínio e o tráfico de mulheres; 3) falta de legislação social para a categoria das empregadas domésticas.

Tais conclusões conferem com inquérito realizado pela Seção de Amparo à Mulher do Serviço Social do Estado. na capital paulista: 77,2% das mulheres entrevistadas vieram de áreas rurais; 62,5% eram analfabetas ou semi; 60% não tinham capacidade sequer para serem empregadas domésticas (contudo, a maioria tinha-se dedicado àquela profissão antes de se prostituir); 71% tinham sido defloradas entre 12 e 18 anos.

Na capital paulista, a polícia prende as mulheres nas ruas, acusadas de fazer **trottoir** (procurar e aliciar fregueses nas calçadas), o que significa "promover escândalo público". Cêrca de 500 mulheres são prêsas por mês, por causa disso. Em maio de 1966, a Seção de Amparo à Mulher, subordinada à Secretaria da Saúde Pública e Assistência Social, realizou uma pesquisa com 200 destas mulheres prêsas. Alguns resultados:

Mais da metade, ou 59%, tinham de 18 a 25 anos; 13% eram menores de 18 anos (uma tinha menos de 14); 37% de 25 a 40 anos; e duas (1%) tinham entre 40 e 50.

A grande maioria (83,5%), solteiras; as outras, pela ordem, eram casadas (12,5%, a maioria separada dos maridos); desquitadas (2,5%); e viúvas (1,5%). Também a grande maioria veio do interior, de pequenas cidades de outros Estados ou do campo (86%).

Os dados sôbre instrução e habilitação para o trabalho são desoladores: 87,5% não passaram do primário; 60,1% tinham sido no máximo empregadas domésticas.

Os dados sôbre a idade em que foram defloradas ajudam a explicar o que se entende por "família desorganizada e cheia de conflitos": 37,5% foram antes dos 15 anos (12,5% antes mesmo dos 13); e quase metade (46%) entre 15 e 18 anos. Um total, portanto, de 83,5% das mulheres entrevistadas tinham sido defloradas quando eram menores de idade e, portanto, com tôda certeza, ainda moravam com a família.

Os dados sôbre "quem foi o responsável" e o porquê de terem entrado na prostituição completam o quadro de ignorância, preconceitos e pressão econômica: 63% foram defloradas por namorados ou noivos; 16,5%, por "estranhos"; 9,5%, por amigo ou colega; 3,5%, por parentes; 7,5% não declararam. Mais de um têrço (39%) foram levadas à prostituição "por terceiros"; 36%, por motivos financeiros; 24%, "por outros motivos", entre os quais a expulsão de casa após o defloramento.

Pouco mais da metade (53%) disse ter dependentes, a maioria filhos, que elas procuravam sustentar, pelo menos.

Um lar, filhos

Em nenhum ponto estas mulheres se mostraram tão de acôrdo, como ao responder à pergunta "Você gostaria de abandonar a prostituição?" Foi esmagadora a maioria de **sim**: 90,5%; apenas 6% disseram **não;** e 3,5%, indiferentes. Das que pensam em ter outra vida, um têrço alegou que sente "vergonha por causa do desprêzo dos outros e da família"; outro tanto declarou sentirem-se inseguras econômicamente ou temer a perseguição da polícia; das restantes, umas têm mêdo de doenças, outras desejam casar, receber apoio moral, ter um lar e filhos.

Das poucas (6%) que não querem abandonar esta vida, metade afirmou que já se acostumou, tem "preguiça de trabalhar". Na outra metade, a maioria não deu motivos para continuar prostituindo-se. Umas poucas defenderam-se: "Vida de doméstica não dá."

SEGUE

A maioria já tentou mudar, mas sempre alguma coisa impediu

PROSTITUIÇÃO CONTINUAÇÃO

A pergunta seguinte ("Já tentou mudar alguma vez?") fecha o cêrco e demonstra: a maioria (63,5% já tentaram mudar) preferia mesmo não estar nesta vida; e, se fracassaram, os motivos continuam confirmando as teses anteriores: alegaram que, procurando um trabalho lícito, encontraram dificuldades financeiras, esbarraram na falta de instrução, ou falta de documentos; algumas foram morar com um homem e "não deu certo", ou "a família não deu apoio"; outras poucas declararam que a polícia as conhecia bem e continuava perseguindo-as.

As menos infelizes

A mesma Seção de Amparo à Mulher, da Secretaria da Saúde Pública e Assistência Social de São Paulo, realizou também pesquisa entre as que chamou "prostitutas mais diferenciadas". São as "prostitutas de luxo". Numa primeira comparação com as mais pobres, verifica-se que fundamentalmente seus dramas são os mesmos: desajustamento familiar, fatôres econômicos, baixa capacidade profissional.

Aqui, porém, entre as "mais diferenciadas", as diferenças logo são notadas. Aparece maior número de mulheres com instrução secundária; suas famílias são, em geral, menos desorganizadas e, por isso, elas saíram de casa mais tarde; a maioria veio do interior do próprio Estado de São Paulo, mais das zonas urbanas.

Estas vantagens lhes valeram entrar na prostituição em melhores condições: têm um bom aspecto pessoal, não fazem **trottoir,** moram bem (muitas têm carro e apartamento com telefone), escolhem os fregueses com mais exigência e, por tudo isso, ganham muito mais que as outras mulheres.

Em 1254, Luís IX da França, depois de muitas tentativas para acabar com a prostituição, reconhecia ser impossível e permitia a reabertura dos prostíbulos franceses.

Quase exatamente sete séculos depois, em 1952/53, o então governador paulista iria tentar, a todo custo, eliminar a prostituição no Estado de São Paulo. Era partidário da corrente que defende a **extinção**, para solucionar o problema. Um cronista da época escrevia, em 11 de janeiro de 1953:

"Em conseqüência da campanha determinada pela polícia do Estado, têm refluído ao interior centenas de criaturas de vida irregular, que são pràticamente expulsas da capital paulista (. . .). Fica-se sabendo que elas vêm vindo, parando aqui e ali, e sendo escorraçadas de cada lugar onde tentam fixar-se (. . .); em algumas cidades a perseguição é feroz, porque as ordens da Secretaria da Segurança Pública são imperativas. Para elas não está em vigor o dispositivo constitucional que assegura aos brasileiros o direito à liberdade de locomoção. Afinal de contas, é assim que se está "resolvendo" um problema social que existe desde os tempos bíblicos? Corre que a polícia já remeteu ao interior nada menos de duas mil infelizes. (. . .) É preciso que se diga, a ferida existe e sempre existirá, até que o homem deixe de ser o que é."

Segundo o cronista, as mulheres eram acossadas, corridas, coagidas, obrigadas a um despejo sumário. Vendiam então os trastes, as camas, os móveis, tudo pelo preço que encontravam, "assim mesmo porque havia sempre interêsse na compra por parte de algum elemento ligado às delegacias". Eram obrigadas a assinar têrmos que nem mesmo sabiam que eram ilegais, uma vez que as proibiam até de sair às ruas. "Foi uma das mais edificantes campanhas contra os pequeninos já encetadas em nosso Estado."

As violências da polícia, porém, foram em vão.

E, como o rei Luís de França setecentos anos antes, o governador dos paulistas teve que admitir o fracasso de suas medidas. Entretanto, não pôde revogar o que já tinha acontecido: milhares de prostitutas invadiram territórios familiares; adotaram como norma o **trottoir** em vasta região do centro da cidade — um dia em cada lugar, para fugir à ação da polícia; cresceu o número de assaltos chamados **suadouro** (em que a prostituta atrai os homens para serem roubados, por ela ou por cúmplices). A imprensa voltou-se tôda contra a polícia, que adotou (e ainda adota) a prática do "prende-e-solta", que nenhuma solução traz, além de manter as aparências dos bons costumes sociais.

Confinamento?

O delegado de Costumes Claudimiro Moreira de Carvalho, após muito estudar, concluiu que "o confinamento brando e restrito das práticas do comércio sexual é o meio mais preciso no combate ao lenocínio". Propõe êle que a iniciativa caiba a particulares; que companhias imobiliárias estudem a possibilidade de construir, em pontos não residenciais, vilas para a localização da zona confinada; que haja, não apenas um, mas quatro locais, digamos, orientados pelos pontos cardeais: zona norte, sul, leste e oeste; que nestas vilas sejam previstas as instalações de ambulatório médico, pôsto policial, bem como existam condições para instalação de comércio varejista e estabelecimentos de diversões adequados; que nos preços a serem cobrados das futuras inquilinas já estejam incluídos os custos de esgotos, guias, passeios e asfaltamento de ruas; que as residências não possibilitem condições de exploração da mulher pela mulher; que a futura dona de casa não seja obrigada a morar ali, mas apenas a exercer o comércio sexual.

As vantagens do confinamento, para o delegado Claudimiro Moreira de Carvalho: diminuição de tôdas as formas de exploração, dos inferninhos, do **trottoir**, possibilidade de os serviços de assistência social recuperarem prostitutas novatas.

Dez argumentos contra o confinamento, da Seção de Amparo à Mulher, Serviço Social do Estado: 1) o Código Penal proíbe o lenocínio e tôdas as formas de indução à prostituição; 2) o Brasil assinou a Convenção Internacional para Repressão do Tráfico de Pessoal e do Lenocínio, de 1958; 3) uma CPI da Assembléia paulista, em 1963, concluiu definitivamente pelo não-confinamento; 4) a Organização Mundial da Saúde condena o contrôle médico-sanitário das prostitutas.

SEGUE

Atenção homens:

Valisère anuncia a camisa
Valisère Polyamide.
É camisa social com as
vantagens da camisa esporte.
Ponto de malha, ajusta-se
perfeitamente ao corpo.
Você lava-e-veste, não
precisa passar.
O preço?
Você vai descobrir que o
nosso dinheiro está
recuperando o poder
de compra.
Feliz é o homem que tem
uma camisa.

♣Valisère

Polyamide

RHODIANYL®

Todos estudam o problema e apontam uma solução. Existe solução?

PROSTITUIÇÃO CONTINUAÇÃO

por considerá-lo ineficaz; 5) a experiência mostra que o zoneamento só atinge 10% da população de prostitutas, as de nível mais baixo, que assim ficam mais marginalizadas ainda; 6) não há, portanto, a "proteção à família", como querem os "moralistas", pois 90% das mulheres continuarão sempre clandestinas; 7) as "zonas" organizadas e protegidas pelo Estado incentivam a entrada de novas **vítimas** na prostituição, transformando-as logo em prostitutas "fichadas" e, portanto, marcadas para sempre; 8) as zonas confinadas se localizarão, evidentemente, nos bairros operários, que ficarão expostos aos focos de corrupção que se instalam em seu redor; 9) é na "zona" segregada que a prostituição — "forma remanescente da escravatura feminina" — se manifesta mais intensamente, e mais cruel é a atividade dos exploradores; e 10) no Brasil, a prostituição deve ser reconhecida como problema social, de subdesenvolvimento; não há uma causa única que a determine e, portanto, não são válidas soluções simplistas como a do confinamento.

Abolicionismo?

A Professôra Ester de Figueiredo Ferraz aponta estas oito teses, com que se defendem os partidários do abolicionismo, corrente que admite o comércio sexual livre de qualquer restrição:

1) não punir a prostituição em si mesma; basta punir os fatos contrários à ordem pública; 2) nesse sentido, punir severamente tôdas as formas de exploração da prostituição alheia; 3) substituir os regimentos administrativos ineficientes — cuja aplicação dá lugar a arbitrariedades — por leis, e pela ação regular dos tribunais; 4) suprimir o registro obrigatório das prostitutas — pena infamante que nossas leis não aplicam nem aos piores delinqüentes; 5) combater enèrgicamente tôdas as causas sociais: pobreza, analfabetismo, abandono moral; 6) sob o aspecto sanitário, proporcionar tratamento livre, secreto e gratuito; 7) elevar progressivamente o nível moral das populações; 8) suprimir a Polícia de Costumes; as infrações legais de direito comum serão constatadas pela polícia ordinária; seria muito útil que tal polícia contasse com elementos femininos.

Segundo o jurista Alberto Rodrigues Varela, o abolicionismo abrange três aspectos fundamentais: 1) prevenção, para evitar que as mulheres se prostituam; 2) repressão dos que as exploram; e 3) reabilitação das prostitutas. E o Conselho Econômico e Social da ONU diz que os governos "devem abolir qualquer forma de regulamentação da prostituição". Em favor dessa tese, o jurista francês Sicard de Plauzolles, diretor do Instituto Alfred Fournier de Paris, reforça, negando o confinamento:

— A prostituição regulamentada nada mais é que a desmoralização pública organizada.

Aos abolicionistas, opõem-se principalmente os partidários do confinamento, como o delegado Claudimiro de Carvalho, que rebate:

— Um dos argumentos abolicionistas é de que o zoneamento atingiria apenas 10% das prostitutas, as de nível mais baixo, que então ficariam mais marginalizadas. Ora, são justamente estas as que perturbam a harmonia social, e atentam contra os bons costumes e a moral de uma sociedade cristã. Se forem confinadas, encontrarão condições para subir econômicamente e estarão menos expostas às condenações da sociedade. Outro argumento dos abolicionistas: o confinamento seria um incentivo a novas prostitutas. Muito ao contrário, daria ao Estado meios de dificultar, por exemplo, a entrada de menores na prostituição. Coisa que o abolicionismo facilitaria.

A posição adotada pela legislação brasileira é a abolicionista. "Uma posição essencialmente humana, que visa tanto à proteção das môças por uma luta enérgica contra os fatôres de corrupção dos costumes, como à readaptação à vida social", diz o sociólogo H. D. Barruel de Lagenest, em seu livro **Lenocínio e Prostituição no Brasil.**

O que fazer?

O I Seminário sôbre a Prostituição (Ribeirão Prêto), em suas conclusões, considerou a posição abolicionista de nossas leis como "a política de ação mais adequada à atual situação brasileira". Entre outras coisas, recomenda o simpósio:

— a política de combate à prostituição exige planejamento em nível nacional, a fim de coordenar organismos federais, estaduais e municipais, vinculando também a iniciativa particular.

— é imprescindível o conhecimento científico da realidade, tanto em relação à prostituição feminina quanto à masculina (esta, entre nós, mais rara).

— tôda a população deve ser atingida por um planejamento no setor educacional, o que inclui necessàriamente programas de educação sexual.

— para que a emancipação feminina seja uma realidade, a capacidade de trabalho da mulher e sua qualificação profissional devem ser consideradas como as do homem.

Por melhor intenção que exista nessas recomendações, as soluções estariam aí? Num simpósio realizado em 1966 pela Federação de Obras Sociais de São Paulo, o Coronel Londal, do Exército da Salvação, convidado a apresentar algum plano, confessou humildemente que fazia 32 anos que vinha estudando o problema, mas que era impossível chegar a uma solução.

Dá-lhe razão o II Seminário Nacional de Secretarias e Órgãos Estaduais de Serviço Social, realizado no Distrito Federal em outubro de 1967: "Sòmente quando a sociedade reconhecer de fato a reciprocidade de direitos e deveres entre os sexos — igualdade esta não entendida como liberalidade sexual, mas como participação no proceso de desenvolvimento sócio-econômico do País — as mulheres não mais se sujeitarão a serem marginalizadas." SEGUE

A única maneira de cuidar de seu único rosto.

É Skin Dew para pele sêca.

Formulado especialmente para seu rosto.

Não é para suas mãos nem para seu corpo; é exclusivamente para seu rosto!

Skin Dew é uma emulsão côr de rosa que penetra profundamente e restabelece a umidade que sua pele está perdendo. Êste é o único tratamento para a pele, enriquecido com o "fermento láctico"; um ingrediente exclusivo que nutre sua pele sedenta de umidade, devolvendo-lhe a suavidade e frescor da juventude.

Algumas gôtas pela manhã, sob o maquillage, é tudo o que você precisa para proteger sua pele contra o ressecamento e rugas.

Skin Dew, a emulsão côr de rosa em moderno frasco. Incolor e imperceptível sôbre sua cútis. Skin Dew, a única maneira de proteger o seu rosto.

Helena Rubinstein

Na capital, as mulheres freqüentam boates de luxo e algumas chegam a ganhar bastante dinheiro. Mas a grande maioria se oferece nas ruas, à porta de velhos prédios, em bares humildes, nos hotéis. Êste mundo fica no centro da cidade grande

Quando a polícia chegou, invadiu as boates e prendeu 101 môças na Galeria Metrópole, no centro de São Paulo, sem sequer pedir documentos, não houve uma voz que protestasse. Neusa se espantou, pois até seu companheiro de uísque no inferninho Estão Voltando as Flôres — delegado de quinta classe, casado e conhecido boêmio — ficou calado e fingiu nada perceber. Dois dias depois, posta em liberdade, Neusa concluiu que em seu ramo de negócio não há nenhuma dignidade.

Algumas madrugadas antes, sua colega Diva ficou tôda ensangüentada, quando um freguês lhe acertou um copo em cheio no rosto. Cuidando do ferimento, a dona da boate exigia-lhe muita discrição, que não gritasse nem reclamasse contra o freguês. Diva, mulher de trinta anos com um filho de nove, também compreendeu que, enquanto dá lucros para a casa, merece atenções. Mas o primeiro deslize será imperdoável, pois neste ramo de negócio não há nenhuma dignidade.

Nesta região de São Paulo, em dezenas de quarteirões, concentram-se pelo menos oitenta inferninhos e outros tantos hotéis, movimentando diàriamente mais de 30 milhões de cruzeiros velhos. A crônica policial deu-lhe o nome de **bôca do luxo,** porque é mais fina e mais rica que a outra, a do **lixo.** Freqüentadores de fim de semana chamam-na de Vila Buate, pela sua localização no bairro de Vila Buarque, encostado ao centro da cidade.

Preços altos, decoração em geral barata, nenhuma despesa com as mulheres e o acêrto financeiro com alguns policiais para evitar aborrecimentos, explicam o fácil progresso dessa **bôca do luxo** que começou há alguns anos, com a Boate Dakar, ainda hoje existente, e se expandiu até a Galeria Metrópole — quatro andares de inferninhos, bares e lojas, principalmente inferninhos —, uns bons quarteirões adiante.

As profissionais

— O sonho do jogador brasileiro é jogar no Santos. Do artista de rádio é ser contratado pelo Canal 7. Da mulher da noite é trabalhar no La Licorne.

A definição é de Laura Garcia, experimentada empresária no ramo, senhora de quase cinqüenta anos com pose elegante, para quem a palavra prostituição é ofensa. Diz que oferece divertimentos, apenas isso. Sua casa, o La Licorne, é um exemplo de ostentação e luxo. É o maior inferninho de São Paulo, fica na Rua Major Sertório, com lugares para 650 pessoas em 130 mesas, servidas por 12 garçons. Freqüentado por mais de cem prostitutas de certo nível, só serve uísque estrangeiro — geralmente falsificado — a NCr$ 7,00 a dose.

Laura é vulgar, relativamente rica, quer comprar uma mansão no Jardim América e dedicar-se a outro tipo de negócio. Várias vêzes processada, nunca condenada, pois suas ligações são fortes, com gente poderosa. Atualmente, serve de protetora para algumas **meninas** com as quais mais simpatiza. Alguns programas à tarde, com milionários ou políticos, chegam a render NCr$ 200,00 para a prostituta. Foi assim que uma delas comprou apartamento na elegante Rua São Carlos do Pinhal, pagando 10 milhões de cruzeiros velhos a vista e assinando 24 promissórias de um milhão. Igualmente, Vera, com dezesseis anos, documentação falsificada, tem casa montada e um Karmann-Ghia 68. A seleção de mulheres do La Licorne é feita por eficientes porteiros e supervisionada, discretamente, pelo gerente. Diz-se que êle tem uma caderneta que vale ouro — com endereços de mulheres e políticos.

O La Licorne custou caro. Era o grande sonho de Laura que, só em decoração, gastou 180 milhões velhos.

Os policiais

O policiamento nesta área existe por formalidade. Mas, para evitar problemas, algumas casas registram suas garôtas em carteira profissional. Categoria: recepcionista, de 22 às 4 horas, salário mínimo.

Marta usa outros meios para se proteger. Começou há sete anos, nas ruas mais ricas da cidade. Nessa época, menor de idade e viciada em tóxicos, teve problemas com a polícia. Hoje, subiu de pôsto, freqüenta o L'Amour, na Rua Bento Freitas. Para se acomodar, aproxima-se de investigadores, permite relações eventuais. A **proteção** sôbre as prostitutas do luxo faz-se dessa forma. E isso, na opinião dos antigos boêmios, representa uma decadência no submundo.

— Antes, polícia e mulher de rua viviam brigando. Hoje, bebem e ficam juntos, pacìficamente.

A **bôca do luxo,** com sua exuberante agitação, atravessa a noite em paz. Por trás de tudo, fortes interêsses estão em jôgo. No Holiday, jornalistas têm 50% de desconto. No La Licorne, conhecido deputado anuncia que vai casar com Tânia, uma prostituta da casa. A seu lado, um delegado elogia as instalações. No La Ronde, o dono serve uísque para um policial de passagem. São acôrdos entre cavalheiros, e a violência só é utilizada em último caso.

As desprotegidas

Do outro lado da principal avenida do centro de São Paulo, a São João, está a **bôca do lixo.** São 10 mil mulheres pràticamente confinadas numa área de mais de noventa quarteirões, desde a Estação da Luz, desembarque de trens dos subúrbios, até as vizinhanças da São João, onde se limita com a **bôca do luxo.** Durante o dia coexistem prostituição, malandragem e um movimentado comércio de automóveis, autopeças, eletrodomésticos e hotéis. Durante a noite são prêsas mais de cem prostitutas, número que dobra nos fins de semana. Policiais, alguns atentos em defesa da moral pública, outros mais preocupados com subornos rendosos, percorrem sem parar o condenado território. É uma perseguição rotineira e dela não há como escapar. Basta estar na calçada para ser detida. E estar na calçada é condição de trabalho indispensável a essas mulheres maltratadas, mal vestidas, miseráveis.

Quando a repressão aperta demais o cêrco, elas inventam expedientes, nem sempre eficazes. Algumas andam de sacola na mão, com resposta pronta para os policiais:

— Que é isso? Saí só para fazer umas comprinhas...

Elas não encontram aluguel diário, para um quarto imundo, por menos de NCr$ 30,00. Agiotas das proximidades emprestam dinheiro, mas impõem juros de até 35% ao mês e exigem garantias de penhor. Certos advogados também aproveitam: cobram NCr$ 500,00 por um **habeas-corpus** preventivo, que não chega a ser uma garantia de liberdade. Abortos só conseguem — e nas piores condições — por NCr$ 400,00. Vestidos que custam NCr$ 50,00 são vendidos pelos mascates da região por NCr$ 150,00, a prestações e com juros. No entanto, elas não têm outra saída. Aparecida Moreno, a **Cidinha das Crianças,** detida com seus três filhos, respondeu calmamente ao sermão do delegado:

— O senhor diz que é crime ficar com as crianças na **bôca**. Mas para onde o senhor quer que eu vá?

ONDE TÔDAS SÃO IGUAIS

As melhores prostitutas do **lixo** podem cobrar NCr$ 20,00, mas se a renda estiver fraca chegam a aceitar até NCr$ 5,00. O tempo de prisão, o aluguel do quarto, o dinheiro dos exploradores, as prestações dos credores e agiotas, obrigam a um ritmo de trabalho desesperado.

Nesse lugar há doenças, entorpecentes, assaltos e crimes, desafiando os delegados que não conseguem resolver a questão. Nem com a mais dura repressão, como fêz o Delegado Morais Novais, há quatro anos, soltando cães da Fôrça Pública nas calçadas e nas "pensões" para intimidar, enquanto comentava:

— Cachorro não aceita subôrno.

Tôdas grávidas ou doentes, protegidas com **habeas-corpus** ou protestando contra a prisão, são levadas para o distrito. Em fôlha simples de ocorrência, têm seus nomes anotados e ficam aguardando pela boa vontade do chefe de investigadores:

— Seu Laerte, me solta, faz favor, estou grávida.

O espetáculo, monótono e triste, estende-se por tôda a madrugada.

Os políticos

— Aqui é um amigo do Doutor Marcondes quem fala. Estou interessado "naquele negócio", há possibilidades para amanhã à tarde?

— Me dê seu telefone. Dentro de meia hora confirmo, certo?

Dona Vera liga para o Doutor Marcondes, confirma a existência do amigo e basta isso. Em sua casa, todos são bem atendidos.

Assim se faz a prostituição de alto luxo, com a vantagem de ser discreta. Os preços são altos, variam de NCr$ 200,00 a NCr$ 1 500,00. Metade fica para a casa.

Existe uma agência especializada em oferecer programas a autoridades do interior, cobrando NCr$ 400,00 mensais. A autoridade municipal vem à capital, fica dois dias em dois hotéis a escolher; carro à disposição; e "recepcionista particular", isto é, uma prostituta de classe. São treze as mulheres que ganham bons salários desta emprêsa.

A instituição dos encontros marcados por telefone é exigência de nível social. O homem que paga bem não pode aparecer nestas casas e em boates, e recorre a um dos 35 telefones de empresárias que operam no ramo. Sem falar as mulheres que têm apartamento próprio e trabalham sòzinhas. Estas mandam fazer cartões de visita mencionando a profissão — **manicura particular** ou **modêlo** — e vivem independentes.

Turistas em trânsito arranjam encontros através do porteiro ou gerente de hotéis. Vanda é a mulher que providencia môças para os hóspedes de hotéis de luxo, alguns dos melhores de São Paulo.

As casas

Num pequeno apartamento da Avenida Duque de Caxias, Vanda pensa na dura concorrência com Laura Garcia, a dona do La Licorne. Aparentemente Vanda encontra-se hoje em pior situação, obrigada a trabalhar escondida: está sendo processada por exploração de lenocínio. Na época em que começou o processo, Vanda possuía três andares inteiros de um edifício. Agora trata só por telefone, controlando quarenta mulheres, das quais recebe 50% em cada programa.

Ela é proprietária de, pelo menos, onze apartamentos em São Paulo, cobra NCr$ 60,00 por encontro que arruma, e exige apresentação.

Na Rua Tamandaré, Vera agita-se para atender a seus fregueses. Suas 25 **meninas** entram e saem dos quartos, pois é sexta-feira, fim de mês. Rendimento alto: nesse dia, Vera terá ganho NCr$ 4 000,00. Deduz uma quarta parte para policiais desonestos, outro tanto para alguns jornalistas. Tem certo capital para financiar vestidos, jóias e outras despesas para suas inquilinas. A dívida ainda é uma forma de prender as mais novas. Quando uma delas fica, por qualquer razão, marcada ou ameaçada, é enviada para o interior. Em "épocas de safra", Bauru, Barretos, Londrina (no Paraná), Araçatuba e Presidente Prudente proporcionam temporadas rendosas. O intercâmbio é constante.

O conhecimento é exigência fundamental para se entrar numa casa discretíssima como esta da Alamêda Barão de Limeira. Num edifício de ótimas famílias, uma senhora recebe, entre 14 e 18 horas, fregueses para encontros com môças que diz não terem mais de dezessete anos. Preço: NCrS 150,00 por duas horas, com direito a um licor.

Vestidas em tons juvenis, as **meninas** são apresentadas pela dona da casa como normalistas.

Os inferninhos

A rua principal da **bôca do luxo** é a Major Sertório. Por vários quarteirões estendem-se dezenas de boates, tôdas alegremente anunciadas por luminosos agressivos e de tôdas as côres.

No Charmant, o ambiente é carregado. O conjunto Os Gangsters é de ensurdecer, tocando sem parar a todo volume. Lá fora, o porteiro sem boné convida os passantes a entrar, quase que suplicando. Lugar pequenissimo: oito môças, tôdas novas, míni-saia, apertam-se no meio da pista, dançando.

Bem ao lado, na Rua General Jardim, Le Masque e La Ronde apresentam travestis e **strip-tease,** para atrair os homens. No Holiday, às duas da madrugada, Dirce prepara-se para sair por NCr$ 30,00. Fêz uma féria razoável, com quatro saídas rápidas que renderam NCr$ 80,00. Seus gastos:

— Moro na Vila Maria. Tenho mãe, irmão e um filhinho pra sustentar. É muita despesa. E depois a polícia anda dando em cima. Hoje até que foi um dia de sorte.

Mais adiante, o Michel e o La Vie en Rose anunciam o seu **show** diário, com cantores fracassados. O preço para sair com as môças sobe um pouco: NCr$ 50,00 a 90,00.

— A gente chora e inventa uma história para ganhar um pouco mais. Eu sempre carrego uma promissória falsa na bôlsa, e falo que tenho que pagá-la no dia seguinte — diz Neusa, a que foi prêsa na batida policial da Galeria Metrópole.

No subsolo da Galeria Metrópole, o desfile de mulheres continua intenso até às 5 da madrugada em muitas boates.

Dentro das bôcas — a do luxo e a do lixo —, as prostitutas são as personagens que mais sofrem e menos ganham. Os outros obtêm lucros cada vez maiores, principalmente os hoteleiros, que têm "contrato" permanente com alguns policiais. A concorrência é impossível, por causa dêsse acôrdo. Lucram muito também os proprietários de apartamentos, que em média cobram NCr$ 20,00 por uma hora.

E nesse jôgo as mulheres são as únicas exploradas. São detidas, roubadas, espancadas, maltratadas, violentadas. Como afirma Gilda, uma menina de dezenove anos:

— Fora do dinheiro, ninguém conhece ninguém. É nojento.

SEGUE

Um bairro característico de qualquer cidade do interior. Algumas casas de luxo, dezenas de outras muito simples. Poucas mulheres ganham bastante. A maioria precisa oferecer-se nas janelas. Tôdas, sem diferença, são exploradas e maltratadas.

Às dez horas da manhã algumas mulheres começam a acordar com certas esperanças: é sábado. Elas se preparam para o trabalho, com a chegada dos primeiros fregueses e a saída dos últimos. O dia promete ser bom na **cidade** destas mulheres, a "Novacap", "bigorna", "formigueiro" ou "efervescente".

A dez quilômetros existe uma cidade de 110 mil habitantes que há seis anos expulsou a "Novacap" de seu centro comercial, onde ela atravessara sua vidinha sórdida e agitada durante anos. Naquela época, o lugar onde é hoje o "formigueiro" era um mato espêsso, sem luz, sem água, sem calçamento, e as mulheres choraram quando o delegado as reuniu numa sala e comunicou a decisão: "Êste cancro vai ser confinado, moralizado. Mulher é proibida de ter amigo, as casas devem fechar as portas e parar de funcionar à meia-noite."

Os primeiros anos foram difíceis, mas com o tempo a **cidade** foi-se ajeitando. Certos vereadores — com muita cautela e sempre indiretamente — aprovaram o projeto para alguns postes de iluminação nas três principais ruazinhas; as mulheres foram sendo encorajadas pelo sucesso da Antônia, primeira a levar inquilinas para lá. E a "Novacap", pressionada mas aceita pela polícia, foi achando uma forma de prosperar com o dinheiro dos habitantes e dos muitos visitantes do importante centro ferroviário que é a cidade.

Agora, uma população que oscila em tôrno de 250 mulheres vive nas 35 casas do núcleo do "formigueiro". Mais 50 moram em duas casas de luxo, relativamente isoladas, mas ainda dentro do confinamento.

Uma tragédia aos 19 anos

Suzete foi das primeiras a acordar na casa de Tânia, que parece uma sede de fazenda, com uma grande varanda azul e muitas árvores num vasto quintal. É loira, descende de alemães. Suzete foi levada à prostituição por uma amiga e veio do Sul para ganhar 60 a 80 contos por dia. Um cobertor vermelho sôbre o corpo, ela está muito pálida e quase não se mexe na cama. Duas noites atrás, antes de ir com um homem, por 20 cruzeiros, começou a sentir febre e dores. O táxi demorou para chegar da cidade com o médico. Mas o diagnóstico foi rápido. "A senhora tem um feto morto no útero. Precisa ser operada imediatamente ou morre."

A menina de 19 anos foi para o hospital, era o segundo filho indesejado. Tânia arrumou setecentos contos, cumprindo seu papel de "dona da casa" e protetora. Mas Suzete terá de pagá-los, e pagar todos os dias que permanecer doente na "pensão". Tânia é boa e compreensiva — "agora virei enfermeira" — mas tem seu negócio, está ampliando a casa e precisa de dinheiro. Por isso, Suzete sofre com a dor da operação e com êste sábado que começa mal. "Setecentos contos, mais a diária da comida e do pouso. Vou ter de trabalhar muito. Não vejo a hora desta ferida cicatrizar."

A 5 quilômetros de Tânia está a casa de luxo da Eni, que se recusou a ficar dentro da "Novacap". Dizem que é a maior da América Latina e suas mulheres sentem certo orgulho disso. É meio-dia passado e Sílvia, com um negligê transparente, está almoçando no grande restaurante da casa. A "pensão" tem 28 quartos, pequenos apartamentos limpos e luxuosos, e logo terá piscina de água quente e sauna para os hóspedes. Entre os quartos do fundo e os da frente, ao ar livre, uma pista de dança com iluminação de baixo para cima. Nos fundos, do lado direito de quem entra, um grande prédio, de quatro cômodos, "para visitas ilustres, comerciantes, fazendeiros, industriais e grandes homens da administração pública", que chegam a pagar 3 milhões de cruzeiros por um fim de semana alegre.

Sílvia come arroz, sardinha e salada. Era funcionária em São Paulo. E está na Eni porque pode ganhar 2 mil cruzeiros novos por mês, ou mais, e a polícia protege a "pensão", que uma revista apresenta como "um dos pontos pitorescos da cidade", onde os fregueses viajantes poderão gozar de "um desconto especial de 10%".

No restaurante, Sílvia paga 3 cruzeiros por refeição. Acha pouco. Acha também que Eni é uma das "donas de casa" que menos exploram. Ela fica com apenas 2 cruzeiros de cada "programa" das **meninas**, que aprendem a economizar, abrem conta no banco, às vêzes têm carro, ajudam a mãe, os filhos e até o pai.

O sábado não é um dia muito bom para Eni e suas **meninas.** Os ricos que fazem a casa prosperar aparecem mais nos dias úteis, desviando-se das atividades comerciais, sem dar na vista.

No Paizinho, as sete miseráveis

Às três horas da tarde há pouco movimento no bar do Paizinho, numa das esquinas da rua principal do "formigueiro". No fundo do bar, em quartinhos sujos, vivem sete mulheres disformes: ou muito gordas, ou muito feias, ou muito velhas. São as companheiras dos que podem pagar apenas 7, 5, 4 cruzeiros, ou o que tenham. E o Paizinho é o ponto onde as doenças são mais freqüentes, as mulheres têm as faces mais duras, e a polícia se mostra menos branda e faz menos amizades.

Um caminhão entrega bebidas no bar. Duas mulheres estão na porta dos quartos. Outra, semivestida, se lava num tanque. É uma negrinha de cabelos imundos e avermelhados. Quando um dos carregadores do caminhão mexe com ela, ouve três palavrões. A resposta o faz ficar quieto e encabulado, enquanto as outras mulheres riem. Uma loira gorda, a barriga ovalada até o peito, vai à frente buscar pinga. Ganha 300 contos por mês, paga 5 de diária pelo quarto, foi empregada doméstica, não sabe ler, não sabe o que fazer da vida. "Que me importa, vou vivendo às minhas custas, o mundo que se dane".

O "formigueiro" está parado: mulheres tomam sol nas varandas. Na casa da Tony, bem no centro da Avenida Norte, apenas quatro **meninas** fazem sala. Tony's — um luminoso verde com letras enormes no alto — é a casa preferida de pequenos funcionários, estudantes, bancários. Nos 14 quartos, Tony impõe disciplina rígida: não deixa a inquilina beber; não permite que a môça vá à cidade sem motivos justos; não quer que uma caçoe da outra. Tony cobra 4 cruzeiros de cada "programa" da mulher, que exige do homem entre 10 e 15 cruzeiros.

Das dez prostitutas, Márcia é a mais velha: 25 anos, rosto quadrado bonito. Saiu de um bairro de São Paulo. Foi casada, é mãe de um filho, trabalha para pagar as despesas, desde que o marido a abandonou. Fala vagamente no futuro.

ISTO NÃO É VIDA

"Depois que a gente se acostuma, não estranha mais nada e pára um pouco de fazer planos. Ganho mais ou menos um milhão e meio por mês; num sábado bom recebo de dez a doze homens. Mesmo nos dias ruins, recebo dois ou três."

Apesar das proibições de Tony, o contato entre as mulheres é normalmente duro, mesquinho, desumano. A Baixinha, quase uma garôta de 18 anos, está sendo ridicularizada por duas mulheres que imitam o seu andar de ombros levantados, sem graça. Ela é nova na profissão e conserva muita coisa de fora. Ficou grávida na cidade, há três meses. Esperou 30 dias até completar 18 anos, depois veio para aqui. Ganhava 30 mil por mês como doméstica; agora ganha 30 mil por dia, mesmo com o filho, que já começa a sentir, e que ela não tem dinheiro para evitar.

4 da tarde, casa da Antônia

A Casa das Pedras, a segunda em luxo, está quase vazia. Antônia, a dona, saiu para cuidar de vários negócios que tem na cidade, onde moram dois de seus quatro filhos casados. Antônia tem o rosto duro, ligeiramente deformado por algumas operações plásticas, e todos a conhecem como uma mulher de grande fôrça de vontade e senso comercial. Começou como simples inquilina da casa de Eni, ainda no centro da cidade. Depois montou sua própria casa. Obrigada a ir para a "Novacap", ràpidamente reuniu dinheiro para construir uma enorme casa de 20 quartos. Pagou 112 milhões velhos por tudo e inaugurou com uma festa a rigor no dia do aniversário da cidade, em agôsto do ano passado. Os jornais falaram. E as mulheres da cidade ficaram furiosas quando uma colunista de certo sucesso disse que as **meninas** da Antônia eram mais elegantes que senhoras da sociedade local.

Tôdas as mulheres alimentam um comércio próspero para muita gente na cidade. Cada uma gasta em média 100 mil cruzeiros velhos de cosméticos e 200 mil de roupas por mês. Lucram também os vendedores de bebidas. Uma casa nunca fatura menos de 60 mil por dia em álcool e refrigerantes. Algumas, das que não são de luxo, chegam a faturar 200 mil numa noite. Existem 37 casas. E ganham ainda os donos de hotéis e restaurantes, que recebem os homens atraídos por uma propaganda que fala discretamente em "encantos turísticos da cidade".

A grande noite de sábado

Janta-se cedo na "Novacap". Às sete horas as mulheres estão prontas e às oito a grande noite de sábado está começando. Roberto Carlos é o cantor oficial, o tango foi derrotado pelo ié-ié-ié. Já existem uns vinte carros na Avenida Norte, mas é às dez o início do maior movimento. Marlene, a dona da casa avarandada, chega a esta hora da cidade, onde tem marido e filhos. E sua casa é das mais animadas. As 10 mulheres de Marlene são das poucas que ficam chamando os homens pela janela. Maria, negra gorda de meia-idade, que toma conta de tudo quando a proprietária está na cidade, hoje tem um problema. A mulher mais velha da "pensão", uma loira de 30 anos, está completamente bêbada. Tosse alto como se estivesse engasgada e do que ela fala só se compreende esta frase: "Eu sou mãe, eu sou mãe".

— "O que ela acha estranho nisso?" — pergunta Maria. "Quase tôdas as mulheres daqui são mães. Das dez, só duas não são. Essa loira não tem juízo. Essas mulheres, quando vão ficando velhas, vão ficando malucas."

Indiferentes à tragédia da loira, que vive o drama desta profissão sem saída depois dos 30 anos, as outras mulheres trabalham.

Na casa de luxo da Eni, dois guardas estão instalados num dos corredores que dão para a sala de recepções. Um dêles diz:

— "Aqui vêm homens respeitáveis, médicos, advogados, comerciantes, todos pessoas de bem."

Mulheres bem vestidas, elegantes, sem a pressa e a agitação das de outras casas, ocupam a sala. Meia-noite, a luz do ambiente é suave e agradável. Num dos lados, há um barzinho onde elas e os homens bebem e conversam. Daí a minutos se retiram. Não se paga nada na frente dos outros. Tudo é discreto.

Os motoristas de táxi e algumas mulheres já sabem que, quando a casa fica fechada um dia, é porque pessoas importantes estão ali.

— "Eu sou um patrimônio da cidade. Se fecham minha casa, não resolvem o problema. Vinte outras logo aparecem por aí."

Dona Eni é uma mulher de cinqüenta anos, cabelos brancos, olhos cansados de boa avó. Veste-se modestamente, é educada e não são poucos os que a respeitam. Porque tem suas virtudes. É puritana: "Amor livre? Com filha minha, nunca!" É caridosa: cria trinta crianças abandonadas e abriga velhos desamparados; seus donativos para as festas de caridade são sempre os mais generosos. E tem idéias para proteger os costumes: "Acho que o confinamento foi muito bom. Onde já se viu ficar como estava: as mulheres da vida andando no meio das filhas de família, em plena cidade?"

A lei merece respeito

Já é domingo: uma hora da madrugada. Agora há quase cem automóveis, em frente das casas. Uma rádio-patrulha está parada diante do Paizinho, onde o movimento é grande. Dois homens estão sendo presos por quatro policiais.

Dentro do Paizinho, no salão pequeno, 4 por 6 metros, um conjunto toca para trinta pessoas. Violão, trombone, bateria e um cantor negro, com voz grave. Os casais dançam, há várias pessoas bêbadas. Uma menina que parece ter 15 anos, de míni-saia curtíssima, está abraçada a um homem forte, de uns 40 anos.

Duas da manhã. Segundo a polícia, as casas devem fechar. Na Antônia e na Eni, respeita-se muito a lei e as portas se fecham na hora. As mulheres se dirigem em bandos para a Casa Rosada, para o fim do programa. Lá estão os rapazes de dinheiro, que têm carro e condições para continuar gastando.

Na Avenida Norte, ainda há movimento na casa de Tony e na de Marlene, quando chegam as três horas da manhã. Tony está resfriada e recebe um grupo de investigadores, na sala dos fundos, com um litro de conhaque sôbre a mesa. Um dos policiais brinca com tôdas as **meninas** que passam, bem humorado. Só a Baixinha foi dormir cedo. É porque êste domingo é Dia das Mães. E ela quer visitar a sua. FIM

Coral avisa

tôda tinta é nda na hora da pintura...

"Placa exposta no teste de intempérie do laboratório de pesquisa e contrôle de qualidade."

E depois?
Depois é que são elas.
É um tal de parede
descascar, desbotar...
E vai por aí.
Umas demoram mais,
outras menos.
Só Coral, só mesmo Coral
é que permanece
por muito, muito tempo,
embelezando e protegendo.
Pois é...

tinta é Coral
-o que faz a diferença é a qualidade

mpm propaganda

Tintas Coral s.a./Tintas Coral do nordeste s.a.

quem mandou você flertar com o homem do technos SKY DIVER?

DENISON RS

viu? agora tem que acompanhá-lo até debaixo d'água

Esta âncora no tampo inferior é a garantia da precisão submarina do Technos SKY DIVER.

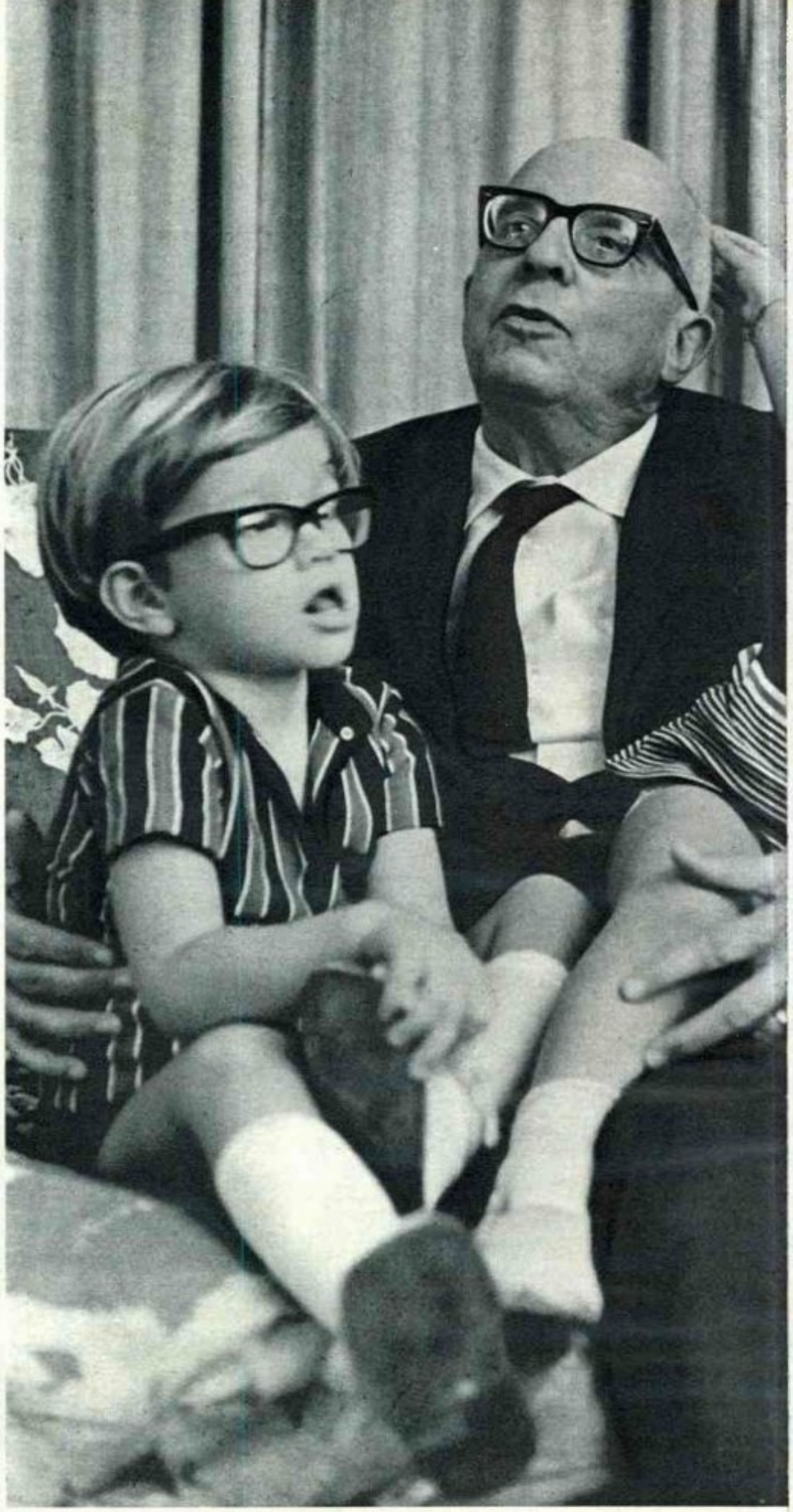
O Technos Sky Diver (submarino) tem muito a ver com os lances precisos, as atitudes arrojadas que a cativaram irresistìvelmente.

- impermeabilidade absoluta a 500 metros (50 ATM) abaixo do nível do mar.
- coroa rosqueada garante a vedação contra a água e o pó.
- automático, calendário e com medidor de tempo para mergulhos.

TECHNOS
O SUÍÇO MAIS PONTUAL DO MUNDO

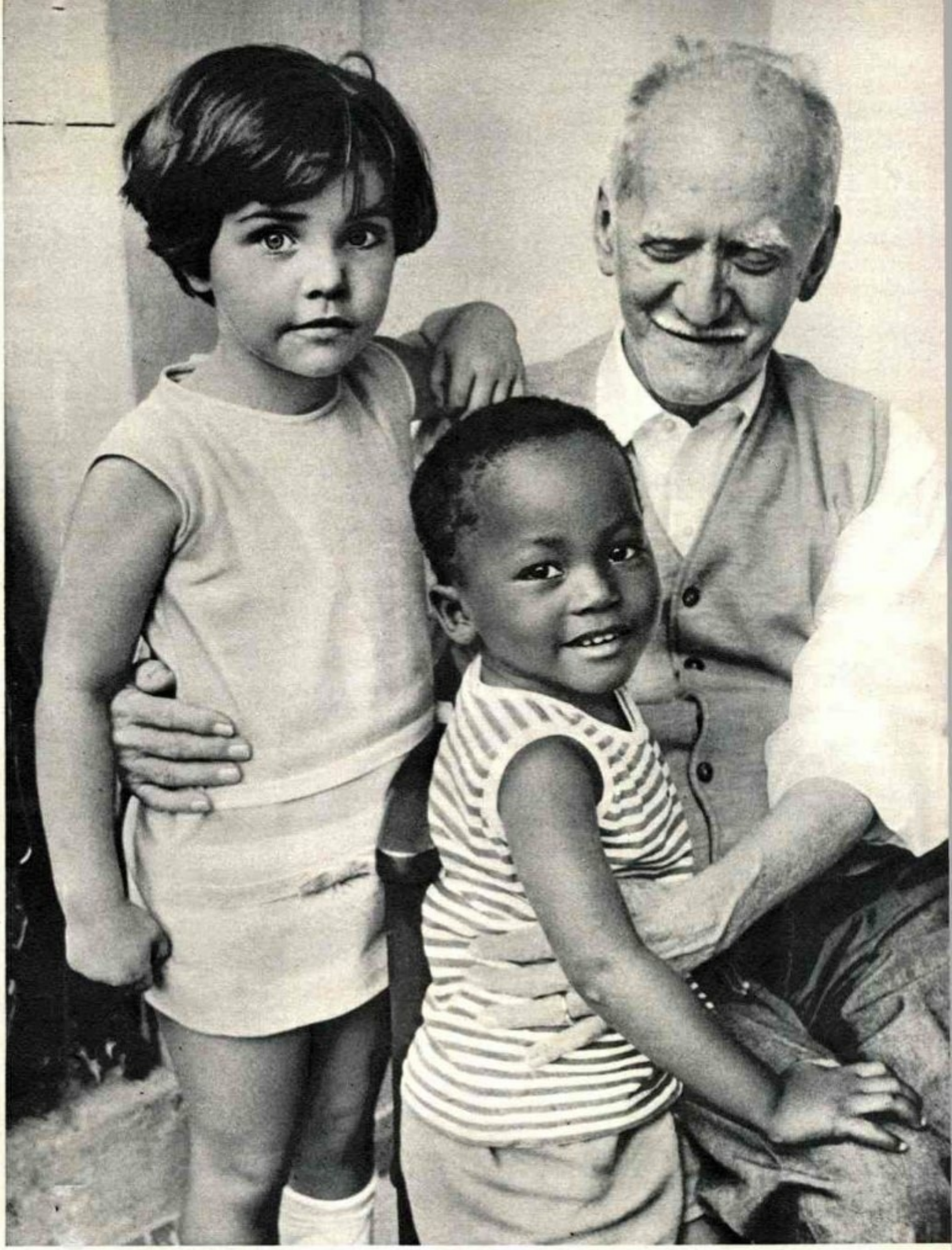
Estudantes saem à rua em manifestação e no dia seguinte, nos maiores jornais do País, lá está o artigo de Gustavo Corção, a condená-los, e o artigo de Alceu Amoroso Lima, a tratá-los com simpatia. Dom Helder faz qualquer pronunciamento de sentido político, e Corção o condena, enquanto Alceu o aplaude como o grande líder da renovação da Igreja no Brasil. Para Corção, a "nova" Igreja não passa de um grupo, geralmente de comunistas, que insiste em destruir as bases da Igreja eterna. Para Alceu, a "nova" Igreja é a verdadeira Igreja eterna, preocupada com os caminhos do homem. Corção ataca os "progressistas": "uma minoria ativíssima de perversos que empurra uma maioria de bobos". Alceu ataca os "conservadores": "Conheço razoàvelmente a história da Igreja para não me esquecer de que ela teve sempre uma ala obscurantista". Durante 20 anos, nossos dois maiores pensadores católicos lutaram lado a lado. Há uns dez anos, porém, estão separados, e as divergências se aprofundam dia a dia, à medida que a atuação da Igreja vai tomando importância cada vez maior em todo o mundo. Um já não é capaz de falar do outro senão com certo desencanto. Êles se opõem nas entrevistas, nos artigos, nos livros.
Só há um momento em que se parecem: na missa de tôda manhã.

DOIS INIMIGOS PELO AMOR DE DEUS



Durante quarenta anos, dos seus setenta e cinco, Alceu Amoroso Lima, na foto com os bisnetos, não permitiu falhar o seu ritual diário: a missa e a comunhão. Da mesma forma, nos fins de semana, ir a Petrópolis é uma coisa quase sagrada. Como as flôres são uma velha paixão, de preferência os cravos, assim também, aos domingos, é um hábito pular da cama antes das seis, e começar o dia com um banho frio e um pulinho à padaria para apanhar o pão ainda quente. Pensar em Deus, conversar com netos, brincar com bisnetos, ler e escrever entre seus 15 mil livros, da casa do Rio à casa de Petrópolis, é a vida de Alceu. Uma vida que começou em dezembro de 1893, no Cosme Velho, no Rio mesmo, na paz de uma família rica. Aos vinte anos, logo após formar-se em Direito, êle ia pela quarta vez à Europa. Trabalhou um ano no Itamarati, de onde saiu para dirigir por algum tempo a fábrica de tecidos do pai, arrependendo-se declaradamente: "um êrro na minha vida: eu nunca poderia ser industrial". Casou-se em 1918. Converteu-se ao catolicismo em 1928, e dois meses depois assumia a direção do Centro Dom Vital e da revista "A Ordem". Foi também presidente da Ação Católica e em 1962 assistiu à abertura do Concílio Vaticano II, em Roma, como membro da delegação do Brasil. Até pouco tempo era o Doutor Alceu dos alunos da Faculdade Nacional de Filosofia e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Agora, aposentado, continua sendo o líder intelectual cristão que escreveu "João XXIII", "Humanismo Ameaçado", "Revolução, Reação ou Reforma", "Cristianização da Idade Nova", "A Igreja e o Nôvo Mundo" e muitas outras obras.

Fotos de José Antônio



Durante trinta anos, dos seus setenta e dois, Gustavo Corção Braga não permitiu falhar o seu ritual diário: a missa e a comunhão. Da mesma forma, todos os dias, mergulhar em uma leitura qualquer, ou escrever em sua màquinazinha semiportátil, são coisas quase sagradas. Como a música é uma velha paixão, de preferência a de Mozart, é hábito começar a noite ouvindo o "Quinteto em Sol Menor". Pensar em Deus, conversar com filhos, brincar com netos (na foto uma delas, Aninha, e o amigo Osvaldo), ler e escrever em sua casa no Cosme Velho, eis a vida de Corção. Uma vida que começou em dezembro de 1896, na Tijuca, no Rio mesmo, entre uma família de professôres. Aos sete anos, apaixonado pelos astros, teve habilidade suficiente para improvisar uma luneta. Aos dez perdeu o pai, Francisco Braga, e pouco depois já dava aulas no Colégio Corção, que fôra de sua avó materna e com o qual, agora, a mãe sustentava os filhos. Fêz o secundário no Pedro II e engenharia na antiga Politécnica do Rio. Trabalhou em astronomia de campo e em fôrça-e-luz. Foi professor de Eletrônica e Telecomunicações, chegou a ser jogador de xadrez de primeiro time no Brasil, e tem vários inventos registrados: um órgão musical eletrônico, um dispositivo especial para repetidores telefônicos e um sistema de telegrafia multiplex com freqüências combinadas. Casou-se em 1924 e, pela segunda vez, em 1937, ano em que se converteu ao catolicismo. Agora, aposentado, continua sendo o líder intelectual cristão que escreveu "Dois Alqueires e uma Vaca", "A Descoberta do Outro", "Dois Amôres, Duas Cidades" e muitas outras obras.

SEGUE

QUEREM O LUGAR DOS VELHOS

Alceu Amoroso Lima

Costumo chamar de **revolução etária** a crise de precocidade, de liberdade e de participação social que agita a juventude do mundo contemporâneo, em todos os continentes e nos mais opostos regimes políticos e econômicos.

Não se trata de um simples choque de gerações, como sempre ocorreu ao longo da história. Desde as tribos mais primitivas até as sociedades mais civilizadas houve sempre uma tensão entre velhos e jovens, ora mais atenuada nas sociedades fechadas e conservadoras, ora mais acentuada nas sociedades abertas e livres.

O fenômeno atual, porém, transcende dessa tensão proverbial para se revelar como um dado nôvo na história social e cultural da humanidade, pela sua intensidade, pela sua complexidade e pela sua universalidade, tanto no mundo dos países desenvolvidos, como no dos subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento; tanto na área capitalista, como na área socialista; tanto nos regimes democráticos, como nos regimes totalitários, comunistas e fascistas; tanto na juventude de crenças religiosas, especialmente na juventude cristã, como na juventude agnóstica ou materialista.

É, portanto, um fenômeno singular e típico, que não se prende necessàriamente a um regime econômico, a um partido político, a uma raça ou a uma religião. Por isso, prefiro chamá-lo de **juvenilismo.** Não é, tampouco, um movimento de sentido intrinsecamente positivo ou negativo, de sentido criador ou destruidor, bom ou mau em si. Daí a sua singularidade e a sua complexidade. É um fenômeno nôvo na história da humanidade e que apenas começa a se manifestar, com tendência evidente a crescer e se desenvolver.

Sua recente manifestação na França, embora malograda em sua intenção ambiciosa e imediatista, foi um teste da maior importância, especialmente pela comprovação de sua radicalidade, mas sobretudo de sua autonomia, de sua capacidade de repercussão social universal. Por alguns dias, o mundo parou, assombrado com o que viu. Não tardou, sem dúvida, que sôbre o movimento caísse a mão pesada da reação militar, política e econômica, representada por um chefe carismático que, em vez de assumir a liderança do movimento — o que seria talvez impossível, devido mesmo à sua autonomia e à sua rejeição de qualquer utilização por partidos, personalidades ou instituições institucionalizadas, especialmente de caráter político —, resolveu reprimi-lo violentamente. Com isso, evidentemente, longe de o esvaziar, consolidou-o, embora com o perigo de deflagrar uma ruptura radical direita-esquerda dentro do próprio movimento estudantil, germe de guerras civis sangrentas e de novas ditaduras antijuvenis e militares.

O resultado da erupção vulcânica na França, ainda capital da inteligência universal, mostra a base intelectual do movimento, intimamente ligada à sua feição biológica, assim como a sua imaturidade para assumir a tarefa institucionalizadora da nova ordem social, que está em gestação na própria burguesia em crise. Mas revelou, por outro lado, o papel catalisador incomparável que êsse tipo de revolução inédita está fadado a desempenhar nesta passagem do século XX, com suas instituições gastas e defasadas pelos acontecimentos sociais, ao século XXI, com suas perspectivas imprevistas.

O fato de o movimento estudantil francês de 22 de maio ter sido repudiado tanto pelas cúpulas comunistas, sindicalistas ou fascistas, como pelas fôrças militares e burguesas dominantes no país oficial (gaullista), e de sua **repressão** radical ter sido recebida com alívio pela grande imprensa e pelos meios conservadores e liberais da burguesia dominante no mundo atual, **especialmente entre nós,** é um duplo sinal da maior importância para caracterizar essa maré juvenil, que possivelmente só tenha paralelo, embora por uma analogia longínqua, com a famosa "croizade des enfants", na Idade Média.

É evidente que os movimentos políticos **existentes** — comunistas, fascistas, militaristas ou capitalistas — procuraram imediatamente **tirar proveito** do modo radical, embora não violento, com que o movimento eclodiu e se alastrou como um rastilho. Uns — os comunistas e anarquistas — levantando bandeiras vermelhas ou negras nos edifícios públicos ou religiosos, e triunfalmente empunhando retratos e vociferando **slogans** dos regimes totalitários existentes à esquerda (União Soviética, China, Cuba), na tentativa de levar a água da juventude aos seus respectivos moinhos políticos ou às suas teorias anarco-libertárias. Outros — os fascistas, militaristas e capitalistas — amedrontando as populações pacatas ou preocupando as cabeças frias e responsáveis, com o perigo da subversão social e se aproveitando para justificar a necessidade das reações autoritárias e violentas contra essa cruzada "herética" e "desordeira" que "precisa ser contida com mão de ferro", como se faz, tanto na União Soviética como na Espanha e Portugal, onde os jovens são impiedosamente enquadrados. O que, aliás, nem sempre dá resultado, como se viu na Polônia, na Tchecoslováquia ou na própria Espanha, onde até o Opus Dei é perseguido pela Falange...

Em tôdas essas contradições, o que vemos é, precisamente, a importância, a radicalidade, a independência e a função acima de tudo **catalítica** que essa revolução juvenilista está tendo e provàvelmente irá ter, cada vez mais, nesta passagem de um a outro tipo de civilização, queiram ou não queiram, neste fim de século.

Pois a revolução da mocidade, que não é boa nem má em si, pois apresenta caracteres ao mesmo tempo excelentes por seus ideais, e por vêzes detestáveis pelos seus métodos, é um fato nôvo e essencial para compreendermos o espírito de nosso tempo e vislumbrarmos os rumos que vão tomar os novos tempos em perspectiva.

Quanto mais as nossas velhas gerações e as nossas esclerosadas instituições políticas e econômicas reagirem violentamente contra êsse movimento de rebeldia juvenil, mais radical e violenta será a sua ação.

Pelo contrário, quanto mais soubermos compreendê-la em suas aspirações e reações justíssimas contra uma ordem social decrépita e injusta — como a que condena dois terços da humanidade a morrer de fome para que um têrço morra de indigestão —, tanto mais poderá o mundo de amanhã, e mesmo o de hoje, tirar proveito em favor da *dignidade humana* e do progresso social, dessa onda que hoje leva a mocidade dêste fim de século a rejeitar o mundo que lhe lega-

mos, de guerras, ódios e injustiças que bradam aos céus, e a clamar por mundo melhor. Seus gritos e seus métodos são por vêzes detestáveis. Mas a culpa é, antes de tudo, de quem lê as encíclicas sociais mas não as pratica, e não de quem quer praticá-las, mesmo quando as lê. . .

NÃO SABEM O QUE QUEREM

Gustavo Corção

Depois de duas medonhas guerras mundiais, de uma revolução que desumanizou metade do planêta, e depois das repetidas ameaças de guerra nuclear, que, entre outras conseqüências, incluiria a possibilidade do extermínio do gênero humano e de qualquer outra forma de vida, temos agora a onda crescente de um fenômeno, cuja extrema gravidade está precisamente na sua extrema futilidade. Refiro-me aos movimentos juvenis que enchem o mundo de inquietação e balbúrdia. A explosão ocorrida em Paris, de conseqüências imprevisíveis, demonstra bem o grau de confusão a que chegou nossa perturbada civilização. E qual é a característica principal desta explosão que espanta todos os observadores? É a gratuidade, a falta de motivações e de objetivos. Não se percebe o que querem, o que reclamam, contra o que os jovens se rebelam.

As catástrofes anteriores, como todos os acontecimentos muito densos, tiveram seu forte teor de irracionalidade, mas, de um modo bastante próximo da exatidão, sabíamos o que cada hemisfério, cada país e até cada pessoa desejava. A Alemanha hitlerista queria dominar o mundo para, a seu modo, purificar o sangue da humanidade; a Inglaterra queria resistir e vencer; a França dividida quis não combater, por uma parte, e quis resistir, por outra; os judeus queriam sobreviver; e assim por diante. Na própria Revolução Russa, apelidada pelos espertos e pelos seus ingênuos seguidores de revolução proletária, havia também um conjunto de idéias desvairadas mas violentamente desejadas.

O fenômeno que vemos hoje no mundo inteiro, e mais violentamente na França, é uma explosão de paixões juvenis. Se tem alguma direção, não parece acessível à consciência dos próprios participantes. A unidade de ação se subdivide em pequenos feitos que não se ordenam para fim nenhum. E as causas? Nem sempre se entende bem o que quer um bêbado, mas quase sempre se sabe explicar por que chegou êle a tal estado. Poderemos tentar uma aproximação na sondagem das causas que produzem a crise principal de nosso tempo?

De início observemos que as ocorrências históricas jamais serão cabalmente explicadas por uma linha de causalidade; ao contrário, resultam sempre de convergência de muitas linhas históricas, interceptadas ou aceleradas por outras linhas transversais. Tentando uma aproximação, e observando com especial cuidado o que acontece nos meios católicos, direi que o mundo atravessa uma crise espiritual — crise religiosa tornada mais explosiva e mais estridente pela massa populacional e pela eficiência das comunicações e da publicidade — como jamais se registrou igual na história.

Há um vazio no coração do homem, e a juventude é mais sensível a êsse pavoroso vácuo. Pelo calor do sangue, quer viver com intensidade, mas não entrevê a direção que deve tomar, nem vislumbra a estrêla de uma esperança. Empurrados pelas crises em cadeia, os moços rompem estrepitosamente com o passado, e logo descobrem, confusamente, que no mesmo ato romperam com o futuro, porque só há esperança no prolongamento da memória ou da tradição. Como pode esperar ardorosamente o dia das núpcias quem esqueceu os traços daquela com quem prometeu casar-se?

Descobrem então os moços, irritados ou apavorados, que estão atados como prisioneiros do presente. Ora, o presente, se não tem a vertical de eternidade, é essencialmente desordenado, anárquico. O môço recém-acordado da infância é o menos infantil dos homens e, se não tem a capacidade de uma infância mais alta, a da contemplação que vence o tempo, não pode voltar às figuras do passado nem procurar as estrêlas do futuro. Então, só lhe resta o presente, proximidade morna dos outros presentes aprisionados. Sim, só lhes resta êsse calor dos gestos sem razão: poderá divertir-se até queimar a carne, poderá sangrar-se até incendiar o mundo. Torno a dizer: prisioneiros do presente. Eis a estranha segregação em que se gloriam os jovens; e ainda mais esquisita e repugnante é a admiração com que os mais idosos assistem ao suplício das almas jovens aprisionadas, no exíguo camarote de um navio-fantasma que não veio de lugar nenhum, e não procura nenhum pôrto seguro.

Quais terão sido as linhas de história que trouxeram a tão crítico ponto o planêta habitado? Mais de uma vez já externei minha convicção sôbre a natureza do fenômeno: a crise de autoridade. Por favor, não vejam neste têrmo, tido por antipático, apenas as instituições humanas de mando e de disciplina exterior. Quando digo autoridade, estou pensando no princípio de lei natural inscrito na medula de nosso ser, e quando digo lei natural, estou pensando em Deus. Crise de autoridade quer dizer recusa do princípio que é o reflexo do Pai que está no céu. Conseqüentemente, será uma recusa de tôda a ordem moral.

Nossa civilização agoniza por avitaminose de obediência e de respeito; e os moços sofrem mais do que nós outros, mais vividos, por lhes faltar família de dois lados, no passado e no futuro, e por estarem condenados a uma ridícula autonomia de deuses improvisados.

Històricamente, situaremos na Renascença e na Reforma (para não voltarmos ao paraíso perdido) a nascente do córrego que adiante receberá afluentes e se tornará caudaloso, até chegar ao estuário de erros em que nos debatemos. A Renascença trouxe um humanismo que Maritain chamou de **antropocêntrico**, e que preferi chamar de **antropo-excêntrico** (no livro **Dois Amôres, Duas Cidades**), porque não é o verdadeiro centro de gravidade do homem que está colocado no centro de tal civilização, e sim a periferia do que São Paulo chama o homem-exterior. Êsse humanismo renascentista, a par de seus progressos e suas gloriosas conquistas, trouxe tôda uma atmosfera moral de egoísmo oficializado e de competição feroz, com que envenenou de orgulho o coração do homem.

O protestantismo, nas pessoas que atingiu, quebrou o senso de hierarquia e da submissão a um Pastor e a uma Doutrina. Em lugar da obediência, trouxe o liberalismo, a livre interpretação dos textos sagrados, e em lugar da doce e casta Verdade valorizou a opinião e o sentimento. Só hoje sabemos avaliar o mal tremendo que o protestantismo trouxe ao

SEGUE

mundo, tanto na vida religiosa como no plano temporal. O liberalismo, o igualitarismo, se não são produtos específicos do protestantismo, foram sem dúvida incentivados e acelerados pela heresia luterana. Acrescentemos agora ao rol das linhas de história destruidoras da autoridade o que chamamos democratismo, e que distinguimos do sadio e verdadeiro ideal democrático defendido por Frederico Ozanam, Alexis Tocqueville e Maritain. Em que consiste essa corrupção política? Consiste numa filosofia que prega a malignidade da autoridade, e que assim se move na direção de uma evanescente hierarquia. Composta de igualitarismo, de liberalismo e de uma filosofia do imanentismo, pela qual o homem está sempre na sociedade **sob razão de parte**, e dentro da qual não cabe a noção de pessoa humana e de sua transcendência aos horizontes terrestres, o democratismo beneficiou-se de uma justa aspiração dos povos, mas corrompeu-se na atmosfera de idéias que respirou.

Foi no século XVIII, que Michelet pomposamente chamou "o maior dos séculos", que o Ocidente compôs a mais intrincada trama de equívocos jamais urdida na história. Note-se que êsse período histórico tem dois planos de acontecimentos e de idéias: na superfície visível brilhava o racionalismo, o cientificismo e o enciclopedismo; no subsolo escondiam-se e multiplicavam-se as sociedades secretas, que visavam a produzir, fabricar uma nova mentalidade em oposição à católica. Vale a pena ler dois livros excelentes, para ter uma apreciação mais justa do que foi o democratismo da Revolução Francesa, que todos nós, no colégio, aprendemos a admirar sob um falso aspecto, ou sob o **make-up** da liberdade, da fraternidade e da igualdade. São êstes: **L'Ancien Régime**, de Funck Brentano, e **Les Sociétés de Pensée et la Démocratie**, de Augustin Cochin.

O ideal democrático, além disso, foi procurado em têrmos fortemente negativos: tudo se reduzia a combater o absolutismo e os privilégios. No mais estêve desguarnecida e indeterminada a direção positiva do progresso político, e êsse vazio foi preenchido com as filosofias da época. O resultado dessa luta infeliz foi uma carta política inclinada para o anarquismo. O regime seria tanto mais democrático quanto menor lugar tivessem nêle a autoridade e a obediência. Numa atmosfera dominada pela moral do egoísmo e do ressentimento, um Jean-Jacques Rousseau profetiza e lança aos quatro ventos a idéia que só um grande ressentimento pode apreciar: "a obediência diminuiu o homem". Inventa o recurso da Vontade Geral, e já anuncia, através da Revolução Francesa, a Revolução Russa e os totalitarismos do século XX. O democratismo é a grande impostura do nosso tempo.

Outra corrente que também corroeu o princípio de autoridade foi a dos socialismos, especialmente a do marxismo, que preconizava uma revolução para chegar à sociedade sem classes, onde haveria mais "administração de coisas do que govêrno de homens".

Temos finalmente, no caso da Civilização Moderna, a monumental obra de Freud, parasitada pela mesma filosofia dominante. Agora, é na estrutura psíquica e na doutrina freudiana do superego que aparece o binômio pai-filho, em têrmos de antagonismo essencial.

E aqui estamos hoje na encruzilhada dos erros, herdeiros de gloriosas conquistas e de taras sombrias. O orgulho desencadeado por um humanismo otimista produz hoje um humanismo de desespêro. E para completar o drama colossal da crise de autoridade surge o fenômeno mais espantoso de nossos dias: a ala dita progressista da Igreja, incluindo padres e bispos, abre os braços a todos os erros que a Igreja combateu durante séculos e continua num comovente isolamento. Sim, essa ala progressista procura trazer o democratismo para dentro da própria estrutura da Igreja, obrigando Paulo VI à mais óbvia das declarações:

"A Igreja é hierárquica e não inorganizada, e ainda menos democrática, no sentido de que a comunidade teria prioridade, em matéria de fé e de autoridade, sôbre aquêles que o Espírito Santo colocou à testa da Igreja de Deus." (**Documentation Catholique**, n.º 1511, página 291.)

Quer também a mesma ala protestantizar-se, como se viu na triste comemoração do 450.º aniversário da Reforma, e como se vê nos costumes eclesiásticos. E, apesar de tôdas as veementes condenações do comunismo marxista, não faltaram vozes, na mesma ala "progressista", para dizer que já se encerrou a era do anátema e agora a Igreja inicia a era do diálogo.

No auge do desvario chegaram os "progressistas", padres e até bispos, a promover a exaltação da juventude, com a correspondente desintegração da família. O jovem é tomado fora da família e até contra a família. Sim, por inacreditável que pareça, multiplicam-se os exemplos de pregação contra a autoridade natural dos pais e contra o Quarto Mandamento.

E aí está o resultado dessa conspiração contra a humanidade no mundo inteiro, e lá está o espetáculo degradante do carnaval, que parece atestar a loucura geral dos franceses. O que acontecerá amanhã ou depois, quando êste artigo fôr publicado? Não sei. Como já disse, podemos explicar as razões da embriaguez, mas dificilmente poderemos prever o que um bêbado vai fazer.

Valha-nos ao menos o exemplo da França, se ainda é tempo. Em que sentido? Eu diria que a juventude tem direito a um atendimento positivo e urgente, nos seus desejos de estudar e de melhorar.

Todos os esforços de um país devem convergir para a área da educação e da cultura, onde os melhores homens devem ser utilizados segundo o estrito critério da educação e da cultura. Entretanto, devem ser feitos todos os esforços para desmontar os fenômenos de adensamento de jovens, e para vedar a promoção do poder e do prestígio, que só servirá para incendiar o país. Se estivessem ao meu alcance os ouvidos dos padres e bispos que fazem a promoção do jovem, e que chegam a encorajar a reestruturação de órgãos como a UNE, eu gritaria:

"Pelo amor de Deus tenham pena dêles e de nós! Reivindiquem escolas, melhores professôres, melhores universidades, mas não os encoragem nessa direção que contraria um mandamento de Deus."

E aos governantes do país eu diria a mesma coisa, e acrescentaria:

"Não dêem ouvidos a êsses padres e bispos, que evidentemente não falam em nome da Igreja!" FIM

não exagere, os móveis forma são funcionais mas não trabalham sòzinhos.
nossos móveis foram criados por alguns dos "designers" mais famosos do mundo. suas linhas são clássicas (sempre atuais), suas proporções aliam-se a um acabamento sem igual. tudo isso conta, e muito, para um bom funcionamento de seu escritório. porém, nossos móveis apenas ajudam, o essencial ainda é você. as decisões são suas. tome a decisão de comprá-los e deixe que êles o ajudem. mas não exagere...

KNOLL INTERNATIONAL

forma

são paulo: av. paulista, 1754 - 1.º sobreloja / rua augusta, 2399 - tel. 80 8983 - cx. postal 6510 rio de janeiro: representações milner ltda. - av. churchill, 129 3.º - gp. 302 - tel. 22 4125 brasília: rocha miranda, dubugras & mendonça ltda. - tel. 2 3548 belo horizonte: rua tamóios, 200 - 6.º - tel. 4 3977 belém: casabella ltda. - tel. 9 548 pôrto alegre: heuser & cia. ltda. - tel. 4 0006 salvador: a suprema móveis s.a. - tel. 3 3180 aracajú: manoel aguiar meneses s.a. tel. 2 702 goiânia: taba móveis arquitetura interiores ltda. - tel. 2 1275 vitória: orlando guimarães s.a. - tel. 3 1811 blumenau: rabe s.a. - tel. 1-965.

O psiquiatra José Ângelo Gaiarsa, nosso enviado especial aos Estados Unidos, conta a história das realizações de uma equipe de médicos, psicólogos, pedagogos e neurocirurgiões que transformou milhares de crianças inválidas em adultos normais. E conta também o que pensa o chefe dessa equipe, um homem excepcional, cujas experiências de trinta anos com cérebros defeituosos lhe deram autoridade para dizer como educar um bebê. Seu primeiro conselho é

NÃO DEIXE A CRIANÇA EM PAZ

David Posnet era um menino de sete anos quando a tragédia aconteceu. Brincava com um amiguinho perto de sua casa, ao lado de uma rodovia movimentada, na Pennsylvania, Estados Unidos. No meio da pista, o menino viu um pedaço de corda e correu para pegá-lo: uma buzina forte e o ruído de uma freada desesperada foram as últimas coisas que ouviu, depois tudo virou silêncio e escuridão. Um caminhão passara em cheio sôbre a metade esquerda de David, inclusive a cabeça, e ninguém sabe como não o matou na hora.

Levaram o garôto para um hospital, êle foi operado, engessado, reoperado — de seu crânio ferido retiraram tôda uma metade do miolo. E David sobreviveu, cego, surdo, mudo, em estado de coma permanente, paralítico, sem a mínima capacidade de comunicar-se com o mundo que o rodeava. Para a ciência, David era oficialmente um caso perdido. Jamais seria outra coisa a não ser um "vegetal", que deveria ser cuidado, alimentado e limpo pelos pais, o resto da vida. Foi nesse estado que David chegou ao Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano, em Filadélfia, Estados Unidos: uma criança com meio cérebro!

No entanto, dois anos depois, David estava totalmente consciente, podia ver e ouvir, sabia falar e sorrir, conseguia andar, correr e dançar. Diziam todos: "Incrível, David voltou a ser normal!" Mas David não é *normal*, nunca será: tem apenas meio cérebro. Êle é como um nôvo tipo de homem, criado por outros homens — as duas centenas de especialistas daquele instituto de Filadélfia, que se fizeram amigos íntimos de David durante os dois anos em que foi "ressuscitado". Graças à visão e à teimosia de um homem excepcional.

SEGUE

FOTO DE ZÉPINTO

REVOLUCIONÁRIO?
AVENTUREIRO?
FANÁTICO?
SONHADOR?

EIS O VERDADEIRO GUEVARA!

MEU AMIGO CHE

Ricardo Rojo, amigo e confidente do Che, seu companheiro de muitas jornadas, faz o mais completo e documentado relato sôbre a vida do revolucionário. Revela aspectos inéditos de sua personalidade, desfaz mitos e traça um perfil minucioso, humano e comovente, do homem e do guerrilheiro.

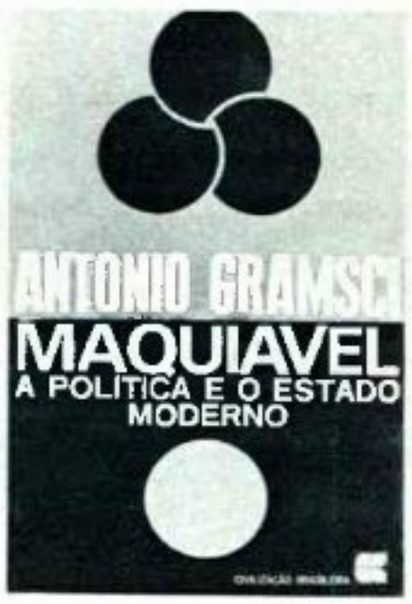
desvenda também segredos e mistérios dos bastidores da política internacional.

- A verdadade sôbre os encontros com Jânio e Frondizi
- O conflito com os soviéticos durante a crise dos foguetes
- O misterioso caso da revolução dominicana
- As guerrilhas na Argentina
- Lutando no Congo
- O final trágico na Bolivia

O PODER JOVEM

Arthur José Poerner

A história do movimento estudantil no Brasil, do período colonial aos nossos dias. As lutas pela independência, as campanhas contra a escravidão e pela República, o combate à ditadura e ao facismo, a fundação da UNE e a sua trajetória até os nossos dias, relatados num livro que constitui o mais completo documentário já escrito sôbre a juventude brasileira, seus ideais e suas lutas.



MAQUIAVEL,

A POLÍTICA E O ESTADO MODERNO

Antonio Gramsci

O teórico italiano, autor de **Concepção Dialética da História e Cartas do Cárcere,** analisa as estruturas da sociedade contemporânea e a função do partido político como ser social e fator de impulsionamento do progresso. Livro polêmico e aberto ao debate, critica os preconceitos e tabus que obstaculizaram a evolução do marxismo e oferece uma visão ampla e profunda dos problemas de nossa época.

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 97 - Rio de Janeiro - GB
Atende-se a pedido pelo reembôlso postal

Um aviso na porta do quarto do doente: é favor perturbar

CRIANÇAS
CONTINUAÇÃO

O homem teimoso é Glen Domann, o fundador e a alma do Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano. É um velho forte, de óculos, cabelos e barba grisalhos, que há trinta anos vive a experiência, às vêzes bastante sofrida, muitas vêzes recompensada, de tratar de crianças com lesão cerebral. Por suas mãos já passaram mais de 25 mil pacientes. Trinta por cento destas crianças obtiveram cura completa, como no caso de David; 40% conseguiram "melhoras significativas"; e 30% nada progrediram com o tratamento. Muitas das crianças que não foram curadas tinham sido profundamente prejudicadas pela lesão cerebral, ou então seus pais falharam no tratamento recomendado pelo Instituto.

Uma criança com lesão cerebral é uma criança com o cérebro destruído em maior ou menor extensão por vários motivos: partos prolongados ou rápidos demais, rubéola materna nos três primeiros meses de gestação, pancadas na cabeça, meningite, tumores, intoxicações, certas espécies de vermes. Os sintomas dependem da região atingida, da extensão e da profundidade da lesão. Podem apresentar-se desde leves tremores e ligeiras paralisias até a rigidez ou flacidez do corpo inteiro ou partes do corpo, movimentos involuntários de vários tipos e paralisias totais. Êstes sintomas são acompanhados, na parte sensorial, por vários outros, desde pequenas diminuições da capacidade de ouvir, ou anestesia em algumas partes da pele, até a cegueira e surdez completas, total insensibilidade à dor, nenhuma possibilidade de comunicar-se com o mundo. Como foi possível o milagre de "ressuscitar" David e milhares de outras crianças?

Glen Domann explica: o cérebro humano tem cêrca de 12 bilhões de células nervosas, cada uma delas capaz de influir sôbre uma centena ou mais de suas vizinhas, à custa de filamentos microscópicos. Estas ligações entre as células nervosas — base do conhecimento — podem ser desfeitas e modificadas pela experiência humana. Dêsse modo, as células nervosas de um só cérebro podem combinar-se entre si infinitamente.

Isto significa que podemos esperar *qualquer coisa* do cérebro humano. Nenhum sonho é suficientemente absurdo para ser impossível.

Ora — imaginou o incansável Domann —, se metade do cérebro do menino David foi destruída, vamos ensinar a outra metade a fazer o serviço todo. Há células nervosas sobrando em nossa cabeça. O problema é concentrar tôda a experiência de uma criança de sete anos, como David, em um tempo muito menor. No caso de David, tôda a experiência do mundo acumulada em sete anos de vida tinha sido destruída. Seria então necessário, segundo a tese de Domann, submeter a metade restante de seu cérebro a um *retreinamento* intensivo.

— O desenvolvimento do cérebro não depende do tempo, mas do uso. Vamos fazer o meio cérebro de David funcionar o dôbro, e o problema estará resolvido. David não está semimorto. David é um recém-nascido.

O que fazer então? Em primeiro lugar, deve-se fazer o contrário do que habitualmente se faz. Uma pessoa em estado de coma permanente — como o pequeno David — é normalmente colocada num quarto silencioso e escuro, onde todos entram falando baixinho, na ponta dos pés. No hospital, o paciente neste estado não recebe visitas e é pôsto longe de todo barulho possível.

— Esta seria a melhor maneira de conservar David eternamente em coma, já que seu cérebro estaria para sempre impedido de experimentar e exercitar o que quer que fôsse.

Por favor, perturbem

O cérebro existe para nos relacionar com o ambiente, para nos manter acordados, percebendo as coisas do mundo.

— Colocamos David num quarto próximo de todo barulho, ao lado do pátio e dos elevadores. Em seu criado-mudo pusemos campainhas, reco-recos, faroletes coloridos, algodão, lixa fina e grossa, cubos de gêlo, agulhas, um vidro de perfume, outro de amoníaco, e muitas outras bugigangas.

Na porta de seu quarto, mantida sempre aberta, uma ordem de serviço dizia que todos quantos ali entrassem tinham a obrigação de chamar o menino David pelo nome, aos gritos — e com amor; deviam sacudi-lo fortemente — mas com jeito; deviam agitar campainhas e reco-recos junto de seus ouvidos, iluminar seus olhos mortos com luzes fortes e coloridas, passar algodão e depois lixa e depois gêlo em sua pele tôda, beliscá-lo e espetá-lo levemente mas com firmeza, aproximar perfume e depois amoníaco de seu nariz.

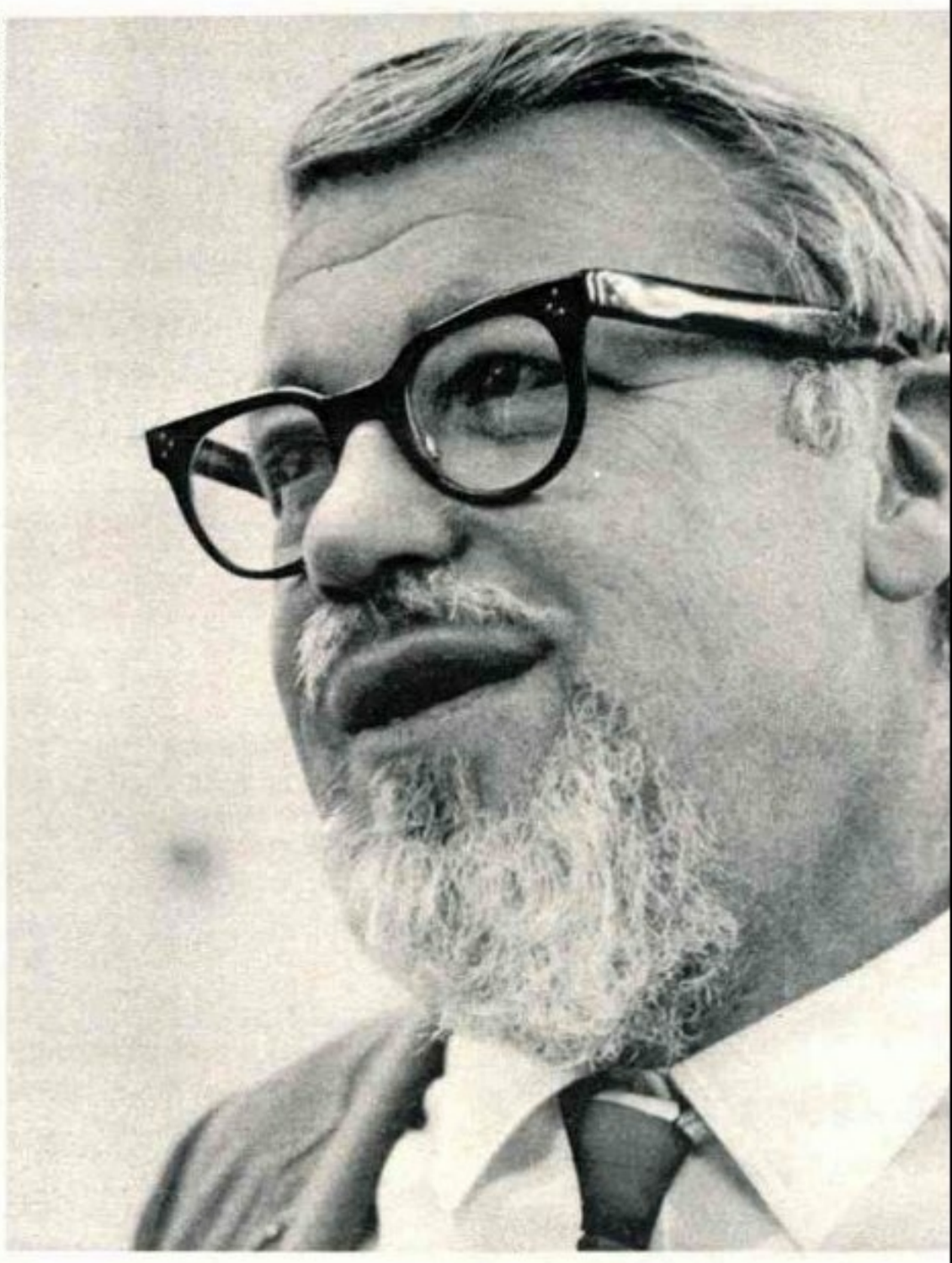
Tratado dêsse modo, ao fim de algumas semanas o garôto já principiava a regressar das profundezas de seu mundo de sombras, respondendo com breves movimentos dos dedos da mão, uma centelha de luz apenas sugerida nos olhos, uma contração de rosto levemente esboçada.

Trabalhosamente, aos poucos, o menino acordava, mas continuava incapaz de responder ao que se fazia com êle. Então começou uma nova etapa, fundamental, chamada *patterning* — a modelagem dos movimentos. É a técnica mais discutida de quantas já foram criadas pelo instituto de Filadélfia.

David era pôsto em uma mesa, de bruços. Cinco especialistas — cinco de seus *amigos íntimos* — cercavam a mesa. Um

SEGUE

FOTO DE J. A. GAIARSA



Domann: "É o uso que desenvolve o cérebro."

Wa g
o fogão.
Made in Paraiba

Qualquer dia dêsses acontece uma exportação com o Wallig Nordeste. Para isso, qualidades não lhe faltam. O desenho industrial do Wallig Nordeste é de padrão internacional. Funcionalidade em todos os detalhes: O painel dos botões é inclinado para tornar ainda mais fácil manuseá-los. Cada botão possui encaixe para o polegar, que já torna natural o gesto de girá-lo.

O monobloco dá mais resistência ao fogão e elimina o gasto decorrente da superposição de peças, da manutenção, etc. O fogão fica mais leve porque não tem sequer 1 grama de péso desnecessário.

A canalização interna do gás faz parte do tampo, em circuito impresso. Nada de peças supérfluas. O tampo bandeja impede a queda de gordura, fuligem, leite derramado, para dentro do fogão e é facilimo de limpar. Levanta-se a grelha integral, uma passada de esponja úmida e pronto.

O fôrno do Wallig Nordeste tem visor, e grelha com sistema especial de apôio, que faz com que ela não caia, mesmo quando inteiramente puxada para fora.

O queimador do fôrno do Wallig Nordeste, de aquecimento direto, é conjugado com a assadeira. É possivel assar um churrasquinho e cozer um bôlo, ao mesmo tempo, em compartimentos separados, mas sem gasto adicional de gás.

Com tudo isto, é muito possivel que o Wallig Nordeste ganhe uma etiquêta de Made in Paraiba, Brazil. Por enquanto, êle só está à venda no Brasil. Use dêsse privilégio e compre já o seu Wallig Nordeste, o fogão.

Com meio cérebro se tem um ser normal: e a outra metade?

CRIANÇAS CONTINUAÇÃO

dêles controlava a cabeça, os outros quatro encarregavam-se dos braços e pernas. A um sinal, a equipe começava a agir, imprimindo ao corpo de David movimentos de uma criança que rasteja. Isto durante uns cinco minutos. Em seguida, punham-no no chão, sempre de bruços, e o estimulavam a rastejar por conta própria. Quatro, cinco vêzes por dia, durante semanas, meses. Mais tarde, ensinaram-lhe a engatinhar. Novamente meses e meses de trabalho paciente e corajoso. Cinco minutos de exercício cada vez, muitas vêzes por dia.

Uma das descobertas de Domann é esta verdade tão simples e clara: o homem precisa rastejar antes de engatinhar, engatinhar antes de andar. Um ato prepara o outro, e, se cada etapa não fôr muito bem exercitada, os movimentos do corpo não serão bem executados, a coordenação muscular será defeituosa.

A criança com lesão cerebral que nunca andou, ou que andou e depois perdeu esta aptidão por causa da doença, deve — como David — recomeçar pelo comêço: rastejando. Como seus movimentos "normais" não são mais possíveis, é preciso fazê-la criar novos modos de mover-se. Foi assim que David reaprendeu a rastejar, depois a engatinhar, até que um dia, de repente, pôs-se de pé sòzinho e deu os primeiros passos pela segunda vez. Surpreendentemente, algum tempo mais tarde, recomeçou a balbuciar. E a cada proeza dessas o menino David sorria seu sorriso feliz, também reaprendido.

Hoje, David, com treze anos de idade, cuida de sua vida sòzinho, veste-se, come, vai à escola. Poderá casar, ter filhos, educá-los, sustentá-los. Nesse sentido, está curado e é normal. Mas é preciso dizer que David não faz as coisas exatamente como nós — os de cérebro inteiro — fazemos. Seu modo de agir é próprio e único. Por exemplo, quando anda, a nós — os "normais" — parece que David anda errado, que está sempre prestes a parar. Na verdade, trata-se apenas de seu nôvo jeito de andar. Também é preciso considerar que êle perdeu quatro ou cinco anos até ser bem curado, o que lhe deu um atraso irrecuperável em experiências vividas.

Exercícios feitos em casa

Atualmente, o instituto de Filadélfia não recebe mais doentes internos (há mais de 8 mil pessoas esperando serem atendidas, algumas estão há dois anos na fila). Agora são os pais que aprendem como fazer o tratamento em casa. De quinze em quinze dias, é admitido um grupo de quinze a vinte crianças, que uma equipe de especialistas examina durante três a cinco horas. Ao mesmo tempo, os pais são entrevistados durante duas a quatro horas. Pais e filhos ficam no Instituto, os dois primeiros dias de exames, das 9 da manhã às 9 da noite.

No terceiro e quarto dias, as crianças são entregues a outros especialistas, para observação, enquanto os pais ouvem aulas e assistem a filmes. No quinto e último dia, os técnicos explicam a cada pai o que deve fazer com seu filho. Dão instruções por escrito, mostram como se faz e obrigam os pais a treinar até aprenderem. Do primeiro ao último dia, o trabalho das equipes — e dos pais — é incessante. O exame inicial custa 200 dólares (cêrca de 650 cruzeiros novos). Após dois meses de tratamento em casa, a criança volta ao Instituto para nôvo exame e aprendizagem de outros exercícios.

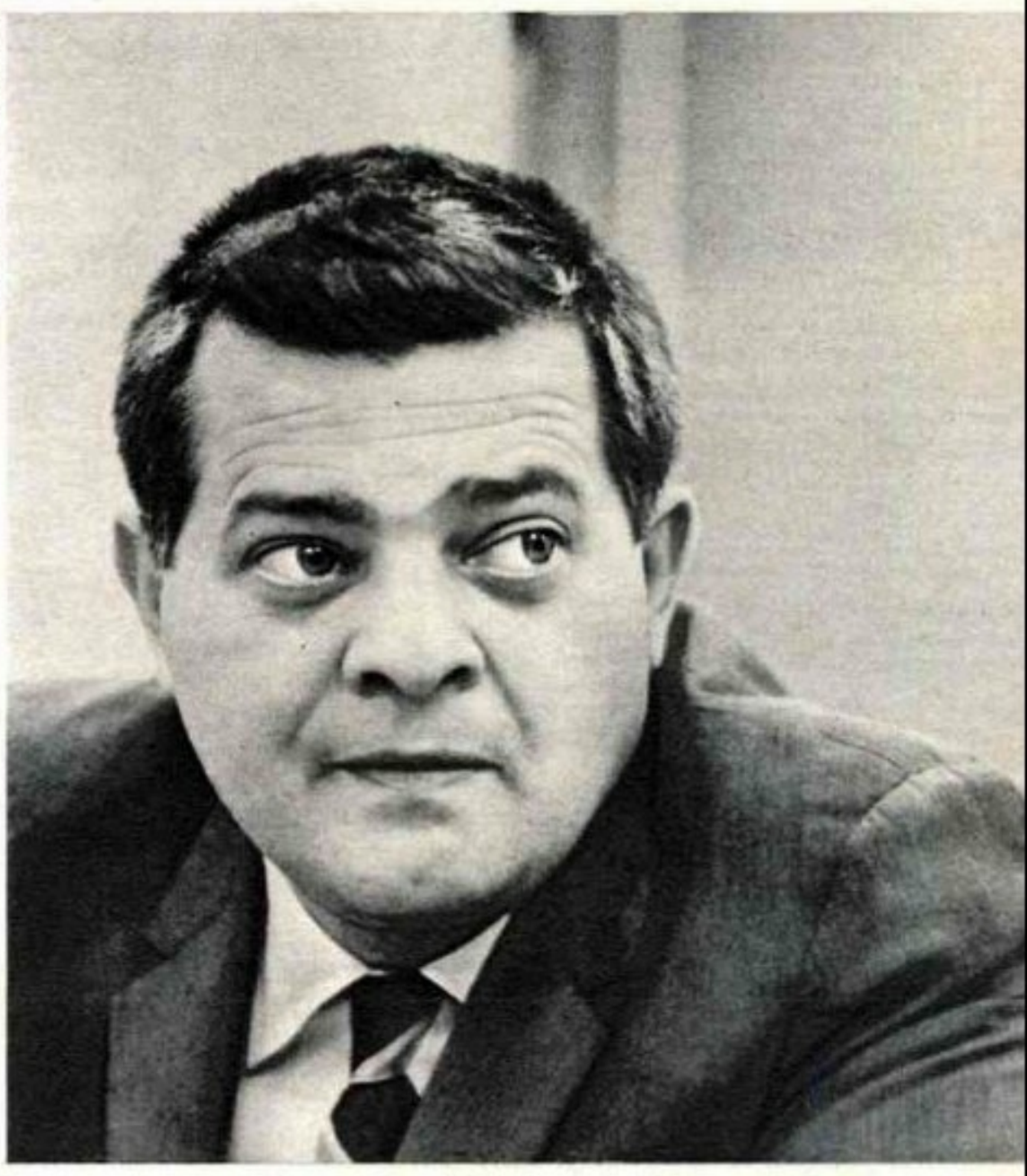
O próprio Glen Domann, fundador da instituição, dá a primeira aula aos pais, de duas horas de duração. Êle repete as mesmas coisas pela milésima vez, mas o calor com que fala é o de um professor entusiasmado com seus primeiros alunos:

— Meus senhores, não há relação nenhuma entre lesão cerebral e inteligência.

Repete três vêzes a frase, depois completa:

— Talvez haja relação entre lesão cerebral e modo de expressar a inteligência. Tenho três grandes amigos, todos

FOTO DE J. A. GAIARSA



Delacato, colega de Domann: "O problema psicológico dos pais está na cabeça do filho."

êles em altos postos sociais, que sofreram durante a guerra ferimentos cerebrais perfurantes, a bala. Nenhum dêles apresenta qualquer defeito, visível ou invisível...

Todos os responsáveis pelo Instituto falam claro. Não fazem promessas, mas estão sempre de acôrdo e confiantes num ponto: "Façam os exercícios, façam os exercícios..." São os exercícios, aumentados gradativamente, executados muitas vêzes por dia, que fizeram de David um nôvo homem, apesar de ter apenas meio cérebro.

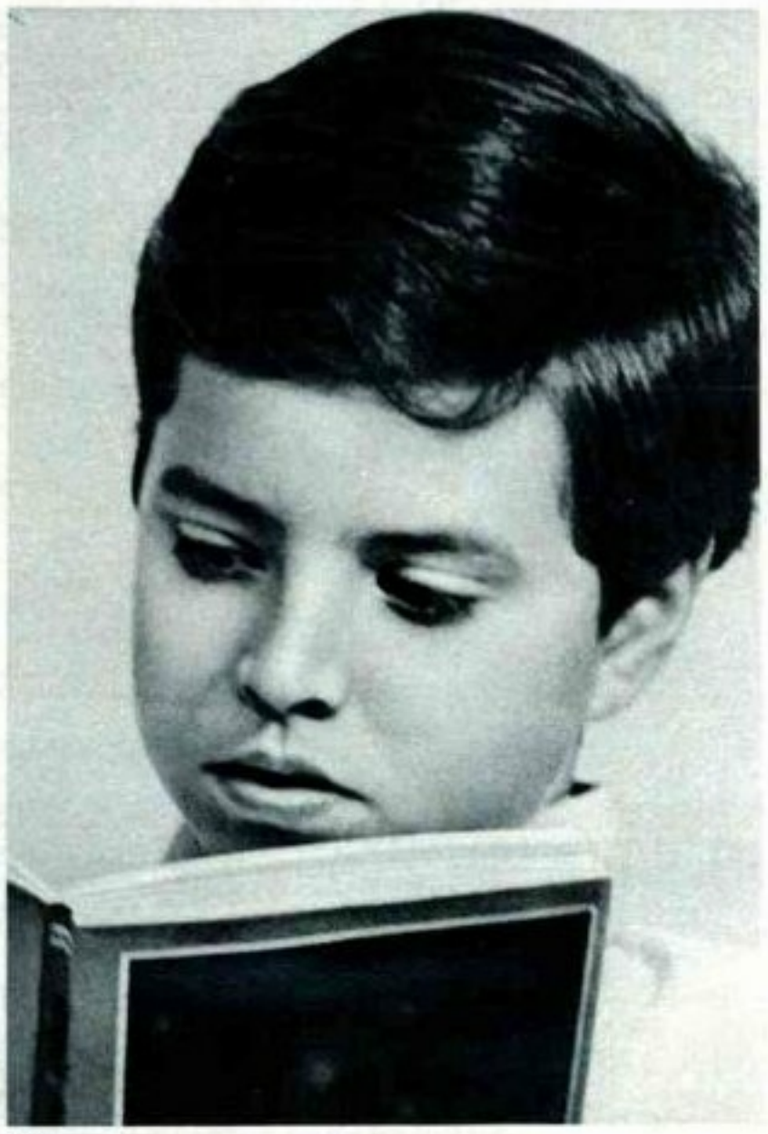
E a outra metade?

Um dia, Domann e seus amigos olhavam as crianças que brincavam, crianças normais e crianças com lesão cerebral, umas com cérebro inteiro e as outras com meio cérebro apenas — tôdas fazendo *as mesmas coisas*. Então, de repente, a pergunta lhes ocorreu, mais que cabível, evidente: se basta meio cérebro para fazermos tudo o que é preciso, para que serve a outra metade?

Dêsse dia em diante, o Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano iria entrar por outro caminho: como fazer o cérebro funcionar inteiro? Como educar crianças normais para que elas não tenham meio cérebro à toa? Como aproveitar o cérebro todo?

O que Domann aprendeu sôbre o desenvolvimento do cérebro capacitou-o a dar muitas respostas a essas perguntas. Aos pais de crianças normais, êle começa aconselhando: SEGUE

O SONHO DE JOÃOZINHO ERA TER MUITO DINHEIRO QUANDO CRESCESSE.



ÊLE CRESCEU, TRABALHOU E AGORA TEM ALGUM DINHEIRO. SÓ NÃO TEM ONDE APLICÁ-LO.

Muitos brasileiros cresceram, principalmente, em mentalidade. Hoje é cada vez maior o número de pessoas que sabem a importância de uma ação e o seu valor como investimento para suas poupanças.
O movimento sempre crescente nas Bôlsas de Valores atesta essa nova mentalidade do investidor, que espera, por sua vez, uma atitude idêntica dos empresários.

O próximo passo quem deve dar é você, empresário, através da democratização do capital de sua companhia. Com essa medida você estará, antes de mais nada, abrindo uma fonte de captação de recursos a baixo custo para a expansão de seus negócios, e se beneficiando de tôdas as vantagens e incentivos oficiais proporcionados pela Lei 4.728 e pelo Decreto-lei 157.
O Joãozinho que cresceu representa o mercado que você está perdendo por dois lados: como consumidor e como financiador.
A democratização do capital de sua emprêsa representa mais e mais gente do seu lado.

E lembre-se: progresso é feito de ação.

BÔLSA DE VALORES DO RIO DE JANEIRO

Nunca prenda um bebê dentro de grades: seu lugar é o chão

CRIANÇAS
CONTINUAÇÃO

— O êrro da criação tradicional está resumido neste velho quadro: o nenê em seu bercinho, os braços imobilizados por faixas ou cobertas bem prêsas, as pernas envolvidas pelas fraldas e calcinhas plásticas de duplo fôrro, os pés calçados em meias compridas de lã. Assim *cuidado* o nenê mal consegue mover-se. Pode apenas olhar para cima, e seus olhos, famintos de experiências e novidades, vêem no máximo um teto branco e mais nada. Que pode êle fazer, estando "amarrado" e de costas? Nada. No entanto, seu trabalho, bem cedo na vida, é lutar de barriga no chão, aprendendo a mexer braços e pernas, brigando contra a gravidade, progredindo apesar dela. Um nenê de costas é como um carro capotado, de rodas para cima. Para tôdas as espécies de animais conhecidos, a posição natural dos filhotes é sempre de bruços, nunca de costas.

O Instituto de Domann provou principalmente que o cérebro aprende a trabalhar organizando suas experiências — as sensações que recebe do mundo que o cerca, desde o comêço. Estas sensações são organizadas sôbre o "molde" de certos movimentos fundamentais.

Sempre no chão

Assim, no primeiro mês de vida, o que fazer com o bebê? A lei de Domann é clara: "Mantenha a criança no chão."

Sempre que possível, coloque-a de bruços, não sôbre coisas macias demais, que atrapalham os movimentos respiratórios. Um bebê deve estar de costas apenas na hora de trocar fraldas e de ser acariciado. Não use cêstos, rolos de cobertores, faixas, ou o que seja, capaz de fazê-lo sentir-se uma mùmiazinha enrolada. Pouca roupa, sempre que o tempo permita; camiseta fina e fraldas. O bebê quer agitar braços e pernas, quer torcer-se, mexer-se todo.

— Deixe-o livre. Deite-se ao seu lado. Deixe-o tentar alcançá-lo com as mãos, mas faça de conta que é difícil. Então êle procurará rolar o corpo para vê-lo melhor, ou para ficar mais de jeito: incentive-o com calor. Faça tudo o que seja razoável para que êle consiga completar a volta. E quando o bebê conseguir, demonstre-lhe expansivamente que êle fêz uma proeza, faça-o ficar feliz com a realização... mas ponha-o de bruços novamente. Ao fim do primeiro mês, é possível que êste bebê já dê sinais de querer rastejar.

Abaixo as grades

Muitas mães compram chiqueirinho (um cercadinho de grades) assim que o bebê começa a rastejar. Talvez seja a hora exata de jogar o chiqueirinho fora. Esta é outra lei de Domann: "Jamais condene a criança às grades. Não a ajude a pôr-se de pé, nem fique orgulhoso se ela, usando o apoio do chiqueirinho, se puser muito cedo de pé."

A criança deve ter a oportunidade de pôr-se de pé sòzinha quando sentir-se capaz disso.

No segundo mês, ela já começará a manter a cabeça levantada por alguns instantes e talvez consiga rolar fàcilmente o corpo, passando da posição de bruços à de costas. Sôbre uma superfície lisa e firme — um linóleo por exemplo —, poderá também girar. Então está mesmo prestes a rastejar, a avançar à custa de seu próprio esfôrço. Para ela, não é difícil imaginar o que isto significa em auto-estima: compare esta oportunidade de realização que lhe é dada com o destino tradicional que lhe estava reservado, de permanecer imóvel durante meses, carregada de um lugar para outro sempre às custas dos outros.

É importante andar de quatro

Agora é preciso evitar que a casa tenha abajures de pé alto, instáveis, mesinhas baixas cheias de bugigangas, tomadas elétricas a descoberto, portas que se abrem para dentro do cômodo onde o nenê está. Tomadas estas providências, deixe-o mexer-se à vontade. Mantenha-o sempre que possível descalço para que seus pés e dedos aprendam a ser pés e dedos.

Quando êle se preparar para engatinhar, deixe-o de preferência sôbre tapêtes felpudos. O bebê agora precisa de superfície com certo atrito, para locomover-se. Mas não se apresse, exigindo dêle que ande logo. Descanse: deixe-o engatinhar muito, pois tudo indica que esta fase — assim como o "rastejamento" — é essencial para a maturação do sistema nervoso. Aí está um dos piores defeitos do chiqueirinho: suas grades ajudam a criança a se pôr de pé muito antes do tempo. Assim, ela aprende a andar *com as mãos*.

Seria útil que os pais vissem em câmara lenta os movimentos de uma criança que engatinha, para compreender quão difícil e complexo é o trabalho do cérebro que treina a si mesmo na tarefa de desenvolver-se. A criança não pode aprender a andar sem esta preparação trabalhosa e lenta: primeiro rastejar, depois engatinhar.

Estudos feitos pela equipe de Domann, entre selvagens americanos, australianos e africanos, demonstraram que uma das características dos povos primitivos é justamente esta: suas crianças não rastejam nem engatinham. As mulheres índias das tribos estudadas levam os filhos, durante meses, a tiracolo ou nas costas. Assim, êles são obrigados a andar quase que de repente, sem terem tido oportunidade de rastejar e engatinhar.

O chocalho sem graça

Depois de frustrar a criança em sua necessidade de movimentar-se, é comum que a frustrem também em sua curiosidade. Outro engano da criação tradicional.

Um de seus primeiros brinquedos, por exemplo, será o chocalho. Há cinco maneiras de "experimentá-lo". A criança descobre estas cinco maneiras e as esgota em noventa segundos. Assim: primeiro, põe o chocalho na bôca, não sente gôsto nenhum. Olha para as côres, bonitas por alguns segundos. Sente o brinquedo nas mãozinhas: é liso e tem certo volume. Cheira-o: nada. Aborrecida, move o braço para afastar o objeto sem graça, e ouve o barulho. Bonito! Agora o nenê examina sua última descoberta, agitando o chocalho algumas vêzes. Então, chega de uma vez! Com um gesto distraído, joga o brinquedo de lado. Nenhum adulto consegue entender que um nenê possa aprender tudo de um chocalho em minuto e meio. Mas êle aprende.

Agora, o nenê pega a caixa de chocalho. Fica impressionado. Há muitas côres, o papelão é forçado para os lados e se rasga: o ruído e o efeito são interessantes. Um pedaço da caixa é pôsto na bôca e mastigado. Tem algum sabor. Os bordos da caixa são finos e resistentes — uma novidade para o tato. Tempo total de análise: dois minutos. Como "professor", a caixa é melhor que o chocalho!

O adulto se espanta com coisas dêsse tipo, talvez porque encare o chocalho como um objeto feito para "distrair" o filho enquanto êle trabalha, ou lê seu jornal. No entanto, o chocalho é — como tudo o mais — um objeto que a criança *estuda*.

O mundo muda em volta

Do segundo para o terceiro mês, mude a posição do bêrço pelo menos uma vez por semana, para variar a "paisagem". Evite colocá-lo junto das paredes, pois assim o nenê experimenta a existência de apenas *meio mundo*, já que a parede é um branco sem sentido. Mantido dessa maneira, à margem, êle tenderá a desenvolver hábitos distorcidos e parciais. Alterne

SEGUE

A melhor estação para usar Nycron é qualquer uma.

(Nycron não amarrota o ano inteiro)

senta levanta senta levanta senta levanta

NYCRON

Um tecido SUDANTEX

Ôlho precisa de exercício: acenda a luz no quarto escuro

CRIANÇAS CONTINUAÇÃO

também sua própria posição no bêrço, um dia a cabeça para cá e os pés para lá, depois a cabeça para lá e os pés para cá. Dê-lhe a mamadeira meio tempo segurando-o com um braço, meio tempo com o outro — como se êle estivesse mamando ao seio. É importante que o bebê experimente o mundo e a si mesmo em todos os sentidos.

Coloque em seu quarto um *mobile* (são peixinhos, ou borboletas, ou aves, recortados em papelão ou metal leve colorido, pendurados no teto e amarrados um ao outro através de hastes horizontais e fios de linha). Sopre-o cada vez que passar por perto, para que as figuras se movimentem. Que tudo em volta tenha côres vivas: as paredes, os móveis, as cortinas. Recorte formas graúdas e pregue-as na parede: quadrados, triângulos, estrêlas, meias-luas. Tudo isso ajuda o desenvolvimento da visão e logo depois estimula o esfôrço de classificar, distribuir, agrupar, escolher.

O começo da linguagem

Em meio a êsses conselhos, Domann não se esquece de recomendar: sempre é hora de acariciar, espremer, esfregar — amar. Demore-se dedilhando-lhe o narizinho, as mãos, pés, barriga, traseiro. Deixe que a criança sinta as partes correspondentes no corpo do adulto.

O treinamento para a leitura começa ao nascer, quando o médico lampeja luz nos olhos do bebê para verificar a contração de sua pupila. Não é um teste muito delicado, mas por estranho que pareça os olhos não exigem mesmo delicadezas. Exigem, sim, uso, exercício, estímulo. No correr dos primeiros meses, repita aquela experiência. No quarto escuro, acenda a luz algumas vêzes, quando êle estiver acordado. Pode-se também manter normalmente uma boa claridade no quarto a noite tôda. A luz não perturba o sono do bebê, será até muito útil tôdas as vêzes que êle acordar, pois estará exercitando a visão pelo ato simples e feliz de olhar em volta.

Quando o médico, ainda na maternidade, faz um ruído brusco para testar a reação de alerta, o nenê está vivendo a primeira de uma série de experiências que terminará na compreensão da palavra falada. Contribua para melhorar êste treinamento. Grite-lhe "oi!" sempre que o encontrar, cante para êle, fale, ria quando êle rir. Faça-o ouvir música, muita música nos primeiros meses, de preferência as de ritmo bem marcado e não muito rápido.

Cultive seus sentimentos, suas sensações da pele. Agrados de pele com pele são importante alimento psicológico, a sensação de calor, maciez, aconchego, prazer. Será possível "compreender" mais tarde êstes sentimentos sem experimentá-los na pele? Depois do banho, não se limite a secá-lo. Esfregue-o bastante, com gentileza e uma toalha felpuda. Faça-lhe um pouco de cócegas, dê-lhe uns apertos no corpo e beliscões de leve. Ponha-lhe nas mãos coisas capazes de estimular o tato, pedaços de veludo, uma velha bôlsa de sêda, uma esponja — coisas pequenas para que o bebê possa empunhar, mas grandes para que não possa engulir. Não ligue para brinquedos complicados. Até alguns meses de idade, êle não se importará com isso. O mundo em sua volta é muito mais interessante.

Treine seu olfato e seu gôsto. Antes das refeições, deixe-o se possível na cozinha, para que sinta o cheiro de comida.

O que significa o chôro

Já no segundo mês a criança deu seu primeiro grande passo em direção à linguagem: chora de duas maneiras distintas. Pode chorar apenas "porque quer", e então, mesmo que pareça infeliz, está exercitando os pulmões. Mas pode chorar em forma de aviso, de mêdo ou, dor. Pais habilidosos conseguem distinguir um tipo de chôro do outro. Ajude a criança a aprender, mais e mais, que os sons estão ligados a significados reais. Cantarole em ritmo lento quando ela vai adormecer, fale com alegria durante o banho, exclame com prazer na hora de comer e acariciar.

Êste é outro conselho: nunca diga — "Psiu, temos um nenê em casa." Não se aflija com a discussão entre irmãos mais velhos, não abaixe o rádio por causa do bebê. Na hora das refeições, deixe-o rodando em tôrno da mesa, para que ouça as conversas, os risos, gritos, tilintar de copos e talheres. Quando êle disparar em sons sem sentido, espere-o terminar de "falar". Depois responda-lhe sério, em palavras ou em sons sem sentido também. (Mais tarde, quando êle começar a usar palavras, não responda com conversa de nenê. Êle aprende à custa de imitar os outros, e ficará confuso se os adultos começarem a imitá-lo.)

Com doze meses, mais ou menos, a criança já conhecerá o sentido de bom número de palavras, embora não consiga dizê-las. Será a hora de ajudá-la a treinar olhos e ouvidos juntos — o que é muito bom. Faça brincadeiras como dizer "olhe para papai" (que estará, por exemplo, perto dela); "olhe para a janela" (que está mais longe); "olhe para o gato" (que está no chão); "olhe para a luz" (que está no alto); e assim por diante. Dêsse modo, ela aperfeiçoará a coordenação de seus movimentos oculares e aprenderá, de modo prático e alegre, a ligar palavras com objetos.

Com dois anos, ou pouco mais, qualquer criança está pronta para ser alfabetizada. Talvez por uma questão de convenção social, porém, ela só entra na escola para aprender a ler e escrever com sete anos — e é importante perguntar se nessa idade ela ainda mantém a mesma capacidade para bem alfabetizar-se. Crianças de dois anos podem aprender até duas ou três línguas ao mesmo tempo — basta o exemplo de crianças que têm pais de nacionalidades diferentes. O instituto de Domann, em Filadélfia, ensina crianças de quatro, três, dois anos, ou menos, a ler. E são garotos com lesão cerebral, que aprendem a ler como tratamento. O cérebro que aprende a ler funciona melhor, porque a palavra é a sua função mais alta.

Esquerdo ou direito

Até os três anos, mais ou menos, a criança mostra preferência pela mão esquerda ou direita. Não a force a escolher, de modo algum. Antes, faça o possível para que ela se desenvolva de modo igual dos dois lados do corpo, tanto de mãos como de pés, de olhos e ouvidos. Não ponha talheres sempre do mesmo lado do prato, mas sim sôbre o prato. Ou alterne. Não a sente na mesa diante de outra pessoa. A criança tenderia a imitá-la. Ponha-a diante de duas pessoas. Desde o momento em que ela escolhe o lado favorito, ajude-a a reforçar sua escolha, qualquer que ela seja. Ponha talheres daquele lado, vista-lhe calça e blusa começando com aquêle braço e aquela perna, faça-a chutar bola com o pé escolhido.

Criança não é tabela

Os exemplos e conselhos de Domann são como modelos para outros procedimentos, conforme cada caso, e obedecem de modo geral a alguns princípios fundamentais. Por exemplo: a visão é defeituosa até os quatro ou cinco anos de idade. Nesse período, a criança vê mal de perto. Trata-se de um "defeito" que diminui progressivamente. Portanto, tudo o que se dirija à visão da criança deve ser de preferência grande e deve ser mostrado de longe.

Também os sons — já que a audição amadurece também progressivamente — devem começar com certo volume e acordes amplos, diferenciando-se aos poucos até as mais sutis inflexões da linguagem. Se os olhos estão maduros próximo

SEGUE

I.C.A. ELIMINA BATIDA DE PINOS

I.C.A. IMPEDE FALHA NAS VELAS

I.C.A. EVITA DESPERDÍCIO DE GASOLINA

CARRO VAI MUITO MAIS LONGE COM I.C.A.

I.C.A. o aditivo exclusivo positivo que só a Shell lhe dá.

VOCÊ PODE CONFIAR NA SHELL

I.C.A.

I.C.A.

2001 VEM AÍ E VAMOS LÁ COM I.C.A.

I.C.A.

CARRO PRÁ FRENTE VAI DE SHELL

Dois anos: já é tempo de começar a ler alguma coisa

CRIANÇAS CONTINUAÇÃO

dos quatro anos, podemos admitir que os ouvidos amadurecem antes, entre três e quatro anos. Todos êstes números são aproximados e devem ser aplicados com elasticidade. Caso contrário, em vez de fazermos da criança um pequeno personagem rico, vivo e humano, faremos dela uma tabela...

A maturação dos movimentos alcança nível bastante elevado em tôrno dos três e quatro anos. É então que a criança já consegue pegar minúsculos objetos com a pinça formada pelo polegar e o indicador ou outro dos demais dedos. Entre um ano e meio, a criança apenas consegue pegar coisas com a mão posta em gancho, como a do macaco que se agarra a um galho. Com êstes prazos em mente, deve-se proporcionar à criança objetos de forma, côr e textura variadas. Ao longo dos meses, deve-se ir progredindo: objetos cada vez menores, menores tanto para as mãos como para os olhos. Se aos quatro meses deixamos no bêrço uma bola de borracha do tamanho de uma bola de futebol, aos três anos a criança poderá estar manipulando bolinhas de gude. Em vez de bolas podem ser cubos de papelão ou bichos de pelúcia e plástico. É claro que êsses objetos deverão ser inofensivos, sem ângulos pontiagudos nem arestas cortantes. Mas também não convém proteger a criança demais, nem protegê-la indefinidamente. Ela se tornará demasiadamente vulnerável, ou se sentirá muito insegura.

Êstes princípios podem resumir-se num só: deve-se proporcionar à criança uma experiência sempre rica, mas cada vez mais miniaturizada, pois esta é a direção da maturação do sistema nervoso — perceber e ser capaz de manipular objetos cada vez menores.

O período que vai de um a seis anos é provàvelmente o melhor para o aprendizado de línguas e da leitura. Seria muito útil se durante êste período a criança se familiarizasse com os símbolos básicos da escrita e da leitura — eis outra sugestão de Domann. Umas tantas vêzes por dia pode-se apresentar à criança cartazes grandes com palavras relativas a pessoas e objetos familiares: mamãe, papai, mesa, janela, bola. Cada vez que o cartaz é apresentado, mostra-se o objeto correspondente e ao mesmo tempo pronuncia-se distintamente o som da palavra. As sessões de "leitura" não devem durar mais do que uns poucos minutos, e devem terminar sempre antes que a criança se canse. Trata-se de um brinquedo a mais, nunca de uma escola com "obrigações".

Para muitos pais estas sugestões poderão parecer revolucionárias, ou complicadas, ou simplesmente difíceis de executar. Mas é certo que a criança educada desta maneira se mostrará muito mais animada e contente, por viver em uma casa barulhenta, dormindo em um quarto movimentado e colorido, e tendo uma mãe que sabe ser a infância um tempo de muita alegria.

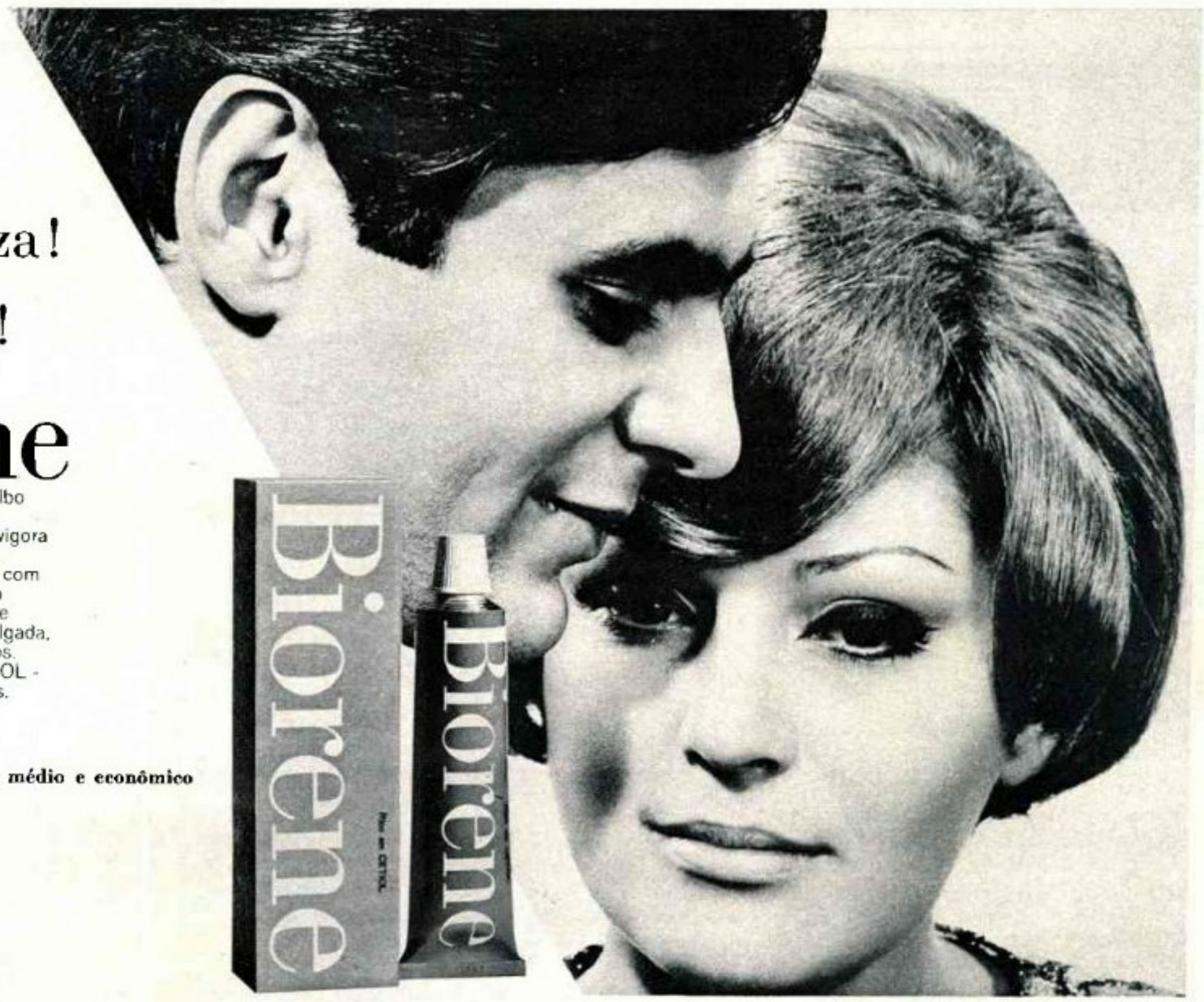
FIM

um tratamento que embeleza! um fixador que amacia!

Biorene

BIORENE age diretamente no bulbo capilar, sendo absorvido imediatamente apos aplicado. Revigora cabelos ressecados, quebradiços, sem vida. É fixador de qualidade, com suave aroma. Use BIORENE para restaurar e embelezar cabelos que sofreram ação da poeira, água salgada, sol, etc. V. vai adorar os resultados. Somente BIORENE contem CETIOL - ingrediente vitalizador dos cabelos.

- em dois tamanhos: médio e econômico



um produto nasi s.a.

Em vez de prestígio social, o Nôvo Esplanada lhe dá Qualidade Chrysler, novas linhas, nôvo interior e a maior ga antia do Brasil.

Só.

O nôvo Esplanada não é feito para impressionar os outros.
Mas para dar satisfação a Você. Êle tem a maior garantia do Brasil:
2 anos ou 36.000 km. Tem novas linhas, com nova grade e faróis duplos.
Interior todo modificado. E o motor de mais rápida aceleração do Brasil.
Que é também o mais possante em sua classe.
Mas não prometemos absolutamente que o nôvo Esplanada
fará todo mundo pensar que Você é rico.
Pensarão, isso sim, que Você tem bom gôsto e entende
de carros . . . Procure um Revendedor Autorizado Chrysler.

Os novos Esplanada e Regente têm a maior garantia do Brasil: 2 anos ou 36.000 km.

O NOVO ESPLANADA ESTÁ AÍ PARA CONQUISTÁ-LO

© Chrysler do Brasil

CHRYSLER do BRASIL S.A.

Denison

atelier parisiense

AP

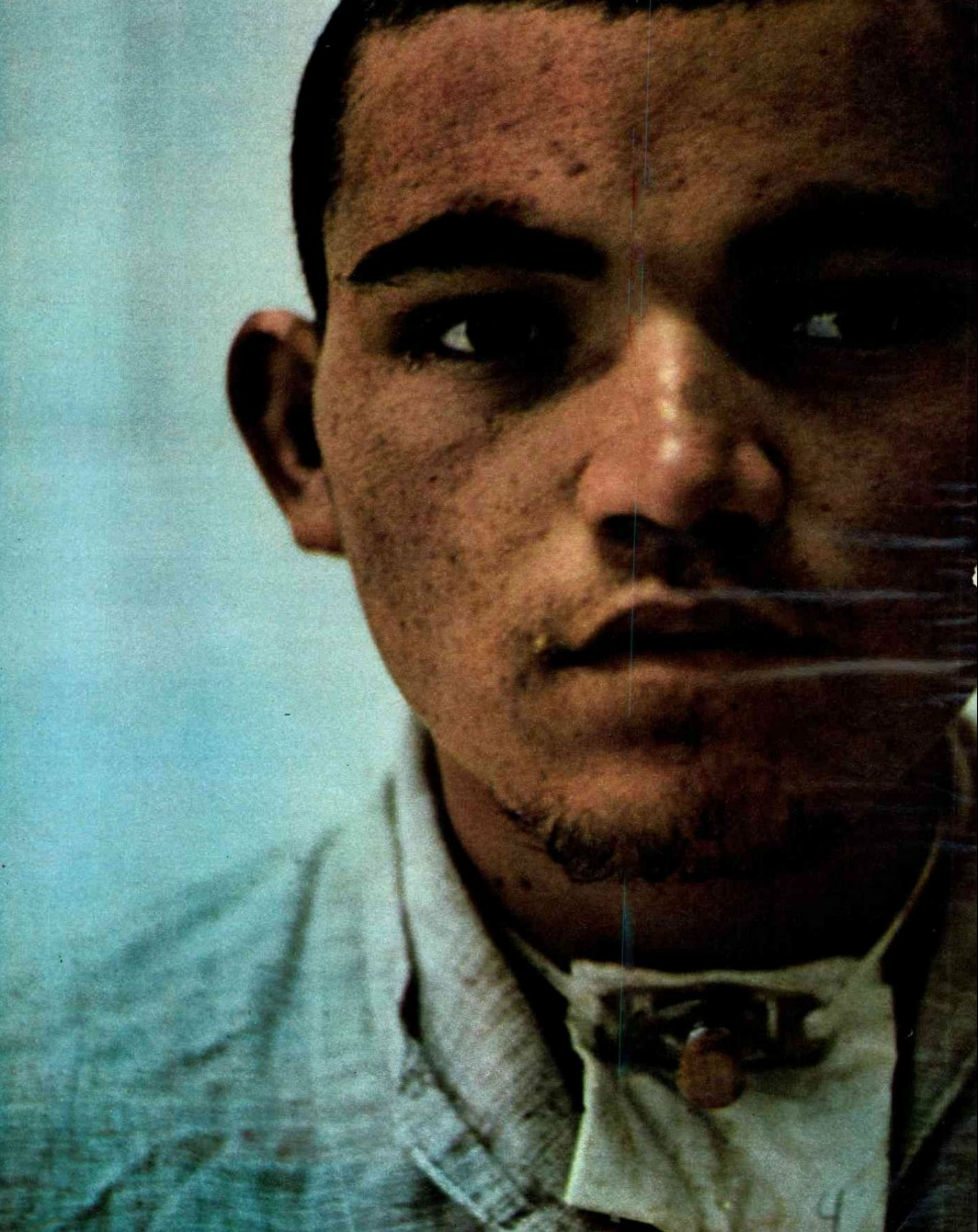
Rhodosá

delta

Atelier Parisiense
Classe e elegância
em qualquer estação.
Prepare-se para
conhecer a nova
coleção.

Rua Major Diogo, 746
Fones 32-1854 - 35-8595 e 37-5387
São Paulo

Tibor Kertesz
Rua 7 de Setembro, 132
Fone 27-8908
Rio de Janeiro



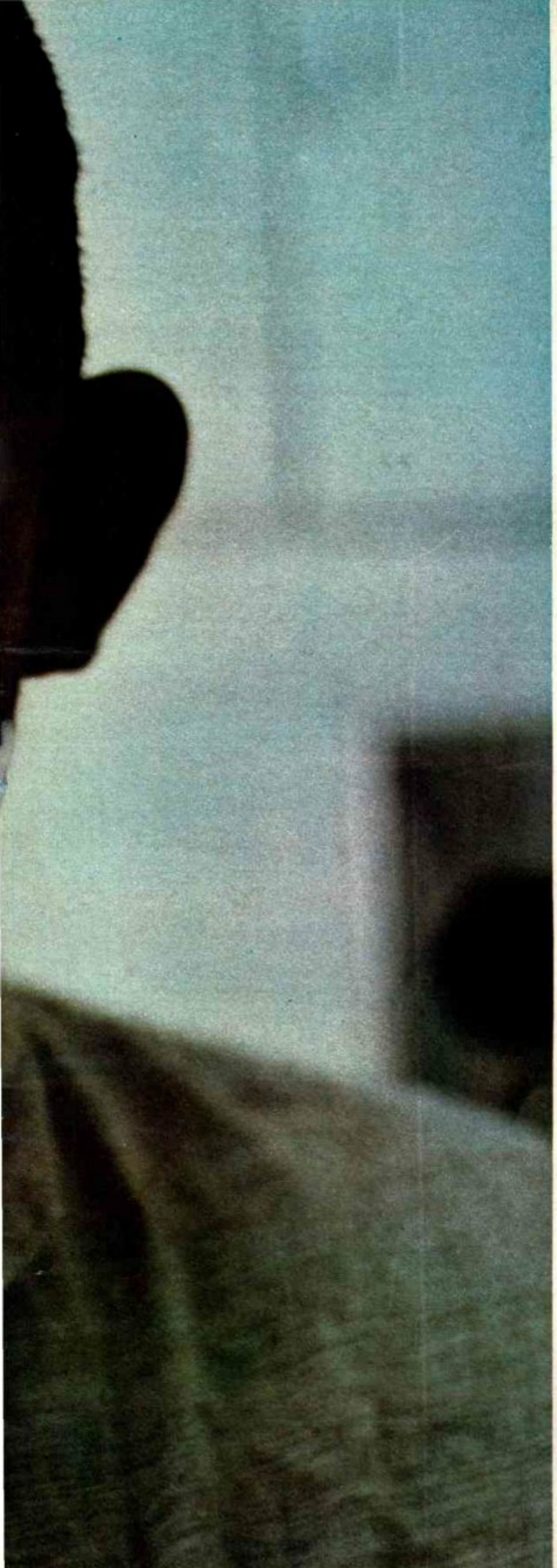


FOTO DE GEORGE LOVE

O operário José já estava morrendo. O boiadeiro João esperava um coração. A equipe de médicos estava pronta para o transplante. Últimas tentativas desesperadas: operação de cérebro e massagem cardíaca.

ZERBINI QUASE TIRA O CORAÇÃO DE JOSÉ

Reportagem de Roberto Freire

No edifício em construção, o trabalho logo seria interrompido para o almôço. Fôra fria e cinzenta aquela manhã de maio em São Paulo. Agora o sol já prometia aparecer. Mas o grupo de operários não se dava conta de nada disso, assentando seus tijolos sem muito entusiasmo, no andar térreo da obra. De repente, ouviram alguma coisa quebrando lá em cima e levantaram as cabeças. Mas não viram nada, pois seus olhos se encheram de areia. Ao lado, um baque e um gemido. Limpando os olhos, puderam ver no chão o corpo do companheiro estendido, a cabeça esfacelada e coberta de sangue misturado à areia. Perto dêle, um balde tombado.

— É o José!
— O nôvo?
— Morreu?
— Começou hoje, coitado!
— Foi o balde de areia!
— Não toquem nêle!
— Vou chamar a ambulância!
— Tá respirando ainda!
— Meu Deus!
— Traz uma vela!

No alto do edifício, o mestre da obra faz soar, a marteladas, uma barra de ferro suspensa. Era o aviso de que chegara a hora do almôço e do descanso.

Não existem horas calmas no Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas. Ao meio-dia, o movimento não difere absolutamente do movimento da meia-noite.

SEGUE

- Êle vai morrer, doutor? - Vamos examiná-lo.

Não existe hora de almôço, de jantar, de dormir. Os carros e as ambulâncias chegam ininterruptamente, trazendo gente doente, gente desesperada, gente morrendo, gente já morta. Atendentes, médicos e enfermeiros movem-se apressados, às vêzes com o auxílio de funcionários da polícia ou de guardas-civis. Às 11 horas e 50 minutos daquela manhã fria do dia 25 de maio, obedecendo às normas da rotina dramática do Pronto-Socorro, um jovem operário de 21 anos é levado para a sala de exames urgentes. Está inconsciente, parece morto. Sob a supervisão do professor Valdomiro de Paula, uma equipe de médicos residentes o atendem. O nome do paciente é José A.N. Os operários que o acompanham contam o acidente: foi atingido na cabeça por um balde cheio de areia, que caíra de grande altura, na hora do almôço.

— Êle vai morrer, doutor?

— Vamos examiná-lo, fiquem lá fora.

Os operários obedecem, silenciosos. Mas não podem ficar no hospital, pois ainda precisam almoçar e seguir trabalhando pelo salário do dia, apesar de tudo.

Os médicos esperavam

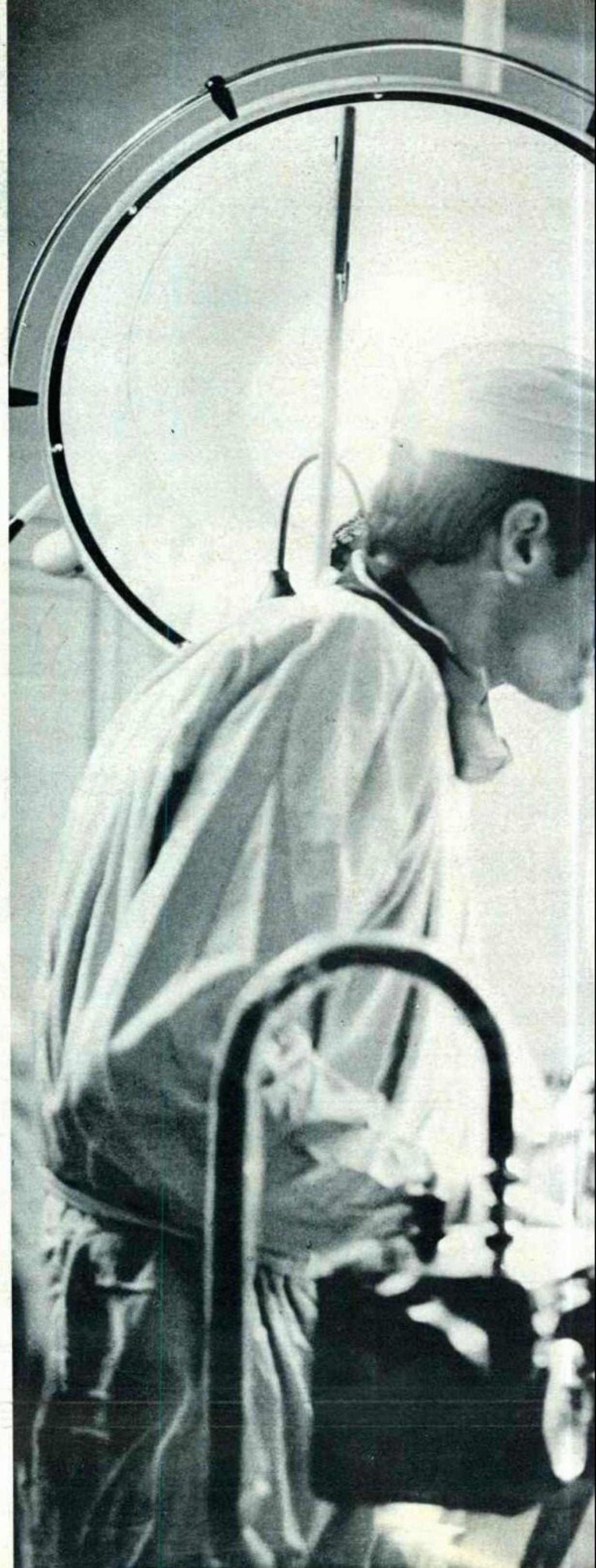
Termina a primeira parte do expediente normal nas enfermarias do Hospital das Clínicas. Em duas delas, além dos serviços habituais, médicos de cirurgia cardíaca e renal haviam aprofundado um pouco mais os conhecimentos teóricos e práticos na técnica que vinha assombrando o mundo: o transplante de órgãos. O êxito e a repercussão dos transplantes renais, no Brasil, e os de coração, no exterior, haviam vencido já a maior barreira entre nós, a barreira legal. Assim, juntando experiência e ligando-se num projeto de trabalho comum, as equipes dos professôres Campos Freire, Jesus Zerbini, Luís Decourt e Valdomiro de Paula preparavam-se para realizar a qualquer momento um transplante duplo, de rins e de coração. Reuniam-se e trabalhavam no mais absoluto sigilo. Os doentes receptores estavam escolhidos, preparados, e já haviam autorizado a intervenção. Tudo pronto. Faltava apenas o doador. Por isso, no Pronto-Socorro, os médicos estavam atentos, esperando. Desde cedo, naquele dia, a prontidão era geral.

A manhã, porém, passara sem novidade. Boa parte dos médicos das duas equipes, por volta do meio-dia, deixou o Hospital das Clínicas para o almôço.

Os exames são feitos

O Doutor Euclydes Marques ficara. É um jovem cirurgião da equipe do Pronto-Socorro. Acompanha todos os exames que estão sendo feitos em José. Êle o viu chegar inconsciente e com a cabeça ensangüentada e coberta de areia. Como as lesões se limitavam sòmente ao crânio, foi chamado o neurocirurgião, Doutor Júlio Aisen, e logo em

SEGUE



José não podia mais respirar. Um aparelho mantinha artificialmente sua vida.

SABEMOS COMO VENDER PASSAGENS. CHEGAREMOS NO HORÁRIO.

Instalamos um relógio elétrico Bulova em cada avião.
Um relógio que foi ajustado para soar no horário de pouso.

O "horário de pouso", de acôrdo com as autoridades internacionais da aviação, é o horário publicado, com uma tolerância de 15 minutos.

Se o relógio soar antes que nosso avião chegue à estação de passageiros, daremos a cada um uma ficha de valor equivalente a um dólar.

Sabemos que um dólar não nos absolve de estar atrasados.

Mas isto poderia ter-nos custado mais de meio milhão de dólares só no mês passado.

Não podemos nos permitir êste luxo.

Temos, portanto, que chegar no horário.

BRANIFF INTERNATIONAL
NO HORÁRIO... EM TODOS OS HORÁRIOS.

- Êle vai morrer?
- Convoquem as
equipes de transplantes.

TRANSPLANTE
CONTINUAÇÃO

seguida o eletroencefalografista, Doutor Paulo Vaz Arruda.

Terminados os exames, inclusive os radiológicos, foi firmado o diagnóstico: fratura craniana temporoparietal e lesão grave no encéfalo. Não era fácil, no entanto, distinguir a natureza das lesões. Tanto podiam ser causadas por contusão do próprio tecido cerebral como por compressão dêste por hematoma intracraniano. No primeiro caso, o paciente está irremediàvelmente condenado, e, no segundo, a intervenção cirúrgica com retirada do coágulo pode salvar-lhe a vida. Mas José resistiria a uma operação dessas?

Parou o coração

Sòmente o Doutor Aisen poderia tomar a decisão. Decidiu observar um pouco a evolução do caso. José recebeu antibióticos e soros na veia, que sempre melhoram o estado dos cérebros traumatizados.

O de José era ainda um caso de rotina do Pronto-Socorro, apesar de os médicos terem consciência de que são os acidentados com lesões cranianas os doadores ideais para transplantes. Mas, se pensavam nisso, ninguém ousava considerá-lo um doador, por enquanto. O importante era salvar-lhe a vida. Os médicos logo perceberam que o estado do operário piorava muito. As complicações pulmonares culminaram com a paralisação da respiração espontânea. José começava a morrer, efetivamente. Quando José parou de respirar, os médicos que estavam à sua cabeceira tomaram a medida de emergência exigida: abriram-lhe o pescoço, introduziram uma cânula na traquéia e por ali foi estabelecida respiração artificial. Um aparelho mecânico respirava por José. Êle estava em estado de coma profundo. Não possuía mais um só reflexo, apenas o coração batia. Após mais um exame, o Professor Valdomiro de Paula consultou o neurocirurgião sôbre as possibilidades que José tinha de sobreviver.

— Extremamente restritas — foi a resposta.

Tudo parecia indicar morte iminente, pois a vida de José era apenas mantida pela respiração artificial e o coração poderia parar de bater a qualquer momento. O que estava no pensamento dos médicos agora podia ser transposto em palavras e ações. O diretor do Pronto-Socorro assumiu a iniciativa:

— Convoquem as equipes de transplantes.

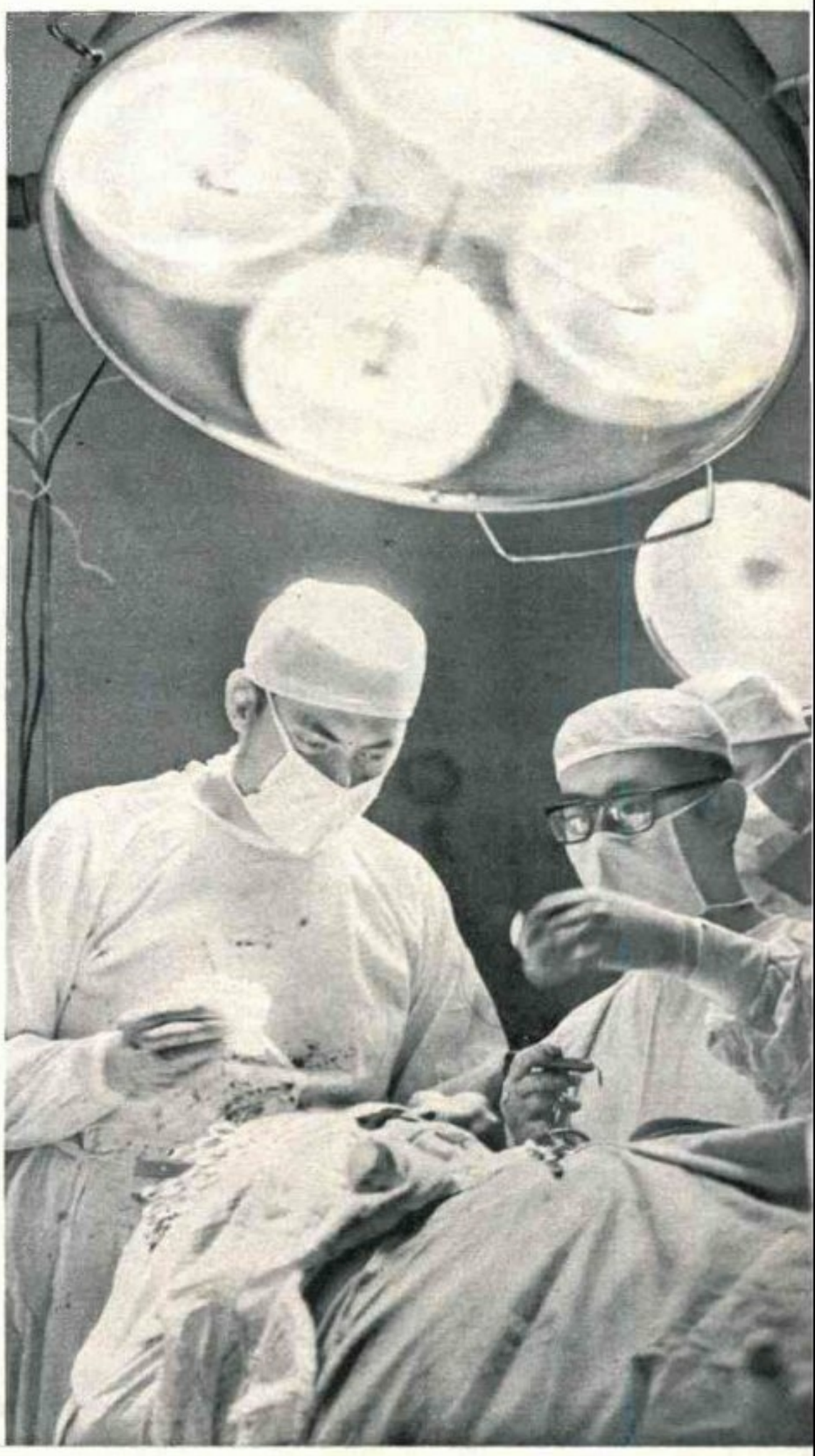
Dali a pouco, a constatação que parecia selar a sorte de José: "Parada cardíaca!" O paciente morrera. Os médicos iniciaram ràpidamente as massagens no coração.

Eram 15 horas.

O cérebro por um fio

Cêrca de quarenta telefones soaram quase ao mesmo tempo em casas espalhadas por diversos bairros de São

SEGUE

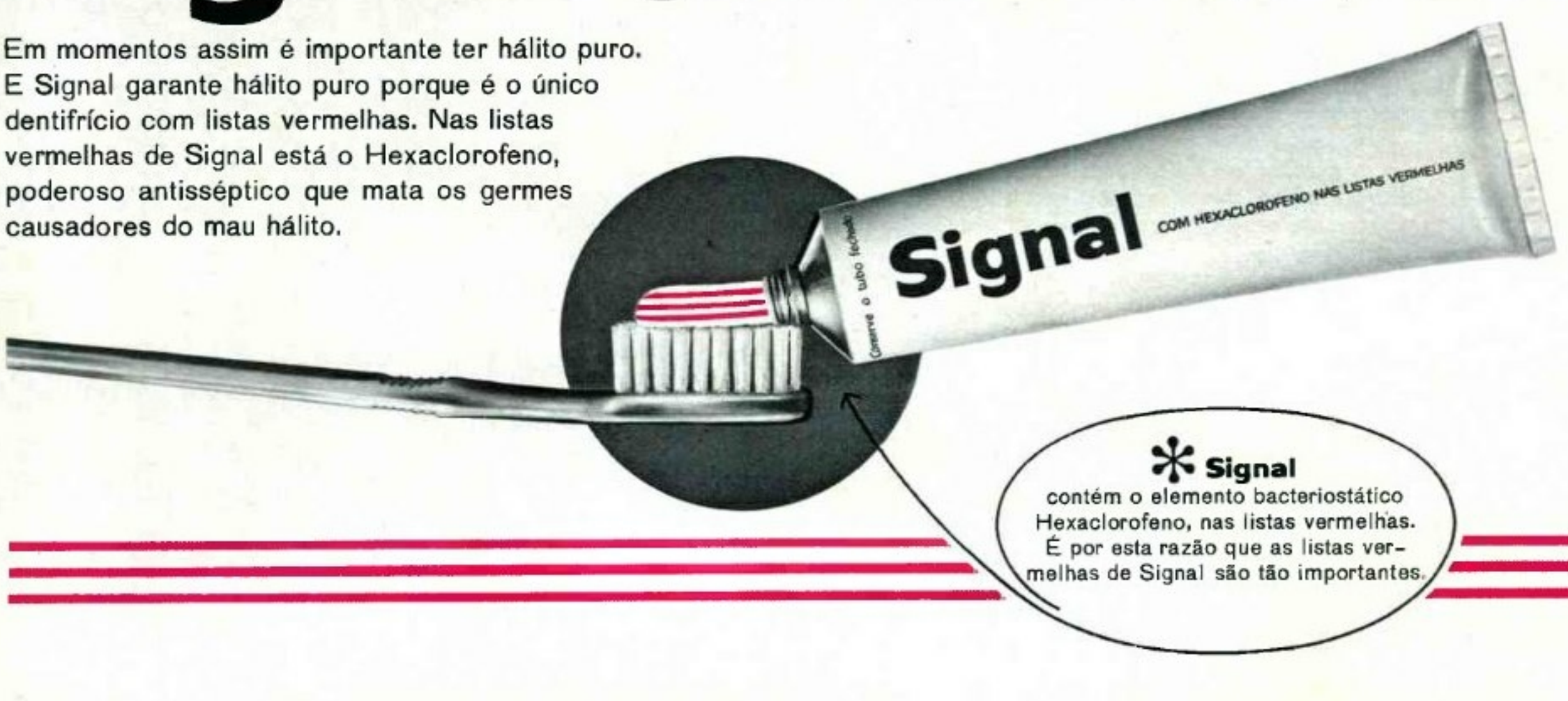


O crânio de José foi aberto. Na outra sala a equipe de transplante estava pronta.

Nada os pertuba...

Signal* garante hálito puro.

Em momentos assim é importante ter hálito puro. E Signal garante hálito puro porque é o único dentifrício com listas vermelhas. Nas listas vermelhas de Signal está o Hexaclorofeno, poderoso antisséptico que mata os germes causadores do mau hálito.



* **Signal** contém o elemento bacteriostático Hexaclorofeno, nas listas vermelhas. É por esta razão que as listas vermelhas de Signal são tão importantes.

- Êle pode ser o doador?
- Há possibilidades de salvá-lo. Vamos operar.

TRANSPLANTE CONTINUAÇÃO

Paulo. Foram atendidos e desligados ràpidamente, depois da breve e combinada maneira de transmitir a informação, quase uma senha. Minutos depois, sem nem sequer passar pelo Pronto-Socorro, as equipes de transplante dirigiam-se apressadas para o Centro Cirúrgico do Hospital das Clínicas. E, com a rapidez que só um treino perfeito podia tornar possível, logo depois estavam em seus postos, vestidos apropriadamente para o ato cirúrgico e aguardando sòmente a palavra de ordem, que poderia vir a qualquer momento do Pronto-Socorro.

Os doentes receptores foram preparados.

Tinha chegado o momento ansiosamente esperado. Por isso, estavam todos graves e silenciosos. À preocupação profissional para que nada fôsse esquecido, para que tudo fôsse bem feito e a tempo, somava-se na consciência dêsses médicos a responsabilidade de atos humanos extremamente ousados, discutíveis ainda, mas de enorme grandeza e coragem também. Era uma sensação totalmente nova. Esperar a morte de uma pessoa para tentar salvar a vida de outras duas. Expectativa trágica e absurda, se não fôr entendido um dado essencial: não se trata de uma espera desejada, mas involuntàriamente útil e necessária. Depois da parada cardíaca, esperava-se a morte cerebral imediatamente, que seria constatada pela eletroencefalografia. Entretanto, com as massagens cardíacas, o coração de José voltava a bater. A essa altura, o Doutor Francisco Antonácio já colhera o sangue do doente e fizera os exames para verificar se existia compatibilidade entre êle e os receptores de coração e rins à espera de transplante. Se não havia mais meios de evitar a morte do pedreiro, a vida de um boiadeiro e a de uma professôra podiam agora ser salvas. O Doutor Antonácio anunciou:

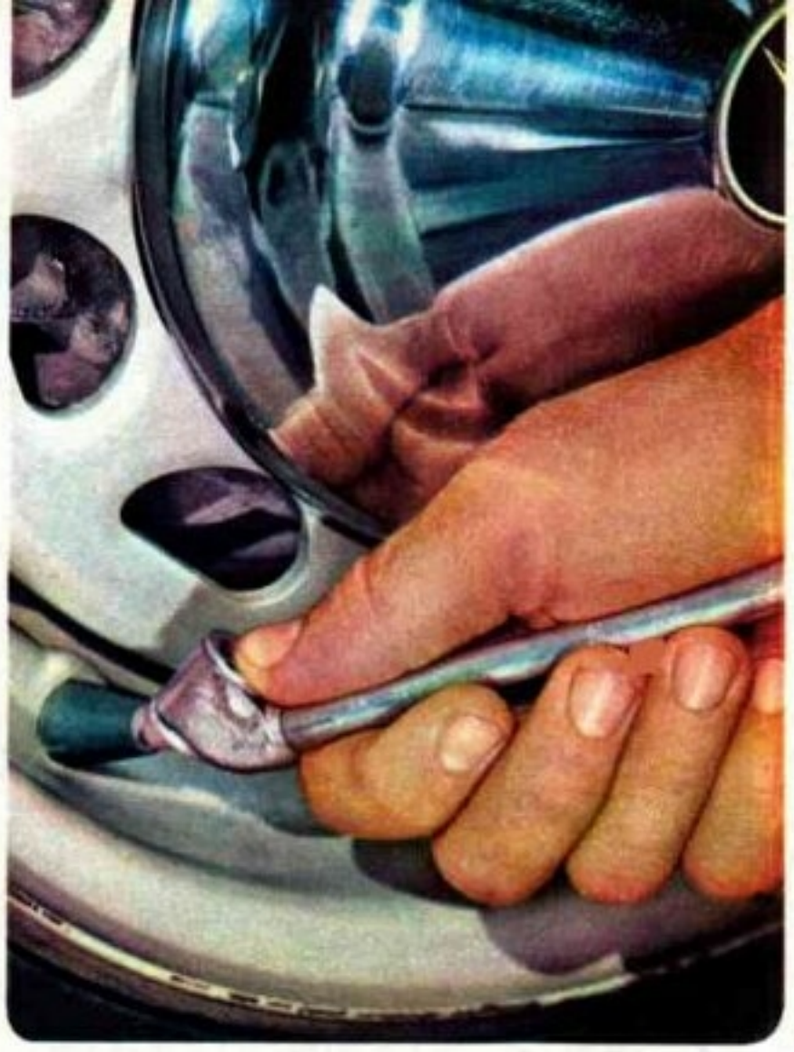
— A compatibilidade é ideal!

A operação é um perigo

Às 15 horas e 30, depois de um demorado exame em José, o Doutor Aisen reflete uns instantes e comunica aos outros médicos a sua decisão:

— Vamos removê-lo para o Centro Cirúrgico. Vou operá-lo. Há possibilidade de tratar-se de um hematoma intracraniano. Devemos tentar a remoção do hematoma. SEGUE

O coração parou. José morria. Todos os recursos foram mobilizados. Só a massagem cardíaca podia salvá-lo. Depois a cirurgia. Mais nada.



êles verificam mesmo a bateria!...

têm muita paciência com crianças!...

e calibram sempre os pneus!...

Para o revendedor Atlantic, o carro mais importante do mundo é o seu!

Atlantic serviço nota 10!

ATLANTIC

COMPANHIA ATLANTIC DE PETRÓLEO

6.975

- O senhor autoriza a doação?
- Salvem-no! Se não der,
seja o que Deus quiser.

TRANSPLANTE
CONTINUAÇÃO

Tentar a remoção, custe o que custar. E o risco seria a morte do paciente em conseqüência da própria operação. Porém, tratava-se de uma atitude obrigatória para a consciência dos médicos. Sem a intervenção, José morreria dentro de horas, seus órgãos poderiam ser transplantados, salvando duas vidas. Mas o que existia diante dêles era um outro ser humano com mínimas porém reais possibilidades de sobrevida. Qualquer risco justificava isso.

Informados de que o pedreiro seria operado — sem desfazer o estado de prontidão das equipes de transplante —, vários membros delas, bem como material especializado próprio, foram postos à disposição da equipe de neurocirurgia. Assim, clínicos, cardiologistas, cirurgiões de coração e de rins, anestesistas e enfermeiros participariam ativamente da intervenção no crânio de José, como última tentativa de salvar-lhe a vida.

O crânio foi aberto

Quem não conhece ìntimamente a vida médica e o ambiente hospitalar não pode compreender direito êsses movimentos e atitudes. A vibração interior, a ansiedade que domina todos os que ainda têm alguma chance de vencer a morte de um semelhante é algo muito difícil de descrever. Na quase totalidade dos casos, não há nada mais poderoso que essa determinação interior e não existe coisa mais extraordinária do que a solidariedade profissional e humana que tais momentos criam entre os médicos. Nesse clima é que os doutôres Jovanni Belotti e Fúlvio Pileggi, da equipe do Professor Luís Decourt, deixaram seus postos para realizar contínuos eletrocardiogramas de José. Pela mesma razão, moderna aparelhagem eletrônica, de uso exclusivo da cirurgia cardíaca, e que fôra mobilizada para o transplante, foi colocada à disposição do operário acidentado. O laboratório do grupo de cirurgia cardíaca entrou em pronto funcionamento para executar tôdas as dosagens no sangue de José, para facilitar a sua recuperação e colocá-lo em condições ideais de suportar a intervenção. Um elemento da equipe de transplante de rim, o cirurgião Geraldo de Campos Freire Filho, passou a integrar a equipe neurocirúrgica a fim de que a intervenção pudesse realizar-se imediatamente.

E o crânio de José foi aberto.

Salvem o menino

Desde que soube da possibilidade do transplante, a administração do hospital começou a procurar os familiares de José. Sem a autorização dêstes, os transplantes não poderiam ser feitos, caso êle morresse. O tempo era mínimo para isso. Todos sabiam da gravidade em que se encontrava o operário.

Três horas da tarde, o serviço na obra em que José trabalhava prosseguia normalmente. Faltava um homem, só isso. E havia outro que trabalhava mal, não pensava, mas não podia parar. Era um amigo de José, o melhor amigo, quase um parente, *um segundo pai*, como costumava dizer aos colegas e como apresentou José ao mestre da obra para conseguir-lhe o emprêgo, na véspera. Como José, nascera em Caruaru, Pernambuco.

José só possuía êsse *parente* em São Paulo. Logo quis saber do estado do amigo, quando os funcionários do Hospital o encontraram na obra.

— Salvem o menino, pelo amor de Deus!

Consultado sôbre a doação de órgãos e se estava em condições de dar a autorização caso José viesse a morrer, não duvidou um só instante. "Para que servem os órgãos de um morto? Além dos vermes, quem pode querê-los? José só é José vivo. O resto não é nada." Autorizou e se responsabilizou por tudo.

— Salvem o menino, viu? Se não fôr possível, seja o que Deus quiser.

Havia um coágulo dentro

Diante dos olhos dos cirurgiões, o cérebro aberto. Um enorme coágulo comprimia e deformava tôda a sua metade esquerda. Estava ali o que produzira o balde de areia, a causa do estado de coma de José. O coágulo foi retirado e ligados os vasos feridos que ainda sangravam. Isso durou três horas e, quando a operação terminou, as equipes de cirurgia e a auxiliar de transplantes ainda temiam pela vida de José. A depressão provocada pela pancada e pelo coágulo podia ser irremediável.

Expectativa enorme. O operário não possuía um só reflexo, o estado geral era péssimo. Entretanto, quando foi suspensa a anestesia, todos os presentes, exaustos e tensos, foram sacudidos por algo emocionante. José movimentava levemente um braço. Não estavam ainda refeitos da emoção quando viram uma das pernas mover-se também. José não estava mais em coma. A intervenção poderia salvá-lo. Existia ainda a possibilidade de que não recuperasse completamente a consciência e a vida normal, porém poderia viver. E não se tratava mais de um doador em potencial de rins e de coração. Alguns minutos mais, e mostrou vários sinais de melhora. O neurocirurgião, emocionado, virou-se para um colega:

— Talvez nunca se tenham mobilizado tantos recursos para salvar um doente!

José ainda pode viver

Vinte horas. No Centro Cirúrgico, após oito horas de expectativa, as equipes de transplante são informadas de que José fôra salvo do coma e as possibilidades de sobre-

SEGUE

FNM V 12

APROVEITAMENTO TOTAL

CARGA ÚTIL: 15.200 KG

TERCEIRO EIXO—O 3.º Eixo FNM de moderna concepção, leve e de extrema robustez, é o resultado de longa pesquisa e desenvolvimento. A balança central - excêntrica - proporciona uma perfeita distribuição da carga, assegurando ao eixo trator as melhores condições de aderência. O emprêgo de exclusivos tirantes de alta flexibilidade, confere ao conjunto características de grande durabilidade.

Para atender às necessidades da evolução da rêde rodoviária e dos transportes no Brasil, a Fábrica Nacional de Motores lança o seu mais nôvo modêlo, o FNM V-12. O nôvo V-12, com seu motor de 175 CV, transportando cômodamente 15.200 kg, foi dimensionado de maneira a permitir a utilização de carrocerias com a maior superfície útil entre os veículos de sua classe, sem prejuízo de sua maneabilidade, pois, com uma carroceria de 7,50 metros, o comprimento total não excede 9,90 m. As qualidades tradicionais dos veículos FNM, suas excepcionais características técnicas, amplamente provadas e reconhecidas desde 1952, foram mantidas e aperfeiçoadas. Adaptado às realidades econômicas e legais vigentes* o FNM V-12 vem completar a linha FNM, mantendo e ampliando a predominância da marca no setor de transportes pesados em nosso País.

*DENTRO DAS ESPECIFICAÇÕES DA LEI DA BALANÇA.

FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES S.A.

672

José está salvo, não é mais o primeiro doador; João fica com outro coração.

TRANSPLANTE CONTINUAÇÃO

viver eram grandes. A prontidão foi imediatamente desfeita. Não seria ainda dessa vez que realizariam a grande proeza, *felizmente*. Esse *felizmente* precisa ser bem compreendido pelos que não podem assumir tal tipo de responsabilidade. Êle significa *infelizmente* também para os dois pacientes que morriam de lesões renais e cardíacas. A morte é sempre inútil e infeliz, não há dúvida. Apenas agora ela começa a ter certa utilidade e passa a ser também fonte de felicidade indireta.

Cansados, ainda graves e silenciosos, os médicos despem os aventais, vestem suas roupas civis e deixam o hospital.

O coração bate forte

Duas horas depois, no entanto, seus telefones voltariam a soar ao mesmo tempo. Um nôvo acidentado de crânio dera entrada no Pronto-Socorro, em estado gravíssimo, desta vez pràticamente sem possibilidade de recuperação. *Atropelamento. Um desconhecido, sem documentos.*

Pouco depois das 22 horas, tinha início o transplante duplo de coração e rins do cadáver desconhecido, para o boiadeiro João e a Professôra Mercedes.

José, fora de perigo, saía lentamente do estado de coma, com os seus rins filtrando vida e o coração impulsionando-a fortemente dentro do peito.

Fica de pé e anda

Dia 12 de junho, 8 horas da manhã. A môça entra na enfermaria de acidentados com uma xícara cheia de leite nas mãos.

— Bom dia, José. Olha o seu leite. Tudo bem?

Sentado numa cadeira de rodas junto à janela, José apanha a xícara, responde qualquer coisa movendo os lábios, mas não sai som algum.

— Tape o buraco do tubo, aí no pescoço, para falar, José! — diz a enfermeira.

Êle obedece, usando para isso a ponta do indicador direito:

— Tudo bom.

E começa a tomar o leite em curtos goles. José tem a cabeça raspada e vê-se, à esquerda do seu crânio, longa e curva cicatriz. Veste um pijama branco. A enfermeira examina-lhe o rosto. A expressão é serena e imóvel. O ôlho esquerdo está ligeiramente estrábico, provàvelmente em conseqüência do acidente. José já fica de pé e anda um pouco. Come e dorme bem. Seu pensamento é lento, mas compreende perfeitamente tudo. Queixa-se de dores e fala com objetividade. Está em franca convalescença.

— José, vou lhe arranjar uma rôlha para tapar êsse buraquinho. Aí você vai falar com todo mundo.

— Obrigado, dona — êle responde, com o dedo no orifício, mas sua expressão não se modifica.

Está terminando o leite quando entram os médicos para a visita diária aos doentes da enfermaria. Como seu estado é de recuperação, a visita é rápida. Um dos médicos, nordestino como José, simpatiza com êle. Sempre fica um pouco mais por ali para um bate-papo. Como o operário revelou amnésia local em relação ao acidente, isto é, não se lembra de nada do que houve imediatamente antes do choque, as conversas giram apenas em tôrno de seu estado atual e de coisas do passado.

José, nessa manhã, queixou-se da vista esquerda. Vê pouco com ela. O médico, depois de examiná-lo, explica-lhe:

— Você verá tudo como antes, Zé. Um dia voltará a Caruaru para ver a feira. Não tem saudade?

— Não senhor, quero trabalhar aqui.

— O que você fazia lá? — o médico sabe de tudo sôbre a vida de José, mas pergunta assim mesmo, para exercitar-lhe a memória.

— Trabalhava no campo, doutor.

— Lavoura ou gado?

— Pouco de tudo, só pouco, trabalho muito não tinha.

— E na feira? Todo mundo em Caruaru vai à feira duas vêzes por semana, comprar ou vender.

— Vendia fruta. Fruta dá mais que lavoura.

— É bonita a feira, não?

— Senhor, sim. Bonita.

— Disseram-me que você sabe ler. É verdade?

Os lábios se mexem, mas não se ouve a resposta.

— Não se esqueça do dedo no buraco do pescoço, Zé — diz o médico, procurando analisar, no gesto, a capacidade que tem de coordenar corretamente os próprios movimentos.

— Ler e escrever, me ensinaram. Sei, sim, um pouco.

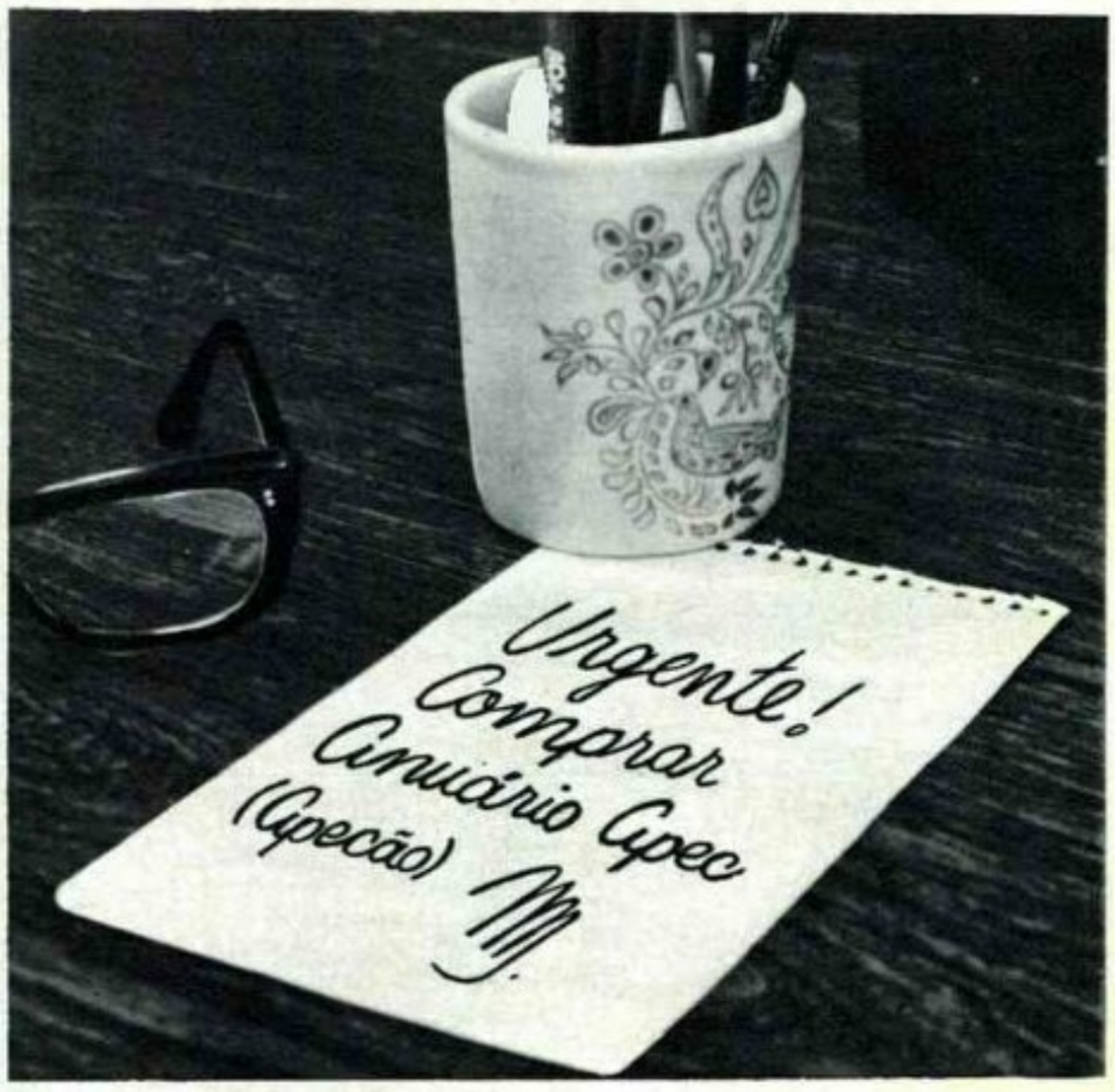
Pensa na namorada

Silêncio. Os dois homens se olham. Difícil imaginar o que pensa José. O médico acha fantástico estar conversando com alguém que *devia* estar morto, acha estranho pensar que seu coração *podia* estar batendo no peito de João, naquele instante, quatro andares acima, no hospital. Vibra pensando ainda que a mesma perícia e coragem para a realização dos transplantes foi o que salvou a vida daquele *doador*. E acha sensacional ter participado de tôda essa experiência.

— O que foi que aconteceu com você, José?

O rapaz não entende a pergunta e tem um acesso de tosse. O médico não resiste e desvia os olhos. É muito triste e feio ver um homem de traquéia aberta tossir. Ainda de costas, o médico ouve um som estranho e, depois, esta frase:

SEGUE



um livro do maior interêsse para você:

A ECONOMIA BRASILEIRA E SUAS PERSPECTIVAS

(com sumários e suplemento em INGLÊS)

- uma visão do caminho que estamos percorrendo em direção ao futuro!

PRINCIPAIS ARTIGOS:

Sintese Politica • Evolução da Economia Brasileira e Considerações • Demografia e Desenvolvimento • Desafio Americano e outros Desafios • ICM e Reforma Tributária • Capitais e Investimentos • Aritmética dos Coelhos • Perspectivas da Educação no Brasil • Banco do Nordeste e o Desenvolvimento do Nordeste • Política de Estabilização Monetária - a Experiência Brasileira • Racionalização dos Transportes • A Política Antiinflacionária em 1967, etc.

PRINCIPAIS COLABORADORES:

Ernane Galvêas
Mario Henrique Simonsen
Roberto de Oliveira Campos
Garrido Tôrres
Glycon de Paiva
Delfim Netto
Victor da Silva
Rubens Costa
Isaac Kerstenestky
Gilberto Paim
Lucas Lopes

EDIÇÕES APEC ANÁLISE E PERSPECTIVA ECONÔMICA

Rio: Av. Churchill, 94 - 6.º and.
São Paulo: Rua Quirino de Andrade, 193 - gr. 701
e em tôdas as livrarias.

- Você vai sair logo. - Vou, e vou casar com Maria.

— Casar. Casar com Maria.
— Hem? Quem é Maria?
— Mando buscar, a gente casa.
— Maria é sua namorada?
— É sim, namorada minha, sim senhor.
— Você gosta muito dela, não?

Outro acesso de tosse, as mãos baixam e o médico é obrigado a desviar novamente os olhos. E pensa na condição humana, suas contradições de miséria e grandeza, de limpeza e sujeira, de vida e de morte.

— Você vai logo embora, Zé. Se Deus quiser.
— Se Deus quiser.
— E manda buscar Maria.
— Mando.
— E casa.
— Caso.

José está salvo

Não é possível continuar mais ali. É preciso visitar outros doentes. Gostaria de conhecer João também. Sua curiosidade é igual à dos repórteres que passam horas e horas na portaria do hospital esperando poder ver de perto o homem com coração de cadáver. Mas quem é mais importante, José ou João? Quem é mais interessante? Importante e interessante em relação a quê?

O médico afasta-se um pouco e logo volta para junto de José. Lembra que nunca lhe perguntou se êle sabe o que significa transplante. Mas essa seria uma pergunta estúpida, inútil. Há outra que também nunca fêz. Sim, esta é importante e interessante. Apóia a mão no ombro de José e pergunta:

— Você precisa de alguma coisa, Zé?
— Preciso.
— Diga o que é. Farei tudo para lhe conseguir, seja o que fôr.

Ouve apenas um gemido.

— Tape o tubo, não se esqueça, o tubo!
— A enfermeira vai me dar uma rôlha para tapar, assim fica sempre como era antes.
— Ótimo.

O dedo está colado ao tubo, êle pára de respirar. Pela primeira vez o médico vê no rosto de José uma expressão diferente. Não é possível saber o que significa, mas é nova, sem dúvida. Ou a mais antiga, quem sabe. A voz vem clara e forte:

— Preciso...
— Diga, Zé.
— Feijão, essas coisas. FIM

Fotos em branco e prêto de B. J. Duarte. Publicação autorizada pelo Hospital das Clínicas de São Paulo.

tão importante na Via Dutra como no perigoso circuito de Monza

a segurança Firestone!

Você não é diferente dos grandes campeões de Monza, de Le Mans, de Indianápolis. Você também precisa de segurança! Equipe seu carro com o P-504 da Firestone. O P-504 é fabricado com SUP-R-TUF – a borracha mais resistente do mundo, exclusiva da Firestone. O P-504 é o resultado de pesquisas técnicas, de testes em laboratórios, de corridas perigosas como o Circuito de Monza. Tudo para que você possa rodar com segurança, ainda que seja na Via Dutra. Bom pra você, não acha? Prefira o P-504 da Firestone.

Firestone

símbolo de qualidade e segurança

PROSTITUIÇÃO: CONFINAMENTO É A SOLUÇÃO?

SIM Como acabar com a prostituição é impraticável, o confinamento do comércio sexual representa um mal menor. Somos a favor do confinamento do **comércio** sexual, não das prostitutas. Estas poderão morar onde quiserem, mas só poderão exercer o comércio sexual nos locais determinados. O confinamento das prostitutas, além de representar um cerceamento da liberdade, implica numa medida discriminativa, como se a prostituição fôsse, apenas, um problema das mulheres. É ponto pacífico que a prostituição interessa mais ao homem que à mulher; basta lembrarmos que, nesse comércio, é maior a procura do que a oferta e de forma totalmente desproporcional. Em 1965 eu criei um plano de confinamento do comércio sexual, apresentado no II Congresso Nacional de Polícia com total aprovação. Em resumo, o plano evita qualquer modalidade de lenocínio: cada mulher será proprietária do apartamento de que fará uso. O comércio sexual será restrito a uma ou mais vilas de prédios, de dois pavimentos, contendo cada prédio um ou dois apartamentos térreos e igual número no pavimento superior, mas autônomos. Cada interessada poderá comprar apenas um apartamento simples; ou duas, em sociedade, um apartamento de dois dormitórios. Tudo por um sistema de crediário. Caso não tenha em sua companhia filho ou qualquer acompanhante, a prostituta habitará o apartamento, se quiser. As ruas da vila não deverão oferecer visibilidade aos que passam por suas imediações; os prédios serão ilhados. Um pôsto médico-sanitário, mantido pelo Estado, atenderá homens e mulheres, de graça, para tratamentos de moléstias infecto-contagiosas, principalmente as venéreas, encaminhando os casos que requeiram hospitalização ou internação a estabelecimentos especializados.

Claudemiro M. de Carvalho
DELEGADO DE POLÍCIA

NÃO Problema intrincado e complexo, a prostituição tem sido um desafio permanente à inteligência de quantos, homens de ciência e de govêrno, procuram enfrentá-lo, não mais com o ilusório intento de extingui-lo da face da Terra, mas buscando reduzir-lhe os arrepiantes reflexos a um mínimo socialmente tolerável. É que o mal vem de longe. Registram-no, sob esta ou aquela forma, os mais antigos documentos de que o mundo tem notícia. À Polícia não cabe considerar o fenômeno através de seu aparecimento histórico. Trata-se de questão meramente detalhista, uma vez que a prostituição, sob o prisma moral, nem sempre recebeu, no tempo e no espaço, a condenação dos dias que correm. Cabe à Polícia entender o problema como anomalia sociológica bastante grave, em razão de suas múltiplas e mais decisivas causas. Foge-lhe, todavia, ao campo de atividade, indagação mais alta em tôrno dêsse flagelo social, dado que, na concepção do nosso direito repressivo, o exercício da prostituição não constitui ilícito penal, mas apenas ocupação ofensiva da moral. Em face, pois, do nosso direito punitivo, qualquer pessoa pode livremente dispor do próprio corpo, negociando-o ou arruinando-o. Praticará um ato imoral, contrário à ética, mas não ilegal. Assim, diante do que resumidamente acabo de expor, entendo que o confinamento jamais representaria solução para tão sério problema. Ao contrário, com o confinamento teríamos outro problema acrescido aos já não menos tormentosos com que se defronta a polícia de costumes. A respeito do assunto, condenando-o, tive ocasião de manifestar-me durante a "Semana de Estudos sôbre a Prostituição", realizada em São Paulo em outubro de 1966, por iniciativa do Instituto Latino-Americano de Criminologia, em colaboração com o Serviço Social do Estado. Conheço os argumentos dos que se batem por essa medida, mas conheço, por igual, as ponderáveis razões dos que a contrariam. E estou com êstes, em função principalmente da experiência colhida durante quase dois anos à frente da antiga Delegacia Especializada de Costumes de São Paulo. A idéia do confinamento ressurgiu, nos últimos tempos, em virtude da invasão de prédios de apartamentos por meretrizes e pelo acentuado **trottoir** que se observa em algumas áreas centrais. Mas quem poderá garantir que o **trottoir** desaparecerá das ruas centrais se as estatísticas estão a demonstrar que, na triste época do zoneamento em São Paulo, apenas dez em cada cem meretrizes estavam confinadas, permanecendo as restantes espalhadas clandestinamente, pela cidade? E por que pensar-se em confinamento, medida que viria favorecer a reunião de delinqüentes (ladrões, pervertidos, traficantes, toxicômanos, débeis mentais, etc.); que viria prestigiar, quando não oficializar, o exercício do comércio sexual e concorrer para aumentar o número de meretrizes e de tôda a fauna de aproveitadores que gravitam em tôrno delas? É de se ter em vista, ainda, que a localização do meretrício iria fatalmente recair nos bairros periféricos, habitados em sua maioria por famílias operárias, que estariam, assim, expostas aos focos de corrupção que inevitàvelmente se instalam nos chamados zoneamentos. Que não se invoque, ainda, o decantado argumento da possibilidade de medidas de contrôle de saúde. Tal contrôle, já o afirmaram renomadas autoridades de saúde, é absolutamente falho, além de oneroso. Por fim, o confinamento é ilegal, não só pelo que estatui o artigo 229 do Código Penal Brasileiro, como também por ser o Brasil um dos países signatários da Convenção para Repressão do Tráfico de Pessoas e do Lenocínio, celebrada em Lake Success e posteriormente ratificada pelo Congresso Nacional. Não nos enganemos a nós mesmos. Pretender a solução da prostituição, pelo confinamento, é procurar transferir para a área policial, por comodismo ou indiferentismo, todo um vasto e complexo problema social.

João Anzaloni Neto
DELEGADO DE POLÍCIA

Resposta à pergunta do leitor Antonio A. Lima — Pirajui, SP.

.....

.....

.....

.....

.....(Sôbre o chá, dispensam-se palavras)

Tender Leaf naturalmente

Em pacotes, e o
primeiro em saquinhos

Mais um produto de qualidade F&R Fleischmann-Royal